

JÉSSICA CRISTINA DA SILVA

LA CASA NEL VICOLO:

um romance de Maria Messina à moda do “feuilleton”

ASSIS
2016

JÉSSICA CRISTINA DA SILVA

LA CASA NEL VICOLO:

um romance de Maria Messina à moda do “feuilleton”

Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” para a obtenção do título de Mestra em Letras (Área de Conhecimento: Literatura e Vida Social).

Orientador: Dr. Francisco Cláudio Alves Marques

ASSIS
2016

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca da F.C.L. – Assis – Unesp

S586c Silva, Jéssica Cristina da
La casa nel vicolo: um romance de Maria Messina à moda do “feuilleton” / Jéssica Cristina da Silva.- Assis, 2016.
189 f.

Dissertação de Mestrado – Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Universidade Estadual Paulista.

Orientador: Dr Francisco Claudio Alves Marques

1. Literatura italiana. 2. Messina, Maria, 1887-1944. 3. Folhetins italianos. 4. Mulheres e literatura. I. Título.

CDD 850

JÉSSICA CRISTINA DA SILVA

LA CASA NEL VICOLO: um romance de Maria Messina à
moda do "feuilleton"

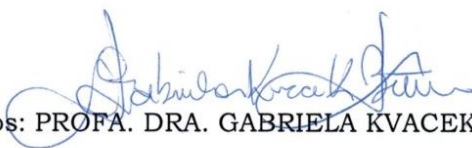
Dissertação apresentada à Faculdade de
Ciências e Letras – UNESP para a
obtenção do título de Mestra em Letras
(Área de Conhecimento: Literatura e Vida
Social)

Data da Aprovação: 20/01/2016

COMISSÃO EXAMINADORA



Presidente: PROF. DR. FRANCISCO CLAUDIO ALVES MARQUES - UNESP/Assis



Membros: PROF. DRA. GABRIELA KVACEK BETELLA - UNESP/Assis



PROF. DR. ALTAMIR BOTOSO - UNIMAR/Marília

Ao meu grande amor e companheiro,
Francisco Vieira Guadanhin da Silva,
por sua atenção, compreensão e apoio
ao longo do período de elaboração
deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, Dr. Francisco Cláudio Alves Marques, pela dedicação e pelas valiosas sugestões que me auxiliaram durante todo o desenvolvimento desta pesquisa, participando ativamente e contribuindo enormemente para o aprimoramento do meu trabalho de pesquisa. Foram os seus incentivos que me fizeram participar do Simpósio Internacional sobre Cinema e Migrações: Itália/Brasil (UNESP/Assis), no ano de 2011 e tomar gosto pela pesquisa e pela vida acadêmica.

À Prof.^a Dra. Gabriela Kvacek Betella (UNESP/ASSIS), agradeço as enormes contribuições e sugestões no curso de minha pesquisa e na participação de meu Exame Geral de Qualificação. Agradeço ainda seus incentivos que me fizeram trabalhar com a Literatura Italiana. Grata por ser parte integrante da banca de defesa desta dissertação.

À Prof.^a Dra. Carla Cavalcanti e Silva (UNESP/ASSIS), pelos valiosos conselhos que me orientaram durante todo o desenvolvimento deste trabalho, participando inclusive de meu Exame de Qualificação.

Ao Prof.^o Dr. Altamir Botoso (UNIMAR/MARÍLIA), agradeço pela sua participação na banca de defesa desta dissertação e por sua leitura atenta, com sugestões pertinentes e bem colocadas referentes ao meu trabalho.

A CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), eu agradeço pelo financiamento que possibilitou minha dedicação exclusiva à pesquisa, garantindo o enriquecimento da mesma, possibilitando a participação em eventos e na compra de materiais para a elaboração deste trabalho.

Agradeço ao Programa de Pós-graduação em Letras / Área de Literatura e Vida Social (UNESP/ASSIS), pelo auxílio nos assuntos burocráticos referentes à minha formação e pelos funcionários sempre prestativos.

Em especial, agradeço ao meu grande companheiro Francisco Vieira Guadanhin da Silva, a quem dedico este trabalho: pelo seu incentivo nos meus estudos, inclusive, pela paciência, carinho, dedicado dia a dia. Seus pensamentos positivos nunca me deixaram desanimar e isso foi fundamental para que eu pudesse me tornar mais confiante e determinada, vencendo o medo, a insegurança e até mesmo a timidez.

Agradeço aos meus pais Luís Cláudio da Silva e Maria Rita Lourenço da Silva, pelo apoio e orgulho de ver a filha formada e aprimorando seus conhecimentos. A satisfação deles me faz querer crescer intelectualmente.

Agradeço ainda aos meus sogros, Gérson e Maria José, que me acolheram em sua casa para que eu pudesse estudar, também pelo apoio que me deram sempre que precisei.

Por fim, agradeço aos meus familiares e amigos que estiveram presentes nesta caminhada e pelo fato de me incentivarem sempre.

SILVA, Jéssica Cristina da. **LA CASA NEL VICOLO: um romance de Maria Messina à moda do “feuilleton”**. 2016. 189 f. Dissertação (Mestrado em Letras). – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2016.

RESUMO

Na primeira fase do Novecentos literário italiano muitos folhetins franceses do século XIX foram reeditados por jornais italianos, alcançando grande sucesso de público, motivando Antonio Gramsci a encetar uma discussão em torno da inexistência de uma literatura “nacional-popular” italiana que traduzisse efetivamente as inquietações da época e as necessidades do povo, como tinha ocorrido na França. No entanto, desde 1900, o crítico literário Giuseppe Antonio Borgese vinha resenhando autores que publicavam romances à moda do folhetim francês nas páginas dos periódicos e das revistas italianas que naquele começo de século se multiplicavam e abriam suas páginas para um público mais amplo e diversificado, sobretudo, feminino. Atentos à chamada literatura de consumo, esses periódicos abriram espaço para a escrita feminina, ajudando a introduzir no cenário literário da época mulheres como Maria Messina, cujo romance de estréia, *La casa nel vicolo*, foi publicado em capítulos, à moda do “feuilleton” francês, nas páginas da revista *Nuova Antologia de Lettere, Scienze ed Arti*, em 1920. Nesta pesquisa, pretendemos identificar e enumerar as técnicas folhetinescas utilizadas por Maria Messina em *La casa nel vicolo*, de modo que se torne visível à influência do gênero em sua narrativa.

Palavras-chave: Literatura italiana; Maria Messina 1887-1944; Folhetins italianos; Mulheres e literatura; *La casa nel vicolo*.

SILVA, Jéssica Cristina. ***LA CASA NEL VICOLO: one novel by Maria Messina at stylo of the“feuilleton”***. 2016. 189 f. Dissertation (Master's degree in Languages). – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2016.

ABSTRACT

In the first phase of the Italian Novecento, many French 19th-century serials were reissued by Italian newspapers, reaching great success of audience, motivating Antonio Gramsci to enter into a discussion around the absence of a "national-popular" Italian literature which translates effectively the concerns and the needs of the people, as had occurred in France. However, since 1900, the literary critic Giuseppe Antonio Borgese had been reviewing authors who published French-style novels in the pages of periodicals and Italian magazines, which, at the beginning of the century multiplied and opened its pages to a broader and diverse audience, especially, female. Attentive to the consumer literature call, these periodicals have opened space for the writing women, helping to introduce in the literary scene of the time women like Maria Messina, whose debut novel, *La casa nel vicolo*, was published in chapters, like the French “*feuilleton*”, in the pages of the magazine *Nuova Antologia de Lettere, Scienze ed Arti* in 1920. The objective of this paper is to present the serial techniques that are used by the authoress in his novel *La casa nel vicolo*, so that becomes visible the influence of gender in his narrative.

Keywords: Italian literature; Maria Messina 1887-1944; Italian “*feuilleton*”; Woman and literure; *La casa nel vicolo*.

SILVA, Jéssica Cristina da. *LA CASA NEL VICOLO: uno romanzo di Maria Messina alla moda dello “feuilleton”*. 2016. 189 f. Dissertazione (Master in Lettere). – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2016.

RIASSUNTO

La scrittrice siciliana Maria Messina è tra alcuni donne che nella prima fase del Novecento letterario italiano, si distacca nella lotta dal riconoscimento letterario, descrivendo il suo mondo attraverso della prospettiva patriarcale, inoltre su che si riferisce alla condizione femminile. Per tale strategie, la scrittrice usi il suo romanzo *La casa nel vicolo*, pubblicato nel 1920, “a puntate”, dalla rivista *Nuova Antologia di Scienze, Lettere ed Arti*, al fine di collaborare con la letteratura di consumo di cui il giornali e le riviste sono associati. Con tematiche prossime al quotidiano e al momento storico, i lettori si trovano con i drammi della vita, con la vittimizzazione dei essere e la oppressione dell’individuo più debole, in altre parole, le donne. Basando in questi fattori, le tecniche del “*feuilleton*” sarà necessario per comprovare la inserzione della opera della scrittrice siciliana, nel genere “*feuilleton*”. L'obiettivo di questo studio è quello di presentare le tecniche seriali che vengono utilizzate da Maria Messina nel suo romanzo *La casa nel vicolo*, in modo che rende visibile l'influenza del genere nel suo romanzo.

Parole-chiave: Letteratura italiana; Maria Messina 1887-1944; “Feuilleton” italiani; Donne e letteratura; *La casa nel vicolo*.

O folhetim é muito mais do que o folhetim.

Marlyse Meyer

Se o público lê por capítulos esses grandes romances... porque se há de querer lhe impor de uma vez só vossa historieta ou vossa doutrina [...] Divisão do trabalho e seções curtas, eis as exigências do leitor.

Walter Benjamin

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	p. 06
INTRODUÇÃO	p. 14
1 MARIA MESSINA (1887-1944): TRAÇOS BIOGRÁFICOS	p. 17
1.1 Obras de Maria Messina.....	p. 19
1.2 O contexto da obra.....	p. 21
1.3 O romance <i>La casa nel vicolo</i> na visão da crítica e dos amigos de Messina.....	p. 28
1.4 O diálogo intertextual com Giovanni Verga e Luigi Pirandello.....	p. 36
2 ANTONIO GRAMSCI E O ROMANCE-FOLHETIM NA ITÁLIA	p. 47
2.1 Gramsci: por uma literatura “nacional-popular” na Itália.....	p. 47
2.2 O fenômeno folhetim na Itália.....	p. 49
2.3 O romance <i>La casa nel vicolo</i> : denúncia e crítica social.....	p. 50
2.4 O fenômeno das revistas e a revitalização do romance.....	p. 53
2.5 O romance novecentesco italiano.....	p. 57
2.6 O folhetim: narrativas em “fatias”.....	p. 63
2.7 A revista <i>Nuova Antologia di Lettere, Scienze ed Arti</i> e seus colaboradores.....	p. 65
3 O ROMANCE <i>LA CASA NEL VICOLO</i> NO CONTEXTO DA REVISTA <i>NUOVA ANTOLOGIA</i>	p. 68
3.1 Técnicas folhetinescas presentes no romance <i>La casa nel vicolo</i> (1920).....	p. 71
3.1.1 Títulos atraentes e inícios sem muitos preâmbulos.....	p. 71
3.1.2 Cortes sistemáticos dentro da narrativa e cortes com ganchos nos finais dos segmentos.....	p. 74
3.1.3 Rivalidade: pai <i>versus</i> filho.....	p. 93
3.1.4 Diálogos e intrigas: o adultério.....	p. 97
3.1.5 Desfecho.....	p. 104
3.1.6 A casa e o beco: os <i>leitmotiv</i> do romance.....	p. 107
3.1.7 Referências ao cotidiano.....	p. 109
3.1.8 Descrições simplificadas e exageradas.....	p. 111

CONCLUSÃO.....	p. 114
REFERÊNCIAS.....	p. 117
ANEXO A. CAPA DA REVISTA <i>NUOVA ANTOLOGIA</i>.....	p. 121
ANEXO B. O ROMANCE <i>LA CASA NEL VICOLO</i> (1920).....	p. 122
ANEXO C. OS COLABORADORES DA REVISTA <i>NUOVA ANTOLOGIA</i>...	p. 188

INTRODUÇÃO

As primeiras décadas do século XIX representaram um período difícil para as mulheres italianas que desejam se reconhecidas como escritoras, sobretudo pelo fato de o cenário literário da época ser dominado pela presença dos intelectuais masculinos. Antonio Gramsci se ressentia da falta de escritores que reproduzam os problemas e represente os interesses do país; da falta de uma literatura que possa ser considerada nacional. Desde o início do século XX a Itália se vê obrigada, talvez pela falta de escritores que escrevam para o povo, a traduzir e publicar em seus periódicos romances folhetins franceses, na tentativa de saciar a sede de ficção dos leitores menos escolarizados. O *romance-folhetim* ou *romance d'appendice*, surge como uma alternativa para suprir tal carência. A função exercida pelo *romance-folhetim* foi a de proporcionar aos leitores, por meio das revistas e jornais, os registros escritos de diversos escritores (as) que optam por publicá-los periodicamente, segundo a exigência dos editores, a fim de atingir os seguintes objetivos: despertar a curiosidade e suprir a necessidade de entretenimento dos leitores que, naquele momento, não tinham acesso às fontes mais eruditas de cultura.

Os italianos menos escolarizados do início do século XX se deleitavam em ler os clássicos folhetins franceses que eram traduzidos para a sua língua, porém a tática não foi bem vista pelo mercado literário mais elitista. Primeiramente, no que se trata de aumentar as receitas, ou seja, receber uma quantidade mais significativa de dinheiro, até mesmo dos mais humildes que se aventuravam a aprender a ler por causa dos queridinhos folhetins. Segundo, foi um modo de publicar um número maior de obras, garantindo a variedade de assinaturas destas fontes literárias. É possível visualizar posteriormente a inserção de escritores (as) consagrados (as) e outros menos conhecidos em uma mesma edição ou exemplar. Todas essas alterações no formato do folhetim garantem um mercado para literatura, que conquista novos leitores. A ampla recepção do gênero francês garante ao folhetim um aspecto totalmente popular também na Itália, levando Antonio Gramsci a colocar em discussão os malefícios dessa forte adesão.

Apesar do declarado preconceito relativo às mulheres e todo descaso para com a escrita feminina, as escritoras se mostram tão competentes quanto os homens, insistindo em publicar suas produções. Por outro lado, elas também conseguem representar o mais

fiel e profundo íntimo da mulher, descrevendo com riqueza de detalhes aquilo que muitas vezes está próximo à sua vida. Tais escritos apresentam fortes traços autobiográficos, sobretudo porque aproximam a realidade da ficção. A fusão de aspectos da vida pessoal com o fenômeno literário se torna um atrativo para as leitoras, que se identificam com as narrativas e se tornam assíduas assinantes das revistas e dos jornais. Tanto as escritoras quanto as leitoras dos primeiros escritos produzidos por mulheres na Itália se identificam com o universo representado pelo fato de serem tão vítimas quanto suas heroínas que não conseguem se fazer ouvir.

O objetivo deste trabalho é identificar e enumerar as técnicas folhetinescas utilizadas por Maria Messina em seu romance *La casa nel vicolo*, de modo que torne visível a influência do gênero em sua narrativa, como por exemplo, o emprego dos procedimentos do folhetim que nos disponibilizam uma compreensão de determinadas escolhas da autora, relativas, sobretudo, às ações dos personagens, à descrição de determinados ambientes e de comportamentos humanos dentro da narrativa.

Para a elaboração deste trabalho foram de grande auxílio algumas leituras específicas: Marlyse Meyer com o clássico *Folhetim: uma história* (1996), Tânia Regina de Luca com “História dos, nos e por meio dos periódicos” (2010), José Alcides Ribeiro com *Imprensa e ficção no século XIX* (1996), obra esta que enumera algumas das técnicas folhetinescas que foram aqui utilizadas para a análise do romance de Messina. Além dessas obras, consultamos ainda o longo ensaio de crítica literária relativa aos Novecentos italiano, *Il romanzo del Novecento* (1983), de Giacomo Debenedetti.

Esta dissertação foi dividida em três capítulos, seguindo a seguinte ordem: na primeira parte fizemos uma explanação sobre a vida e a obra da escritora Maria Messina (1887-1944), com foco no diálogo que ela estabelece com outros escritores da literatura italiana, como por exemplo, Giovanni Verga, Luigi Pirandello, Federigo Tozzi e outros intelectuais.

Na segunda parte trabalhamos com o folhetim propriamente dito, com o delineamento de sua história e trajetória no contexto italiano. Aproveitamos para salientar que, no início do século XX, os jornais e revistas italianas representam os principais veículos de difusão deste gênero, sobretudo a *Nuova Antologia di Lettere, Scienze ed Arti*, revista que abriu largo espaço para a colaboração feminina naquele

começo de século, e na qual Maria Messina publicou, em capítulos, o romance objeto de estudo desta dissertação.

A revista *Nuova Antologia* se consagrou como uma *revista de variedades*, devido à multiplicidade de autores e diversidade de temas que costumava publicar. Folheando as páginas da revista, é possível contemplar a abundância de temas compilados em um único número, método que, com certeza, ajudava a atrair uma diversidade maior de leitores e a aumentar a receita. Com esse amplo leque de opções, o leitor tinha o livre arbítrio de escolher o assunto que mais lhe despertasse o interesse.

A terceira e última parte deste trabalho é destinada à análise do romance *La casa nel vicolo* (1920), de Maria Messina, com vistas a identificar as técnicas folhetinescas empregadas pela autora. Quanto ao tema, cabe antecipar que fatos reais e históricos foram reelaborados literariamente pela autora bem como aspectos do cotidiano dos pobres da Sicília, a vitimização e opressão das mulheres, tudo acomodado em um universo estanque marcado pelo domínio masculino.

No enredo do romance comparecem mulheres submetidas às sanções e deliberações masculinas, temas – adultério, repressão dos desejos, clausura doméstica, silêncios, revoltas, ausências, conflitos – e fatos que foram trabalhados tomando de empréstimo muitas das técnicas folhetinescas vigentes à época.

Por último, mas nem por isso menos importante, juntamos ao fim da dissertação alguns anexos – os capítulos do romance – extraídos da revista *Nuova Antologia*, possibilitando que se faça uma leitura completa do romance *La casa nel vicolo* e que se se visualize a estrutura da obra tal como ela apareceu nas páginas da revista.

Informamos ainda que todos os fragmentos do romance *La casa nel vicolo* e outras obras, assim como as citações de críticos e teóricos italianos, foram traduzidos por nós.

1 MARIA MESSINA (1887-1944): TRAÇOS BIOGRÁFICOS

Maria Messina nasce em Palermo (Sicília-Itália), em 14 de março de 1887. Sua família é composta pelo pai, o inspetor escolar Gaetano Messina, de Alimena, e a mãe, Gaetana Valenza, de Prizzi, dona de casa. Educada no seio de uma sociedade marcadamente patriarcal, Maria Messina teve uma vida repleta de ausências, inclusive no que a diferenciava de seu irmão mais velho, Salvatore: o fato de não poder frequentar a escola. Salvatore ingressa na carreira de magistrado e diplomata e Messina testemunhou toda a trajetória de ascensão do irmão, desde sua posse no cargo de Procurador-Geral, de Cônsul-Juiz até assumir o de Conselheiro.

Mesmo com as proibições impostas às mulheres, muitas se aventuravam em aprender, embora a alfabetização de algumas mulheres na Sicília acontecesse somente no âmbito familiar. Os pais de Messina, Gaetana e Salvatore, ministram os ensinamentos e disponibilizam os meios para a instrução escolar da jovem. Embora surjam muitas dificuldades, é o irmão quem a encoraja a escrever seus primeiros experimentos narrativos.

Entre os anos de 1908 e 1909, Maria Messina e os pais deixam a ilha de nascença, Sicília, e vão fixar residência em Ascoli Piceno, mas a trajetória continua, pois a escritora mora dois anos em Arezzo e depois reside em Nápoles. Por volta do ano de 1923 vai para Firenze com a mãe. Mesmo com todas essas mudanças a escritora sempre retorna à cidade natal em suas obras.

De 6 de novembro de 1909 a 24 de dezembro de 1919, Maria Messina entabula um diálogo epistolar com o escritor verista Giovanni Verga: foram 23 cartas em um período de dez anos. Os assuntos tratados nas epístolas incluíam a dificuldade de as mulheres se inserirem no meio literário, além de conversas e considerações a respeito de seus escritos. Foi Giovanni Verga quem encorajou e recomendou a publicação das primeiras novelas¹ de Messina, bem como a publicação de seu primeiro livro *Pettini-fini*, de 1909.

¹ Novela, conceito baseado em sua origem: do italiano (Novella). Termo utilizado para relatar ou noticiar determinadas ações e costumes, com a focalização em um personagem específico. A novela corresponde a um gênero em prosa mais curto que o romance.

Em 1910, *Pettini-fini* presenteia Maria Messina com uma medalha de ouro pela publicação da referida coletânea de novelas, premiação decorrente do concurso promovido pela revista *La Donna*, que teve como avaliadores Antonio Fogazzaro e Giuseppe Antonio Borgese. A finalidade do prêmio era atestar o valor literário da obra.

Messina tenta publicar a novela “La chiamata” na revista “*La Lettura*”, mas teve uma resposta negativa, como tinha acontecido em outras tentativas de publicar suas primeiras produções. Apesar das negativas, as contribuições literárias de Messina aparecem nas revistas e periódicos *L'Italia che scrive*, *Rassegna Italiana*, *Illustrazione Italiana*, *L'Orma*, e *Corrieri dei Piccoli*. Grande parte de seus escritos foi publicada pelas editoras Sellerio, Giunti-Bemporad, Sandron, Mondadori, Treves, Vallardi, Le Monnier, dentre outras.

O período de 1920 foi o mais importante para Maria Messina, ano em que suas narrativas para crianças e seus romances começam a ganhar a simpatia do público. Embora a escritora se encontrasse no auge da carreira, acaba acontecendo algo inesperado que vai dar uma reviravolta em sua trajetória de vida. Em 1923 a saúde de Maria Messina se mostra frágil e começa a piorar. No ano de 1926, diagnosticada com esclerose múltipla, a autora começa a perder os movimentos, fato que a impede gradativamente de escrever, obrigando-a a rescindir contratos com revistas e editoras. Pouco tempo depois, a doença se torna fatal e Maria Messina morre em Masiano, no dia 19 de janeiro de 1944, com apenas 56 anos de idade.

Segundo Anna Maria Bonfiglio, em razão de bombardeamentos durante a Segunda Guerra Mundial, na cidade de Pistoia, parte dos livros, arquivos, cartas e documentos de Maria Messina foram destruídos². Além destas intempéries, Bonfiglio ressalta que toda a trajetória da escritora italiana foi envolta por “um vento de má sorte”³.

A escrita de Maria Messina se desenvolve em um período de incertezas em que as pessoas estão sem perspectivas, devido ao momento conturbado propiciado pela guerra e pela emigração em massa. É dentro deste cenário que a escritora produz suas obras, reproduzindo fatos e detalhes ocorridos no entre-guerras e no âmbito da grande

²Anna Maria Bonfiglio. “Una realtà da scontare”, Milão, 2007.

³“Un cattivo vento di sfortuna”. Cristina Pausini. *Le 'briciole' della letteratura: le novelle e i romanzi di Maria Messina*. Bolonha: CLUEB, 2001, p. 9.

emigração. A autora inova e reproduz, até certo ponto, técnicas veristas, como a descrição dos aspectos psicológicos dos seus personagens, como por exemplo, quando coloca em foco a solidão feminina, a opressão da mulher no contexto da sociedade patriarcal, a loucura, as frustrações e desilusões sofridas pelos menos assistidos etc.

1.1 Obras de Maria Messina

Maria Messina estreia no cenário literário homenageando seu “Mestre”, Giovanni Verga, e baseando-se no modo verghiano de escrever. Verga, um dos grandes expoentes da literatura italiana da época, lançou os fundamentos do Verismo na Itália, corrente literária vigente entre o final do século XIX e início do século XX, fonte de inspiração para escritora.

A primeira obra literária de Maria Messina é *Pettini-fini ed altre novelle*, publicada em 1909, uma coletânea de novelas que faz referências ao cotidiano dos pobres da Sicília. Algum tempo depois, obedecendo à mesma linha temática, surge seu segundo livro, *Piccoli gorghi*, em 1911. Seu terceiro volume é *Le briciole del destino* (1918), dedicado a Ada Negri, uma escritora e amiga de Messina e, por volta do ano de 1921, são publicados *Il guinzaglio* e *Ragazze siciliane*. São cinquenta e cinco novelas, reagrupadas nos cinco livros, citados e esquematizados abaixo:

1º. *Pettini-fini ed altre novelle* (1909): “Pettini-fini”; “Janni lo storpio”; “Le nove torrette”; “Al buio”; “Coglitora d’olive”; “Il compagno”; “Prima di farla...!”; “Grazia”.

2º. *Piccoli gorghi* (1911): “Munnino”; “La croce”; “Sotto tutela”; “Gli ospiti”; “Ti-nesciu”; “Oggi a me, domani a te”; “La nicchia vuota”; “L’ora che passa”; “Dopo le serenate”; “Il ricordo”; “La Mèrica”⁴; “Le scarpette”; “Nonna Lidda”.

3º. *Le briciole del destino* (1918): “Lo scialle”; “Casa paterna”; “La porta chiusa”; “La signorina”; “Ciancianedda”; “Il prete nuovo”; “Rancore”; “Le scarpe”; “La fatica di vivere”; “Calabrò”; “Demetrio Càrmine”; “Il dovere”.

⁴ As novelas “La Mèrica” de *Piccoli gorghi* (1911) e “La Mèrica” de *Il guinzaglio* (1921) apresentam títulos iguais e contextualizam a partida de italianos para a América, mas as histórias são diferentes e os personagens são outros, tendo sido publicadas nas obras acima referidas.

4°. Il guinzaglio (1921): “Stelle cadenti”; “Miss Eliza”; “La storia di Burgio”; “Gente che passa”; “Incontro”; “Una giornata di sole”; “La bimba”; “Il miracolo di don Luciano Zimmardo”; “Il guinzaglio”; “L’avventura”; “La Mèrica”; “Don Lillo”; “Solo-Pane”; “Lunarò, pittore...”.

5°. Ragazze siciliane (1921): “Rose rosse”; “Il pozzo e il professore”; “Camilla”; “Mandorle”; “Luciuzza”; “Il telaio di Caterina”; “L’ideale infranto”; “La veste caffè”; “Congedo”.

Além das novelas, Maria Messina produz um grande número de narrativas destinadas às crianças, inclusive às da classe burguesa, como por exemplo: *I racconti di Cismè* (1912) *Ciaramella e Zumpizù* (1914); *Le manine coi geloni* (1914); *Le bugie di un bimbo che non aveva mai mentito* (1914); *Fiorita, Fiorina e Fiorella* (1914); *La piccola bandiera di Bebé* (1914); *Pirichitto* (1914), *La fiamma del focolare* (1914); *Don Calcedonio Spitoli e la festa di San Giuseppe* (1915); *Il regalo della signorina Giulietta* (1915); *La compagna di Geniuzza* (1915); *La coccarda di Fefe* (1915); *Come tornò Loreta* (1915); *Un paio di scarpette* (1915) *I figli dell’uomo sapiente* (1915); *Mommina e Salvaturicchia* (1916); *Il galeto rosso e nero* (1916); *Le figlie di Babuscio* (1917) *Mastro Gisippo puparo* (1917); *Cenerella* (1917), *Tempesta* (1918); *Storia di un invito e di un tappeto* (1918); *Il giardino dei Grigoli* (1919); *Tapioca* (1920); *Le aventure del pettirosso* (1920); *L’anello fatato* (1921); *L’acqua, il sale e Rosablù* (1921); *Personcine* (1921); *Il gomito e l’omettino* (1922); *L’ago infilato e la chiave perduta* (1922); *Il galeto rosso e blù* (1922); *I racconti dell’Avemaria* (1922), *Il pane* (1923); *La mia bella schiacciata* (1923); *Gigiotto in campagna* (1923); *Gigiotto e le cicale* (1923); *La farfallona* (1923); *Come Diddi incontrò la Befana* (1925); *Otello e Fiammetta* (1925); *Chi rompe paga...* (1925); *Una bruttissima avventura* (1926); *La storia del “casentaro”* (1926); *Diddi e la signorina* (1926); *Storielline: il figlio della vedova e Non dire quattro se non ce l’hai nel sacco* (1926); *Storia di buoni zoccoli e di cattivi scarpe* (1926), *La giacchetta verde e bleu* (1927); e também nas novelas “Luciuzza” (1914), “Munnino” (1911); “Lorentino” (1923) e “La Bimba” (1921).

Chegamos aos romances, ponto alto da escrita de Maria Messina. Totalizam seis títulos que primeiramente foram publicados em capítulos por algumas revistas da época e que somente anos mais tarde ganham o formato de livros: *La casa nel vicolo* (1920), publicado pela revista *Nuova Antologia*; *Alla deriva* (1920), estampado pela editora Treves; *Primavera senza sole* (1920), em forma de romance-folhetim, sai pela

“L’Orma” di Nápoles; *Un fiore che non fiorì* (1923), também publicado pela Treves; *Le pause della vita* (1926), pela revista *Nuova Antologia*; *L’amore negato* (1928), pela Ceschina, de Milão.

As cartas da escritora, endereçadas a Verga, foram organizadas por Giovanni Garra Agosta no volume *Un idillio letterario inedito verghiano*, em 1979. As cartas enviadas aos editores Alessio di Giovanni e Enrico Bemporad, escritas entre 1910-1940, foram organizadas por Lara Gochin Raffaelli e publicadas na revista *Italica*, volume 86, número 3, 2009, páginas 339-391.

1.2 O contexto da obra

No início do século XX as mulheres encontram forte resistência por parte dos expoentes masculinos para inserir-se no mercado literário italiano. Os intelectuais acreditavam que as mulheres conseguiriam narrar apenas seu “sentimentalismo” e “feminilidade”, porém, foram surpreendidos ao perceber que escritoras como Maria Messina, Neera, Sibilla Aleramo, Grazia Deledda, Ada Negri, Marchesa Colombi, Anna Franchi, tinham muito a oferecer: tais mulheres revolucionam pelo modo como apreendem o mundo, quebrando hierarquias e lutando pelos seus ideais de igualdade e respeito. Neste período ocorre uma relativa emancipação das mulheres em relação aos homens, fato que as encoraja a realizar conquistas ainda não alcançadas até aquele momento.

Após muitos anos de exclusão, as mulheres começam a conquistar seu espaço à medida que usam a literatura para expressar, através de suas personagens, suas emoções pessoais e até mesmo detalhes e fatos de suas vidas. Maria Messina inicia a escrever aos 22 anos de idade e sua escrita revela inegáveis traços autobiográficos. Nilce Sant’Anna Martins observa que “o estilo do escritor – a sua maneira individual de expressar-se – reflete o seu mundo interior, a sua vivência”⁵, mas é importante ressaltar que tudo aquilo que remete à vida ordinária é transposto para a literatura como representação da realidade. Apoiada neste princípio, Maria Messina utiliza em suas obras a aproximação

⁵ Nilce Sant’anna Martins. *Introdução à estilística: a expressividade na língua portuguesa*, 3ª. ed., São Paulo: T. A. Queiroz, 2000, p. 7.

dos seus dramas pessoais e aqueles que representam outras mulheres. Os sofrimentos interiores suportados por suas personagens podem ser interpretados como as aflições da própria escritora. Sua dor, solidão e clausura tornam possível a elaboração de um cenário para suas narrativas como um ato de ficcionalização.

Partindo desta perspectiva interior da autora, na qual capturamos a essência de Messina, com o seu isolamento e fechamento de suas personagens diante de um mundo opressor, temos ao longo das suas obras outros aspectos temáticos que são elencados por Ana Maria Bonfiglio e divididos em três grandes núcleos:

- Primeiro Núcleo: O Verismo;
- Segundo Núcleo: A Emigração;
- Terceiro Núcleo: O Feminino⁶.

As obras pertencentes ao primeiro núcleo revelam uma influência direta com o Verismo, escola realista que surge na Itália no final do século XIX e perdura até o início do século XX. O Verismo é inspirado no Naturalismo francês de Emile Zola, seu precursor. Segundo Zola, o Naturalismo “é um retorno à natureza e ao homem, à observação direta, à anatomia exata, à aceitação e à pintura do que existe”⁷. Neste fragmento capturamos a sua essência como um novo meio de ilustrar a realidade, ou seja, de fazer uma cópia, uma fotografia do cotidiano. É através do seu olhar que o romancista passa a executar a função de observador, aquele que testemunha os fatos que ocorrem a sua volta para, em seguida, descrevê-los e construir suas personagens com as características do ambiente no qual habitam:

O romancista deve igualmente ater-se aos fatos observados, ao estudo escrupuloso da natureza, se não quer perder-se em conclusões mentirosas. Ele desaparece, pois, conserva para si sua própria emoção, expõe simplesmente o que viu. Eis a realidade; estremeçam ou riem diante dela, tirem uma lição

⁶ Anna Maria Bonfiglio. “Una realtà da scontare”, op. cit.

⁷ Emile Zola. *O romance experimental e o naturalismo no teatro*. São Paulo: Perspectiva, 1982, p. 92.

qualquer, a única tarefa do autor foi pôr sob seus olhos os documentos verdadeiros⁸.

Um novo ponto a ser esclarecido, tratado por Zola, refere-se à constatação de que os eventos descritos pelo romancista são sempre ocorrências verdadeiras. Porém, como é sabido, na literatura existem aberturas para a vida, para relatos realísticos, mas tudo não passa de uma exposição de ideias de um autor, que adota certo nível de invenção para persuadir e tentar convencer o leitor de que aquilo que ele fala é real. Com base neste falseamento, o que seria verdadeiro na literatura quando sabemos que a obra literária é uma representação?

Segundo Michel Butor, quando um romancista descreve cenas cotidianas, existe um desejo de apresentá-las com a maior proximidade possível da realidade, de tal modo o realista apresenta cenas comuns, personagens e ambientes habituais com a finalidade de proporcionar à obra literária a aparência de verdade, mas como se trata de literatura, “aquilo que nos conta o romancista é inverificável, e, por conseguinte, o que ele nos diz deve bastar para lhe dar aparência de realidade”⁹. Assim, é possível dizer que no romance não se deve procurar nenhum tipo de confirmação dos dados apresentados, por se tratar de ficção. A preocupação em descrever com realismo a verdade vivenciada resulta, segundo Roland Barthes, no efeito de real:

O “real concreto” (pequenos gestos, atitudes transitórias, objetos insignificantes, palavras redundantes). A “representação” pura e simples do “real”, a relação nua “daquilo que é” (ou foi) aparece assim como uma resistência ao sentido; essa resistência confirma a grande oposição mítica do vivido (ou vivo) e do inteligível¹⁰.

Ao usar desta estratégia referencial, Roland Barthes diz que o sentido produzido pela literatura realista depende das suas regras de representação, como por exemplo, a utilização da descrição narrada através dos fatos que ocorreram realmente. Portanto,

⁸ Idem, p. 104.

⁹ Michel Butor. *Repertório*. O romance e sua técnica. Trad. Leyla Perrone Moisés. São Paulo: Perspectiva, 1974, p. 10.

¹⁰ Roland Barthes. *O rumor da língua*. O efeito de real. Trad. Mario Laranjeira. São Paulo: Brasiliense, 1988, p. 162-163.

para a descrição, não importa a veracidade e muito menos a verossimilhança dos acontecimentos, pois elas apenas dão a ilusão de realidade.

Segundo Wellek e Warren, a literatura realista busca uma motivação, “a ‘ilusão de realidade’, isto é, sua função estética. A motivação ‘realista’ é um recurso artístico”¹¹. Para os críticos, o parecer real é mais importante do que ser real. Eles explicam que a ilusão de uma vida baseada em fatos reais transmite ao leitor apenas uma leitura convincente, mas esta descrição aparente exclui as circunstâncias, a rotina e até mesmo o detalhe.

Michel Butor também faz uma apreciação a respeito do romancista e que pode ser visualizada em Maria Messina: “o romancista constrói suas personagens, queira ele ou não, saiba ele ou não, a partir de elementos de sua própria vida, que seus heróis são máscaras através das quais ele se conta e se sonha”¹². É com base nas memórias pessoais que se faz um grande escritor, porém só estas lembranças não bastam, o momento histórico em que vivenciam é de grande importância para a obra literária. Antonio Candido complementa a definição sobre o Naturalismo dizendo que a obra é transposição direta da realidade “como se o escritor conseguisse ficar diante dela na situação de puro sujeito em face do objeto puro, registrando (teoricamente sem interferência de outro texto) as noções e impressões que iriam constituir o seu próprio texto”¹³.

O Verismo, por sua vez, se propõe a ilustrar em suas obras literárias elementos com o máximo de veracidade possível, aproximando a vida real da ficção quanto aos personagens, ambientes, espaços etc. O Verismo nasce justamente no período em que a Itália está vivenciando seu processo de Unificação, meados do século XIX (1854-1929). A Unificação tardia fez com que a Itália mantivesse um relativo atraso em relação a outros países da Europa, fato que repercutiu no desequilíbrio político e econômico do país. É neste cenário que Maria Messina começa a escrever, proporcionando aos leitores uma narrativa que usa uma linguagem modesta. A autora coloca-se no lugar de seus

¹¹ René Wellek e Austin Warren. *Teoria da literatura e metodologia dos estudos literários: leitura e crítica*. “A natureza e os modos da ficção narrativa”. São Paulo, Martins Fontes, 2003, p. 294.

¹² Michel Butor. *Repertório*, op. cit., p. 48.

¹³ Antonio Candido. “De cortiço a cortiço”. 1973, p. 111. Disponível em: http://www.casdvest.org.br/pcasd%2Fuploads%2Ftassio%2FAn%E1lises%2F20080624_de_cortico_a_cortico.pdf. Acesso em: 16 de outubro de 2015.

personagens e de suas vidas, como se as tivesse vivenciado, narrando experiências muito próximas da vida de todos, com o máximo de realismo.

A escritora segue, em parte, princípios estéticos da teoria verista, ou seja, os fundamentos literários do Verismo elaborados por Giovanni Verga. Além de Messina, outros autores também fizeram parte deste processo de maneira secundária, como por exemplo, Luigi Capuana – que na verdade ajudou Verga no processo de teorização da corrente em questão –, Luigi Pirandello, Matilde Serao, Grazia Deledda, entre outros. Apesar de estes autores terem bebido nas fontes veristas, ao escreverem dão um toque individual às suas narrativas, imprimindo um estilo próprio às suas produções.

Embora no início do século XX o Verismo já estivesse em declínio, Maria Messina parte de suas bases para escrever suas primeiras novelas, no entanto, já revelando traços particulares que afastariam seus escritos, gradativamente, da influência verista. Muitas de suas histórias, sobretudo as primeiras, são um decalque dos contos de Verga. No início, o Verismo se preocupa em descrever apenas a realidade dos pobres da Sicília, porém, apoiado em uma tendência do Naturalismo francês, passa a descrever, nas obras que se seguiram, cenas do universo citadino e capitalista, com destaque para a sociedade burguesa em oposição aos mais humildes da sociedade, minimalizando as degradações e a miséria humana.

A autora escreve duas coletâneas de novelas *Pettini-fini* (1909) e *Piccoli gorghi* (1911) para falar dos humildes da Sicília, reelaborando literariamente o interior do mundo representado, além de mergulhar no psicológico de suas personagens. Essa é uma estratégia usada por ela para relembrar a ilha de nascença, trabalhando temáticas como a clausura feminina, a solidão e a repressão dos desejos.

O Verismo procura representar fielmente episódios da vida cotidiana, inclusive dos momentos mais dramáticos, no que diz respeito à traição, ao ciúme, ao adultério, à vida campesina e aos dramas vividos no casamento. Existe uma preocupação em falar de coisas mínimas, como o dia a dia de camponeses, os seus pequenos prazeres, tradição alimentar, utensílios domésticos, festas típicas, sem se esquecer dos indivíduos mais humildes da província, da pequena burguesia e também dos decadentes aristocratas.

Já o segundo núcleo a que pertence à obra da autora trata de questões inerentes à Grande Emigração, pano de fundo para diversas novelas da autora, como por exemplo:

“La Mèrica” e “Nonna Lidda”, reunidos em *Piccoli gorgi*, de 1911; “La Mèrica”, em *Il guinzaglio*, de 1996, entre outras.

Depois da Unificação, em 1860, a Itália passou a viver um de seus maiores dramas, o gravíssimo problema da emigração em massa: expulsão, abandono, exílio forçado e definitivo. Apesar de unificada, a Itália passa a sofrer o dilema de consolidar-se como nação, de reunir os fragmentos para a reconstrução de sua identidade. A situação política e econômica da Itália tinha se tornado difícil e o país sofria com a partida de milhares de camponeses para a América. Todos tinham o objetivo de tentar a vida na América, mas de um modo geral eram os homens que se arriscavam na viagem rumo ao desconhecido. Segundo Giovanni Florenzano, o desejo de mudança significa um déficit, visto que a emigração:

Representa um dano ao país, uma grave perda de capital humano. A força de uma nação, cuja economia baseia-se na terra é a agricultura, que deve ser desenvolvida. A população, ao invés de diminuir, aumenta. A cada embarcação que zarpa de nossos portos, carregada de camponeses, abre-se um sulco de dores e danos no abandonado solo da pátria¹⁴.

É a partir deste marco na história italiana que Maria Messina irá desenvolver novas narrativas como um meio de descrever a sua visão sobre a emigração. Dentro deste cenário, com enfoque na personagem feminina, Maria Messina reelabora, no plano literário, episódios envolvendo a vida de mulheres e crianças que se encontram à mercê do abandono absoluto, porque seus filhos, jovens e maridos tinham que partir, sem muitas vezes ter a esperança do retorno. A viagem a caminho da terra prometida era turbulenta para a grande maioria. Muitos morriam e outros, mesmo alcançando a América, sequer conseguiam alcançar seu objetivo. Porém, para aqueles que conseguiam passar pela experiência de estrangeiros e exilados, a situação não era melhor, pois não auferiam nenhum lucro, assim, acabavam retornando mais arruinados que antes da partida, com pouca saúde e sem nenhum dinheiro. Consequentemente, a ausência dos homens deixava as mulheres vulneráveis, pois estas dependiam do braço masculino para a sobrevivência da família. As mães, mulheres e filhas se entregam ao

¹⁴Apud Deliso Villa, *História esquecida*. Trad. Adriana Pucci. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória, 2005, p. 65.

desespero e à loucura, vítimas da solidão. Abandonadas pelos maridos e filhos, muitas mulheres, em companhia dos seus filhos menores, enfrentam dificuldades financeiras e carência afetiva.

Por fim, no terceiro núcleo a autora traça o perfil da mulher sob clausura, ou seja, de personagens femininas que habitam a Sicília no início do século XIX: mulheres encerradas em espaços sufocantes representados pelo interior da casa ou vivendo em lugares recorrentemente apresentados por meio de imagens como portas e janelas fechadas, vidraças entreabertas, ruas estreitas e escuras. Nesse cenário, destacam-se figuras femininas submetidas às deliberações do marido, personagens sem voz, silenciadas pelas convenções e pelo conservadorismo reinante; outras, vítimas da vontade e das normas rígidas impostas pela pequena burguesia em ascensão.

A subordinação das mulheres em relação aos homens gera desigualdades de direitos para elas. À mulher é atribuída única e simplesmente a função de procriar e dar origem à família, deste modo, a sociedade intui os filhos e a esposa como indivíduos sujeitos ao homem.

Mesmo quando a sociedade abre determinados espaços relativamente acessíveis às mulheres, como o mercado de trabalho, ainda assim é a dominação masculina que impera: nesse contexto, o trabalho é uma oportunidade que apenas reforça o domínio do homem sobre as trabalhadoras, mantendo os seus salários inferiores e não lhes concedendo os devidos benefícios, como observa Sonia Previato:

As condições nas quais se trabalhava eram muito difíceis, à miséria e ao analfabetismo desenfreado entre as trabalhadoras vinham juntar-se a enorme chantagem da parte dos trabalhadores e a proteção da qual eram subordinadas as mulheres dos próprios homens na família¹⁵.

O fato repercute nos movimentos operários que se multiplicam entre os anos de 1880 a 1890. Nesse período, as mulheres italianas buscam uma emancipação, fugir ao domínio masculino. As ações das mulheres visam sua afirmação no mercado de

¹⁵“Le condizioni in cui si operava erano molto difficili, alla miseria e all’analfabetismo dilagante fra le lavoratrici bisognava aggiungere l’enorme ricattabilità da parte del lavoratore e lo schermo a cui erano sottoposte le donne dai propri uomini in famiglia”. Sonia Previato. “La riscossa delle lavoratrici in Italia”. In: *Dalle mondine ai call center marxismo e femminismo a confronto*.

trabalho, reconhecimento de suas qualidades. Apesar da luta pela emancipação, elas não deixam de desempenhar suas atividades domésticas, haja vista que desejam obter respeito e igualdade.

Dentro de sua casa, a mulher siciliana é tida como “l’angelo del focolare” (rainha do lar em português), uma escrava do lar, pois não possui voz, vive isolada do mundo e restrita aos serviços domésticos, destinada a cuidar da família e sem qualquer esperança de dias melhores. Como se não bastasse tudo isso, a mulher ainda sofre de carência afetiva, resultando em opressão e tristeza. O destino destas protagonistas acaba se tornando amargo, porém, apesar de todas as limitações e sofrimentos pessoais não se tem uma mudança no comportamento destes seus senhores e muito menos nas ações das próprias vítimas.

Segundo Mariella Muscariello: “As mulheres de Maria Messina parecem se mover em cenário único: os fundos escuros das casas sem sol, os espaços vinculados, muito amplos ou muito escassos, inexoravelmente subtraídos ao ar, com se fossem inacessíveis ao ambiente externo”¹⁶. Em Messina, a casa é recorrentemente descrita como um ambiente fechado, sem qualquer interação com o exterior. Neste espaço, as protagonistas dos romances de Messina convivem com seus maridos, irmãos, filhos e pais, sem jamais contemplar brechas de emancipação, pelos menos nos romances da primeira fase.

1.3 O romance *La casa nel vicolo* na visão da crítica e dos amigos de Messina

Cristina Pausini observa que os romances da escritora variam entre boas leituras e outras um tanto inferiores, que não são reconhecidas nem pelos leitores nem pelos críticos. A estética dos romances de Maria Messina caracteriza-se por empregar, segundo Pausini, “Filões temáticos, características estilísticas, categorias de espaço e

¹⁶“Le donne di Maria Messina sembrano muoversi su di un unico scenario, sugli sfondi cupi di case senza sole, dagli spazi vincolanti, troppo ampi o troppo esigui, inesorabilmente sottratti all’aria, come inaccessibili all’esterno”. Mariella Muscariello. *Vicoli, gorgghi e case: Reclusione e/o identità nella narrativa di Maria Messina*, 1994, p. 336.

tempo empregadas para a representação da condição feminina”¹⁷. Existe uma predominância nas obras de Maria Messina por histórias que focalizam a perspectiva da mulher frente a diversas situações, como nas relações familiares, nos encontros amorosos, na sociedade burguesa, na rotina doméstica associada à clausura, tudo sempre ambientado na Sicília.

Em sua primeira versão, o romance *La casa nel vicolo* é publicado em três capítulos na revista *Nuova Antologia*, em 1920. O romance é logo depois publicado em livro pela editora Treves de Milão e finalmente, em 1982, depois de um longo período, a editora Sellerio, de Palermo, reedita a obra, ajudando a revitalizar o nome e a obra de Maria Messina, caída no esquecimento durante o Fascismo. A obra reúne atributos valorativos que a definem como a melhor experiência narrativa de Messina, angariando o reconhecimento e aceitação do público leitor, assim como dos críticos.

O romance *La casa nel vicolo* apresenta certa coerência e eficácia na representação da vida de suas personagens, do ambiente siciliano, apelando para um certo realismo, reelaborado a partir de Verga, para esboçar o cotidiano de mulheres como Nicolina e Antonietta, as irmãs protagonistas. O tempo no romance é de muitos anos e vem introduzido por uma abertura *in medias res*¹⁸, para descrever o cotidiano da silenciosa casa no beco, fato que já anuncia o tom da narrativa com um angustiante clima que retoma certas perspectivas a serem descobertas no final da história, para logo em seguida voltar a narrar de forma linear os acontecimentos ocorridos no dia a dia de seus personagens. Para tal método se faz necessário o uso de *flashbacks* ou *analepses* para sair do passado e interligá-lo com o presente vivido pela protagonista Nicolina. Porém, as revelações são feitas paulatinamente.

Nicolina é uma jovem obstinada e decidida a viver ao lado de sua irmã Antonietta, a filha mais velha. Antonietta se casa com Don Lucio Carmine, construindo uma família com seus três filhos Alessio, Carmelina e Agata. A relação familiar, no início, é de muito afeto, respeito, medo, sentimentos que fizeram com que Antonietta solicitasse a presença de Nicolina para lhe fazer companhia após o casamento. O enlace matrimonial

¹⁷“Filoni tematici, delle caratteristiche stilistiche, delle categorie di spazio e tempo impiegate nella scrittura e del configurarsi della condizione femminile”. Cristina Pausini. *Le briciole della letteratura*, op. cit., pag. 66.

¹⁸ Expressão latina do poeta Horácio: “no meio das coisas, dos fatos”.

aterrorizava a escolhida esposa, restando-lhe um terrível temor ao ficar a sós com seu marido.

Depois de ter dedicado toda a sua juventude à causa da irmã, Nicolina se sente usada, sem nenhum valor. A convivência com Don Lucio desperta-lhe o interesse para as coisas referentes ao amor, curiosidade que leva Nicolina a cometer uma traição contra sua própria irmã. O adultério é o motivo crucial para o rompimento das relações de companheirismo, confiança, resultando em conflito entre as duas. A situação faz com que ambas comecem a se questionar sobre seus papéis, suas culpas, seus destinos.

Em *Le 'briciole' della letteratura*, Cristina Pausini reúne vários pontos de vistas – emprestados da fortuna crítica de Messina –, relacionados ao romance objeto de estudo deste trabalho. Citamos aqui os mais relevantes: Paolo Arcari avalia o romance quanto ao teor histórico, buscando encaixar a realidade da ficção em uma cultura herdada da tradição mulçumana. Algo que dê um sentido, uma explicação por Antonietta e Nicolina conviverem reclusas na casa, assim como as muçulmanas que não se apresentam aos estranhos:

Das camadas atávicas de dominação sarracena antiquíssimas e feudais qualquer coisa foi herdada, qualquer coisa restou de mulçumano e de poligâmico, de escravidão oriental e de incurável fraqueza e se instalou no beco misterioso onde esta casa siciliana foge da vista do mar Tirreno e do continente da feminilidade moderna¹⁹.

Paolo Arcari menciona também a questão poligâmica, prática em que ter mais de uma esposa é totalmente aceitável para algumas culturas do mundo. Assim como ocorre com Don Lucio, que convive com Antonietta, a esposa legítima e ao mesmo tempo se relaciona, clandestinamente, com Nicolina, “a esposa sem aliança”, como observa a autora.

¹⁹“Dagli strati atavici delle dominazioni antichissime saracene e feudali qualquosa è risorto di musulmano e di poligamico, di schiavitù orientale e di inguaribile fiacchezza e si è appiattato nel vicolo misterioso dove questa casa siciliana si sottrae alla vista del Tirreno e del continente della femminilità moderna”. Apud Cristina Pausini. *Le 'briciole' della letteratura*, op. cit., p. 72.

Outra observação, de Mirella Maugeri, é citada por Pausini, e refere-se à falta de reconhecimento humano e social da mulher naquele contexto:

O romance é direcionado a sinalizar a falta de reconhecimento humano e social da mulher, para além e independentemente da autoridade do marido, e depois a denunciar a negação de uma sua entidade pessoal autônoma e aparente, que é afetada pela condição econômica indigente²⁰.

Em *La casa nel vicolo* a mulher está em condição inferior ao homem, ela deve respeito ao marido e suas vontades não têm nenhuma importância. São figuras que renunciam a sua liberdade por falta de voz, frente a um cônjuge declaradamente machista e individualista e que exige todas as atenções para ele. Uma mulher inibida, que faz de tudo pelo bem-estar do seu companheiro, esquecendo-se de cuidar de si mesma, além disso, todas suas necessidades são adiadas e podem ser deixadas em segundo plano, haja vista que o marido e os filhos têm prioridade.

Além dos pontos mencionados anteriormente, a casa situada no beco fundo e escuro recebe outra leitura, dessa vez do crítico Gino Cornali:

A casa no beco... é, no fundo, a ‘persona’ principal do romance. Todos estão em primeiro plano: Don Lucio, Nicolina, Antonietta, Alessio: iluminados e, ao mesmo tempo, na sombra. Mas quem forma e domina e une as suas almas é a casa silenciosa, o pequeno beco estreito, o curto corredor de céu entre as duas fileiras de tetos vizinhos²¹.

No romance, a casa comparece como elemento central, personificada, como se fosse também uma personagem, ou seja, configurando-se como um ambiente de extrema importância para a narrativa. No interior deste espaço ocorrem praticamente

²⁰“Il romanzo è rivolto a segnalare la mancanza di un riconoscimento umano e sociale alla donna, al di fuori ed indipendentemente dall’autorità maritale, e quindi a denunciare la negazione di una sua entità personale autonoma e specie se questa è viziata dalla condizione economica indigente. Apud Cristina Pausini. *Le briciole della letteratura*, op. cit., p. 73.

²¹“*La casa nel vicolo* [...] è anche, in fondo, la ‘persona’ principale del romanzo. Tutti sono in primo piano: Don Lucio, Nicolina, Antonietta, Alessio: illuminati e, nello stesso tempo, nell’ombra. Ma chi foggia e domina e costringe le loro anime è la casa silenziosa, il piccolo stretto vicolo, il breve corridoio di cielo tra le due file di tetti vicini”. Apud Cristina Pausini. *Le briciole della letteratura*, op. cit., p. 75.

todas as ações, geralmente esquematizadas através de sentimentos conflitantes e repletos de tristezas, angústias e medos. Outra vertente corresponde ao lado positivo da casa, que deixa de ser um lugar opressor e passa a ser um recinto de refúgio e proteção.

Segundo Maria di Giovanna, *La casa nel vicolo* pode ser interpretado como um romance de relevo:

Quase todos os textos de Messina aparecem dominados por uma ideia chave, de uma única fantasia que tem o seu núcleo na visão de um lugar fechado, vedado, do qual é excessivamente difícil, se não impossível, fugir; fantasia que, se às vezes se estende nos esquemas menos agradáveis a vista de uma situação castradora, marcada pela frustração a cada nível, no qual não se oferecem saídas, em outros casos atraca a uma produção figurativa da restrição, que se faz também espacial e se concretiza na imagem-símbolo, tal qual a ‘casa’, o ‘beco’, a ‘porta fechada’ etc. Tais imagens, na verdade, exaltadas pela densidade semântica com a qual são realizadas, longe de exaurir a sua função na representação realista do ambiente habitual no qual vivem as protagonistas, possuem uma notável importância que remete ao psicológico das personagens, e não só a um destino inexorável²².

Para compreender as imagens da “casa”, do “beco”, da “porta fechada” propostas por Maria Messina em *La casa nel vicolo* se faz necessário retomar alguns dos conceitos de *A poética do espaço*, de Gaston Bachelard. A casa, de um modo geral, abrange muitas interpretações que vão além das descrições da narradora, assim teremos “os valores do espaço habitado, o não-eu que protege o eu”²³. No romance de Messina, a casa passa a ser um local de proteção para Antonietta, fato que a impede de estar em contato com os perigos do mundo exterior, deste modo, a casa pode ser interpretada como algo bom, pois, “a casa abriga o devaneio, a casa protege o sonhador, a casa

²²“Ora quase tutti i testi della Messina appaiono dominati da un’idea chiave, da un’unica fantasia che ha il suo nucleo nella visione di un luogo chiuso, sigillato, dal quale è oltremodo difficile, se non impossibile, evadere; fantasia che, se talora si distende negli schemi meno appariscenti di una situazione castrante, scandita da frustrazioni ad ogni livello, alla quale non si offrono sbocchi, in altri casi approda a una resa figurativa della restrizione, che si fa anche spaziale e si concretizza in immagini-símbolo, quali la ‘casa’, il vicolo, la ‘porta chiusa’ ecc.: tali immagini, infatti, esaltate dalla densità semantica con cui sono rese, lungi dall’esaurire la loro funzione nella rappresentazione realistica dell’ambiente abituale in cui vivono le protagoniste, possiedono un notevole spessore alusivo che rimanda all’area psicologica dei personaggi, nonché a un destino che incombe inesorabile”. Idem, p. 77.

²³ Gaston Bachelard. *A poética do espaço*. Trad. Antônio de Pádua Danesi. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008, p. 24.

permite sonhar em paz”²⁴. Este é o espaço que permite Antonietta sonhar, “querer a liberdade”, mas este sonho não é apenas da matriarca, uma vez que todos os moradores (Nicolina, Alessio, Agata, Carmelina) sonham em ter o livre-arbítrio. Já Nicolina espera ter dias melhores e pensa se sua vida teria outro destino.

A casa faz parte de nossas lembranças e funciona como os refúgios da vida, por isso, no romance a “habitação anterior” refere-se à casa de infância de Antonietta e Nicolina, onde se conservam as memórias mais delicadas, associadas a uma trajetória humilde, assim como as experiências de criança.

Outro aspecto que envolve a casa e o quarto remete à ideia de abrigo, pois permitem a escritora e narradora se aproximar da intimidade de seus personagens, seja do ponto de vista psicológico, ou como representação de um espaço de conforto. Dentro destas imediações é perceptível a função de amparo e defesa para os seus moradores. O quarto funciona para Antonietta como um lugar santo, onde ninguém lhe fará mal, enquanto o de Nicolina serve para lembrar.

A representação da porta fechada em *La casa nel vicolo*, pode ser entendida como uma proteção, que impede que os estranhos e os perigos do mundo se aproximem da família. Além disso, a fechadura nas portas também pode ser interpretada como um abuso de regras do patriarca Don Lucio, que impede que todos em sua casa façam parte dos acontecimentos do exterior. Assim o beco e seus arredores correspondem ao desconhecido, o inalcançável, mas que é desejável pelas mulheres que são vítimas da clausura doméstica.

Retomando o panorama da escrita de Maria Messina, temos a escritora Ada Negri (1870-1945), como uma admiradora da autora, considerando-a como uma irmã. Além da relação pessoal, Ada Negri escreve um prefácio para *Le briciole del destino* (1919), após perceber a afinidade literária. Quanto à temática do romance de Messina, diz Negri:

Minha pequena irmã Maria, *Le briciole del destino*: magras e mesquinhas, desprezivas e anônimas, que a vida lança com desatenta paciência aos Humildes, os quais não possuem a força de ofender, nem de defender-se, e não podem expor a trágica beleza de grandes infortúnios. *Le briciole del destino*... Você queria estudar estes cantinhos da humanidade, que são de velha poeira, de velhos farrapos abandonados, de velhas teias de aranha, de velhas lágrimas rançosas. Você também poderia, pequena irmã Maria.

²⁴ Idem, ibidem, p. 26

Como? ... Não sei. Sua alma fresca se contenta estranhamente com os obscuros meandros de onde saltam pessoas pobres sem recursos, sem sorte, e, também, sem apoio. E a intuição, que ajuda o narrador mais que a experiência, te conduz em momentos de misteriosa profundidade. Misteriosa profundidade que eu leio nos teus olhos que me olham a partir do retrato. Pequena irmã distante que eu nunca mais vi e de quem talvez nunca escute a voz corporal – e que muito me diz de você, nas páginas submersas onde a alma insatisfeita e turva assume frequentemente a esverdeada densidade dos insondáveis rios²⁵.

Ada Negri se encantava com a capacidade de Maria Messina retratar os humildes, destinando-lhes papéis importantes e até mesmo escolhendo-os como protagonistas de suas histórias. E justamente por se deter em fatos simples do seu cotidiano e situações minimalistas que podem ser desprezadas por outros indivíduos, a escrita da autora preserva um tom próprio e único para a sua trajetória literária. Tais características são valorizadas e reconhecidas pela amiga Ada, que faz uma belíssima apresentação de sua obra.

O crítico literário siciliano Giuseppe Antonio Borgese (1882-1952) foi um dos expoentes masculinos que mais elogiaram a obra da autora, publicando nas páginas da revista *Nuova Antologia* várias resenhas, tendo inclusive revisado os escritos de Messina publicados pelas editoras Sandron e Treves. Sobre a autora, dizia Borgese:

[...] aquele bom senso, hoje quase anacrônico, que a faz dedicar o volume a Giovanni Verga, permitindo-a ignorar outros modelos de fama mais clamorosa e mais recente. Verga está mais do que nunca no auge com pessoas de alta cultura, mas ainda não voltou à moda para o público, que o considera duro e pesado, nem mesmo aqueles escritores que, sem ousar confessar, o consideram pouco elegante. Já Messina, de inconsciente

²⁵«Mia piccola sorella Maria, sì; le briciole del destino: avaro e magro, sprezzanti ed anonime, che la vita getta con distratto compatimento agli Umili, i quali non posseggono la forza di offendere, né quella di ben difendersi, e non possono mettere in mostra la tragica bellezza di grandi sventure. Le briciole del destino ... Tu hai voluto studiare questi cantucci di umanità, che fanno di vecchia polvere, di vecchi stracci abbandonati, di vecchie ragnatele, di vecchie lagrime rancide. Tu vi sei riuscita, piccola sorella Maria. Come? ... Non so. La tua anima fresca si compiace stranamente degli oscuri meandri ove pullula la povera gente senza risorse, senza fortuna, e, anche, sì – senza appoggio. E l'intuizione, che aiuta il novellatore assai più che l'esperienza, ti conduce talvolta a misteriose profondità. Misteriose profondità che io leggo anche nei tuoi occhi guardanti a me dal ritratto, piccola sorella lontana ch'io non ho mai vista e della quale non udrò forse la corporale voce – e che pure mi dici tutto di te, nelle sommesse pagine ove l'anima insoddisfatta e torbida assume spesso la verdastra densità degli insondabili fiumi. Ada Negri». Apud Lucio Bartollota. "Maria Messina (1887-1944)". Disponível em: Edizioni "Il Centro Storico", Mistretta, 2006.

grandeza cintilante e de pérvida ironia, se coloca no certo e simples caminho de Verga. Claro, seu verismo, um pouco raso, não se assemelha àquele do mestre que via a realidade com olhos de águia e alcançou várias vezes a obra-prima²⁶.

Embora Borgese critique Maria Messina e demonstre os pontos divergentes entre sua escrita e a de Verga, ele valoriza seu potencial, considerando-a uma das representantes da literatura italiana feminina²⁷. Depois da morte da autora, em 1944, sua obra cai no esquecimento, sobretudo durante o Fascismo. Será o escritor Leonardo Sciascia (1921-1989) a quebrar o silêncio literário referente à Messina, redescobrimdo-a em 1980, quando as questões feministas começam a ganhar fôlego na Itália.

A escritora foi esquecida pela crítica literária do século XX italiano, porém, em 1981, Leonardo Sciascia inicia um trabalho de recuperação das obras de Maria Messina, iniciando com *Casa Paterna* (1983), a primeira a ser reeditada. O crítico escreve prefácios e direciona-os às editoras mais reconhecidas e de grande prestígio literário, como a Sellerio, de Palermo. No prefácio de *Pettini-fini* (1909) Sciascia observa que a obra de Messina é um paradoxo como o feito por Oscar Wilde, pelo seguinte pensamento “a natureza imita a arte”²⁸. A definição vem como um meio de criticar a autora, porque o Verismo era um espelho da vida e próprio de Giovanni Verga. Partindo deste princípio o objetivo era fazer com que “Messina saísse daquele mundo e que abandonasse o seu – pequeno-burguês, empregatício, obcecado pela aparência e pelo decoro”²⁹, a fim de transportá-la para uma nova literatura, uma que represente sua própria escritura.

Por mais que Sciascia escreva prefácios elogiosos para as reedições da autora, o escritor enxerga certo “feminismo” na literatura de Messina, ao invés da feminilidade que agracia as narrativas, eis aqui a sentença imposta para as mulheres de seu tempo:

²⁶ “[...] quel buon senso, oggi quasi anacronistico, che le fa dedicare il volume a Giovanni Verga, permettendole di ignorare altri modelli di fama più clamorosa e più recente. Verga è più che mai in auge presso le persone di alta cultura; ma non torna ancora in voga presso il pubblico, che lo trova troppo aspro e pesante, né presso molti letterati che, senza osar confessarlo, lo giudicano poco elegante. Ebbene la Messina, ignara di grandiosità rutilanti e di perfidi ironismi, s’è messa per il semplice e diritto cammino del Verga. Certo il suo verismo un po’ piatto non somiglia a quello del maestro che vedeva la realtà con occhio d’aquila e raggiunse parecchie volte il capolavoro”. Maria Serena Sapegno. “Sulla soglia: la narrativa di Maria Messina”, op. cit., p. 3.

²⁷ Idem, ibidem.

²⁸ “La natura imita l’arte”. Prefácio de *Pettini-fini*, por Leonardo Sciascia, Palermo: Sellerio, 1996, p. 74.

²⁹ “Messina uscisse da quel mondo e che si abbandonasse al suo – piccolo-borghese, impiegatizio, ossessionato dalle apparenze e dal decoro”. Idem, ibidem.

De Maria Messina [...] não se encontra pistas na história literária dos novecentos. Mas isso não é de se admirar: o esquecimento – ou se desejar, mais poeticamente, o ostracismo – que geralmente se insinua e se propaga como hera trepadeira a cobrir certas áreas e certos nomes da nossa história civil e literária. Nos maravilha o fato de que, nas atuais reivindicações femininas e feministas, na atenção às escritoras do passado e na tentativa de construir, principalmente através de suas obras, uma representação da condição feminina no mundo, na Itália e em particular no sul da Itália, seus livros e seus nomes permanecerem totalmente ignorados³⁰.

Apesar das diferentes opiniões em torno da condição feminina na Sicília de Messina, Sciascia acredita que a escritora tenha retratado fielmente a angustiante situação da mulher, inclusive com o pano de fundo sobre o patriarcalismo. O crítico acaba exercendo o papel de comunicador das obras de Messina, pois, ao fazer uma crítica, coloca em evidência o nome da autora e consecutivamente desperta o interesse de outros leitores para as suas obras.

Enfim, *La casa nel vicolo* é um romance repleto de ideias-chave e de imagens que acabam despertando diferentes interesses por parte do leitor que busca na obra alguns pontos relevantes para o seu entendimento. As duas imagens que compõem o título, “casa” e “beco”, sintetizam parte do “silêncio” reinante no interior da casa e da vida das protagonistas, antecipando para o leitor pormenores de uma vida de reclusão e obediência às convenções sociais e às deliberações, ou arbitrariedades, do marido.

1.4 O diálogo intertextual com Giovanni Verga e Luigi Pirandello

Em seu percurso literário Maria Messina dialoga e também se inspira em importantes nomes da literatura italiana da época, como Giovanni Verga e Luigi Pirandello, dentre outros. A leitura de muitos desses autores (as) contribuiu de maneira

³⁰“Di Maria Messina [...] non si trova traccia nelle storie letterarie del Novecento. Non ce ne meravigliamo: la dimenticanza – o, se si vuole, più poeticamente l’oblio – spesso s’insinua e dilaga come edera rampicante a coprire certe aree e certi nomi della nostra storia civile e letteraria. Ci meraviglia, piuttosto, che nell’attuale urgenza delle rivendicazioni femminili e femministe, nell’attenzione alle scrittrici del passato e nel tentativo di costruire, principalmente attraverso la loro opera, una rappresentazione della condizione femminile nel mondo, in Italia e particolarmente nel meridione d’Italia, i non pochi suoi libri e il suo nome stesso siano rimasti del tutto ignorati”. Cristina Pausini. *Le briciole della letteratura*, op. cit., p. 16-17.

decisiva para a elaboração de suas histórias. Vejamos alguns pormenores dessas relações. O ponto de partida para Maria Messina enfrentar seus medos e realizar seu grande sonho de “tornar-se uma escritora de sucesso”, estreando com suas histórias, foi o apoio e a influência de Giovanni Verga, de quem ela recebe o beneplácito para a publicação de suas novelas.

Sem dúvida, Verga foi o primeiro leitor ilustre de Messina, haja vista que ela submete os originais de seus escritos à apreciação do “mestre”, como ela costumava chamar carinhosamente e estrategicamente o escritor. Verga viu na escrita da autora uma proximidade com o que até então tinha publicado, sobretudo uma semelhança temática e estilística com seus contos veristas. As primeiras obras da autora, *Pettini-fini* (1909) e *Piccoli gorghi* (1911), reproduziam quase as mesmas temáticas de Verga: traição, ciúme, homicídio e outros episódios corriqueiros da vida na província. Além de se reconhecer na escrita de Maria Messina, Giovanni Verga ajuda a iniciante a adentrar no meio literário, dando uma resposta positiva quanto ao teor de sua escrita, elogiando-a e recomendando a publicação de suas novelas e romances.

Em uma de suas cartas endereçadas a Verga, Messina pede a autorização do escritor para dedicar-lhe a obra *Piccoli Gorghi* (1911), dizendo: “e, no entanto, com seu consentimento, te mandarei uma cópia datilografada do volume”³¹. Após receber a aprovação de Verga para a publicação, a escritora começa a conquistar o tão esperado reconhecimento. Ao recomendar que a revista *Nuova Antologia* publique os escritos da autora, Giovanni Verga rompe a intransponível barreira que separava as mulheres escritoras do cenário literário italiano, dominado pelos homens. Essa abertura permite que, além de Messina, outras escritoras também comecem a publicar seus escritos.

Messina estabelece um diálogo intertextual com Verga não somente com a intenção de imitar sua escrita, mas para homenageá-lo também, fazendo o mesmo com outros escritores como Pirandello, por exemplo. O intertexto, em Messina, se dá à medida de sua originalidade no sentido de que ela emprega estratégias literárias usadas pelos expoentes masculinos da literatura italiana para elaborar uma particular representação precisa da realidade que a circunda. Segundo Tiphaine Samoyault,

³¹ Idem, p. 11.

A literatura escreve com a lembrança daquilo que é, daquilo que foi. Ela a exprime, movimentando sua memória e a inscrevendo nos textos por meio de um certo número de procedimentos de retomadas, de lembranças e de re-escrituras, cujo trabalho faz aparecer o intertexto. Ela mostra assim sua capacidade de se constituir em suma ou em biblioteca e de sugerir o imaginário que ela própria tem de si ³².

Vejamos um exemplo de intertextualidade nas novelas de Giovanni Verga e Maria Messina. A obra *Pettini-fini* de Maria Messina começa com uma breve novela homônima, cujo tema central gira em torno do motivo clássico do adultério (*corona*), caro à narrativa siciliana e verista. Um vendedor ambulante volta para casa inesperadamente e surpreende, à distância, a figura de um homem que sai às pressas: trata-se do barão que vinha lhe ajudando há algum tempo. Embora contrariado, não tem certeza se provocará um escândalo ou se fingirá indiferença. Acaba decidindo protelar para não renunciar à comodidade do lar. Desse modo, quando entra e encontra a mesa posta, pergunta ironicamente: “Como sabia que eu retornava está tarde?”, e a mulher responde: “Me dizia o coração...”³³. Apesar do tom irônico da frase proferida pela mulher de *Pettini-fini*, o nome do personagem, que se aproxima daquele usado por Janu para despedir-se de Nedda antes de morrer, resguardada a dramaticidade desta:

Três dias depois [Nedda] ouve um grande falatório pela rua. Mostrou-se ao muro e viu no meio de um grupo de camponeses e da comadre, Janu pálido estendido sobre uma escada de madeira, como um trapo lavado e com toda a cabeça enfaixada por um lenço sujo de sangue. Ao longo a rua dolorosa que deveria fazer-se antes de chegar ao casebre dele, segurando-a pela mão, disse-lhe como, encontrou-o assim fraco pela febre, ele tinha caído de uma alta cumeeira e tinha o maltratado daquele modo. – *O coração lhe dizia!* Murmurou ele com um triste sorriso. Ela o escutava com seus olhos arregalados, pálida como ele e pegando-o pela mão. No dia seguinte ele morreu³⁴.

Ainda na mesma narrativa, Maria Messina utiliza o discurso indireto livre, técnica estilística privilegiada pelo verismo “clássico”:

³² Tiphaine Samoyault. *A intertextualidade*. São Paulo: Aderaldo e Rothschild, 2008, p. 47.

³³ Maria Messina. “Pettini-fini”, in: *Pettini-fini*. Palermo: Sellerio, 1909, p. 13.

³⁴ Giovanni Verga. “Nedda”, in: *I grandi romanzi e tutte le novelle*, 1992, p. 514.

Pettini-fini voltava de Reitano [...] Entrou no beco, olhou para longe em direção à última casa, voltado para a sua casa: Ele viu sobre a porta uma sombra preta ao lado da gorda imagem de dona Marietta... Observou... O barão De Vita?... Não o esperavam logo para aquela noite? O que fazer... Um escândalo? Perder a paz pelos belos olhos das pessoas? Estava-se tão bem na sua casa... Pensava agora no bom fogo que o esperava, a boa comida. Porque deveria arruinar-se a vida? ³⁵.

Em “Janni lo storpio”, claro decalque verghiano de “Jeli il pastore”, Messina retoma o tema do ciúme (*gelosia*). Janni é um jovem que vive de expedientes em razão da sua deformidade física. As mulheres escarnecem do rapaz, fazendo-o acreditar que a bela Maralucia está interessada nele (a dupla messiniana Janni-Maralucia assemelha-se àquela verghiana Jeli-Mara). Embora inicialmente não dê credibilidade às mulheres que o atormentam, Janni não se preocupa em verificar a veracidade de tais afirmações e acaba se apaixonando por Maralucia. Enquanto Janni caminha “barcollon barcolloni”, sobre as pernas arqueadas, encurvado e apoiando-se em um bastão, Maralucia caminha “col busto dritto”. A oposição dritto/barcollante serve de base à narrativa e determina-lhe o desfecho. Janni descobre que não pertence ao mundo dos fisicamente sãos quando sabe que Maralucia vai casar com outro rapaz. Ela acaba sendo assassinada a facadas pelo jovem deficiente.

O episódio final da novela de Messina assemelha-se com o final de *Jeli il pastore*. Aqui, Jeli mata seu rival cortando-lhe a garganta com a mesma faca que havia matado os cabritos. Jeli não oferece nenhuma resistência à justiça. Em Messina, Janni permanece imóvel com a cabeça entre as mãos. No entanto, enquanto em Verga trata-se de um delito em defesa da honra, em Messina é a própria mulher a ser assassinada pelo fato de ter suscitado falsas esperanças no jovem deficiente. Na escritora siciliana é sempre a mulher ou a condição feminina a ser colocada em foco, direta ou indiretamente. Por esse aspecto Messina cria o seu diferencial. A particularidade consiste em abordar os fatos descrevendo o micro, o único, e não o macro, o geral, como fizeram os veristas. Apesar de todo o drama vivido pelos italianos no Sul, após a Unificação, Messina coloca os olhos num ponto particular daquela realidade histórico-social: a situação das mulheres em um mundo dominado pelos homens. E o faz com propriedade, haja vista que ela também é parte integrante do universo que descreve.

³⁵ Maria Messina. *Pettini-fini*, op. cit., p. 13.

O diálogo intertextual também é verificável entre Maria Messina e Luigi Pirandello (1867-1936). Ambos são representantes da mesma Sicília, como Giovanni Verga e Leonardo Sciascia, portanto, existe algo em comum entre eles: ambos são admiradores de sua ilha e sentem a vontade de retratá-la em suas obras, assim como os dramas de seus habitantes.

Em suas primeiras novelas, de cunho marcadamente verista, Pirandello apresenta a figura feminina dentro de uma “limitada tipologia – mulher, mãe e filha [...]”³⁶, e, não diferentemente, Maria Messina envereda, em muitas de suas novelas, pelo mesmo caminho, como ocorre em *La casa nel vicolo* e em *Le pause della vita*, nos dando a oportunidade de conhecermos mais a fundo as atitudes, o caráter, ou seja, a essência da mulher siciliana, como um meio de compreender a mente de tantas protagonistas e suas perspectivas pessoais. Porém, cabe ressaltar que estas são personagens desprovidas de qualquer interesse sexual, dedicadas somente à maternidade e à família. Ambos os autores trabalham em suas obras os traumas femininos, geralmente associados aos distúrbios de personalidade ou à má gestação de um filho, por exemplo. Neles, estes são alguns dos fatores que geram problemas psicológicos e, muitas vezes, a loucura, além da angustiante e sufocante condição da mulher submetida às convenções sociais vigentes e às arbitrariedades da sociedade patriarcal.

A fragilidade de mães, esposas e filhas é visível: são mulheres sempre à mercê do homem – pais, irmãos e maridos. São heroínas que conseguem reunir força para subsistir, mas existe uma ausência de bravura para mudar a situação em que se encontram, porque se encontram impossibilitadas de qualquer ação.

Sobre o diálogo intertextual com Pirandello, Messina consegue reelaborar várias de suas temáticas nos escritos da segunda fase, em que trabalha com a questão da emigração: na novela “Nonna Lidda”, de *Piccoli gorgi*, em que é visível a retomada do tema da emigração para a América, como havia feito Pirandello na novela “L’altro figlio”. Ainda em “Grazia”, de *Pettini-fini* e em “Solo-pane”, de *Piccoli gorgi*, em que vários elementos da novela “Mal di Luna”, de Pirandello, são retomados.

Vejamos um exemplo: na novela “L’altro figlio” – O outro filho – de Luigi Pirandello, reunida em *Novelle per un anno* (1926), temos como pano de fundo o drama histórico e social da emigração maciça registrada particularmente no sul da Itália no início do século XX em direção à América, ao qual vem juntar-se o tema da

³⁶ Francesca Chiostrì. “La perdita della sessualità come conquista della donna pirandelliana”. In: *Carte italiane*, 1994, p. 69.

maternidade, tão caro a Pirandello. Motivos que vão materializar-se numa província da Sicília, na figura da velha e solitária Maragrazia cujos filhos partiram para a América há quatorze anos. Na primeira cena, o autor nos apresenta a protagonista sentada no degrau carcomido da porta da casa onde mora, esperando notícia dos filhos:

Ali sentada, dormia ou chorava em silêncio. Alguns, ao passar, lhe jogavam uma moeda no colo ou um naco de pão... [...] Parecia um amontoado de trapos. Trapos gordurosos e pesados, sempre os mesmos, no verão e no inverno, rasgados, esfarrapados, já sem cor e impregnados de suor fedorento e de toda a sujeira das ruas. A cara amarelada era uma rede cerrada de rugas, onde as pálpebras sangravam, reviradas e queimadas pelo choro contínuo; mas entre as rugas, o sangue e as lágrimas, os olhos claros despontavam como distantes, de uma infância sem memória. Agora, muitas vezes, as moscas grudavam vorazes nesses olhos; mas ela estava tão abismada e absorta em sua dor que nem percebia; e não as abanava ³⁷.

Contudo, os filhos não retornam, apesar das cartas prometendo-lhes uma mísera herança: a casa em que mora. As cartas são ditadas a Ninfarosa, que finge escrevê-las. A pobre mãe presencia todas as manhãs as imensas levadas de emigrantes que partem para a América, e suplica-lhes que levem as cartas supostamente escritas aos filhos, que nunca dão um retorno. Homens e jovens que partem deixam mães e esposas jovens, muitas vezes grávidas ou com recém-nascidos nos braços:

Naquele dia se falava da nova leva de emigrantes que, na manhã seguinte, deveria partir para a América.

- Saro Scoma está indo – dizia uma. – Vai deixar a mulher e três filhos.

- Vito Scordia – acrescentava outra – parte deixando cinco e a mulher grávida.

- É verdade que Carmine Ronca – perguntava uma terceira – vai levar com ele o filho de doze anos, que já estava nas minas de enxofre? Oh, Virgem Maria, ele podia pelo menos deixar o rapaz com a mulher. Como aquela pobre coitada vai se sustentar agora?

- Quanto choro! Quanto choro! – gritava lamentosamente uma quarta mais adiante. – Toda noite na casa de Nunzia Ligreci! O filho Nico, que acabou de voltar soldado, quer ir embora também!³⁸

³⁷ Luigi Pirandello, “O outro filho”. In: 40 novelas de Luigi Pirandello, p. 237

³⁸ Idem, ibidem, p. 238

A velha Maragrazia, vendo isso, prorrompia em lágrimas. Mas havia algo além que lhe angustiava. Um médico recém-chegado a Farnia procura averiguar as causas das perturbações de Maragrazia, descobrindo que as cartas escritas por Ninfarosa são apenas rabiscos e que a velha tem outro filho, “o outro filho” que dá título à novela e que, pelo fato de ter com que se haver, não partiu para a América. Este é rejeitado por Maragrazia e, embora ela relute em lembrar os motivos da rejeição, eles são revelados ao médico: Rocco Trupia, o outro filho, é fruto de uma violência sexual a que fora submetida, da parte de Marco Trupia, um foragido da cadeia no contexto da histórica expedição de Canebardo (deformação de Garibaldi). Embora Rocco seja afetuoso e respeitoso, a mãe continua a rejeitá-lo: “é o sangue que se rebela”.

Ao se sentir rejeitada pelos filhos distantes, Maragrazia transfere esse sentimento para o filho que ficou, contudo, os motivos da rejeição são mais profundos, pois, ao se aproximar de Rocco, ela se perturba porque vem a sua mente a cena da violência que sofrera, ou seja, na presença do filho o que fora reprimido sempre retorna.

Maragrazia continuará narrando cartas aos filhos e, desta vez, será o médico a escrevê-las, efetivamente. A velha mãe continuará apelando para a caridade daqueles que a abandonaram: “Queridos filhos...”.

É com base nesta novela de Pirandello que apresento “La Mèrica”, escrita por Maria Messina, publicada na coletânea *Piccoli gorgi*, de 1911. São novelas que tratam, sobretudo, da emigração, nas quais a escritora insiste sobre o tema da crise da família patriarcal, sobre as dolorosas separações, a solidão e a dissolução dos vínculos familiares, como podemos inferir neste trecho:

Todos partiam no bairro dos Amarelli; não havia casa que não chorasse. Parecia a guerra; e como em tempo de guerra, as mulheres ficavam sem marido e as mães sem seus filhinhos. Dona Maria, uma velha de cabelos brancos e lanosos, lamentava sua sentença na porta da frente sem se preocupar que lhe ouvissem. Gritava os nomes dos dois filhinhos, amaldiçoando a América do fundo do coração. A Varvarissa ficava muito jovem sem marido e com uma criança ao peito; depois partia o filho único do mestre Antonino, e Ciccio Spiga, e o marido de Maruzza, a loirinha Quem podia contar? Partiam todos e, nas casas em luto, as mulheres ficavam chorando. [...] E os melhores jovens da aldeia iam trabalhar naquela terra encantada que lhes tirava os filhos como uma amante ³⁹.

³⁹ Maria Messina, “La Mèrica”, in: *Piccoli gorgi*. Palermo: Sellerio, 1997, pp. 100-101

“La Mèrica” narra a história de uma “viúva com marido vivo”, a jovem siciliana recém-casada Catena, nome que remete simbolicamente à ideia de cadeia, prisão. Apesar de estar profundamente ligada a sua terra, Catena decide embarcar para a América com o filho ainda pequeno na companhia do marido, Mariano. No entanto, fazendo jus ao próprio nome, é obrigada a ficar aprisionada em casa quando, após a visita médica a que eram submetidos os emigrantes antes de serem autorizados a partir, é diagnosticada com um tipo de glaucoma contagioso. Os olhos doentes da protagonista são um prenúncio de sua instabilidade psíquica. Inconformada com o diagnóstico, Catena decide procurar ajuda médica e, apesar dos muitos cuidados, sua vista piora irremediavelmente, comprometida pelos incompetentes “médicos dos pobres”. Sem esperanças de reencontrar o marido, que partira em companhia de sua meia-irmã, de quem tinha ciúmes, Catena começa uma metamorfose que a leva à loucura:

Catena, que tinha se tornado selvagem, evitava até as vizinhas. Na pequena cara amarelada, muito magra, parecia que um fogo a consumisse por dentro: os olhos pareciam maiores e enegrecidos pelas olheiras fundas que lhes rodeavam. Não gostava mais de trabalhar, embora tivesse sido sempre a mais trabalhadeira dos Amarelli. Passava os dias acorçada na escadinha diante da porta, enquanto a sogra fiava ou remendava, escutando o balbuciar do menino que tinha aprendido a chamar papai. [...] As vizinhas não conseguiam mais fazê-la falar. Algumas vezes ouviam sua voz que tinha se tornado estranha e aguda; ouviam-na falar com o menino como se este a entendesse, sussurrando nomes estranhos, com tom de voz alterado, inconstante e frenético: - *Stella, tesoro, Cavaleri finu, San Giorgiu biunnu. Apuzza nica. Tu mi ristasti. Chiamalu, papà, chiamalu ca è luntanu...*⁴⁰

Sem esperança de cura e sem notícias do marido, angustiada e fora de si, Catena tenta matar o filho num paroxismo de desespero e loucura:

Ela o apertava forte entre as pequenas mãos nervosas, arremessando-o para o ar, e o menino se contorcia e chorava. Dona Vita, assustada, se aproximou para tirá-lo, mas Catena apertava com força, como entre duas mandíbulas, e a pobre velha não conseguia. O falatório das mulheres e o choro da criança despertou também a curiosidade das vizinhas que pediram, ameaçaram e, finalmente, o arrebataram, enquanto Catena repetia, rindo, com os grandes olhos arregalados: - *Tesoro! Stella! Chiamalo, chiamalo...*⁴¹

⁴⁰ Idem, ibidem, p. 58

⁴¹ Idem, p. 59

Depois deste episódio Catena não reconhece mais nem o filho nem a sogra, e mergulha num estado de completa abulia. Ao contrário da velha Maragrazia, que prefere narrar seu drama para o médico e continuar escrevendo para os filhos, a jovem e atormentada mãe prefere silenciar diante da indiferença do marido – que não lhe escreve mais cartas – e o silêncio subscreverá sua sentença.

Outra novela de Maria Messina que segue os mesmos moldes das duas descritas anteriormente é “La Mérica” – o mesmo título, porém histórias diferentes – da escritora siciliana Maria Messina. A novela é publicada em *Il guinzaglio*, de 1996. Nesta narrativa teremos o marido que parte para a América e abandona sua casa. A protagonista é Venera, uma mulher que permanece toda sua vida se sentindo “uma viúva de marido vivo”, pois seu esposo saíra de casa para fazer fortuna na América, como tantos outros maridos sicilianos que abandonaram o lar, filhos e esposa para atravessar o oceano em busca de uma vida melhor. A novela de Maria Messina coloca em evidência a solidão dos que ficam na Sicília, a situação de miséria em que se encontram aqueles que foram esquecidos pelos que partiram. As cartas que Petru endereçava a Venera são recheadas de falsas esperanças de retorno: “Eu estou bem, e espero que você esteja também. Trabalho como um animal, pensando na minha casa, e algumas vezes queria ter asas para voltar”⁴².

Às argumentações vazias do marido Venera repetia consigo mesma: “– Asas? [...] Queria ter asas? Você esquece que sua mulher está gastando o melhor de sua juventude para esperá-lo? Ou não sabe que uma mulher não se mantém com vinte e cinco liras por mês?”⁴³. Maria Messina emprega o discurso indireto livre ou monólogo interior para expressar os sentimentos e inquietações da personagem.

Fica claro que, abandonadas, as mulheres tornam-se mais vulneráveis e, assim, alvos fáceis para novos amores. O que ocorre durante esse percurso é uma falta de esperança relativa ao retorno de seus cônjuges, e isto causa desilusões, sofrimento, dificuldades financeiras, falta de afeto e até mesmo doenças, sem contar que surgem novos amores que não podem se realizar, porque se enquadram em uma situação mal resolvida – a esperança do retorno –, que muitas vezes não acontece. As personagens femininas de Messina expressam toda a cólera contida por meio de desabafos que são uma verdadeira representação literária da condição de subalternidade e clausura em que vivem as mulheres na Sicília no começo do século XIX:

⁴² Maria Messina, “La Mérica” em *Il guinzaglio*. Palermo: Sellerio, 1996, p. 102

⁴³ Idem, *ibidem*, p. 102

Cada carta dava margem à desabafos a explosões com Brasi, o sapateiro que morava na casa ao lado da sua. Quando ela passava, ele batia o couro; ela suspirava, ele a confortava. Sentia-se bem ao saber que uma criatura de Deus conhecesse as suas inquietações. Também à tarde, quando a estrada estava deserta e o lampião derramava sua luz amarela sobre as pedras grandes e sobre a casa escura, Brasi sentava ao lado de Venera, na escadaria. Levava o seu jantar: um pedaço de pão e um pouco de queijo ou um alho ⁴⁴.

A América era uma espécie de amante que roubava os homens de seus lares e de suas esposas, deixando-as sozinhas e sem vínculos afetivos: “O tempo passava, passava; algumas vezes quase se esquecia de ter um marido na América. Se os vizinhos a perguntavam: - Oh! Venera? E o seu marido? – Voltará quando Deus quiser... – Respondia ela” ⁴⁵.

Assim, quando Venera menos esperava, seu marido Petru retorna, deixando-a sem reação. Parecia que em toda sua vida não acontecia nada a não ser esperar seu marido. E o pior era que Petru já não tinha mais condições de trabalhar. Petru voltou doente, segundo suas alegações: “Petru, que chegou a tarde com três malas grandes, usava um casaco de pano e um chapéu de feltro, como um senhor. Era o mesmo, apenas muito pálido, quase lívido, como um vivo que sai de uma sepultura; mas de resto não tinha mudado” ⁴⁶.

O tempo e a distância parece ser fatal e, ironicamente, acaba esfriando o amor entre os dois. Há certo estranhamento no reencontro. Sendo assim, Venera tinha em casa um esposo doente e finalmente sentia-se livre para aproveitar tudo aquilo que não tinha aproveitado durante o tempo que ficou esperando o marido: “Venera não tinha pressa. Assim tal qual se sentiu uma rainha. O marido, doente e necessitado de cura, a deixava livre para fazer o que quisesse, e Brasi, [...] a respeitava como uma senhora” ⁴⁷.

Como visualizamos nas novelas de Pirandello e Messina a intertextualidade é descrita através da temática da emigração. Em destaque estão às personagens femininas, que são vítimas da sociedade e esquecidas pelos maridos e filhos que partem para a América. A consequência destas ausências são as mudanças comportamentais, associadas à angústia e até mesmo a loucura das mulheres.

⁴⁴ Idem, p.103

⁴⁵ Idem, p. 104

⁴⁶ Idem, p. 106

⁴⁷ Idem, p. 111

Em suma, Maria Messina revitaliza temas e arquétipos pirandellianos na composição de algumas de suas novelas e romances da segunda fase, inclusive no que diz respeito às tragédias familiares. Inclui-se também a questão da pequena burguesia e das máscaras sociais utilizadas pelas personagens para enfrentarem sua vida de miséria, pois com elas é possível fingir e simular algo, ou mesmo para conseguir um status melhor na sociedade, ou seja, heróis que passam a ser vistos como fantoches de seu próprio destino, como por exemplo, no romance *L'amore negato* (1928).

2 ANTONIO GRAMSCI E O ROMANCE-FOLHETIM NA ITÁLIA

2.1 Gramsci: por uma literatura “nacional-popular” na Itália

Em seus *Cadernos do Cárcere*, mais precisamente no Caderno 21 (1934-1935), que trata dos “Problemas da Cultura Nacional Italiana”, Antonio Gramsci se ressentia da falta de “admiração” do público-leitor da época em relação aos escritores italianos. A discussão é embalada por um artigo publicado no *Lavoro* e reproduzido em parte pela *Fiera Letteraria* de 28 de outubro de 1928 em que, Leo Ferrero, citado por Gramsci, escreve:

Por uma ou outra razão, pode-se dizer que os escritores italianos não têm mais público. [...] de fato, um público quer dizer um conjunto de pessoas, não apenas que compra livros, mas, sobretudo que admira homens. Uma literatura só pode florescer num clima de admiração e a admiração não é, como se poderia crer, uma recompensa, mas o estímulo ao trabalho. [...] O público que admira, que admira realmente, de coração, com alegria, o público que tem a felicidade de admirar (nada é mais deletério do que a admiração convencional) é o maior animador de uma literatura. Infelizmente, vários sintomas indicam que o público está abandonando os escritores italianos⁴⁸.

Para Gramsci, a “admiração” de Ferrero é apenas uma metáfora e um “nome coletivo” para “indicar o complexo sistemas de relações, a forma de contato entre uma nação e seus escritores”, o que inexistia na Itália naquele momento. Por esse motivo, Gramsci considera que “a literatura [italiana] não é nacional porque não é popular”, o que se configura “um paradoxo da época atual”. Segundo o crítico, para que uma literatura possa ser concebida como popular, não basta a “beleza”: [...] é necessário um determinado conteúdo intelectual e moral que seja a expressão elaborada e completa das aspirações mais profundas de um determinado público, isto é, da nação-povo numa certa fase de seu desenvolvimento histórico⁴⁹.

⁴⁸ Apud Antonio Gramsci. *Cadernos do cárcere*, vol. 6, p. 38-39.

⁴⁹ Idem, p. 39.

No entanto, Luigi Pirandello já vinha manifestando uma preocupação, desde 1900, com a formação de uma literatura italiana que expressasse as inquietações da época e que tivesse imbuída de uma concepção da vida e do homem. O trecho seguinte é parte de “Uma nota juvenil de Pirandello” publicada na revista *Nuova Antologia* em 1º de janeiro de 1934, escrito entre 1889 e 1900, quando ainda era estudante em Bonn:

Lamentamos que em nossa literatura não exista o drama; e, sobre isso, dizem-se muitas coisas e outras tantas se propõem, consolos, exortações, conselhos, projetos. Trabalho inútil: o verdadeiro mal não se vê e não se quer ver. Falta a concepção da vida e do homem. E, não obstante, temos terreno para a épica e para o drama. Árido e estúpido alexandrinismo o nosso⁵⁰.

No entender de Gramsci, essa concepção da vida e do homem elaborada por Pirandello, mas “individual” e, portanto, solitária, foi incapaz de uma difusão nacional-popular. Em Gramsci, a discussão em torno do conceito daquilo que seria “nacional-popular” parte de uma nota publicada na *Critica Fascista* de 1º de agosto de 1930, onde se lamenta que dois grandes jornais diários italianos, um de Roma e outro de Nápoles, tenha iniciado a publicação em folhetim dos romances *O Conde de Monte Cristo* e *Joseph Balsamo*, ambos de Alexandre Dumas, e o *Calvário de uma mãe*, de Paul Fontenay. Dizia a nota, referindo-se à publicação dos referidos folhetins pelos jornais italianos:

O século XIX francês foi indubitavelmente um período áureo do romance de folhetim, mas naqueles jornais devem ter um conceito bem pobre de seus leitores para publicarem romances de um século atrás, como se o gosto, o interesse, a experiência literária não tivessem nada se modificado de então para cá. E não só isto, mas [...] por que não levar em conta que existe, apesar das opiniões contrárias, um romance italiano moderno? E pensar que esta gente está pronta a derramar lágrimas de crocodilo pela infeliz sorte das letras pátrias!⁵¹.

⁵⁰ Apud Antonio Gramsci, op. cit., p. 64.

⁵¹ Idem, p. 39-40.

Com base nesta nota, Gramsci enceta uma discussão em que problematiza o conceito de literatura “nacional-popular”, mostrando os paradoxos presentes na *Critica Fascista*. Primeiro, se estes jornais publicam romances-folhetins, é porque existe um público consumidor que se identifica com as temáticas ali trabalhadas literariamente. Por outro lado, estes jornais se eximem de publicar “belas letras” porque, na qualidade de organismos político-financeiros, visam o aumento de suas receitas. Ao publicar romance de folhetim, atinge-se um público mais amplo, as classes populares e, assim, o sucesso político e financeiro é garantido. Contrariando a opinião da nota publicada na *Critica Fascista*, Gramsci salienta que, “se os romances de cem anos atrás agradam, isto significa que o gosto e a ideologia do povo são precisamente os de cem anos atrás”⁵². Gramsci se ressentia da falta de uma literatura “nacional-popular” na Itália, que agrade o povo e traduza suas inquietações e seu cotidiano. Ele enfatiza que, para muitos leitores, o “romance de folhetim” é como a “literatura” de bom nível para as pessoas cultas e que, de alguma forma, esses leitores do folhetim “se interessam e se apaixonam por seus autores com muito maior sinceridade e com muito mais vivo interesse humano do que, nos chamados salões cultos, as pessoas se interessam pelos romances de D’Annunzio ou pelas obras de Pirandello”⁵³.

Gramsci entende que uma literatura “nacional-popular” seria aquela que conseguisse traduzir o momento e a realidade histórica, os sentimentos e as inquietações do povo, de modo que seus autores conseguissem a “admiração” e uma maior adesão desse mesmo povo, que passaria a se identificar com esses autores e suas obras. No entanto, continua questionando Gramsci, na Itália, o termo “nacional” não coincide com “popular”, já que os intelectuais estão afastados do povo/ “nação” e mais ligados a uma tradição de casta, “livresca”, que jamais foi quebrada por um forte movimento político popular ou nacional vindo de baixo⁵⁴.

2.2 O fenômeno folhetim na Itália

O surgimento do folhetim ocorre na França no período do século XIX, acompanhado pelo nascimento da imprensa. Por ser um gênero nitidamente popular –

⁵² Idem, p. 40.

⁵³ Idem, p. 41.

⁵⁴ Idem, p. 42.

seja em relação ao leitor ou ao autor - atingia a cultura de massa, garantindo uma grande tiragem para os jornais e revistas que o publicavam, representava para a indústria cultural um grande mercado. Trata-se em sua superfície apenas de um romance de intrigas, porém traz em seu interior uma ideologia a partir da qual homens populares viam neste gênero espelho e escola de vida.

A possibilidade das tramas era infinita e buscava ilustrar com realismo e emoção a miséria da condição humana. Apresentavam múltiplas opções de enredo: de assuntos frívolos a sérios, de conversas particulares a acontecimentos políticos, realizava, portanto, um registro da vida cotidiana típico do jornalismo, mas não com a intenção de registrar a verdade / realidade, mas apenas de ser verossímil. Assim, despertou o interesse das camadas menos elitizadas pela leitura e colaborou com a construção de uma nova identidade nacional urbana.

O estudo do romance *La casa nel vicolo*, de Maria Messina, no contexto da revista *Nuova Antologia*, justifica-se por ser o momento em que os jornais italianos estão reeditando folhetins franceses direcionados a um público menos erudito. Naquele momento, a revista *Nuova Antologia* publica Luigi Pirandello e outros autores como De Sanctis, Verga, Fogazzaro, tendo neste um dos períodos de maior produtividade e difusão. No entanto, a revista publicava autores consagrados ao lado de nomes menos conhecidos, sobretudo femininos. O romance de Pirandello, *O falecido Mattia Pascal*, por exemplo, sai em capítulos em 1904, nos volumes 194/195 da revista em epígrafe. *La casa nel vicolo*, de Messina, sai em capítulos em 1920, nos volumes 288/289. Enquanto o primeiro dirigia-se a um público letrado, o segundo abordava uma temática ainda não contemplada pela literatura italiana: a submissão feminina às normas do patriarcado na Sicília. É com base nestas estratégias que o periódico busca atingir um público mais amplo e variado, sobretudo feminino. Muitos desses romances foram publicados nos moldes do folhetim francês e esta é uma das propostas da nossa pesquisa: identificar elementos e traços folhetinescos na escrita de uma dessas autoras, mais especificamente no romance de Messina em epígrafe.

2.3 O romance *La casa nel vicolo*: denúncia e crítica social

No romance *La casa nel vicolo* Maria Messina reelabora literariamente aspectos da condição feminina vivida no estreito mundo da pequena burguesia siciliana da época. O romance obteve grande repercussão de crítica e sucesso de público, tornando-se o principal representante da obra narrativa messiniana, de onde extraímos o parágrafo introdutório a seguir, significativo para a compreensão do enredo e da temática da clausura feminina, um dos *leitmotiv* da escrita de Messina:

Nicolina costurava na varanda, apressando-se em dar os últimos pontos sob aquela inexpressiva luz do crepúsculo. A vista que a alta varanda oferecia era fechada, quase sufocada, entre o pequeno beco, que àquela hora parecia escuro e profundo como um poço vazio, e a grande extensão de tetos avermelhados e musgosos sobre os quais caía um céu baixo e desbotado. Nicolina costurava rapidamente, sem levantar os olhos: sentia, como se a respirasse com o ar, a monotonia da limitada paisagem. Sem o querer, demorava em pensar à casa de Sant'Agata; revia o pequeno balcão de ferro enferrujado, escancarado sobre os campos, diante do céu livre que parecia misturar suas nuvens com o mar, longe, longe. Era aquela, para Nicolina, a hora mais repousante, embora a mais melancólica, da jornada. Todos os assuntos eram tratados. Na casa, como no ar, como dentro da alma, se fazia uma pausa, um amargurado silêncio. Então parecia que os pensamentos, as saudades, as esperanças, se faziam ofuscar pela mesma luz incerta que clareava o céu. E ninguém interrompia os vagos, incompletos solilóquios⁵⁵.

Na casa silenciosa situada em um beco “escuro e profundo como um poço vazio”⁵⁶, Maria Messina segue, por um arco de tempo, a esquelética existência de duas irmãs cegamente submissas a Don Lucio, marido de Antonietta (“pobre coisa sem vontade”)⁵⁷ e cunhado de Nicolina (“já velha sem ter vivido a minha parte da vida”)⁵⁸. O

⁵⁵“Nicolina cuciva sul balcone, affrettandosi a dar gli ultimi punti nella smorta luce del crepuscolo. La vista che offriva l'alto balcone era chiusa, quasi soffocata, fra il vicoletto, che a quell'ora pareva fondo e cupo come un pozzo vuoto, e la gran distesa di tetti rossicci e borrhaccini su cui gravava un cielo basso e scolorato. Nicolina cuciva in fretta, senza alzare gli occhi: sentiva, come se la respirasse con l'aria, la monotonia del limitato paesaggio. Senza volerlo, indugiava a pensare alla casa di Sant'Agata; rivedeva il balconcino di ferro arrugginito, spalancato sui campi, davanti al cielo libero che pareva mescolare le sue nubi col mare, lontano lontano. Era quella, per Nicolina, l'ora più riposata, benché la più malinconica, della giornata. Tutte le faccende erano sbrigiate. Nella casa, come nell'aria, come dentro l'anima, si faceva una sosta, un accorato silenzio. Allora pareva che i pensieri, i rimpianti, le speranze, si facessero innanzi confusi della stessa luce incerta che rischiarava il cielo. E nessuno interrompeva i vaghi, incompiuti soliloqui”. Maria Messina. *La casa nel vicolo*, 1920, p. 53.

⁵⁶“Fondo e cupo come un pozzo vuoto”. Idem, *ibidem*.

⁵⁷“Povera cosa senza volontà”. Idem, p. 65.

poder e o autoritarismo de Don Lucio pesam silenciosamente sobre toda a casa e seus habitantes. Ele considera a família uma propriedade a ser governada de acordo com as suas regras. Tudo ali é metodicamente estabelecido, obedecendo a um ritual absurdo, onde o “ditador”, tranquilamente, desfruta a devoção da esposa “de caráter dócil e manso, feito para ser plasmado como argila fresca”⁵⁹. O mesmo pensamento estende-se à figura da cunhada, Nicolina. Contudo, ambas, infelizes, reconhecem e aceitam a superioridade de Don Lucio, e passam os seus dias no ambiente fechado da casa no beco, envolvidas por um profundo senso de mistério e de tristeza.

Nicolina, a cunhada, sofrerá, sem reagir, a sedução do soberano, mas a ternura inicial se transformará em “medo e repulsa”, restando apenas, à jovem Nicolina, os pensamentos amargos e as lágrimas contínuas. A relação entre Don Lucio e a cunhada “a noiva sem anel e sem noivo”⁶⁰ configura-se um elemento inevitável, previsível, aceitável, na lógica do domínio, da posse, do homem sobre a mulher, a quem tudo é devido.

O relacionamento entre as duas irmãs, inicialmente de grande afeto, vai se deteriorando gradativamente, de modo irremediável, até o ódio áspero e triste, passando a ser vivido como “castigo”. Descoberta a relação incestuosa entre Don Lucio e Nicolina, Antonietta intima a irmã a deixar a casa. Nicolina prepara sua autodefesa com base no fato de ser mulher:

- Sim. A culpa é tua – acusou Nicolina. – Tua. Não dos outros. Tu acabaste comigo. E agora queres me mandar embora? Não irei. Não. Já te disse. Desta casa não sairei viva. Gastei aqui toda a minha juventude fresca e despreocupada, como um véu que se joga sobre uma sebe de espinhos. Tu acabaste comigo. Tu me colocaste na boca do lobo. Entorpecida pelo egoísmo me deixava sozinha, dias inteiros, para servi-lo. Era cômodo para ti, então que eu fizesse a empregada para ti e para os teus filhos? Era cômodo para ti? E não pensavas que eu era uma pobre criatura feita de carne, como tu? Por que o devia querer bem somente tu? Não podia sentir também, agora não! agora não mais! agora não mais!, aquilo que tu também sentias? Mesmo

⁵⁸“Già vecchia senza aver vissuto la sua parte di vita”. Idem, p. 165.

⁵⁹“Dal temperamento docile e mansueto, fatto per essere plasmato come l’argilla fresca”. Idem, p. 63.

⁶⁰ “sposa senza anello e senza sposo”. Idem, p. 65.

mais fortemente de ti? Não pensavas a respeito? E se pensavas, não eras a mais desnaturada das mais desnaturadas fêmeas?⁶¹

As irmãs protagonistas são “due colpevoli chiuse nella stessa gabbia”: vítimas de um mesmo sistema, sujeitas às mesmas regras e normas que regem o patriarcado siciliano na época em que Maria Messina escreve. Sobre o romance, a pesquisadora italiana Anna Maria Bonfiglio tece as seguintes considerações: *La casa nel vicolo* é

[...] a melhor experiência literária de Messina, história onde estão concentrados os temas preferidos da sua narrativa. [...] Os episódios representam uma província que pode pertencer a mais de um território: o caráter, a psicologia das personagens e o comportamento delas representam um modelo de sociedade que pode ser encontrado em qualquer outro lugar. [...] Maria Messina abre as portas de um mundo medíocre, fechado no próprio egoísmo e refratário a qualquer mudança. Universo do qual não é fácil escapar, sobretudo para quem, como as mulheres que ela descreve, não consegue exercitar a própria liberdade interior. Seu olhar perscruta os pequenos e ordinários acontecimentos que incidem sobre os ambientes sociais dos quais não há escapatória nem redenção⁶².

2.4 O fenômeno das revistas e a revitalização do romance

Levando em consideração as queixas apresentadas anteriormente por Gramsci, da falta de uma literatura que contemplasse a realidade e o momento histórico vivido pelos italianos, podemos concluir que a escrita feminina não era levada em consideração pelos expoentes masculinos da elite cultural da época, nem nos decênios imediatamente posteriores. Quando Gramsci escreve os *Cadernos do Cárcere*, já existia na Itália uma

⁶¹ “— Sì. La colpa è tua – accusò Nicolina. – Tua. Non d'altri. Tu mi hai rovinata. E ora mi vorresti scacciare? Non me ne andrò. No. Te l'ho detto. Da questa casa non uscirò viva. Ho sciupata qui la mia giovinezza fresca e spensierata, come un velo che si butta su una siepe di spini. Tu mi hai rovinata. Tu mi hai messa in bocca al lupo. Intorpidita dall'egoismo mi lasciavi sola, giornate intere, per servirlo. Ti faceva comodo, allora, ch'io facessi la serva a te ed ai tuoi figli? Ti faceva comodo? E non pensavi ch'io era una povera creatura fatta di carne, come te? Perché gli dovevi voler bene tu sola? Non potevo sentire allora, ora no! ora non più! ora non più!, quel che sentivi tu? Anche più fortemente di te? Non ci pensavi? E se ci pensavi, non eri più snaturata della più snaturata femmina?” Idem, p. 151-152.

⁶² Anna Maria Bonfiglio. “Maria Messina”. In: *Figure femminili del Novecento a Palermo*, p. 45-46.

relativa quantidade de escritoras que tinham publicado seus romances na forma seriada tratando exatamente da situação social das mulheres, das mazelas trazidas pela Grande Emigração, do abandono dos campos agrícolas e da cultura popular de algumas regiões.

Logo após a Unificação, já no final do século XIX, observa-se na Itália o surgimento de um fenômeno de massa que abre espaço para a divulgação da escritura feminina. Surgem muitas revistas, jornais e periódicos atentos às mudanças do tempo e com vistas a atingir um público mais amplo e variado. Os editores procuram dar um recorte mais popular aos periódicos, abrindo espaço para a chamada literatura de consumo. A abertura permite a divulgação de nomes, sobretudo femininos, que até então tinham permanecido no anonimato. O espaço aberto pelas revistas passa a apresentar-se mais favorável para as escritoras que raramente conseguiam publicar suas obras em livro, tornando possível a realização dos seus objetivos.

Paralelamente ao avanço das revistas, ocorre o fenômeno de revitalização do romance. Segundo Giacomo Debenedetti, foi o crítico literário italiano Antonio Giuseppe Borgese quem promoveu a reviravolta literária na Itália e o retorno do romance produzido na década de 20 sob a fórmula “tempo di edificare”⁶³. O slogan acenava para um novo tempo, um tempo de renovação nas letras italianas: o clima mental da época sugeria a produção de obras mais elaboradas e de longo fôlego. A escrita de contos e romances deixa de ser uma iniciativa apenas masculina.

A presença de escritoras, cada vez mais constante, nos círculos literários da primeira fase do “Novecento” italiano gera certo mal-estar entre os expoentes masculinos da arte de narrar. Quando Maria Messina publica a novela “Luciuzza”, no nº 254 da revista *Nuova Antologia*, em 1914, Neera, Matilde Serao, Grazia Deledda e outras escritoras já vinham publicando suas novelas e romances na forma seriada desde 1900. Antes de Messina, Deledda publica os capítulos I e II do romance *Elias Portolu* no volume 172 (luglio/agosto 1900).

Neste período de publicações em alta, Maria Messina aproveita do espaço concedido pela revista *Nuova Antologia* para apresentar oito novelas: “Luciuzza” (16 de abril de 1914); “Calabrò” (1 de março de 1915); “La porta chiusa” (16 de outubro de 1915); “Il voto” (16 de abril de 1918); “Lunarò pittore” (1 de agosto de 1920); “Lorentino” (16 de março de 1923); “Villeggianti” (16 de dezembro de 1923);

⁶³ Giacomo Debenedetti. *Il romanzo del Novecento*, p. 125.

“Vincere” (1 de abril de 1927) e dois romances-folhetim: *La casa nel vicolo* (1 de janeiro – 1 fevereiro de 1920) e *Le pause della vita* (16 de março – 1 de maio de 1926), porém outras escritoras também aproveitam a oportunidade de divulgar as suas obras.

Artigos e enquetes sobre a inserção dessas mulheres nos círculos literários da época começam a aparecer na seção de crítica literária da *Nuova Antologia* desde 1907. O mais polêmico desses artigos, de autoria de Luigi Capuana, intitulado “Letteratura Femminile”, foi publicado em 1907 no nº 211 da *Nuova Antologia*. Em linhas gerais, Capuana tece considerações elogiosas ao trabalho da escritora Matilde Serao para, em seguida, expor uma controvérsia relativa à inserção das mulheres na arte de narrar logo na introdução: “Precisamos nos preocupar, como fazem alguns, com a crescente concorrência das mulheres na literatura narrativa? Não creio. Nem me parece que sejam justos e equânimes aqueles que falam com desprezo da produção literária feminina”⁶⁴.

Segundo Capuana, o assunto polêmico teria se originado quando ocorreu um suposto encontro com o escritor Camillo De Meis, sob os pórticos da estação de Bologna. Naquela ocasião, De Meis teria feito comentários nada ortodoxos relativos à escrita feminina, asseverando judiciosamente que as mulheres infiltram na arte “uma característica toda particular, a feminilidade [...] como o perfume sutil que exala do cálice das flores”, de modo que “não criarão nada de novo: será uma eterna repetição”⁶⁵.

Maria Messina escreve a Giovanni Verga sobre os problemas que encontra para inserir-se no círculo literário da época e fala de “áspera, dolorosa estrada que afina o espírito despojando-o de toda a ilusão”. Para a escritora parece difícil continuar o seu trabalho “atormentado e tormentoso, deixado e retomado muitas vezes em meio a um profundo desânimo”⁶⁶. Ao que tudo indica, as dificuldades vão além do fato de Messina ser uma mulher aventurando-se na arte de narrar, haja vista que sofria de esclerose múltipla e, nos períodos de crise, via-se impedida de escrever, como registra esta carta endereçada a Verga em 1916: “Estive muito doente, por muito tempo. Só agora

⁶⁴“C’è da impensierirsi, come fanno taluni, dell’inadente concorrenza della donna nella letteratura narrativa? Non lo credo. Né mi sembra che siano giusti ed equanimi coloro che parlano con disdegnoso disprezzo della produzione letteraria femminile”. Luigi Capuana. “Letteratura femminile”. In: *Nuova Antologia*, p. 105.

⁶⁵“Un elemento tutto proprio, la femminilità [...] come il sottile profumo che sprigiona dal calice del fiore”, “non creeranno nulla di nuovo: sarà una eterna ripetizione”. Idem, ibidem.

⁶⁶“Aspra, dolorosa via che affina lo spirito pure spogliandolo d’ogni bella illusione”; “tormentato e tormentoso, lasciato e ripreso più volte in mezzo a scoramenti profondi”. Giovanni Garra Agosta. *Un idillio letterario inedito verghiano*, p. 34.

recomecei a trabalhar como antes. Mas não espero publicar nem mesmo no próximo ano”⁶⁷.

A atividade literária de Maria Messina foi intensa até 1928, ano de publicação do romance *L'amore negato*, seu último romance. A partir daí, seu total e silencioso isolamento permitiu que ela fosse esquecida pelo público, pela crítica e pelos editores. Começavam a se agravar os sintomas da esclerose múltipla, doença degenerativa que, gradativamente, foi impedindo que ela continuasse a escrever.

Esquecida pela história literária do “Novecento” italiano, Messina foi também ignorada por aqueles que iniciaram a recuperação da literatura de autoria feminina na Itália. A publicação, em 1979, das cartas da escritora endereçadas a Verga, reunidas no volume *Un idillio letterario inedito verghiano*, de Giovanni Garra Agosta, representou o prelúdio à redescoberta da sua obra.

A publicação seriada nas revistas da primeira fase dos Novecentos significava também recorrer a técnicas e paradigmas emprestados dos folhetins de origem francesa reeditados pelos jornais italianos. José Alcides Ribeiro, em *Imprensa e Ficção no século XIX*, define o romance de folhetim como uma espécie de narrativa que interessa a um público que nela reconhece a sua dramática condição, que nela procura aliviar sua angústia, acreditando assim, que a luta pela vida também está aberta para a esperança. Ao que nos parece, a literatura de autoria feminina publicada na Itália não fugia de todo daquilo que tinha prescrito Gramsci nos *Cadernos do Cárcere*: o surgimento de uma literatura que conseguisse traduzir o momento e a realidade histórica, os sentimentos e as inquietações do povo, de modo que seus autores conseguissem a “admiração” e uma maior adesão desse mesmo povo, que passaria a se identificar com esses autores e suas obras⁶⁸.

Convém ressaltar que Maria Messina, como tantas outras mulheres do seu tempo, não teve formação acadêmica, tendo frequentado apenas a escola elementar, o que nos leva a inferir que sua formação como escritora se deu a partir da leitura de outros escritores, dentre eles, Giovanni Verga e Pirandello comprovadamente, e ainda a partir da leitura de outros gêneros literários que podiam ser apreciados em revistas e

⁶⁷“Io sono stata molto malata, per molto tempo. Solo ora mi sono rimessa a lavorare, come prima. Ma non spero di pubblicare neppure in quest'anno che verrà”. Idem, p. 54.

⁶⁸ Antonio Gramsci, *op. cit.*, p. 41.

periódicos da época, principalmente dos folhetins franceses reeditados por periódicos italianos. Com isso não queremos atribuir à escrita de Messina um caráter meramente folhetinesco, mas identificar algumas das convenções mais representativas da narrativa seriada francesa elencadas por José Alcides Ribeiro.

Utilizando também a metodologia prescrita por Tânia de Luca para pesquisas em periódicos, pretendemos colocar em discussão que motivos levaram a revista *Nuova Antologia* abrir suas páginas para a colaboração feminina no começo do século XX, haja vista que até então eram publicados apenas os escritos dos expoentes masculinos da literatura italiana. Tania de Luca observa que “O pesquisador dos jornais e revistas trabalha com o que se tornou notícia, o que por si só já abarca um espectro de questões, pois será preciso dar conta das motivações que levaram à decisão de dar publicidade a alguma coisa”⁶⁹.

2.5 O romance novecentesco italiano

Em *Il romanzo del Novecento* (1983), Giacomo Debenedetti tece densas considerações acerca dos métodos psicanalíticos empregados por escritores italianos na primeira fase do século XX, sobretudo por Federigo Tozzi, Luigi Pirandello e Italo Svevo. Tais autores irão trabalhar em suas obras com a condição individual e histórica da existência, assim como com o tema da inadaptação do ser humano.

Nos Novecentos, temos o dialeto como elemento da linguagem real empregado como recurso ficcional:

É um mundo que tendencialmente e praticamente fala dialeto, por que o dialeto é a linguagem quente e conservadora de uma vida aceita sem surpresa, enquanto a língua da mais vasta Koiné nacional é a linguagem que deve afrontar os novos problemas, a criação corajosa da vida fora dos costumes⁷⁰.

⁶⁹Tania Regina de Luca. “História dos, nos e por meio dos Periódicos”. IN: PINSKY, Carla (Org.) *Fontes Históricas*, p.111-153.

⁷⁰“È un mondo che tendenzialmente e praticamente parla dialetto, perché il dialetto è il linguaggio caldo e conservatore di una vita accettata, senza sorprese, mentre la lingua della più vasta koiné nazionale è il

Debenedetti observa que os Novecentos se configuram como uma época em que os meios de comunicação e informação são muito lentos e, em virtude dessa situação,

Os romancistas se sentiam estimulados a transformar-se, quando tinham chance, em um enviado especial, em um informante quase documentarístico que transportava, quase em um voo mágico, os seus leitores diante das coisas, lugares, espetáculos que eles nunca teriam sido capazes de ver com os próprios olhos⁷¹.

É neste momento que a Itália começa a divulgar, por meio dos periódicos e revistas literárias, a produção escrita de escritores como Pirandello e Messina. Com esse movimento de revalorização do romance, as revistas literárias começam a ganhar espaço e a atrair um público-leitor mais amplo e diversificado, inclusive feminino. As revistas começam a publicar novelas e romances em capítulos, resenhas de romances e de peças teatrais. Pirandello e Messina publicam na revista *Nuova Antologia*, periódico trimestral que abrigou a grande maioria dos autores italianos que se tornariam famosos posteriormente. Nesse contexto chamado de “cultura das revistas” por Debenedetti, destacou-se a figura do crítico literário e ensaísta Antonio Giuseppe Borgese, responsável pelo chamado “retorno do romance” na Itália sob a fórmula “Tempo di edificare”⁷². Borgese, como já informado anteriormente, resenhou Maria Messina e tantos outros escritores da época, sobretudo nas páginas da revista *Nuova Antologia*.

O homem moderno tem o sentimento de incerteza e busca por respostas naquele início de século XX, no entanto a “descrição da vida interior do homem” e, tanto o homem como o seu destino, neste momento da história, são uma incógnita, assim como o é a prosa novecentesca no entendimento do crítico literário italiano Giacomo Debenedetti⁷³.

linguaggio che deve affrontare i problemi nuovi, la creazione coraggiosa della vita al di fuori delle abitudini”. Giacomo Debenedetti. *Il romanzo del novecento*, op. cit., p. 315.

⁷¹“Il romanzieri si sentiva stimolato a trasformarsi, quando gliene capitava l’occasione, in un inviato speciale, in informatore quasi documentaristico che trasportava, quasi in un volo magico, i suoi lettori di fronte a cose, luoghi, spettacoli che essi non sarebbero mai stati in grado di vedere coi propri occhi”. Idem, p. 324.

⁷²“Tempo de edificar”. Idem, p. 126-127.

⁷³ Walter Pedullà na “Introduzione” aos *Saggi critici* de Giacomo Debenedetti, op. cit., p. xiii.

Essa preocupação com o interior do personagem nos leva a fazer leituras e interpretações acerca do discurso literário em Maria Messina no que diz respeito à técnica de sondagem do profundo. Nesse período de revitalização do romance na Itália, como quer Debenedetti, os escritores iriam mergulhar no interior da personagem, como meio de exprimir-se e comunicar-se:

Assim como o benefício, o superior prazer estético e humano do leitor de romances é aquele de ver com os olhos abertos, expiada ou dominada, catastrófica ou solucionada, uma possível linha de destino que, ao vivê-la na prática, e pessoalmente, lhe caberia deduzir de olhos fechados, com a cegueira e a ignorância em que submergem nosso destino individual na sua escuridão, cansativo produzir-se dia após dia, minuto por minuto⁷⁴.

Para Debenedetti, o romance deve ser carregado de situações, deduções e consequências da vida, no que concerne à realidade. Portanto, sempre existirá um drama interior na narrativa e, no interior deste drama, a presença do autor.

Tratando da produção literária italiana da época, Debenedetti tece algumas considerações sobre o fluxo de consciência nos romances italianos dos Novecentos. O fluxo de consciência é uma técnica que se apoia no psicológico do indivíduo, seja dramatizando ou observando fatos internos de uma personagem, associando a imaginação com a verossimilhança da vida real, incluindo nesta os fatos mais íntimos e próximos do inconsciente. O crítico acrescenta ainda que para uma descrição do fluxo de consciência utiliza-se o discurso indireto livre, com uma voz narrativa em terceira pessoa, sendo a presença do autor imprescindível para as descrições e exposição dos pensamentos dos personagens. No discurso indireto livre há uma mistura do discurso direto e indireto. Vejamos um exemplo do uso do discurso indireto livre em *La casa nel vicolo*:

⁷⁴“Così come il beneficio, il superiore godimento estetico e umano del lettore di romanzi è quello di vedere a occhi aperti, espiata o dominata, catastrofica o risolta, una possibile linea di destino che, a viverla in pratica, e personalmente, gli toccherebbe di scontare a occhi chiusi, con la cecità e l'ignoranza in cui ci sommergono i nostri fatti e sorti individuali nel loro buio, faticoso prodursi giorno per giorno, minuto per minuto”. Idem, p. 325-326.

- Alessio, minha vida... Alessiuccio... – Chamou [Antonietta], contidamente, para ver-lhe reabrir os olhos. Mas depois pensou que o repouso poderia fazer-lhe bem e voltou a olhá-lo em silêncio. Com toda a alma dentro do olhar fixo e assustado, se esquecia do marido, da filha, da hora avançada. Se a casa fosse sacudida em volta, teria continuado a olhar o seu pequeno filho doente sem mover-se. Ninguém se preocupava com o menino que parecia adormecido, mas não repousava e sofria. Eis-me que poderia morrer assim, no grande silêncio, enquanto o marido continuava a encher de cifras as folhas de papel com as belas linhas vermelha e azul... O que faria, o que diria, se tivesse-lhe chamado gritando: “Lucio! Alessiuccio está morto...”?

Ele amava realmente Alessio? Certamente, deveria-lhe querer o bem, porque era o primeiro filho, o homem... Evidente... mas bastava um sombra de dúvida, que passava-lhe através da mente como o vôo de um morcego na noite, para duplicar o seu amor de mãe.

[...]

Quem diria estas palavras sombrias, que agora, enquanto ele está tão doente, voltava aos ouvidos? Certamente diriam-lhe para o seu Alessiuccio... ele deu-lhe mais uma vez a vida, com a mesma dor. Meu Deus! Meu Deus! Gemeu, saberei fazer-lhe com que torne bom logo, forte, alegre e barulhento como os outros meninos?⁷⁵.

Maria Messina aproveita de sua narradora para expor as aflições de Antonietta, a mãe dedicada que não se contenta ao ver o filho doente. Antonietta fica indignada com a falta de atenção do marido Don Lucio, assim como a sua ausência de responsabilidade. Em seus pensamentos estão as suas incertezas, seus medos e seus desejos, situações que diz respeito a si mesma e ao comportamento de Don Lucio.

^{75cc} - Alessio, anima mia... Alessiuccio... – Chiamò, sommessamente, per vedergli riaprire gli occhi. Ma poi pensò che il riposo poteva fargli bene, e tornò a guardarlo in silenzio. Con tutta l'anima dentro lo sguardo fisso e spaventato, si scordava del marito, della figlia, dell'ora tarda. Se la casa fosse crollata intorno, avrebbe continuato a guardare il suo piccolo figlio malato senza muoversi. Nessuno si curava del piccolo che pareva assopito ma non riposava e soffriva. Ecco che poteva spegnersi così, nel silenzio grande, mentre il marito continuava a riempire di cifre i fogli di carta con le belle righe rosse e blu... che avrebbe fatto, che avrebbe detto, se lo avesse chiamato gridando: “Lucio! Alessiuccio è morto...”? Gli voleva veramente bene, lui, ad Alessio? Certo... gli doveva voler bene, perchè era il primo figlio, il maschio... Certo... Ma bastava l'ombra del dubbio, che le passava a traverso la mente come il volo d'un pipistrello nella notte, per raddoppiare il suo amore di mamma. [...] Chi aveva detto queste buie parole, che proprio ora, mentre era così malato, le tornavano nelle orecchie? Certo le avevano dette per il suo Alessiuccio... Essa gli aveva dato la vita più di una volta, con lo stesso dolore. Dio mio! Dio mio! gemette, saprò farlo diventare ben presto forte e allegro e rumoroso come gli altri ragazzi?”. Maria Messina. *La casa nel vicolo*, op. cit., p. 55-56.

Robert Humphrey, discorrendo sobre o fluxo de consciência, observa que “os romancistas do fluxo de consciência, assim como os naturalistas, estavam procurando descrever corretamente a vida; mas ao contrário dos naturalistas, a vida com que estavam preocupados era a vida psíquica do indivíduo”⁷⁶. E para que haja essa interiorização do ser através do pensamento, os autores empregam frases diretas e reduzidas. Humphrey observa ainda que

O monólogo interior indireto é o tipo de monólogo interior em que um autor onisciente apresenta material não pronunciado como se viesse diretamente da consciência do personagem e, através de comentários e descrições, conduz o leitor através dela⁷⁷.

O fluxo de consciência é um meio de sempre estar presente no interior de uma personagem. Essa característica atrai o leitor para o mais profundo íntimo de seu protagonista preferido/a e proporciona-lhe um conhecimento além de sua imaginação.

Messina utiliza a técnica do “*erlebte rede*” (discurso indireto livre) para reproduzir o monólogo interior das personagens. A descrição do fluxo de consciência de personagens como Nicolina e Antonietta protagonistas do romance *La casa nel vicolo* levava o leitor a adentrar o mais recôndito do pensamento à medida que sentimentos, angústias, emoções e frustrações passavam a ser externadas pelo narrador por meio dessa técnica narrativa.

Segundo Oscar Tacca, “no relato tradicional, o narrador na terceira pessoa aproxima-se cada vez mais do personagem, até substituir a sua própria narração pelo simples registro do fluir da consciência deste”⁷⁸, como neste trecho do romance de Messina:

E se distanciou [Don Lucio] para vestir-se. Não poderia sofrer com a cena dos doentes que se lamuriam, de mulheres que choram... O que exigiam dele? Porque o atormentavam, perseguindo com olhares assim entristecido, que pareciam cheios de censura? Ele não a manteve nas mãos, a saúde daquele

⁷⁶ Robert Humphrey. *O fluxo da consciência*. São Paulo: McGraw-Hill, 1976, p. 8.

⁷⁷ Idem, p. 27.

⁷⁸ Oscar Tacca. *As vozes do romance*. Coimbra: Livraria Almedina, 1983, p. 96.

menino! Ele tinha feito uma boa coleção e elas queriam gastar. Tudo. Mas estes pensamentos eram desagradáveis e inoportunos, como a visão do filho doente ⁷⁹.

O fragmento representa a indiferença do pai com a saúde de Alessio. Constrangido com as lamúrias e tristezas dentro de sua casa, Don Lucio se isenta de qualquer aproximação com o doente. Depois deste exemplo de alienação e recusa, aproveitamos outra cena escrita por Maria Messina que reproduz a técnica do discurso indireto livre:

Nicolina também a olhou um momento, mais surpresa que impiedosa. Estava imunda, suja, despenteada. Porque continuava a sofrer e não fugia e não se liberava da cadeia que a mantinha amarrada aquela porta fechada? Nicolina envergonhou-se, pensando que atrás da porta deveria estar o amante, o homem que a tinha batido e que mais tarde teria deixado retornar, como sempre. O amante... Repetiu para si mesmo, com a boca, a palavra cheia de sedução. Era este o amor? [...] Sim, referia-se a ela a parte árdua, como a humilde serva paga. E a sua vida seria passada assim, sempre? Sempre? Mas pouco a pouco desaparecia a amargura do seu coração. Olhou-se por um longo tempo as mãos vermelhas. Quem sabe se ele nunca teria costurado os finos despojos para um filho seu? ⁸⁰.

Neste fluxo de consciência, mergulhamos no inconsciente de Nicolina para entender as suas aflições, seus descontentamentos, suas carências. Percebemos a anulação da vida de Nicolina para viver como uma serva da família de Don Lucio, por outro lado seus pensamentos são livres de uma resposta, por isso resta-lhe a dúvida de

⁷⁹“E si allontanò [Don Lucio] per vestirsi. Non poteva soffrire scene di malati che si lagnano, di donne che piangono... che pretendevano da lui? Perchè lo tormentavano, inseguendo con sguardi così contristati che parevano pieni di rimproveri? Non la teneva in pugno lui, la salute di quel ragazzo! Aveva fatto una buona collezione e gliela volevano guastare. Ecco tutto. Ma questi pensieri erano incresciosi e inopportuni, quanto la vista del figlio malatto”. Maria Messina. *La casa nel vicolo*, op. cit., p. 58

⁸⁰“Anche Nicolina la guardò un momento, più sorpresa che impietosa. Era sudicia, laida, scarmigliata. Perchè continuava a soffrire, e non fuggiva, e non si liberava della catena che la teneva legata a quell’uscio chiuso? Nicolina arrossì, pensando che dietro l’uscio doveva esservi l’amante, l’uomo che l’aveva battuta e che più tardi l’avrebbe lasciata rientrare, come sempre. L’amante... Ripeté fra sé e sé, con le labbra, la parola piena di seduzioni. Ma era quello l’amore? [...] Sì, toccava a lei la parte faticosa, come all’umile serva pagata. E la sua vita sarebbe trascorsa così, sempre? Sempre? Ma a poco a poco svaniva l’amarezza nel suo cuore. Si guardò a lungo le rosse e ruvide mani. Chi sa se avrebbe mai cucito delle fini spoglie per un bambino suo?”. Idem, p. 136-137

como seria sua vida se a tivesse vivido de outra maneira. As inseguranças de Nicolina são apresentadas durante todo o romance e são sinônimos da sua acomodação e aceitação, perante as imposições que lhe são atribuídas com o tempo, pela sua falta de voz e de firmeza para alterar a situação em que se encontra. Além destes exemplos de discurso indireto livre do romance *La casa nel vicolo*, é possível verificar a técnica em outros trechos.

2.6 O folhetim: narrativas em “fatias”.

A epígrafe utilizada por mim “o folhetim é muito mais que o folhetim”⁸¹ foi extraída de *Folhetim*, de Marlyse Meyer. O fragmento nos diz em poucas palavras que o gênero, no século XIX, visava atingir um público mais amplo, no entanto, como se sabe, nem todos os indivíduos estavam preparados, ou alfabetizados, para essa folhetinização na época da grande produção folhetinesca. Apesar disso, muitas pessoas pertencentes às classes mais humildes, seduzidas pelas histórias contadas em “fatias”, estavam sendo alfabetizadas e, de certo modo, tendo um maior acesso ao conhecimento. Vale destacar que o fenômeno do folhetim acabou transbordando da França para a Itália e para toda a Europa no século XIX, por isso se pode dizer que o folhetim é muito mais que um “folhetim”, mais que uma tendência, e mais que uma história em fatias distribuídas pelos jornais e revistas. Na verdade, o gênero representou também um meio de levar cultura a público; de educar, proporcionar conhecimento e até mesmo divertimento.

Segundo Gillet, a fragmentação do folhetim era uma tática do mercado, criado e destinado para a “divulgação aos pedaços – semanalmente ou em fascículos – e em forma de narrativa”⁸². Toda esta atividade intelectual era movimentada para suscitar a curiosidade dos leitores. Dado esse pontapé inicial, muitos indivíduos passam a sentir a necessidade de aprender e com a evolução do ser, as leituras passam a ser mais frequentes e em maior volume, fato que alarga o interesse pelas obras. Com esta estratégia as remessas de folhetim triplicam para atender a demanda, ocasionando a

⁸¹ Marlyse Meyer. *Folhetim*, op. cit., p. 224.

⁸² Apud Marlyse Meyer. *Folhetim*, op. cit., p. 226.

fermentação das editoras, que repercute no alto faturamento de um lado e por outro sacia a sede de informação do público.

Walter Benjamin, citado por Marlyse Meyer, tece a seguinte consideração a respeito do parcelamento de um romance em fascículos:

Se o público lê por capítulos esses grandes romances... porque se há de querer lhe impor de uma vez só vossa historieta ou vossa doutrina [...] Divisão do trabalho e seções curtas, eis as exigências do leitor⁸³.

É compreensível que a estratégia de publicar em pequenas partes agrade mais os leitores, uma vez que o produto acaba saindo mais barato e mais acessível aos humildes, que se beneficiam e se divertem com as histórias. Vale destacar que o folhetim foi criado e idealizado para um público muito mais amplo e diversificado. Essa nova técnica se diferencia daquelas empregadas em outras correntes literária que costumavam apresentar os romances de forma integral, tornando-os mais caros e difíceis de ler, devido a sua extensão e teor linguístico. As obras acabavam sendo inalcançáveis para a classe popular, porém, por outro lado, era recorrente nos salões cultos da sociedade e estava longe das altas receitas, fato que diminui o faturamento de seus idealizadores. Assim os editores de jornais e revistas se juntam para unir o útil ao agradável, oferecendo entretenimento para o público leitor e apostando no lucro da empresa, como observa Meyer:

O folhetim-romance, forma sui generis de narrativa apoiada no fragmento. O fragmento que mantém acesa a expectativa do leitor sem lhe permitir uma visão de conjunto, análogo ao trabalho entrecortado, a novidade do trabalho fabril. É a mesma técnica fragmentária que caracteriza a transmissão de notícias, uma fragmentação noticiosa que cai como uma luva para as mentalidades fragmentadas, diluídas, difusas, que veem o contexto social, a realidade, sem nenhum nexo, sem nenhum fio ordenado⁸⁴.

⁸³ Idem, *ibidem*.

⁸⁴ Idem, p. 225.

O folhetim se torna uma febre no século XIX e está acessível em diversos países. O folhetim obtém um enorme sucesso no que diz respeito às vendas, à informação, ao entretenimento, à alfabetização, à sociedade e também à descoberta de uma nova leva de escritores, inclusive mulheres.

2.7 A revista *Nuova Antologia di Lettere, Scienze ed Arti* e seus colaboradores

A sede da revista *Nuova Antologia di Lettere, Scienze ed Arti* se localiza em Firenze e teve como idealizador Francesco Protonotari, professor de economia na universidade de Pisa. Protonotari funda a revista em 1866 e procura ilustrar a família de origem Suíça de Gino Capponi e Gian Pietro Vieusseux, através das perspectivas da tradição cultural, política e civil da época. Protonotari permanece na revista até o ano de 1897.

Depois de 1897, a direção da revista *Nuova Antologia* é assumida por Maggiorino Ferraris, político e jornalista, que permanece até 1926. Em seguida temos Luigi Federzoni, político e Giovanni Gentile, filósofo, historiador, pedagogo e pensador, tendo sido um dos grandes pensadores do século XX italiano. Ambos os diretores dessa fase pertenciam ao partido fascista. Mais tarde temos Mario Ferrara, advogado e publicitário, representante do período pós-guerra. O próximo a comandar a revista é Giovanni Spadolini, jornalista e político italiano, que se torna o diretor da revista e Cosimo Ceccuti, político e socialista, vice-diretor que promove várias atividades culturais na revista. Em 1878, a sede da *Nuova Antologia* é transferida para Roma. Cem anos depois a revista é reportada novamente a Firenze por Spadolini.

Além de ajudar a divulgar a escrita feminina, a revista *Nuova Antologia* publicava uma variedade enorme de temas: resenhas, crítica literária, matéria jornalística, filosófica, econômica, política, jurídica, científica; artes em geral como teatro, música, poesia, pintura etc.

Diferentemente de outras revistas literárias que já apresentam seus colaboradores nas páginas iniciais da obra, a *Nuova Antologia* posiciona seu índice juntamente com o

nome das obras e dos artigos no final do volume, técnica comum até hoje entre os editores italianos.

Consultando os tais índices de 1866 a 2005, é possível visualizar alguns dos grandes nomes que colaboraram, publicando artigos científicos, poemas, novelas, resenhas críticas etc. Dentre estes nomes, destacam-se: Giosué Carducci, Gino Capponi, Francesco De Sanctis, Edmondo de Amicis, Giovanni Verga, Matilde Serao, Grazia Deledda, vencedora do Nobel de literatura em 1926, Luigi Pirandello, Maria Messina e tantos outros.

Apresentamos aqui a opinião de alguns autores da época de Messina sobre a escrita feminina e sobre o feminismo. Tais autores respondem a uma enquête intitulada “Inchiesta sul femminismo” em 1911 na *Nuova Antologia*. A enquête demonstra as diferentes interpretações a respeito do papel exercido pela mulher na literatura e sua função na sociedade. Um dos expoentes literários que responderam à pesquisa foi Benedetto Croce (1866-1952), que inicia sua fala afirmando categoricamente: o movimento feminista está condenado. O crítico e filósofo sugere que o feminismo “é uma ideia feminina, no sentido negativo da palavra. Os homens também têm os seus problemas particulares: mas não inventaram agora o machismo!”⁸⁵.

Grazia Deledda (1871-1936) diz não ter informações aprofundadas a respeito das questões sociais envolvendo as mulheres, pois seu conhecimento está voltado somente para escrever romances e novelas, já que esta é sua especialidade. No entanto, Deledda afirma: “acho justo e bom que a mulher pense, estude e trabalhe”⁸⁶.

Para o poeta italiano Salvatore di Giacomo (1860-1934), o valor intelectual da mulher não está em ser feminista: “acredito que toda mulher pode ser boa, gentil, amorosa, mesmo não professando o feminismo” e ainda completa que “o homem nasceu para trabalhar, para produzir e para batalhar – a mulher nasceu para amar”⁸⁷.

Segundo Salvatore Farina (1846-1918), a mulher possui os mesmos direitos que o homem e com a união do homem e da mulher é possível fazer “progredir a sociedade humana”⁸⁸. Guido Mazzoni (1859-1943) observa que a mulher é e sempre será a

⁸⁵ “È un’idea femminile, nel senso cativo della parola. Anche i maschi hanno i loro problemi particolari: ma non hanno inventato ancora il maschilismo!”. “Un’inchiesta sul femminismo”. In: *Nuova Antologia*, vol. CLIV, luglio-agosto de 1911, p.123.

⁸⁶ “Trovo giusto e bene che la donna pensi, studi e lavori”. Idem, ibidem.

⁸⁷ “Credo che ogni donna possa essere buona, gentile, amorosa pur non professando femminismo” e “L’uomo è nato per lavorare e per produrre e per battere – la donna è nata per amare”. Idem, ibidem.

⁸⁸ “Progredire la società umana”. Idem, ibidem.

inspiradora do homem e que assim permanecerá para a sociedade e para a família, e completa:

O fato mais relevante do século XIX me parece este: que a escola primária foi, oficialmente, em quase todos os lugares, confiada à mulher: e que a mulher tenha, não mais em alguns esparsos indivíduos, mas em um grupo numeroso e contínuo, demonstrado querer e saber estudar⁸⁹.

Neera (1846-1918), pseudônimo da escritora Anna Radius Zuccari, relata: “permaneço com a convicção que a mulher pode fazer tanto bem no mundo sem necessidade de agitar ao vento uma bandeira de sexo”⁹⁰. Por outro lado, na mesma enquete, temos um ponto de vista contrário ao de Neera, o de Giuseppe Sergi (1841-1936): “do ponto de vista intelectual, o feminismo, bem entendido e sem exageros, é útil porque serve para acrescentar a cultura da mulher, por meio da qual esta se torna mais elevada e mais consciente de sua personalidade”⁹¹. Com base na referida enquete, podemos inferir que as opiniões sobre a participação da mulher em vários setores da sociedade italiana do início do século XIX começavam a se dividir entre aqueles mais conservadores, inclusive mulheres, como Neera, e aqueles que viam na emancipação feminina uma forma de a mulher obter mais conhecimento e cultura, como Giuseppe Sergi.

⁸⁹ “Il più gran fatto del secolo XIX mi sembra questo: che la scuola primaria sia stata, ufficialmente, quasi da per tutto, affidata alla donna: e che la donna abbia, non più in alcuni sparsi individui, ma a schiere numerose e continue, dimostrato di volere e di sapere studiare”. Idem, p. 126.

⁹⁰ “Io... resto nella convinzione che la donna può fare tanto bene nel mondo senza bisogno di sventolare una bandiera di sesso”. Idem, *ibidem*.

⁹¹ “Sotto l’aspetto intellettuale il femminismo, bene inteso e non esagerato, è utile, perchè serve ad accrescere la cultura della donna, per la quale questa diviene più elevata e più cosciente della sua personalità”. Idem, p. 128.

3 O ROMANCE *LA CASA NEL VICOLO* NO CONTEXTO DA REVISTA *NUOVA ANTOLOGIA*

O *romanzo d'appendice* tem a sua origem na França, entre meados do século XIX e início do século XX, onde atingiu sucesso e alto teor de qualidade. Já na Itália a cultura do folhetim não foi muito aperfeiçoada, e justamente por esse motivo, os periódicos italianos procuraram importar de seus vizinhos à literatura mais em voga naquele momento, aquela que vem carregada de uma tradição popular. A Itália, desde o momento de sua Unificação contava com a proteção da França, devido ao domínio que ela possuía sobre o país, tendo, inclusive, demorado a se firmar como nação, por isso o retrocesso de sua produção folhetinesca e importação do gênero. Segundo Marianna Brighenti, somente nos últimos trinta anos do século XX os críticos literários voltaram sua atenção para o folhetim:

[...] na história da literatura italiana não há quase vestígios do romance de folhetim enquanto gênero de importação. Somente nos últimos 30 anos dos Novecentos os críticos italianos têm estudado os escritores italianos que cultivaram este gênero concedendo-lhe dignidade literária⁹².

Como sabemos, o romance é um gênero literário pertencente à categoria da narrativa e pode ser considerado um “híbrido”. O romance aceita a inserção de outros gêneros em sua composição, como por exemplo, o folhetim. Mikhail Bakhtin enfatiza que o folhetim é um “gênero da literatura inferior”⁹³, ao que o formalista russo Vítor Chklovski corrobora ao afirmar que as novas formas de arte são “simplesmente a canonização de gêneros inferiores (subliterários)”⁹⁴ e são rebaixados por serem derivados de um gênero maior, ou por representar um gênero totalmente popular como o romance de folhetim. Wellek e Warren observam que o gênero é interpretado como novas formas, ou seja, subdivisões provenientes do gênero clássico. Assim, no século

⁹² “[...] nelle storie della letteratura italiana non vi è quasi traccia del romanzo d'appendice, in primo luogo in quanto si tratta di un genere d'importazione, ma anche perché solo nell'ultimo trentennio del Novecento i critici italiani hanno studiato gli scrittori italiani che hanno coltivato questo genere conferendogli dignità letteraria”. Marianna Brighenti. “Il romanzo d'appendice in Italia”. In: *Letteratura e cultura nei periodici veronesi di fine Ottocento*, p. 83.

⁹³ Mikhail Bakhtin. *Questões de Literatura e estética*. São Paulo: Hucitec, 1990, p. 96.

⁹⁴ René Wellek e Austin Warren. *Teoria da literatura e metodologia dos estudos literários*, op. cit., p. 321.

XIX, existe uma reformulação dos gêneros considerando-os como modernos, pois, “com a vasta ampliação do público no século XIX, há mais gêneros e, com a difusão mais rápida por meio da impressão barata, eles têm vida curta ou passam por transições mais rápidas”⁹⁵, portanto, com o aumento dos gêneros literários não há uma limitação para as suas variedades e “os tipos tradicionais podem ser ‘misturados’ e produzir um novo tipo”⁹⁶. Os críticos retomam o folhetim, uma vez que eles descrevem os valores baixos das impressões, a fim de oferecer ao público uma literatura mais acessível.

Embora haja uma pequena proporção de escritores e obras italianas neste período dedicado ao romance-folhetim, cito Maria Messina como uma das representantes deste gênero na Itália, além de considerá-la uma das representantes de relevo da história literária italiana e, sobretudo, da literatura de autoria feminina. O romance *La casa nel vicolo* se torna a obra de maior impacto da autora, maior sucesso de crítica e de público.

No seu romance de estréia, Messina se demora na descrição do ambiente doméstico para falar do cotidiano dos indivíduos, inclusive no que trata da vida das mulheres, servindo tal cenário como pano de fundo de sua narrativa. No interior de ambientes fechados acontecem os conflitos e as relações afetivas que se tornam os elos da história, além de as intrigas se constituírem o motivo-chave para concatenar a duração do romance.

Em seu *Folhetim* Marlyse Meyer cita a seguinte opinião de Michel Gillet sobre o folhetim: “o romance-folhetim fala sempre segundo duas postulações simultâneas: em direção à representação do cotidiano, ao verismo, e em direção ao espetacular, ao excesso”⁹⁷. Tal teoria serve perfeitamente para analisar os principais aspectos da obra de Maria Messina.

Para tal representação da realidade, Messina elege um personagem central, Don Lucio. Sádico e autoritário, Don Lucio é o homem que aprisiona duplamente sua família: dentro da própria casa e das suas arbitrariedades. No entanto, são as mulheres as figuras principais do romance, por isso é necessário dizer que sem elas, falta uma ligação para todas as outras situações. A presença feminina é o fio condutor da narração, que emoldura a história e garante a essência textual.

⁹⁵ Idem, p. 315.

⁹⁶ Idem, p. 320.

⁹⁷ Marlyse Meyer. *Folhetim*, op. cit., p. 226.

Quando dizemos que na ficção existe uma aproximação com o cotidiano, na realidade estamos comprovando aquilo que o século XIX estava vivenciando. É justamente neste período que a Itália e outros países, mais periféricos, estavam socialmente imersos no patriarcado. Estando o poder nas mãos dos homens havia uma grande diferença entre os gêneros masculino e feminino, de modo que as mulheres estavam sempre em desvantagem, porque eram vítimas de uma educação, de costumes e de regras sociais que as tolhiam de qualquer opinião. No dia a dia, as mulheres eram obrigadas a obedecer e seguir os hábitos impostos por seu pai quando criança e posteriormente a subordinação ao marido quando adulta e casada, como nos leva a entender Emilia Viotti da Costa falando da condição feminina no Brasil escravocrata:

[...] de acordo com o costume, a lei e a religião, ela devia total obediência; uma criatura sexualmente inibida, mas que poderia de repente romper as barreiras que a cercavam e se entregar ao desvario de uma paixão, e por isso era estritamente vigiada; uma mulher com pouca ou nenhuma educação e iniciativa, que aspirava apenas ao casamento e a maternidade, cuja honra era definida quando jovem pela sua virgindade e, mais tarde, pela lealdade ao marido: uma mulher cujos horizontes iam pouco além das paredes de sua casa, onde vivia e morria prematuramente, matrona, rodeada por membros de sua família e por seus escravos ⁹⁸.

Além de exercer o poder, a patronagem coloca a mulher em desigualdade, submetendo-a completamente ao poder do homem, com a dependência amorosa e financeira. Elas, além das restrições, são como verdadeiras escravas do lar, com seus afazeres domésticos, incluindo ainda o dever de cuidar dos filhos e a obrigação de atender todas as necessidades e vontades do marido, ou seja, a mulher se torna uma pessoa inibida, sem vida própria. Em seu inconsciente existe o sonho de ser livre, mas este sonho está longe de ser alcançado ou mesmo quase impossível de realizá-lo.

No início do século XIX, tanto no Brasil quanto nas regiões mais periféricas da Europa, as mulheres “eram mantidas quase segregadas, longe dos olhos dos estranhos” ⁹⁹, viviam estritamente fechadas em casa. Temos uma pequena exceção, para que elas

⁹⁸ Emilia Viotti da Costa. “Patriarcalismo e Patronagem: mitos sobre a mulher no século XIX”. In: *Da Monarquia à República: momentos decisivos*. São Paulo: Editora Unesp, 2010, p. 492-493.

⁹⁹ Idem, p. 494.

possam sair de seu domicílio era preciso de uma companhia masculina, mesmo que fosse para ir visitar os parentes ou ir à Igreja.

Emília Viotti da Costa explica que até mesmo as leis que regem o país confirmam a menoridade da mulher, inclusive no que se refere à educação, pois ela é privada de estudo ou as instruções escolares acabam sendo insuficientes. Sucessivamente a educação da mulher é sempre direcionada para ser uma boa mãe e uma boa esposa, de modo que esta é a principal tarefa a fazer em qualquer residência. Somente no final do século essa realidade começará a mudar.

3.1 Técnicas folhetinescas presentes no romance *La casa nel vicolo*

A análise das técnicas folhetinescas presentes no romance de Messina foi feita com base no estudo realizado por José Alcides Ribeiro em *Imprensa e ficção no século XIX* (1996) que é, na verdade, uma síntese do conjunto básico das técnicas de construção ficcional mais representativas da convenção narrativa folhetinesca.

3.1.1 Títulos atraentes e inícios sem muitos preâmbulos

O folhetim tem a finalidade de “capturar” o leitor, por isso ele é dependente de um público ativo, diário, mensal ou até mesmo trimestral. Desta associação, extraímos a essência dos jornais e revistas, que é se apoiar neste consumismo. Para tal fundamento é que se aplica a primeira técnica folhetinesca: “títulos atraentes para seduzir o leitor”¹⁰⁰. Este artifício vem sendo utilizado para reforçar o interesse das pessoas pelas publicações seriadas, a fim de sugerir algo a mais ao leitor, garantindo assim a fidelidade de compra e leitura, portanto, a aquisição das obras é quase inevitável.

Com base no título, *La casa nel vicolo*, o leitor tem a informação antecipada de que a narrativa se passa no interior de uma casa, mas existe algo que vai além de nossas expectativas, levando o leitor a esperar algo mais da história. Apenas com o tema não é possível se ter certeza do que acontecerá no interior da casa, quais serão os personagens,

¹⁰⁰ José Alcides Ribeiro. *Imprensa e ficção no século XIX*, op. cit., p. 44.

os pontos relevantes, qual será o desfecho e os diálogos, sendo assim para aprofundarmos na análise, veremos que no romance-folhetim é típico que a narrativa inicie-se “sem muitos preâmbulos, contendo referências diretas ao dia, mês e horas da história”¹⁰¹, técnica empregada com vistas a colocar em destaque alguns elementos da vida cotidiana, da simplicidade das coisas e da regularidade dos fatos. O primeiro parágrafo prepara o leitor, mostrando-lhe o tom da narrativa. Observemos a introdução do romance de Messina:

Nicolina costurava na varanda, apressando-se em dar os últimos pontos sob aquela inexpressiva luz do crepúsculo. A vista que a alta varanda oferecia era fechada, quase sufocada, entre o pequeno beco, que àquela hora parecia escuro e profundo como um poço vazio, e a grande extensão de tetos avermelhados e musgosos sobre os quais caía um céu baixo e desbotado. Nicolina costurava rapidamente, sem levantar os olhos: sentia, como se respirasse com o ar, a monotonia da limitada paisagem. Sem o querer, demorava em pensar na casa de Sant’Agata; revia o pequeno balcão de ferro enferrujado, escancarado sobre os campos, diante do céu livre que parecia misturar as suas nuvens com o mar, longe, longe¹⁰².

Acima temos uma ambientação do romance e também tomamos conhecimento sobre Nicolina, uma das personagens que vive em meio a um espaço angustiante, monótono e restrito aos limites da casa, sendo este o cenário da narrativa. Aqui os horizontes da história se ampliam tornando-se possível identificar fatos que até então não eram delimitados pelo título.

O tempo é representado como um elemento sufocante e marcado pela lentidão, de modo que a vida é vista como se passasse sem nenhuma novidade, sem nenhum atrativo que alegrasse os momentos de amargor das personagens femininas. Com a narração percebemos a temporalidade representada através de um curto período, que vai da

¹⁰¹ Idem, *ibidem*.

¹⁰² “Nicolina cuciva sul balcone, affrettandosi a dar gli ultimi punti nella smorta luce del crepuscolo. La vista che offriva l’alto balcone era chiusa, quasi soffocata, fra il vicoletto, che a quell’ora pareva fondo e cupo come un pozzo vuoto, e la gran distesa di tetti rossici e borrhaccini su cui gravava un cielo basso e scolorato. Nicolina cuciva in fretta, senza alzare gli occhi: sentiva, come se la respirasse con l’aria, la monotonia del limitato paesaggio. Senza volerlo, indugiava a pensare alla casa di Sant’Agata; rivedeva il balconcino di ferro arrugginito, spalancato sui campi, davanti al cielo libero che pareva mescolare le sue nubi col mare, lontano lontano”. Maria Messina. *La casa nel vicolo*, op. cit., p. 53.

adolescência de Antonietta à fase adulta, com a presença dos filhos que são ainda crianças.

No romance, o real é transposto para o ficcional, como é o caso do enclausuramento doméstico, uma realidade vivida pelas mulheres sicilianas da época de Messina. O patriarca mantém a família trancada a sete chaves, com portas e janelas fechadas, em um ambiente limitado, o doméstico. Nicolina, e sua irmã Antonietta, são as protagonistas, vítimas das imposições de Don Lucio e do conservadorismo da sociedade siciliana. Antonietta, a esposa, não tinha voz nem vez e, para falar, precisava emitir alguns suspiros para se fazer entender pelo marido: “Antonietta, que mostrava uma dolorosa inquietação em toda pessoa, quebra duas vezes o pesado silêncio com dois suspiros profundos”¹⁰³. Sua imagem é desenhada como uma mulher sufocada e triste, com psicológico abalado, sem qualquer ambição na vida. Ela aprende a se satisfazer ou mesmo contentar-se com a sua condição, sem ao menos se questionar o porquê de sua vida ser assim. Antonietta é condicionada a aceitar o que lhes é imposto.

Além da focalização nas personagens femininas, temos a figura do patriarca, Don Lucio, que exerce seu papel de dominador impondo “respeito” sobre a casa e sobre a família. Casado com Antonietta, ele traz indícios de seu autoritarismo que, em parte, tem o consentimento da esposa: ela “abaixou os olhos, mortificada. Ele tinha razão. Um homem que deve fazer trabalhar a cabeça tem necessidade de repouso e não pode sacrificar o sono como uma mulherzinha”¹⁰⁴. Neste fragmento, Antonietta se coloca em situação de desvantagem, de inferioridade em relação ao esposo de modo que se sujeita ao desgaste físico e emocional para cuidar do filho doente. Cabe somente a ela dar todo o suporte para o marido, isentando-o de suas responsabilidades de pai. Já Nicolina, a cunhada, enchia Don Lucio de cuidados “[...] não deixava de servi-lo. Ia e vinha da cozinha – no fogão tinha outras fatias de pão quente prontas para a manteiga, a que deveria ser acrescentado leite ou açúcar – sem vencer o pungente medo de não agradar o cunhado”¹⁰⁵.

¹⁰³ “Antonietta, che mostrava una inquietudine in tutta la persona, ruppe due volte il pesante silenzio con due sospiri profondi”. Idem, p. 54.

¹⁰⁴ “Abbassò gli occhi, mortificata. Lui aveva ragione. Un uomo che deve far lavorare la testa à bisogno di riguardi e non può sacrificare il sonno come una femminetta”. Idem, p. 56.

¹⁰⁵ “[...] non tralasciava di servirlo. Andava e tornava dalla cucina (sul fuoco c'erano altre fette di pane in caldo), si trovava pronta a imburrare, ad aggiungere latte o zucchero, senza vincere la pungente paura di non accontentare il cognato”. Idem, p. 57.

Nicolina está sempre disponível e pronta a ajudar, mas com o passar do tempo, passa a ser tratada mais como uma empregada doméstica do que uma familiar. Fica perceptível que as irmãs abrem mão de sua própria vida para se dedicar a Don Lucio, em prol do conforto e desígnios de seu senhor. Ele, na qualidade de provedor, abusa dos benefícios de ser homem.

Antonietta e Nicolina sentem a aflição e o peso de morar em uma casa fechada, submissas ao seu dominador. Porém o único momento de descanso é quando Don Lucio se encontra fora de casa: “quando ficavam sozinhas, as duas irmãs provavam uma espécie de alívio, sem confessar. Parecia que na casa, na vasta casa com pouca luz, se respirasse mais livremente”¹⁰⁶. Infelizmente, esse sentimento era rompido rapidamente, porque elas sentiam medo. O terror era não cumprir todas as tarefas e suas obrigações até o retorno de Don Lucio ao fim do dia.

Nas entrelinhas do romance-folhetim, temos o casal Don Lucio e Antonietta, e Nicolina habitando na mesma residência, como um triângulo amoroso. A relação de amor entre os três despertam sentimentos desconhecidos e o dia a dia é ofuscado pela tristeza e pelos afazeres domésticos. Tudo isso está associado à submissão feminina e a ausência de liberdade.

3.1.2 Cortes sistemáticos dentro da narrativa e cortes com gancho nos finais dos segmentos

Após ter feito este esboço geral da narrativa, inicio uma avaliação sobre a estrutura do romance. Segundo Ribeiro, o folhetim necessita de “cortes sistemáticos no desenvolvimento da história”¹⁰⁷. E esses talhes estão divididos entre três capítulos e são marcados, nos capítulos publicados na revista, pelos sinais gráficos (***), que sinalizam as pausas dentro da própria narrativa e funcionando muitas vezes como um momento de respiro para mudar de cena, mediante um cenário pesado e angustiante ou mesmo um gancho para dar sequência à narrativa. Os cortes foram assim distribuídos:

¹⁰⁶ “Come furono sole, le due sorelle provarono una specie di solievo, senza confessarlo. Parve che nella casa, nella vasta casa in poca luce, si respirasse più liberamente”. Idem, p. 58.

¹⁰⁷ José Alcides Ribeiro. *Imprensa e ficção no século XIX*, op. cit., p. 45.

- *La casa nel vicolo* – capítulo I – (fascicolo 1147 – 1º gennaio 1920) e se desdobra nas páginas 53 a 72. Sendo que na última página do capítulo temos a informação: “continua”, seguido do nome da escritora.

→ Capítulo I. Página 53 (Introdução).

Início da narrativa com o verbo no presente, *in media res*. A narradora descreve suas protagonistas Nicolina e Antonietta, em meio a um espaço angustiante, a casa. Apesar dos muitos afazeres domésticos, Antonietta precisa dedicar-se ao filho doente, Alessio; no mesmo espaço, ganha relevo a preocupação das irmãs em atender Don Lucio.

Don Lucio mostra-se amável e quer ficar ao lado de Antonietta, porém a esposa só pensa nas necessidades de seu filho, fato que o deixa irritado:

A mulher, sentada ao lado do bercinho, na penumbra, no mais doloroso abandono, parecia quase bonita. Don Lucio desejou abraçá-la. Agora ele parecia sentir entre os braços secos o tépido e macio corpo da mulher que o entregou docilmente a sua aflição. Naquele momento ela não pensava de jeito nenhum em ser amável. Toda sua atenção voltava-se para o filho doente. Don Lucio olhou o bercinho com uma espécie de repugnância. Aquele menininho, desde o momento em que nascera, não tinha procurado mais que dar fastídio a ele e preocupação às mulheres¹⁰⁸.

Don Lucio se mostra egoísta ao pensar somente em seu bem-estar, impondo uma culpa ao seu próprio filho que não tem condições de se defender, além de ser totalmente inocente. Nicolina demonstra sua gratidão e admiração pelo cunhado Don Lucio, por ele ter escolhido se casar com sua irmã Antonietta, enquanto poderia estar com uma mulher rica. Nicolina ainda pensa que sua irmã tem muita sorte de tê-lo como esposo, e que não falta mais nada para ela ser feliz.

→ (***) página 60 (1º corte);

¹⁰⁸ “La moglie, seduta accanto al lettino, in penombra, nell’abbandono doloroso di tutta la persona, pareva quasi bella. Don Lucio desiderò di abbracciarla. Già gli pareva di sentire tra le braccia secche il tiepido molle corpo della moglie che si abbandonasse docilmente alla sua stretta. In quel momento essa non pensava affatto a esser docile. Tutta l’anima sua era presa dal figlio malato. Don Lucio guardò il lettino con una specie di ripugnanza. Quel ragazzo, da quando era nato, non aveva procurato che fastidi a lui e preoccupazioni alle donne”. Maria Messina. *La casa nel vicolo*, op. cit., p. 55.

A continuação do romance-folhetim se dá por meio da história do casamento de Antonietta e Don Lucio. Neste momento há um *flash-back* para narrar um acontecimento passado. O narrador informa que os acontecimentos se dão na cidade que é Sant'Agata, lugar onde Don Lucio Carmine vai trabalhar como administrador para o Barone Rossi, tornando possível o encontro com Don Pasquale Restivo. Don Pasquale contrai uma dívida com seu patrão e cabe a Don Lucio receber a quantia até certo ponto. Don Lucio termina assumindo a dívida de Don Pasquale, pois os seus sentimentos pessoais rompem com os interesses financeiros. Don Lucio escolhe se casar com uma das filhas de Don Pasquale e assim, sana a sua dívida. Durante cinco anos Don Lucio faz visitas a família e aproveita para almoçar, até que, entre as outras irmãs, ele escolhe Antonietta:

Há muito tempo pensava em casar. Agora tinha também encontrado uma moça como havia desejado. Mas devia habituar-se à ideia de viver com Antonietta e, sobretudo, garantir que o caráter dela fosse realmente doce e manso, feito para ser modelado como argila fresca¹⁰⁹.

Ao falar do casamento Antonietta fica apavorada, pois não sabia como seria a personalidade de seu esposo, mas este medo passa a ser superado quando Antonietta se interessa por Don Lucio. Para se casar Antonietta pede um favor ao seu noivo: que ele conceda a presença de sua irmã Nicolina em sua casa para lhe fazer companhia. Don Lucio permite que Nicolina os acompanhe, embora essa situação não o agrade.

Após o casamento eles vão morar na casa do beco. Temos um retorno ao presente da narrativa para descrever os acontecimentos cotidianos. Nicolina trabalha como uma serva para sua irmã Antonietta e ambas a servir Don Lucio.

→ (***) página 68 (2º corte);

Neste capítulo a narradora volta a falar da doença de Alessio, que agora está pior, pois se trata de tifo. Don Lucio finalmente resolve fazer algo para que o filho seja atendido por um médico, mas sua ação não é em prol do menino e sim para evitar o

¹⁰⁹ “Da molto tempo pensava di prender moglie. Ora aveva anche trovato una ragazza come ci voleva per lui. Ma doveva abituarsi all’idea di dover vivere con Antonietta e, sopra tutto, accettarsi che il carattere di lei fosse veramente docile mansueto, fatto per esser plasmato come l’argila fresca”. Idem, p. 62-63.

sofrimento de Antonietta e Nicolina. Don Lucio se afasta do filho por medo do contágio:

Tratava-se de tifo. Por uns cinquenta dias Antonietta não deixou o quarto. [...] Não se interessava por nada, por ninguém. Todo o seu mundo era o pequeno Alessio, as mil necessidades do doente, os longos abatimentos, as rápidas melhoras¹¹⁰.

→ (***) página 69 (3º corte);

Alessio está curado do tifo. Antonietta e Don Lucio reconhecem os valores e dedicação de Nicolina, com os cuidados com a casa e com a família. O cunhado diz à esposa: “Nicolina é mais habilidosa do que você!”¹¹¹. E Antonietta usa de desculpas e responde que “não queira se convencer que uma mãe de família não pode sempre se ocupar do marido como se ele fosse uma criança de leite! – se justificava”¹¹². Antonietta e Nicolina passam a cuidar de Don Lucio e a penteá-lo.

→ (***) página 70 (4º corte);

Don Lucio não desampara a família de Antonietta. Ele hospeda Antonio seu irmão e também manda dinheiro e presentes a sua sogra, Donn’Amalia, que havia ficado viúva. Don Lucio pede para a sua esposa escrever uma carta à sua mãe, pois gostaria de saber como ela gastava o seu dinheiro. Ao responder, Donn’Amalia explica que havia pagado dívidas e comprado tecidos para fazer roupas. E Antonietta teme por um castigo de Don Lucio, porém ele diz:

- Eis as mulheres – dizia finalmente Don Lucio. – Porque penhorar os sapatos? Porque armar um tear quando não se tem os meios? De centavo em centavo gastou até o último tostão. Sabia que mandar o meu dinheiro a Sant’Agata, ou jogá-lo pela janela, era a mesma coisa¹¹³.

¹¹⁰ “Si trattava di tifo. Per ben cinquanta giorni Antonietta non lasciò la camera. [...] Non si interessava di nulla, di nessuno. Tutto il suo mondo era il piccolo Alessio, i mille bisogni dei malato, i lunghi abbattimenti, le fugaci miglie”. Idem, p.68.

¹¹¹ “Nicolina è più brava di te!”. Idem, p. 69.

¹¹² “Non si vuol persuadere che una madre di famiglia non può sempre occuparsi del marito come fosse un bambino di latte! – si giustificava”. Idem, p. 70.

¹¹³ “- Ecco le donne – diceva finalmente Don Lucio. – Perchè fare delle scarpe sul debito? Perchè armare un telaio quando non si hanno i mezzi? In quatro e quattr’otto ha liquidato fino all’ultimo centesimo.

Don Lucio fica satisfeito ao saber que sua sogra e sua mulher obedecem a ele. É nestes momentos que percebemos o seu controle sobre a vida dos outros.

→ (***) página 71 (5º corte)

O narrador vai contar detalhes do serviço de Don Lucio e que ele faz viagens para exigir ou renovar os aluguéis das casas do Barone Rossi. No seu domicílio, Don Lucio se mostra metódico.

Assim, como trazia em ordem as contas e os objetos de uso, Don Lucio mantinha sistematicamente seus hábitos. A vida era também dividida em muitas partes, como os compartimentos e os registros. Cada uma das partes continha uma ocupação, um hábito, um desejo. Para ele, não existiam lados escuros ou incertos no futuro. Tudo era metodicamente estabelecido e providenciado¹¹⁴.

O ato de fumar o cachimbo é um elemento sempre presente nas descrições de Don Lucio. A família se reúne e conversa sobre coisas insignificantes. Depois desta cena na página 72 temos um corte com a indicação “continua”.

- *La casa nel vicolo* – Capítulo II – (fascicolo 1148 – 16 gennaio 1920), da página 136 a 158. Também traz a indicação “continua” e a indicação da autoria.

Depois dos estudos de Alessio e da escola de freiras da qual Carmelina frequentava, restava muito tempo livre para as crianças, mas, para as mulheres havia muito trabalho a ser feito. Às vezes Antonietta gostava de ela própria organizar a casa e depois ir se confessar na Igreja.

Nicolina sozinha testemunha Rossa ser agredida e expulsa por seu amante e se questiona se este é o verdadeiro amor. Ela pensa: “Porque continuava a sofrer e não

Prevedevo queste cose. Sapevo che mandare il mio denaro a Sant'Agata, o buttarlo dalla finestra, era l'identica cosa”. Idem, p. 71.

¹¹⁴ “Così, come teneva in ordine i conti e gli oggetti d'uso, Don Lucio teneva sistemate le proprie abitudini. La vita era divisa anch'essa – come lo stanzino e come i registri – in tante parti, ognuna delle quali conteneva un'occupazione, un'abitudine, un bisogno. Per lui non c'erano lati oscuri o incerti dell'avvenire. Tutto era metodicamente stabilito, tutto preveduto”. Idem, p. 72.

fugia e não se livrava da cadeia que a mantinha amarrada àquela porta fechada”¹¹⁵. Depois de se questionar, Nicolina compreende o porquê de sua sobrinha Carmelina dizer que não quer se casar.

De novo em sua rotina Nicolina presencia as crianças estudando e aprendendo a ler, como também as suas brigas. Sempre havia alguém precisando de seus serviços de modo que não tinha muito descanso.

Antonietta está grávida e Don Lucio faz companhia à esposa. Neste momento ninguém precisa de Nicolina, porém, sua solidão a faz contemplar a felicidade de sua irmã. Um instante de ternura é interrompido quando Nicolina vai servir uma limonada. A cunhada gostaria de descobrir se o cunhado possuía uma expressão de amabilidade, pois, não entendia como uma pessoa poderia ser rígido, severo o tempo todo. Sua tentativa foi em vão. Don Lucio lhe dá ordens de modo muito brusco: “Encha o cachimbo”¹¹⁶. Ilusão é Nicolina pensar que Don Lucio a trataria de outro modo, sendo ela uma menina que mora em sua casa por caridade.

Don Lucio questiona o filho Alessio sobre o que ele estava lendo com tanta atenção. O menino se divertia com um romance, *Il foscolo* de Jacopo Ortis, e é obrigado a parar a leitura, por imposição do pai. Depois desta ordem dada ao filho, recomeça a rotina e Nicolina volta a admirar o cunhado e seu dia continua da mesma forma.

→ (***) página 139 (1º corte);

A família recebe uma visita que desperta a curiosidade de todos: trata-se de um homem, um pretendente de Nicolina que Don Lucio faz questão de mandar ir embora. Antonietta questiona a decisão do marido, irritando-o:

Te agrada? – interrompeu Don Lucio ironicamente. – deseja dar à sua irmã? Fiz mal? Te peço perdão de joelhos. E corro para chamá-lo. Corro... Não sabia que desejava se livrar de sua irmã colocando-a entre os braços do primeiro que apareceu... Bom proveito, consumi minha vida para o bem estar de vocês? Para ouvir repreensões? Para receber ingratidões?¹¹⁷

¹¹⁵ “Perchè continuava a soffrire, e non fuggiva, e non si liberava della catena che la teneva legata a quell’uscio chiuso?”. Idem, p. 136.

¹¹⁶ “- Riempi la pipa”. Idem, p. 138.

¹¹⁷ “- Ti piace? – interruppe Don Lucio ironicamente. – Vuoi dargli tua sorella? Ho fatto male? Ti domando perdono in ginocchio. E corro a chiamarlo. Corro... Non sapevo che volessi sbarazzarti di tua sorella buttandola tra le braccia del primo venuto... Bel profitto... – riprese duramente, dopo un nuovo e

Embora aquela visita se referisse diretamente à vida e ao destino de Nicolina, o casal esconde da moça os verdadeiros motivos da visita daquele estranho. A casa volta a ficar em silêncio.

Antonietta está em trabalho de parto e dá a luz a uma menina chamada Agata. Nicolina se incomoda com os gemidos da menina e se questiona sobre o nascimento. Na verdade, a tia não suporta a presença da nova integrante da família:

Na outra metade da cama, em um emaranhado de roupas finas, coberta por um véu, dormia também a outra, com os pequenos punhos fechados. Nicolina levantou-se para olhá-la, convidada pela irmã. Mas seu olhar pousou sobre a recém-chegada, sem simpatia. Para aquela nova criatura, Antonietta tinha estado – em um instante eterno – entre as garras da morte... Porque tinha desabrochado na casa melancólica?¹¹⁸

No mesmo instante em que Nicolina sente repulsa por Agata, ela sente piedade, pois, se fosse um homem sua sorte seria outra. Nos punhos fechados de Agata estava a sua felicidade, um sentimento que sempre está em falta quando se fala nas mulheres. Nicolina volta aos afazeres domésticos.

→ (***) página 142 (2º corte);

Antonietta ainda está muito doente. Os hábitos do cotidiano continuam sempre idênticos e todos se alimentam. Terrível é a espera durante o jantar, pois enquanto Don Lucio não termina de comer os outros não devem sair de sua presença.

Mesmo estando de cama, Antonietta se preocupa com os filhos e com Don Lucio. Ao repousar, Antonietta diz que não precisa de nada e Nicolina volta a passar as roupas. Instala-se um ar de penumbra no quarto de Antonietta.

Don Lucio não frequentava mais a cozinha, somente para lavar-se durante a manhã. O patriarca afirma que está muito quente e que Nicolina não deveria estar

più pesante silenzio. – Bel profitto logorarmi la vita per il vostro benessere! Per sentirmi rimproverare! Per raccogliere la vostra ingratitudine!”. Idem, p. 140.

¹¹⁸ “Nell’altra metà del letto, in un viluppo di biancheria fine, coperta da um velo, dormiva anche l’altra, coi piccoli pugni chiusi. Nicolina si alzò per guardarla, a un invito della sorella. Ma il suo sguardo si posò sulla nuova venuta, senza simpatia. Per quella creatura nuova, Antonietta era stata – un attimo eterno – tra le grinfie della morte... Perchè era sbocciata, nella casa malinconica?”. Idem, p. 142.

passando as roupas. Nicolina fica surpresa: “Quem tinha piedade dela?... E com este pensamento sentiu uma violenta vontade de chorar”¹¹⁹.

Nicolina e Don Lucio conversam sobre o hábito de fumar. Neste momento Nicolina faz um esforço para pousar o ferro e sair da sala, mas Don Lucio a segura contra si. Nicolina fica nervosa e teme que Antonietta a chame.

→ (***) página 144 (3º corte)

Neste corte temos uma continuação da ação anterior, no qual se concretiza o ato sexual. Depois da relação amorosa, Nicolina pensa na sua casa de infância em Sant’Agata e em sua mãe, se questionando do porque Donn’Amalia a liberou para partir com Antonietta.

Nicolina reflete sobre o tempo, desprezando a vida: “o tempo passa igual, indiferente às nossas misérias, às nossas dores. O relógio grande da parede continua sussurando as horas, sem trégua. Tudo permaneceria inalterado, embora dentro da alma se desencadeasse o inferno”¹²⁰. Angustiada, Nicolina pensa se tudo voltou a ser como antes.

→ Capítulo II, página 145 (4º corte);

Ao terminar as tarefas da escola, Alessio cantarolava e dizia a Nicolina que seu amigo lhe havia convidado para ir ao teatro, assistir *Manon Lescaut*, de Giacomo Puccini. Nicolina diz que ele precisa pedir a permissão do pai. Alessio, muito maduro para a sua idade, compreende que é inútil qualquer tentativa. O menino não concorda com sua tia, dizendo que a sua atitude não é a melhor a ser tomada e sim a que lhe é imposta, pois sendo ele um homem não poderia agir como as mulheres da família, uma vez que ele almejava tantas coisas para o seu futuro.

Alessio e Nicolina conversam sobre o futuro e o jovem diz não querer seguir a carreira do pai, administrador, nem mesmo a de engenheiro. Nicolina tenta acalmar o sobrinho, dizendo que a faculdade ainda está muito distante:

¹¹⁹ “Chi aveva pietà di lei?... E a questo pensiero ebbe una violenta voglia di piangere”. Idem, p. 144.

¹²⁰ “Il tempo passa uguale, indifferente alle nostre miserie, ai nostri dolori. L’orologio grande della parete continua a mormorare le ore, senza tregua. Tutto sarà immutato, anche se dentro l’anima si è scatenato l’inferno”. Idem, p. 145.

Aquele pobre menino era como um passarinho que deseja empreender voos dentro de uma gaiola de ferro. Quem sabe que pensamentos passavam pela sua cabeçinha! Mas quem poderia acompanhá-lo nas suas fantasias? Seus olhos tímidos e meigos, como os de uma pequena camurça, olhavam de lá longe, onde a vista das mulheres não ousam olhar¹²¹.

Alessio aconselha a tia a ir embora e buscar refúgio em um convento, assim ela não faria mal a ela própria e nem mesmo a sua mãe Antonietta. Ele sente pena de ambas e compreende que havia um rancor que separava as irmãs. Alessio presenciou “uma palavra colhida no vôo; uma briga áspera que tinha testemunhado enquanto fingia dormir; uma olhada; uma carícia que não tinha mais esquecido e que lhe tinham causado pavor, tinham explicado também o porquê da discórdia”¹²².

Alessio conta a Nicolina que seu professor Casufulli, perguntou por ela e se estava casada. O jovem diz que a tia mora com a sua família e, em seguida, ri da aparência do professor, dizendo que ele era feio e barrigudo.

Alessio vai até o quarto de sua mãe e pede sua benção para sair e ir à escola. Ele sente uma vontade de dizer algo de bom a sua mãe, mas não sabe o que falar.

→ (***) página 148 (5º corte);

Don Lucio está na casa e Antonietta e Nicolina se esforçavam para não demonstrar o ódio entre elas por conviver no mesmo espaço. A briga entre as irmãs tornou o convívio um grande inferno. A presença dos irmãos Antonio e Alfonso viria para amenizar a situação angustiante em que viviam.

No momento da refeição, Don Lucio percebe a ausência de Alessio que ainda não havia retornado da escola. Nesse ínterim, Alessio chega alegre e o pai interrompe perguntando onde ele estava. O menino diz ter retornado por outro caminho e o pai, esbravejando, diz que ele deve chegar às cinco horas em ponto em casa. Don Lucio recomenda aos filhos que até às oito horas as tarefas devem estar prontas.

¹²¹ “Quel povero ragazzo era proprio come un uccello che vuol provare il volo dentro una gabbia di ferro. Chi sa che pensieri passavano per la sua testolina! Ma chi poteva seguirlo nelle sue fantasticaggini? I suoi occhi timidi e dolci come quelli d’un piccolo camoscio guardavano già così lontano dove le donne non osano guardare”. Idem, p. 146.

¹²² “Una parola colta a volo, un litigio aspro a cui aveva assistito fingendo di dormire, un’occhiata, una carezza che non aveva mai più dimenticato e che gli avevano fatto orrore, avevano spiegato anche il perchè della discordia”. Idem, p. 147.

No quarto as meninas riem e se divertem brincando, enquanto Alessio permanece desanimado e triste: “Alessio as seguia lentamente, sem alegria”¹²³.

→ (***) página 150 (6º corte);

Don Lucio sempre desejava encontrar a casa e as mulheres bem cuidadas. Nicolina e Agata brigam por causa de um banquinho. A menina defende sua mãe dizendo que a tia não lhe deve dar ordens, pois aquela não é a sua casa. A atitude das meninas é um reflexo das brigas que elas costumam presenciar.

Nicolina diz a Antonietta que ela é “uma estranha, uma inimiga na sua casa”¹²⁴ e começam a falar coisas que estavam lhe sufocando. Nicolina e Antonietta jogam a culpa uma na outra e partem para as acusações. Antonietta considera que a presença de Nicolina é um escândalo, que ameaça os seus filhos e almeja a partida de sua irmã. Nicolina culpa Antonietta pela sua desgraça e infelicidade. A briga é interrompida com a presença de Alessio e de Don Lucio. O jovem começa a chorar em seu quarto, pois sua intenção era trazer a paz novamente e que a mãe e a tia voltassem a ser amigas, porém, “não podia intrometer-se. Era agora uma criança, ele, uma pobre criança que não precisa compreender, que não deve julgar “aqueles que são maiores”¹²⁵. Alessio é chamado para jantar, mas ninguém o incomoda.

→ (***) página 153 (7º corte);

Em dezembro era tempo de lingüiça. A família está preparando o alimento, moendo a carne, temperando e embalando para o Natal.

Uma mulher, Maria del Vicolo di Tre Re, diz a Alessio que seu pai está devendo dinheiro de uma jóia, uma cruz de ouro trabalhada com pedras vermelhas. O menino não acredita que o pai havia contraído a tal dívida e fica com medo de perguntar se é verdade o que Maria afirmou.

Alessio fica nervoso ao ver que o pai está com a jóia e que todos ficam maravilhados com a peça. Don Lucio afirma que comprou a peça em um antiquário e que a mulher é uma ladra e que não é para Alessio conversar com estranhos no

¹²³ “Alessio le seguiva lentamente, senza gioia”. Idem, p. 150.

¹²⁴ “Un’ estranea, una nemica, nelle tua casa”. Idem, p. 151.

¹²⁵ “Non poteva intromettersi. Era ancora un fanciullo, lui, un povero fanciullo, che non deve capire, che non deve giudicare ‘quelli che sono più grandi’”. Idem, p. 153.

caminho. A peça havia sumido, mas, mesmo permanecendo na dúvida, Alessio acredita que seu pai está falando a verdade e “ele somente recorda da cruz de ouro antigo, trabalhada com pedras vermelhas, tão vermelhas que pareciam gotas de sangue, lhes infundiam horror”¹²⁶.

→ (***) página 156 (8º corte);

Don Lucio faz uma de suas viagens anuais para cuidar dos empreendimentos de seu patrão e aproveita para visitar suas irmãs casadas. Todos se despedem e Nicolina se aproxima do cunhado como se ela fosse sua esposa, tudo em nome de sua preocupação com a mãe: “Antonietta não se ofendia que a irmã saudasse o viajante com apaixonada brandura com a qual o saudava ela mesma. Era um momento fugaz e de profunda sinceridade, na qual uma lia dentro da alma da outra”¹²⁷.

Don Lucio fala do percurso de sua viagem e diz que voltará no dia trinta do próximo mês. Don Lucio cumpre com sua palavra e calcula todos os detalhes de sua viagem antes de partir, pois, mesmo estando fora por alguns dias, ele gosta de ter o controle de sua casa, assim como a espera das mulheres pelo seu retorno. Don Lucio não exita em fazer recomendações a todos, se despede e parte. A ausência de Don Lucio causa alívio e felicidade em Agata, fato que incomoda Nicolina. Após este relato na página 158 temos a informação “continua”.

- *La casa nel vicolo* – (Fine) – (fascicolo 1149 – 1º febbraio 1920), da página 271 a 293. Esta parte indica o fim da leitura e a autoria.

Alessio aproveita a ausência do pai para propor um passeio à sua mãe. Antonietta fica dividida entre a possibilidade de ir com os filhos passear e causar a revolta de Nicolina, assim a mãe propõe ao filho que ele vá com a tia. As irmãs entram em um consenso e a família vai dar uma volta.

Alessio reconhece que sair é necessário e se sente especial ao conduzir a um passeio sua família, como se fosse um homem já feito. O menino tem planos para o futuro: “– quando for grande e tiver uma mulher e filhos, os levarei para divertir-se todo

¹²⁶ “Il solo ricordo della crocetta d’oro antico, lavorata com pietre rosse, così rosse che parevano gocce di sangue, gli incuteva orrore”. Idem, p. 156.

¹²⁷ “Antonietta non si offendeva che la sorella salutasse il partente con l’appassionata tenerezza con cui lo salutava lei stessa. Era un momento di fugace e profonda sincerità, in cui l’una leggeva dentro l’anima dell’altra”. Idem, p. 157.

dia e gastarei, para fazê-los sentir prazer, todo o dinheiro que hei de ganhar”¹²⁸, ou seja, ser o oposto de seu pai.

No caminho, Alessio se envergonha, pois percebe que as roupas que sua mãe e sua tia usam são antiquadas e provocam o riso dos outros, mesmo assim continuam andando e avistam o mar. Antonietta se alegra e diz: “que belo passeio nós fizemos! – disse Antonietta. – Deveríamos repeti-lo quando Don Lucio retornar. Seríamos todos melhores. Essa tarde experimento um bem-estar, uma paz, como se tivesse tomado um banho quente”¹²⁹. Já De volta a casa, as mulheres ficam com medo que Don Lucio tivesse regressado antes do tempo planejado.

→ (***) página 273 (1º corte);

Alessio, de frente para o mar, reflete que a vida tem algo que a torna feia, para ele era difícil compreender “aquilo que é bom daquilo que é mal”¹³⁰. O menino sofria com a relação familiar e as brigas que ele presenciava, além da dúvida que o atormentava, a possibilidade de seu pai estar devendo. Envergonhado, Alessio fica constrangido de ir até mesmo à Igreja.

Alessio conversa com um velhinho na praia e ele diz que o mar sempre traz alguma coisa de bom. O homem afirma que viu o jovem triste e que a vida não deve ser assim, este deve portar a alegria, senão não há motivos para viver.

→ (***) página 276 (2º corte);

Alessio chega a sua casa agitado e eufórico para mostrar a Nicolina os livros que ele trazia. Eram ilustrados e tinham pinturas de Mellozo e em especial um livro, *Pane altrui*, de Turghenieff, autor que a tia admirava, mas como já sabiam que Don Lucio não aprovava essas leituras, decidem esconder as obras. Alessio convida sua mãe para ver os livros.

¹²⁸ “- Quando sarò grande e avrò la moglie e i figli, li condurrò a spasso ogni giorno e spenderò, per farli godere, tutti i soldi che guardegnerò!”. Idem, p. 272.

¹²⁹ “- Che bella passeggiata ci hai fatto fare! [...] – Dovremmo ripeterla, anche quando sarà tornato Lucio. Saremmo tutti più buoni. Stasera provo un benessere, una pace, come se avessi fatto un bagno caldo”. Idem, p. 273.

¹³⁰ “Ciò che è buone da ciò che è cativo”. Idem, p. 274.

As cenas que visualizavam no livro “representa o interior de um harém. Costumes dos turcos, que não tem só uma mulher”¹³¹, como uma metáfora da casa habitada pela família, onde Don Lucio se relaciona com duas mulheres ao mesmo tempo.

Don Lucio chega da viagem e percebe que ninguém notou sua presença. Ele aproveita para apreciar a juventude de Alessio e Nicolina, alegando se sentir velho e não ter mais interesse pela cunhada. Ele afirma isso exatamente quando Nicolina, como de costume, está preparando algo para servi-lo.

→ (***) página 278 (3º corte);

Mestre Ciàula aluga uma bicicleta muito frágil para Alessio por meia hora. Em seu passeio o menino se sente livre. Liberdade em oposição ao espaço da casa, onde tudo segue igual: “àquela hora a casa do beco permanecia ainda à sombra; as mulheres, as irmãs inimigas, estavam ocupadas com as habituais ocupações domésticas, alimentando o mesmo rancor, como uma obsessão”¹³².

Alessio andava rapidamente na bicicleta, como se estivesse voando, até que surge na narrativa uma pausa demarcada por pontinhos (.....), para logo informar que a bicicleta quebrou e que Alessio se machucou. Uma mulher o ajuda, mas o menino fica envergonhado.

Mestre Ciaùla quer cobrar duas liras de Alessio porque ele passou do tempo combinado, mas quando percebe que a bicicleta está quebrada ele cobra cinquenta e duas liras. Ao chegar a sua casa Alessio procura o pai, mas ele não está.

→ (***) página 279 (4º corte);

Alessio acha que Mestre Ciaùla está aproveitando da situação para cobrar mais caro pela bicicleta e o menino tem esperanças que o pai o defenda. Ao ficar sabendo da dívida contraída, cinquenta liras, Antonietta se desespera.

Antonietta vai conversar com Don Lucio e conta sobre o acidente. O pai se irrita, pois a dívida recai sobre ele: “Cem vezes o proibi de alugar biclicleta”¹³³. Antonietta

¹³¹ “Rappresenta l’interno di un harem. Usanze dei turchi che non hanno una moglie sola”. Idem, p. 276.

¹³² “A quell’ora la casa nel vicolo restava ancora in ombra; le donne, le sorelle nemiche, erano già intente alle solite occupazioni domestiche, col pensiero fisso nello stesso rancore, come una mania”. Idem, p. 278.

¹³³ “Cento volte gli ho proibito di prendere biciclette a nolo”. Idem, p. 280.

acalma Alessio dizendo que tudo ficará bem. O menino pede perdão à mãe e à tia por intercederem por ele e chora, logo sai de casa.

→ (***) página 281 (5º corte);

Depois do café Alessio vai pedir ajuda de seu amigo. Um longo tempo se passou e estava na hora do jantar e Alessio ainda não havia retornado para a casa. Chega um homem na casa da família, servo do senhor Rossi, apressado, e deseja falar com Don Lucio. Nervoso, Don Lucio fica abalado e Antonietta percebe que algo aconteceu. Esperando o pior, as mulheres acham que foram castigadas e se questionam: o “que significa este choro de mau agouro?”¹³⁴. Elas não sabiam de nada, mas o servo já havia antecipado para Antonietta ser forte.

→ (***) página 283 (6º corte);

Na frente de um certo Palácio as pessoas passam e têm receio de serem chamadas para testemunhar a tragédia, porém um senhor profere umas palavras a respeito do menino, mas o seu discurso está no passado: “... - Era um menino feliz – explicou um homenzinho pequeno e magro (o escrivão Marullo). – Filho único, adorado pelos parentes... Não lhe faltava nada”¹³⁵, dando por sua ausência.

Don Lucio chega ao Palácio e conversa com o Barone Rossi. O nobre diz que seu filho Alessio não tinha a intenção de voltar para casa e gostaria de fugir “eu não volto para casa”¹³⁶. Angustiado, Alessio fala que não tem solução para os seus problemas e como sabia que no Palácio havia uma arma, ele fica interessado e pede para vê-la, mas em um instante que ficou sozinho, Alessio decide se matar:

Não passa um minuto e se ouve um disparo... depois outro... Vê-se que deviam passar por sua cabeça pensamentos ruins, de repente. São tempestades. O nosso pensamento é como o fundo do mar. Se o meu

¹³⁴ “Che significa questo pianto di malaugurio?”. Idem, p. 283.

¹³⁵ “- Era un ragazzo felice – spiegò un ometto piccolo e secco (il notaio Marullo). – Figlio unico, adorato dai parenti... Non gli mancava niente”. Idem, p. 284.

¹³⁶ “- Io a casa non ti torno”. Idem, ibidem.

patrãozinho não o tivesse deixado sozinho, com aquele revólver ao alcance da mão... Quem sabe!¹³⁷

No Palácio Rossi, o clima era de luto. O espaço permaneceu fechado e isolado dos olhos dos estranhos.

→ (***) página 285 (7º corte);

Durante três dias a família recebeu visitas, em sinal de respeito pela morte de Alessio. As meninas Carmelina e Agata são poupadas do sofrimento e ficam com as freiras durante esse período. Don Lucio fica comovido e triste pelo filho, mas sua preocupação maior é com sua reputação: “Tantas visitas tranquilizavam Don Lucio e o liberavam um pouco do obsessivo temor que a morte violenta de Alessio pudesse sombrear a boa fama que tinha feito na cidade”¹³⁸.

Antonietta e Nicolina sentem um vazio na casa, pois sabiam que o pequeno Alessio não retornaria mais.

→ (***) página 287 (8º corte);

Nicolina, sempre prestativa, procura atender às necessidades do cunhado, pois Antonietta não consegue reagir em virtude da morte do filho. Don Lucio tenta abordar Nicolina, mas ela se recusa a estar com o cunhado: “– Deixe-me! – ousava pedir com a voz rouca, enquanto agarrava seus dois pulsos, tentando seduzi-la. – Deixe-me!”¹³⁹.

Temos um questionamento do que levou Alessio a se matar, quais eram as aflições do menino. Tudo resulta da tirania do pai e de sua falta de afeto. A narradora deixa claro que a infância de Don Lucio foi difícil e que seu avô era um homem muito duro e que o expulsou de casa, como um modo de justificar seu comportamento severo e individualista.

→ (***) página 288 (9º corte);

¹³⁷ “Non passa un minuto e si sente un colpo... un altro... Si vede che gli dovette passare per la testa una brutta idea, tutt’a un tratto. Son tempeste. Il nostro pensiero è come il fondo del mare. Se il mio padroncino non l’avesse lasciato solo, com quel revolver a portata di mano... Chi sa!”. Idem, p. 285.

¹³⁸ “Tante visite rasserenavano Don Lucio e lo liberavano a poco a poco dall’assillante timore che la morte violenta di Alessio potesse adombrare la buona fama che s’era fatta in città”. Idem, ibidem.

¹³⁹ “- Lasciatemi – osava pregare con la voce arrochita, allor che egli le afferrava i due polsi, attirandosela sul petto. – Lasciatemi...”. Idem, p. 288.

As lembranças de Alessio não param, porém para evitar o pior com as meninas, Don Lucio resolve manter as filhas em casa. Carmelina e Agata são educadas para ser simples e ignorantes e comandadas pelo pai. Na casa, o clima tinha mudado, embora tudo parecesse igual:

A vida mudou para todos irremediavelmente, enquanto parecia a mesma. Também Don Lucio deu-se conta. A cunhada continuava a servi-lo com a mesma precisão, mas o rosto pálido e aborrecido tinha uma expressão resignada de quem cumpre uma obrigação desagradável. Antonietta não deixava o próprio quarto se não chamada¹⁴⁰.

Antonietta se sente melhor sozinha e seu quarto se tornou o seu refúgio. Ali ela fez um altar para fazer as suas orações. Don Lucio promete mudar seus hábitos para que Antonietta se recupere do trauma.

Don Lucio conversa com Nicolina e a libera para fazer uma visita à sua mãe, Donn'Amalia, uma senhora já de idade, mas a cunhada o surpreende ao dizer “eu não vou”¹⁴¹. O cunhado assevera que Antonietta e as crianças podem ir também. Nicolina sente medo em ter que sair da casa e não retornar e pensa se a morte não seria uma solução para ela. Antonietta se recusa em se afastar de seu lar, mesmo sofrendo, aquele é o seu refúgio.

Don Lucio diz a Antonietta que quer mandar Nicolina para a casa de Sant'Agata, mas a esposa responde que não, pois Alessio não queria que sua tia fosse expulsa de sua casa.

→ (***) página 292 (10º corte);

A vida segue igual e a casa no beco continua a mesma. Antonietta e Nicolina permanecem brigadas, mas cada uma respeita seu espaço, o quarto é o refugio de cada uma delas e a solidão sua melhor amiga. Antonietta sente confiança nas imagens santas que não as traiu e Nicolina relembra da vida de antes e dos momentos com os sobrinhos.

¹⁴⁰ “La vita era mutata per tutti irrimediabilmente, mentre pareva la stessa. Anche Don Lucio se ne rendeva conto. La cognata continuava a servirlo con la stessa precisione, ma il viso pallido e dolente aveva l'espressione rassegnata di chi adempie un obbligo increscioso. Antonietta non lasciava la propria camera se non chiamata”. Idem, p. 289.

¹⁴¹ “Io non me ne vado”. Idem, p. 290.

O romance termina com a imagem de Carmelina e Agata brincando, duas inocentes vivendo em um mundo opressor.

O romance *La casa nel vicolo* totaliza 66 páginas, trazendo um corte final na página 293, recurso obrigatório de todas as narrativas. Uma história precisa ter um fim, porém para o leitor de folhetim existe uma espera por novos episódios e por mais que se crie uma expectativa, jamais se espera a última lauda.

Narrada em terceira pessoa, a história é contada com o verbo no presente e a narradora utiliza a técnica do *flashback* para retornar aos fatos do passado. Embora a escritora retrate situações reais vividas por mulheres também reais, e reproduza aspectos da vida e da sociedade siciliana, sabemos que tudo que se trata de literatura é apenas representação. Assim o narrador é o eixo que liga toda a narrativa, “a voz do narrador constitui a única realidade do romance”¹⁴², porque sem sua presença não existiria o romance.

Segundo Oscar Tacca, “o narrador não tem nenhuma personalidade, mas uma missão, talvez nada mais do que uma função: contar”¹⁴³, porém não é uma função qualquer, o narrador dispõe do melhor papel em uma narrativa, um posto que lhe dê o direito de conhecer e apresentar a história com base em sua perspectiva, afastando o autor desta responsabilidade.

Depois de conhecermos parte da história de opressão de Nicolina e Antonietta, cabe trazer aqui uma citação de Balzac, colhida por Marlyse Meyer da obra *Physiologie du mariage*, de 1830, em que o escritor trata, sarcasticamente, de dar conselhos aos homens a respeito do casamento:

A mulher é uma propriedade que se adquire por contrato, ela é mobiliária, pois a posse vale pelo título; a mulher, propriamente dita, não passa de um anexo do homem; pode-se cortar, puxar, arrancar, ela lhe pertence a todos os títulos. Não se preocupe nem um pouco com seus murmúrios, seus gritos, suas dores; a natureza a fez para o nosso uso e para carregar tudo: crianças, tristezas, golpes, e tristezas do homem. Não nos acusem de dureza. Em todos os códigos das nações ditas civilizadas o homem escreveu leis que regulam o destino das mulheres sob esta epígrafe sangrenta: *Vae Victis*, desgraça aos fracos¹⁴⁴.

¹⁴² Oscar Tacca. *As vozes do romance*, op. cit., p. 65.

¹⁴³ Idem, *ibidem*.

¹⁴⁴ Apud Marlyse Meyer. *Folhetim*, op. cit., p. 250.

No trecho citado a mulher é apresentada como vítima da sociedade, é também um ser vulnerável, frágil, visto que elas são praticamente condenadas perante a visão masculina. Aos nossos olhos, hoje em pleno século XXI, entende-se que essa mulher era tratada como um objeto, de modo que os homens não levam em consideração seus sentimentos, além disso, sendo a mulher o sexo frágil, lhe é imposta socialmente uma condenação: na literatura de folhetim, por exemplo, a vida e o destino de algumas mulheres são assinalados por algo ruim, que lhes traz a infelicidade.

Maria Messina representa a situação opressora das mulheres em *La casa nel vicolo*, onde ocorrem todos os dramas pessoais e sabe-se que o casamento não terá um final feliz. A condenação imposta a Antonietta é carregar a dura pena do matrimônio, que não é uma união forçada e sim por conveniência. Outro aspecto ruim é a infidelidade da irmã Nicolina que a trai com Don Lucio, seu esposo. Para Nicolina, a condenação é ter sua vida anulada pela família da irmã Antonietta.

Marlyse Meyer cita outra perspectiva, a de Montépin: neste tipo de sociedade, “o homem deve ser o protetor, o diretor, o senhor, aquele que pensa, que age, que assume as responsabilidades. Quanto à mulher, ela é amiga, a consolação”¹⁴⁵. Aqui temos uma visão mais branda a respeito dos papéis exercidos pelo homem e pela mulher na sociedade, ele sendo o provedor e ela o alicerce da casa, amenizando as tensões de sua família, sendo companheira e disposta a ajudar. Baseando-se neste ponto de vista veremos Don Lucio como o protetor, aquele que sustenta a casa, mas que também não deixa de ser o opressor, enquanto que Antonietta é a esposa fiel, dedicada, mas que não foge de suas incumbências e da repressão.

O encontro entre o casal se dá devido aos problemas financeiros de Don Pasquale, pai de Antonietta, que submete sua família a enfrentar dificuldades e o constrangimento de não ter o dinheiro para quitar a dívida contraída. O credor é Barone Rossi, patrão de Don Lucio, que o coloca para realizar o pagamento, sendo ele o administrador.

Quando Don Lucio é convidado para negociar com Don Pasquale, lhe é oferecido um almoço. Neste dia ele fica encantado com a filha de seu credor e resolve pagar a dívida, porém, a menina deveria se casar com ele, mesmo não possuindo nenhum dote para lhe dar. Aqui já se percebe a intenção de Don Lucio, pois mesmo tendo condição de arrumar um casamento melhor, com uma família de posses, sendo a pretendente mais bonita e rica, ele escolhe ficar com Antonietta. A jovem mostra saber de todos os

¹⁴⁵ Idem, p. 251.

deveres de uma casa, além de ser uma mulher forte para lhe dar filhos e com os hábitos do trabalho, características necessárias para se conseguir realizar um bom matrimônio. Estes atributos agradam a Don Lucio.

A novidade do casamento era festejada por todos na casa. Para a família, Antonietta teria tirado a sorte grande, destacando que ela seria muito feliz com Don Lucio:

Somente quem ficava vencida por um indefinível sentimento de medo, era Antonietta. Aquele jovem que parecia envelhecer antes do tempo, que à mesa mastigava tanto devagar que era angustiante acompanhá-lo, que falava pouco e não ria nunca, lhe inspirava uma submissão tão forte que lhe tolhia a respiração, como se o ar improvisadamente viesse a faltar na pequena sala de jantar plena de luz. Com o tempo o medo se tornou agradável, quase atraente. Sem saber por que esperou as visitas de Don Lucio com uma certa impaciência. Talvez as esperasse como a única novidade que viesse a interromper a uniformidade da sua vida de dona de casa¹⁴⁶.

Apesar do medo e da insegurança, Antonietta aceita o seu pretendente, porém era impossível descobrir o que a aguardava, quanto à personalidade de seu noivo e da vida posterior ao casamento, ao lado do marido. Depois de perceber a curiosidade e até mesmo o interesse de Antonietta em relação ao novo, faz-se necessário apresentar a visão de Don Lucio sobre a pretendente, no que se referem as suas expectativas e os seus pensamentos:

O agradava. Não era bela, nem feia. Tinha um par de olhos castanhos cheios de brandura. As roupas escuras modelavam um corpo já desenvolvido e bem feito. As mãos ásperas e grandes, os pulsos fortes, conheciam os humildes e necessários afazeres domésticos. Agradava-lhe. Parecia-lhe a verdadeira imagem da mulher¹⁴⁷.

¹⁴⁶ “Solo chi restava vinta da um indefinibile senso di paura, era Antonietta. Quel giovanotto che pareva invecchiare anzi tempo, che a tavola masticava così adagio ch’era una angustia tenergli dietro se si aveva fame, che parlava poco e non rideva mai, le ispirava una soggezione tanto forte che le toglieva il respiro, proprio come se l’aria venisse impr’ovvisamente a mancare nella piccola stanza da pranzo piena di luce. Col tempo la paura diventò quasi piacevole, quasi attraente. Senza sapere perché aspettò le visite di Don Lucio con una certa impazienza. Forse le aspettava come l’unica novità che venisse a interrompere l’uniformità della sua vita casalinga”. Maria Messina. *La casa nel vicolo*, op. cit., p. 62.

¹⁴⁷ “Antonietta gli piaceva. Non era bella, ma neppure brutta. Aveva un paio d’occhi castani pieni di mitezza. La veste scura modellava un corpo di già sviluppato e ben fatto. Le mani ruvide e grandi, i polsi forti, sapevano le umili necessarie fatiche della casa. Gli piaceva. Gli sembrava la vera immagine della donna”. Idem, *ibidem*.

Após essas palavras, visualizamos o desejo de um homem, mas é uma cobiça não só física e carnal, as necessidades podem ir além do prazer. No caso, Don Lucio observa as mãos de sua pretendente, com a intenção de perceber os dons de sua futura esposa e sua disposição para o trabalho doméstico. Resumindo, para que uma mulher seja completa e perfeita ela deve possuir não só a beleza, como também estar apta a cuidar da família e da casa, sabendo limpar, cozinhar, passar etc. Observadas essas características, Don Lucio percebe que Antonietta está habilitada para as funções do lar e a jovem toma posse do seu lugar, como esposa de Don Lucio.

3.1.3 Rivalidade: Pai *versus* filho

As ordens e desejos de Don Lucio tornam a rotina da família mais atormentada, despertando a insatisfação e até mesmo a revolta do filho Alessio:

Don Lucio saboreava o seu café voluptuosamente. Saciado, bem satisfeito, não desejava nada naquele momento, e no seu coração tinha esquecido a ausência do filho e não percebia a ansiedade que fazia empalidecer os dois rostos¹⁴⁸.

Apesar dos momentos tranquilos de Don Lucio, a personalidade do patriarca é marcada pela sua autoridade, porém o que predomina é o seu bem estar, suas vontades. Os outros são insignificantes para ele, ou mesmo possuem um mínimo de valor quando se precisa de comida, bebida, um banho, de roupas limpas etc. Don Lucio parece não se importar com sua própria família, chegando ao ponto de esquecer-se do próprio filho.

Sabe-se que, na trama, a relação entre pai e filho não é das melhores. Existe uma falta de aceitação e ausência afetiva. Tudo porque na casa de um patriarca, que leva ao extremo suas opiniões, não há espaço para um menino que vê o mundo de um modo particular, que especula, que dá palpites, que quer ser diferente. Além de ter suas próprias opiniões, Alessio foge daquilo que seu pai tem como filosofia de vida: “Don

¹⁴⁸ “Don Lucio centellinava il suo caffè voluttuosamente. Sazio, ben sodisfatto, non desiderava nulla, in quel momento, e in cuor suo aveva del tutto dimenticato l’assenza del figlio e non si avvedeva del l’ansietà che faceva impallidire i due volti”. Idem, p. 282.

Lucio havia sentenciado: - Casas como esta na cidade se encontram poucas. Se fecha a porta e não se tem mais nada a fazer com os vizinhos”¹⁴⁹. O objetivo de Don Lucio é preservar sua mulher Antonietta, seus filhos Alessio, Carmelina e Agata e até mesmo sua cunhada Nicolina, mas de um modo ameaçador, claustrofóbico e regrado.

Ainda bebê Alessio contrai tifo, necessitando de muitos cuidados. A mãe não o abandona um só momento, enquanto que o pai procurava se ausentar de qualquer responsabilidade: “Don Lucio, que tinha um grande medo do contágio, continuou a dormir e a comer somente”¹⁵⁰, afastou-se do seu dever de pai, deixando a mãe como a única responsável pela criança, já que ele dava trabalho.

Já crescido, Alessio passa a ter uma noção maior dos acontecimentos e do universo dos adultos. Seu desenvolvimento precoce o coloca diante de um drama pessoal, justamente porque de um lado está a tranquilidade da mãe e, do outro, o instinto e dever de homem ao cargo do pai:

Um menino que sofre e tem medo, por que sente serpentear no sangue, como um mal novo, os primeiros instintos da adolescência. Um menino que, à noite, ainda tem necessidade do beijo da mãe, e tem mais, que o pai o conduza à vida masculina, aos poucos...¹⁵¹.

O menino se sentia confuso e desejava conhecer coisas novas: “eu penso em tantas coisas... desejo tantas coisas... às vezes me vira à cabeça, tão forte me entusiasmo... não é inútil”¹⁵². Por mais que sinta essa necessidade de mudança, Alessio sabe que essa vontade de conquistar a liberdade está fora de alcance. Somente os livros o portam para outra realidade:

¹⁴⁹ “Don Lucio aveva sentenziato: - Case come questa se ne trovano poche. Si chiude la porta e non si há più niente da fare coi vicini”. Idem, p. 66.

¹⁵⁰ “Don Lucio, che aveva gran paura del contagio, continuò a dormire solo e mangiare solo”. Idem, p. 68.

¹⁵¹ “Un ragazzo che soffre e à paura, perchè sente serpeggiare nel sangue, come un male nuovo, i primi istinti dell’adolescenza. Un ragazzo ancora, che la sera ha bisogno del bacio della mamma, e più ha bisogno che il padre lo conduca verso la maschia vita, adagio adagio...”. Idem, p. 274.

¹⁵² “Io penso a tante cose... desidero tante cose... certe volte mi gira la testa, così forte mi entusiasmo... no, è inutile”. Idem, p. 146.

Os livros que ele trazia mostravam coisas belas, os discursos que ele fazia continham vívidas revelações de uma vida espiritual muito nobre e elevada da ‘vida de todos os dias’ que essa carregava mesquinamente, como fechada dentro de uma auréola de névoa cinza. A proximidade da gentil e pura infantilidade de Alessio revigorava a sua alma fechada e seca. Ele era cheio de entusiasmo e de sentimento; bastava pouco para fazer desfrutar e pouquíssimo para fazer sofrer, como um passarinho que gorjeia de felicidade se um raio de sol doura os ferros da gaiola, e silencioso, desamparado, a falta de ar se escurece¹⁵³.

O livro o transporta para um novo mundo. Existe um desejo de mudança, mas Don Lucio poda as atitudes e esperanças do filho, proibindo-o de ler romances. Na verdade, o pai sente vergonha do filho, pois romances eram coisas para meninas. É com base nestas atitudes que veremos as imposições do pai agir como um fator de desilusão da vida para Alessio.

Na ausência de Don Lucio, Alessio não pensa duas vezes em quebrar as regras estabelecidas pelo pai e chega ao ponto de se aventurar em um passeio de bicicleta. É justamente neste momento que ele sente a tão sonhada liberdade:

Fora se respirava com alegre liberdade, a plenos pulmões; também a mente parecia abrir-se aos mais largos e aos mais ousados pensamentos... E um dia fugirei assim, fugido para sempre, sem voltar, abandonando cada coisa, renovando tudo, como uma planta que se renova na primavera¹⁵⁴.

O ambiente natural sintetiza a alma de Alessio. A imagem da paisagem é apresentada como uma espécie de extensão do estado de espírito do menino que sonha com a liberdade, porém seus ideais e objetivos findam com sua morte. Após o trágico

¹⁵³ “I libri che le portava, le cose belle che le mostrava, i discorsi che le faceva, contenevano vivide rivelazioni di una vita spirituale assai più nobile ed elevata della ‘vita di tutti i giorni’ che essa trascinava meschinamente, come chiusa dentro un bigio alone di nebbia. La vicinanza della gentile e pura fanciullezza di Alessio, ristorava la sua anima chiusa e inaridita. Egli era pieno di entusiasmo e di sentimento; bastava poco per farlo godere e pochissimo per farlo soffrire, come un uccello che gorgheggia di felicità se un raggio di sole indora i ferri della gabbia, e tace, immalinconito, a pena l’aria s’annerà”. Idem, p. 276.

¹⁵⁴ “Fuori si respirava con gioiosa libertà, a pieni polmoni; anche la mente sembrava aprirsi a più larghi e più audaci pensieri... E un giorno sarebbe fuggito così, fuggito per sempre, senza voltarsi, abbandonando ogni cosa, rinnovandosi tutto, come una pianta che si rinnova a primavera”. Idem, p. 278.

incidente, Don Lucio se mostra um pouco mais sensível, e demonstra endossar o luto, mas jamais deixará de ser uma pessoa severa:

Don Lucio – com a barba longa, o bonezinho enterrado até as orelhas, como todo o aspecto de um homem em luto, - comovia-se dentro de si mesmo dando-se uma olhada pelo canto do olho no espelho, e ia beliscar algum ovo na cozinha, nos momentos de liberdade, porque lhe parecia que os batimentos do pulso estivessem um pouco fracos¹⁵⁵.

Como diz Ricardo Benzaquen de Araújo “a meninice, nas sociedades patriarcais, é curta. Quebram-se logo as asas do anjo”¹⁵⁶. O pensamento das sociedades patriarcais apenas reforça a desigualdade dos indivíduos, no qual a morte ou a impossibilidade do jovem realizar as suas vontades é apenas uma estratégia para que futuramente não haja a rivalidade entre o filho e o pai, ou seja, tirar a criança do caminho faz com que não exista nenhuma ameaça contra o provedor. Em síntese, Alessio era:

Sensível e sonhador, amante do mar e da liberdade, que um dia se tornaria um poeta ou um marinheiro – se afirma em contraposição a Don Lucio como um pequeno herói romântico, rebelde nos confrontos da tirânica autoridade paterna e impaciência para o mundo avaro e materialista da burguesia da cidade da qual um dia deverá fazer parte¹⁵⁷.

Alessio era um menino muito especial e desejava ver o mundo diferente, sem nenhuma restrição, com a paz, amizade e liberdade imperando acima de qualquer coisa. É uma pena que seus sonhos tenham sido mutilados pela insatisfação com o mundo que o circunda.

¹⁵⁵ “Don Lucio – con la barba lunga, il berrettino cacciato fino alle orecchie, con tutto l’aspetto di un uomo in lutto, - si commoveva di sè stesso dandosi una sbirciata nello specchio, e si andava a frullare qualche uovo in cucina, nei momenti di libertà, perchè gli pareva che i battiti del polso fossero um po’ fiochi”. Idem, p. 285.

¹⁵⁶ Ricardo Benzaquen Araújo. *Guerra e Paz*: Casa Grande e senzala e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994, p. 121.

¹⁵⁷ “Sensibile e sognatore, amante del mare e della libertà, che un giorno vorrebbe diventare poeta e un altro marinaio – si afferma in contrapposizione a Don Lucio come un piccolo eroe romantico, ribelle nei confronti della tirannica autorità paterna e insofferente verso il mondo gretto e materialistico della borghesia cittadina di cui un giorno dovrà far parte”. Cristina Pausini. *Le ‘briciole’ della letteratura*, op. cit., p. 76.

3.1.4 Diálogos e intrigas: o adultério

La casa nel vicolo, na qualidade de romance assentado em alguns aspectos do folhetim, apresenta “abundância de diálogos” e explora os “pontos de interesse na intriga”¹⁵⁸. Esses fatores são responsáveis pela dinâmica da narrativa e são necessários para o seu desenvolvimento quanto à expansão de suas ações, e para a apresentação dos espaços, do tempo e das personagens. Os diálogos e as intrigas definem o tom da história, pois funcionam de modo múltiplo. As intrigas são alternadas ora pela tensão ora pelo relaxamento de uma determinada situação, fato que acalma ou mesmo coloca em ordem algo que está fora do eixo narrativo, direcionando os diálogos para outros rumos.

Maria Messina aproveita de situações corriqueiras do cotidiano para dar verossimilhança à sua narrativa, portanto, para enriquecer sua história, a escritora utiliza e deleita-se com alguns dos dramas da vida: “amor, ódio, paixão, ciúme, desejo, ganância, ambição, fome, morte, crime, luxúria, loucura”¹⁵⁹ etc. Além destes elementos, também se fazem presentes os seguintes temas muitos comuns aos folhetins da época:

- 1) O poder patriarcal;
- 2) Clausura feminina;
- 3) Casamento por quitação de dívida;
- 4) Castração da vida;
- 5) Brigas;
- 6) Traição/Adultério;
- 7) Morte;
- 8) Família.

As personagens Nicolina, Antonietta, inclusive os filhos Alessio, Carmelina e Ágata, passaram suas vidas em constantes tribulações, pois estão sujeitos às ordens de Don Lucio. Todavia, a protagonista Nicolina é a mais prejudicada, haja vista que tem sua vida castrada, ou seja, sem nenhuma alternativa ela é levada para morar com

¹⁵⁸ José Alcides Ribeiro. *Imprensa e ficção no século XIX*, op. cit., p. 44.

¹⁵⁹ Marlyse Meyer. *Folhetim*, op. cit., p. 234.

Antonietta que, inconscientemente a coloca como uma segunda esposa de seu marido. Apesar de tudo isso, Nicolina dizia:

Estava feliz em ir à cidade e demonstrava a sua felicidade tão vivamente que parecia que ela era a noiva. - A noiva sem anel e sem noivo... – dizia rindo às amigas. Quando desceu as escadas, atrás do carregador de bagagens com a caixinha verde sobre os ombros, tremia impaciente, como um pássaro de primeiro vôo. Deixava a casa, a mãe, sem sombra de saudade. A sua exuberante juventude era sedenta de ver coisas novas. E depois, sabia que retornaria logo. Estava decidido que devia ficar com a irmã não mais de um mês e meio. Mas Antonietta quis remarcar a data de partida, e o marido a contentou¹⁶⁰.

Ainda muito pequena, Nicolina não percebe que sua estadia na casa de Antonietta duraria mais que o planejado. A rotina de sua casa não trazia nada de novo, nenhuma alegria, portanto, acompanhar a irmã era como se libertar de sua própria vida de dominada, porém a realidade enfrentada por ela é muito diversa daquela idealizada em seu pensamento. A liberdade tão sonhada jamais será alcançada.

Além de querer a irmã por perto, Antonietta não imagina o que está por vir. Estando Antonietta sempre ocupada com os filhos, ela abre espaço para que Nicolina tome conta da casa e de Don Lucio, fato que agrada o esposo. Nicolina era uma fortaleza que protegia Antonietta e lhe afastava do terror de permanecer sozinha em sua casa. Unidas, ambas aproximam-se para cuidar uma da outra.

Para Don Lucio era muito vantajoso ter duas mulheres na residência, assim, ele teria o serviço sempre feito, a comida quente estaria sempre à mesa. Porém, no início da narrativa, Don Lucio enxergava Nicolina apenas como uma criança e até se incomodava com a frequente presença da cunhada, depois chega a recusar um pretendente de Nicolina, impedindo-a de se casar. Somente neste momento é que Don Lucio passa a ver a cunhada como mulher, desejando-a como a um objeto, um brinquedo sexual.

¹⁶⁰ “Era felice di andare in una città e mostrava la sua felicità così vivacemente che pareva fosse lei la sposa. - La sposa senza anello e senza sposo... – diceva ridendo alle amiche. Quando scese le scale, preceduta dal facchino con la cassetta verde sulle spalle, fremeva, impaziente, come un uccello di primo volo. Lasciava la casa, la madre, senza l’ombra del rimpianto. La sua esuberante giovinezza era assetata di veder cose nuove. E poi, sapeva che sarebbe tornata presto. Era deciso che doveva restare con la sorella non più di un mese o di un mese e mezzo. Ma Antonietta volle rimandare la partenza, e il marito la contentò”. Maria Messina. *La casa nel vicolo*, op. cit., p. 65.

Quando Nicolina passa a ter muitos afazeres, além das preocupações, existia um medo em não agradar o cunhado. Por isso, ela trabalhava como uma serva, uma empregada a qual Don Lucio não precisava pagar, limitando-se apenas em presenteá-la com umas poucas peças de roupa, sapatos e moradia e, às vezes, um momento de prazer. Só que a troca não traz nenhuma vantagem para Nicolina, que deixa de ter sua própria vida para cuidar dos outros, se anulando completamente:

O peso da casa o suportava todo Nicolina. Desde quando se levantava, - e se levantava enquanto estava ainda escuro -, até tarde da noite, não se concedia um minuto de repouso. Ela a fazer todas as tarefas pesadas, a passar, a cozinhar, a providenciar tudo. A sua preocupação era de não deixar pesar demais sobre o cunhado as conseqüências daquela bendita doença¹⁶¹.

Os dias de Nicolina são tumultuados e cheios de tarefas. Sua preocupação é estar sempre pronta a ajudar, sem exigir qualquer reconhecimento. Era ela quem supria todas as necessidades pessoais do patriarca. A aproximação entre os cunhados desperta um interesse de ambos. Don Lucio e Nicolina vão entregar-se ao um ao outro, sendo esta a intriga, uma aventura amorosa que guiará o desenvolvimento da história, como havia listado Ribeiro nas suas observações sobre as técnicas folhetinescas: “Dependência da intriga para o desenvolvimento da história”. O adultério contribui para desestabilizar a relação das irmãs, reduzindo a proximidade afetiva, despertando, assim, a inimizade entre ambas. Segundo Pausini, a relação entre o marido, a cunhada e a esposa legítima se configura um *ménage a trois*:

Sob o despótico comando de Don Lucio, o triângulo amoroso logo se revela fatal para as duas irmãs que, prisioneiras no interior dos muros domésticos, e sujeitas à vontade do dono da casa, terminam por odiar-se reciprocamente sem conseguir identificar em Don Lucio a verdadeira causa de sua infelicidade¹⁶².

¹⁶¹ “Il peso della casa lo sopportava tutto Nicolina. Da che si alzava – e si alzava mentre era ancora scuro -, fino a notte tarda, non si concedeva un minuto di riposo. Lei a sbrigare le faccende grosse e minute, a stirare, a cucinare, a provvedere a tutto. La sua preoccupazione era di non far pesare troppo sul cognato le conseguenze di quella benedetta malattia”. Idem, p. 68.

¹⁶² “Sotto il dispotico comando familiare di Don Lucio, il ménage a trois si rivelerà presto fatale per le due sorelle che, prigioniere all’interno delle mura domestiche e soggiogate alla volontà del padrone di

A traição é a grande causadora da briga das irmãs. Alessio percebe a aproximação entre o pai e a tia, mas não pode fazer nada para impedir o vínculo amoroso e nem mesmo os adultos evitam que o ato sexual aconteça.

Para posicionarmos no texto, uma breve explicação sobre o *ménage à trois*: no francês, a palavra isolada ‘*ménage*’ existe com o significado de casal, ou seja, corresponde a duas pessoas que vivem juntas. Já a palavra *trois* equivale ao sentido de três. Logo, para que se confirme o *ménage à trois* é necessário pensar que a expressão solicita uma terceira pessoa, portanto, entende-se que se trata de uma relação afetiva entre três indivíduos, ou seja, “um triângulo amoroso”, que é uma das marcas estruturadoras do romance-folhetim. Exemplificando, temos ‘inicialmente um casal, Antonietta e Don Lucio, casados oficialmente e integrantes de uma família e depois a inserção de mais uma mulher, Nicolina, na condição de adúltera. A cunhada é a imagem da sedução para o patriarca, enquanto a esposa é um prazer já garantido e sem graça.

Mesmo tendo consciência do laço matrimonial existente entre Antonietta e Don Lucio, Nicolina está disposta a experimentar o amor, de modo que não se preocupa em ofender a irmã. Nicolina chega ao ponto de sentir ciúmes e até inveja de Antonietta, se colocando no direito de ter as mesmas experiências, inclusive no que se refere à intimidade de um casal, sendo assim, não poderia negar o que sua curiosidade lhe apetecia.

Nicolina se mostra interessada em todos os assuntos de Don Lucio e demonstra sua admiração pelo cunhado, não se incomodando com nenhum de seus vícios e manias, suportando agradavelmente até mesmo o odor de seu cachimbo, como se fosse um perfume suave. Esta referência ao “*fumo*” funciona na trama, como elemento afrodisíaco, ou seja, um jogo alucinógeno praticado consciente ou inconscientemente por Don Lucio para atrair Nicolina, deixando-a vulnerável:

- O fumo não te dá tédio? - Não. Enfim, estou acostumada. - Por que nunca o teve sobre o rosto. - Que idéia! - Eis, assim. – Dobrando-se um pouco, Don

casa, finiscono per odiarsi reciprocamente senza riuscire ad individuare in Don Lucio la vera causa della loro infelicità”. Cristina Pausini. *Le ‘briciole’ della letteratura*, op. cit., p. 66.

Lucio lhe assoprou sobre o rosto uma baforada de fumo. Nicolina se afastou, nauseada. Don Lucio ria¹⁶³.

O fragmento acima antecede a relação de conquista para a concretização do ato sexual. Aqui, o cigarro, juntamente com a fumaça liberada, funciona como um elemento embriagador, que tira Nicolina de sua realidade, deixando-a alucinada e fácil de ser manipulada. Ao se deparar com estes pensamentos, Nicolina se insinua para o cunhado, ela não será surpreendida ao ver Don Lucio seguindo-a compulsivamente como um macho dominador:

Nicolina quis desvincular-se, fugir; quis gritar, mas a voz se apagou na garganta. Agora Don Lucio a mantinha apertada no peito, com um só braço. Não ria mais. Quase carrancudo, como quando dava uma ordem, disse: - Antonieta não te chamará... Mantendo-a sempre apertada, saiu da sala de jantar. Com o braço vigoroso quase a sustentava. Entrando na salinha, repetiu mecanicamente: - Antonieta não te chamará... *** Refugiou-se no seu quatinho; e agora agachada sob a borda da cama, olhando seus joelhos pontiagudos estremecidos pelo tremor que não conseguia frear, maravilhava-se por ter encontrado forças para subir as escadas. Tinha perdido o conhecimento do tempo. Talvez a vida fugisse como a luz. Fora da janela redonda viam-se os tetos avermelhados pelo pôr do sol de chamas. E os tetos tremiam e fugiam, a cama, as cadeiras, cada objeto girava e desaparecia, fazia-se uma grande escuridão e depois tudo voltava com uma ruptura e voltava a luz vermelha¹⁶⁴.

¹⁶³ “- A te non dà noia il fumo? - No. Ora mai sono abituata. - Perchè non l’hai mai avuto sulla faccia. - Che idea! - Ecco. Così. – Piegandosi un poco, Don Lucio le soffiò sul viso una boccata do fumo. Nicolina si scostò, nauseata. Don Lucio rideva”. Maria Messina. *La casa nel vicolo*, op. cit., p.144.

¹⁶⁴ “Nicolina si scostò, posando il ferro, e fece per uscire, finalmente, facendo uno sforzo per camminare. Don Lucio la seguì sull’uscio, senza fretta. Quasi la ghermi. Nicolina volle divincolarsi, fuggire; volle gridare, ma la voce le si spense nella gola. Ora Don Lucio se la teneva stretta sul petto, con un braccio solo. Non rideva più. Quase accigliato, come quando dava un ordine, disse: - Antonietta non ti chiamerà... Tenendola sempre stretta, uscì dalla stanza da pranzo. Col braccio nervigno quasi la sosteneva. Entrando nel salottino, ripeté meccanicamente: - Antonietta non ti chiamerà... *** S’era rifugiata nella propria cameretta; e ora, accasciata sulla sponda del letto, guardandosi i ginocchi aguzzi scossi da un tremito che non riusciva a frenare, si meravigliava di aver trovato la forza di fare le scale. Aveva perduta la conoscenza del tempo. Forse la vita fuggiva come la luce. Fuori della tonda finestra si vedevano i tetti inermigliati dal tramonto di fiamma. E i tetti tremolavano e fuggivano, il letto, le seggiole, ogni oggetto girava e spariva, si faceva un gran buio e poi tutto tornava con uno schianto e tornava la rossa luce”. Idem, *ibidem*.

Ao mesmo tempo em que Nicolina se mostra curiosa, existe um medo que a corrói por desconhecer as coisas referentes ao amor e a narradora se mostra muito perspicaz ao esconder dos leitores um trecho da relação sexual entre Nicolina e Don Lucio, ocultando os detalhes mais importantes e deixando apenas uma ausência por meio de asteriscos, que são representados pelo sinal gráfico [***].

As mulheres são retraídas, ainda mais, porque elas não têm o hábito de falar sobre o corpo, dos desejos, da relação sexual: “A sexualidade é para a “mulher da vida”, ou para a pobre operária solitária, que se “entrega” por falta de uma opção, ou ainda para a adúltera, que não hesita em conspurcar a honra da nobre família” ¹⁶⁵. Desse modo, tudo que se refere ao corporal é silenciado e jamais deve ser pronunciado. Elas devem usar da compostura como uma estratégia de sua feminilidade. Porém, ao mesmo tempo em que Nicolina se mostra como uma vítima de Don Lucio, é também considerada a adúltera, aquela que vem para desestabilizar o lar de Antonietta. Segundo Michelle Perrot:

A mulher "tal como deve ser", principalmente a jovem casadoura, deve mostrar comedimento nos gestos, nos olhares, na expressão das emoções, as quais não deixará transparecer senão com plena consciência. A mulher decente não deve erguer a voz. O riso lhe é proibido. Ela se limitará a esboçar um sorriso ¹⁶⁶.

Dessa maneira agem Antonietta e a irmã, porém Nicolina é o desconhecido, o sedutor, aquele corpo que atrai o cunhado para o proibido, aquele que irá cometer o pecado, o corpo que não pensa nas consequências. Aquela que se entrega ao desvairio de uma paixão. Segundo Meyer, tradicionalmente, o adultério é sempre uma iniciativa da mulher. O homem, por sua vez, comete suas levandades, mas a adúltera é sempre a mulher ¹⁶⁷, como se o adultério, no caso do romance de Messina, tivesse sido praticado por Nicolina, sem que Don Lucio participasse da ação.

¹⁶⁵ Marlyse Meyer. *Folhetim*, op. cit., p. 232.

¹⁶⁶ Michelle Perrot. “Os silêncios do corpo da mulher”. In: *O corpo feminino em debate*. São Paulo: Editora UNESP, 2003, p. 15.

¹⁶⁷ Marlyse Meyer. *Folhetim*, op. cit., p. 253.

Marlyse Meyer observa que, no século XIX, o adultério é “um crime que a sociedade não perdoa”¹⁶⁸. Apesar dessa mentalidade reinante, Maria Messina não acomete seus personagens a nenhum questionamento, a nada que exponha suas vidas aos olhos dos estranhos, portanto, ao não atribuir nenhum julgamento sobre Don Lucio, o homem está isento de qualquer culpa por seu ato de traição contra a esposa Antonietta.

O adultério vai desencadear o *ménage à trois* entre Don Lucio, Antonietta e Nicolina. Este é o motivo crucial para o rompimento das relações de companheirismo, confiança e afeto, portanto, o triângulo amoroso repercute na briga das irmãs, que vão se questionar a respeito de seus papéis, suas culpas e seus destinos.

Após cometer adultério, Nicolina se rebela contra a irmã, acusando Antonietta de toda sua desgraça, culpando-a de toda a sua infelicidade. A consequência desta revolta é o afastamento entre as duas irmãs, com o rompimento de suas relações, que de grande afeto vai se deteriorando gradativamente, de modo irremediável, até o ódio áspero e triste, passando a ser vivido como “castigo”. Nicolina prepara sua autodefesa com base no fato de ser mulher:

- Sim. A culpa é tua – acusou Nicolina. – Tua. Não dos outros. Você acabou comigo. E agora queres me mandar embora? Não irei. Não. Já te disse. Desta casa não sairei viva. Gastei aqui toda a minha juventude fresca e despreocupada, como um véu que se joga sobre uma sebe de espinhos. Você acabou comigo. Você me colocou na boca do lobo. Entorpecida pelo egoísmo me deixava sozinha, dias inteiros, para servi-lo. Era cômodo para você, então que eu fizesse a empregada para ti e para os teus filhos? Era cômodo para você? E não pensavas que eu era uma pobre criatura feita de carne, como você? Por que o devia querer bem somente você? Não podia sentir também, agora não! agora não mais! agora não mais!, aquilo que você também sentia? Mesmo mais fortemente que você? Não pensavas a respeito? E se pensava, não era a mais desnaturada das mais desnaturadas fêmeas?¹⁶⁹

¹⁶⁸ Idem, ibidem.

¹⁶⁹ “- Sì. La colpa è tua – accusò Nicolina. – Tua. Non d'altri. Tu mi hai rovinata. E ora mi vorresti scacciare? Non me ne andrò. No. Te l'ho detto. Da questa casa non uscirò viva. Ho sciupata qui la mia giovinezza fresca e spensierata come un velo che si butta su una siepe di spini. Tu, mi hai rovinata. Tu mi hai messa in bocca al lupo. Intorpidita dall'egoismo mi lasciavi sola, giornate intere, per servirlo. Ti faceva comodo, allora, ch'io facessi la serva a te ed ai tuoi figli? Ti faceva comodo? E non pensavi ch'io ero una povera creatura fatta di carne, come te? Perché gli doveri voler bene tu sola? Non potevo sentire allora, ora no! Ora non più! Ora non più!, quel che sentivi tu? Anche più fortemente di te? Non ci pensavi? E se

E em meio a tantas acusações de Nicolina, Antonietta irá se defender, se apoiando no vínculo familiar, deixando bem claro que sua irmã não é mais uma pessoa confiável. Antonietta se sente traída pelo próprio sangue, Nicolina, aquela a quem acolheu com tanto amor. É como se tivesse sido apunhalada pela pessoa em quem ela mais acreditava:

- Como poderia temer que o meu sangue devesse me trair? Eu não sabia que alentava uma cobra no meu peito. Eu deveria ver. Eu vi que a sua face não era aquela de uma boa criatura. Olhe! Olhe no espelho, miserável. Você tem a cara do pecado! A cara ossuda e sem cor de quem trai o próprio sangue... Sua é a culpa!¹⁷⁰

De irmã afetiva Antonietta passa a considerar Nicolina uma “serpente/cobra” – um animal traiçoeiro – que habita dentro de sua própria casa, fato que a faz sofrer intensamente, muito mais que a própria traição. A perda da companheira, da amiga, é mais dolorosa do que qualquer outra coisa.

É a partir destes fragmentos que revelam a briga entre Nicolina e Antonietta que nos deparamos com o ponto máximo de tensão, intriga que amarra toda a narrativa, elemento que se torna essencial para o desenvolvimento da história. No final e para a sociedade siciliana, “em relação a Don Lucio, Antonietta é a mulher legítima e Nicolina a amante culpada”¹⁷¹. Para Antonietta a reação de Nicolina é pior que a sua deslealdade.

3.1.5 Desfecho

ci pensavi, non eri più snaturata della più snaturata femmina?”. Maria Messina. *La casa nel vicolo*, op. cit., p. 151-152.

¹⁷⁰ “- Come potevo temere che il mio sangue dovesse tradirmi? Io non sapevo di scaldare un serpentello nel mio petto. Io ti dovevo guardare. Avrei veduto che la tua faccia non era quella d’una creatura buona. Guardati! Guardati nello specchio, sciagurata! Tu hai la faccia del peccato! La faccia ossuta e senza colore di chi tradisce il proprio sangue... – Tua è, la colpa!”. Idem, p. 152.

¹⁷¹ “In relazione a Don Lucio, Antonietta è la moglie legittima e Nicolina l’amante colpevole”. Cristina Pausini. *Le ‘briciole’ della letteratura*, op. cit., p. 75.

José Alcides Ribeiro observa que no folhetim é frequente a utilização de “finais de histórias com desfechos inconsistentes”¹⁷², fato que ajuda a abrandar a tensão gerada pela intriga principal resultante do adultério e da discórdia entre as protagonistas. A história tem um desfecho banal, com uma pausa para um respiro após as brigas e acusações entre as irmãs. Ambas permanecem imóveis, conduzindo suas vidas como se não tivesse acontecido nada que alterasse a ordem dos fatos. Vejamos:

E a vida recomeçou de novo, com os seus dias iguais. A casa no beco, regulada como um relógio, parecia cheia de paz, como antes. Cada um retomou os velhos hábitos que se seguem mecanicamente, como os gestos da mão que trabalha. Cada um viveu para si, com uma grande solidão dentro da alma; estrangeiro, indiferente a aqueles que respiravam o mesmo ar e cortavam o mesmo pão, como pessoas que vivem no mesmo hotel sem se conhecer¹⁷³.

Percebemos que nenhuma das personagens está disposta a aceitar que sua vida se modifique, aliás, ninguém abre mão de sua felicidade, ou mesmo de suas obrigações e responsabilidades. A casa que lhes era claustrofóbica acaba se tornando um lugar de proteção, de refúgio quando dos tormentos pessoais, um lugar de reflexão, como podemos verificar no trecho a seguir:

Antonietta está no próprio quarto. Ela quase não compreende mais o que eles dizem: e em casa já está resignada ao novo, mas é tolerável o castigo. Na luz crepuscular, dentro da janela fechada, ela continua a trabalhar, falando com as imagens santas, nas quais vê pessoas queridas e boas que não as traiu¹⁷⁴.

¹⁷² José Alcides Ribeiro. *Imprensa e ficção no século XIX*, op. cit., p. 45.

¹⁷³ “E la vita ricominciò di nuovo, con le sue giornate uguali. La casa nel vicolo, regolata come un orologio, sembrò piena di pace, come prima. Ognuno riprese le vecchie abitudini che si seguono meccanicamente, come i gesti della mano che lavora. Ciascuno visse, per sé, con una grande solitudine dentro l’anima; estraneo, indifferente a quelli che respiravano la stessa aria e tagliavano lo stesso pane, come gente che vive nello stesso albergo senza conoscersi”. Maria Messina. *La casa nel vicolo*, op. cit., p. 292-293.

¹⁷⁴ “Antonietta è nella propria camera. Essa non comprende quasi più ciò che le si dice. E in casa si sono già rassegnati al nuovo ma tollerabile castigo. Nella luce crepuscolare, dietro la finestra chiusa, essa continua a lavorare, parlando con le immagini sante, nelle quali vede care e buone persone che non l’anno tradita”. Idem, p. 293.

Antonietta apresenta sinais de depressão, afastando-se de todos, inclusive das próprias filhas. Ela prefere conviver com seu castigo e aceitar a traição. O apego às imagens santas é uma forma de proteção, para as quais Antonietta entrega sua vida, uma instância na qual é possível confiar. Algo que a eleva e a dignifica novamente, dando-lhe força para continuar sua trajetória.

Enquanto Antonietta se apega ao espiritual, Nicolina se sente amarga, carregando a culpa de uma traição. Bate a saudade da vida de antes, inclusive da relação afetuosa com o sobrinho Alessio:

Nicolina está no quarto de cima. A esta hora não precisam dela. Trabalha e pensa. O seu pensamento é amargo, como um nó de lágrimas que não se pode chorar. Assim como a noite está quentíssima ela deixou a janela aberta: a redonda e pequena janela, a quem tantas vezes mostrava a Alessio. Agora no quarto solitário, parece ressoar a fresca voz: “Olhe, tia! O quarto, a esta hora, é uma cabine de um navio que deve deixar o porto”¹⁷⁵.

Os momentos com Alessio faziam-na sentir-se mais feliz e confiante, porém, após a morte do menino, Nicolina passa a contemplar, pelas vidraças entreabertas da janela, as meninas brincando, cuja inocência, juvenil e livre, acha-se liberta de qualquer entendimento sobre a dificuldade de viver na condição de mulher:

– Não te parece – diz Agata – sentir o cheiro do mar!
 – Cale-se! Exclama Carmelina que pensa sempre em Alessio, quando se fala sobre o mar. Escutam. Um passo, uma voz, no beco. Uma exuberância impetuosa floresce nos jovens peitos. E crescem com certa bizarrice delicadas flores que nascem entre as velhas rachaduras dos muros e que a chuva estragará logo. Don Lucio tossia. As duas meninas estremeciam, mas depois riam de ter estremecido. E depois silenciosas, esperam de novo,

¹⁷⁵“Nicolina è nella própria cameretta, di sopra. A quest’ora non anno bisogno di lei. Lavora e pensa. Il suo pensiero è amaro, come un nodo di lacrime che non si riesce a piangere. Siccome la serata è caldissima a lasciato la finestra aperta. La tonda e piccola finestra, a cui tante volte s’era affacciata con Alessio. Ancora, nella stanza solitaria, sembra risuonare la fresca voce: - Guarda, zia! La camera, a quest’ora, è la cabina d’una nave che deve lasciare il porto”. Idem, ibidem.

apreensivas e agitadas, enquanto as horas passam silenciosas e graves, pelo céu estrelado¹⁷⁶.

Mesmo não querendo transmitir o medo para as crianças, todas as mulheres, inclusive as meninas, ficam incomodadas com a presença de Don Lucio, porém elas não deixam que esta aversão tome conta de suas vidas. A vida continua com o patriarca as comandando, pois ele considera “a família uma propriedade a governar segundo as suas regras”¹⁷⁷.

3.1.6 A casa e o beco: os *leitmotiv* do romance

Maria Messina utiliza recorrentemente como *leitmotiv* em suas narrativas as imagens de espaços fechados como casas, janelas fechadas e becos. Em *La casa nel vicolo* a inserção destes símbolos ocorre significativamente em uma cena em que uma mosca presa em uma garrafa se debate contra o vidro para liberar-se da clausura. A metáfora da mosca presa na garrafa sinaliza, sem dúvida, o ambiente claustrofóbico em que vivem suas protagonistas. Vejamos a cena:

Sentia-se claro o zumbido de uma grande mosca que se debatia contra o vidro aberto procurando em vão uma saída, e o metódico sugar da boca colada ao canudo do cachimbo¹⁷⁸.

O tempo no interior da casa é lento, lento como o passar dos dias e como as mudanças na sociedade siciliana. Neste contexto as horas não passam: “Sempre, sempre

¹⁷⁶“- Non ti pare – dice Agata -, di sentir l’odore del mare?- Taci! – esclama Carmelina che pensa sempre ad Alessio, quando si nomina il mare. Ascoltano. Un passo, una voce, nel vicolo. Un rigoglio impetuoso fiorisce nei giovani petti. Esse crescono come certi bizzarri delicatissimi fiori che nascono fra le crepe dei vecchi muri e che la pioggia sciuperà presto. Don Lucio tossicchia. Le due fanciulle trasaliscono, ma poi ridono di aver trasalito. E poi tacciono, aspettando di nuovo, trepide e commosse, mentre le ore passano, tacite e gravi, per il cielo stellato”. Idem, ibidem.

¹⁷⁷“Considera la famiglia una proprietà da governare secondo le sue regole”. Cristina Pausini. *Le ‘briciole’ della letteratura*, op. cit., p. 76.

¹⁷⁸“Si sentiva distinto il ronzio d’una grossa mosca che si abbatteva contro i vetri aperti cercando invano l’uscita, e il metodico succhiare delle labbra incollate al cannello della pipa”. Maria Messina. *La casa nel vicolo*, op. cit., p. 143.

desta maneira igual e pesado escoavam as horas na casa do beco”¹⁷⁹; o tempo é eterno: “O tempo era lento, eterno, implacável. Deus, meu Deus, murmurava sem mover os lábios, faça com que esse tormento termine”¹⁸⁰. A lentidão que assola em tudo representa a rotina sufocante da família, acompanhada de uma súplica a Deus, em súplicas de paz e de dias melhores. Além desta esperança, as horas apresentam a regularidade das ações, sem que haja qualquer novidade para movimentar o beco, a casa, os costumes e o cotidiano das mulheres.

Além desta representação da casa, a autora apresenta a casa de nascença de Antonietta como um lugar extremamente simples, que passa a ter momentos de distração apenas quando recebe a visita de Don Lucio, sendo esta a única coisa que consegue quebrar a rotina doméstica:

E este convite para almoçar, tornou-se um hábito. Como se sabia da chegada de Don Lucio Carmine, Donn’Amalia e as filhas se davam a fazer quase como se fosse Pasqua. Faziam grandes limpezas por toda a casa, lavando até mesmo os vidros das janelas, até as maçanetas de ramos das portas, e por para fora da ‘carriola’ a toalha de linho com a cifra vermelha e branca, para receber dignamente o hóspede que chegava da cidade¹⁸¹.

Depois que Antonietta assume o matrimônio e deixa à casa dos pais, ela passa a conviver com a solidão do beco (*vicolo*), um espaço estreito, escuro e angustiante. A vida lá fora da casa passa a ser vista e contemplada somente de dentro para fora. Da janela entreaberta ou de outros espaços inerentes a casa, as mulheres de Messina contemplam o horizonte, inalcançável:

A vista que o alto da sacada oferecia era fechada, quase sufocada, entre o beco, que àquela hora parecia fundo e escuro, como um poço vazio, e a grande vastidão de

¹⁷⁹ “Sempre, sempre così uguali e pesanti scorrevan le ore nella casa nel vicolo”. Idem, p. 281.

¹⁸⁰ “Il tempo era lento, eterno, implacabile. Dio, Dio mio, mormorava senza muovere le labbra, fate che questo tormento finisca”. Idem, p. 140.

¹⁸¹ “E questa dell’invito a pranzo, diventò un’abitudine. Come si sapeva l’arrivo di Don Lucio Carmine, donn’Amalia e le figlie si davan da fare quasi fosse Pasqua. Facevano grandi pulizie per tutta la casa, lavando persino i vetri delle finestre, persino le maniglie di rame delle porte, e mettevano fuori dalla ‘corriola’ la tovaglia di lino con la cifra rossa e bianca, per ricevere degnamente l’ospite che giungeva dalla città”. Idem, p. 62.

tetos avermelhados e musgosos sobre o qual carregava um céu baixo e descolorido¹⁸².

Quanto à representação de determinados espaços e ambientes na literatura, Wellek e Warren observam que

[...] o meio ambiente, e os ambientes, especialmente os interiores domésticos, podem ser vistos como expressões metonímicas ou metafóricas do personagem. A casa de um homem é uma extensão dele. Descreva-o e você o descreveu¹⁸³.

Tal pensamento se enquadra perfeitamente à descrição de Don Lucio: sua casa é um espelho de sua personalidade, fechada, silenciosa. Dizem os já citados críticos: “essa casa expressa seus proprietários, afetam como atmosfera os outros que devem viver nelas”¹⁸⁴, ou seja, a personalidade de Don Lucio altera a vida de sua família e não exclui ninguém, nem a esposa, nem os filhos e muito menos a cunhada. Todos vivem angustiados e reclusos privados da tão sonhada liberdade.

3.1.7 Referência ao cotidiano

As ações que correspondem ao dia a dia são marcados pela lentidão, com atividades típicas como preparar o jantar, fazer uma limonada, passar roupas, limpar a casa, pentear os cabelos etc., imagens que, num primeiro momento, podem ser decifradas como representações de uma vida tranquila e sem muitos distúrbios. As atividades domésticas na maior parte do tempo são realizadas por Nicolina: “Depois de tirar a mesa, enchia o cachimbo. Preparava a limonada”¹⁸⁵, a fim de satisfazer a família e os designios de Don Lucio, que espera prontamente a realização das tarefas e

¹⁸² “[...] la vista che offriva l’alto balcone era chiusa, quase soffocata, trai l vicoletto, che a quell’ora pareva fondo e cupo come um pozzo vuoto, e la gran distesa di tetti rossici e borrhaccini su cui gravava un cielo basso e scolorato”. Idem, p. 53.

¹⁸³ René Wellek e Austin Warren. *Teoria da literatura e metodologia dos estudos literários*, op. cit., p. 298-299.

¹⁸⁴ Idem, p. 299.

¹⁸⁵ “Dopo avere sparecchiato, riempiva la pipa. Preparava la limonata”. Maria Messina. *La casa nel vicolo*, op. cit., p. 69.

aproveita para verificar se o serviço é feito corretamente: “Em casa se preparavam as linguças, sobre a orientação de Don Lucio que é entendido”¹⁸⁶.

A descrição dos hábitos de Don Lucio é também metáfora de seu autoritarismo e de seu oportunismo. Ao se lavar pela manhã, com sabonete perfumado, e, ao se enxugar, ele espera que Nicolina traga-lhe a toalha e Antonietta o penteie. No entanto, na maioria das vezes, é Nicolina quem realiza todo o ritual de servidão:

Don Lucio sentou-se em frente à sacada fechada, com uma toalha seca em torno do pescoço. / Vejamos se você é boa. / Nicolina borrifou a água Migone nos poucos tufo de cabelo, massageou levemente com uma esponja até a pele tornar-se rosada. Depois pegou o pente. / - Está bem assim? / - Está bem. / Estou te machucando? / - Não. Continua. / Nicolina sabia fazer. Sempre observava e aprendia cada pequeno movimento da irmã enquanto penteava o marido, duas vezes ao dia. Se esforçava para penteá-lo também ela, devagar, devagar, sem impaciência, animada pelo temor de deixar descontente o cunhado que havia entregado o calvo crânio rosado às suas mãos inexperientes. / - Está bem assim? / - Está bem. / Eu o faço mal? / Don Lucio gostava o primeiro prazer da manhã. A massagem lenta e igual lhe fazia bem; com os ombros apoiados no dorso da cadeira, os olhos meio fechados, se abandonava totalmente à pequena voluptuosa sensação. / Chega – Ordenou a um certo ponto¹⁸⁷.

Como podemos perceber, a narradora elabora uma longa cena detalhando coisas simples e banais, como a ação de se pentear. Na verdade, a cena é apenas um pretexto para que o leitor perceba o grau de obediência das mulheres ao patriarca.

¹⁸⁶ “In casa si preparavano le salsicce, sotto la guida di Don Lucio che se ne intendeva”. Idem, p.153.

¹⁸⁷ “Don Lucio sedette davanti al balcone chiuso, con un asciugamani asciutto intorno al collo. / - Vediamo se sei brava. Nicolina spruzzò l’acqua Migone nei pochi ciuffi di capelli, stropicciò lievemente com una spugnetta finché la cute diventò rósea. Poi prese il pettine. - Va bene così? / -Va bene. / - Vi faccio male? / - No. Continua. Nicolina sapeva fare. Sempre aveva osservato e imparato ogni più piccolo movimento della sorella mentre pettinava il marito, due volte al giorno. Si studiava di pettinare anche lei adagio, adagio, senza impazienze, animata dal timore di lasciare scontento il cognato che affidava il calvo róseo crânio alle sue mani inesperti. - Va bene così? / - Va bene. / - Vi faccio male? Don Lucio gustava il primo piacere della giornata. Il massaggio lento e uguale gli faceva bene; con le spalle comodamente appoggiate alla bassa spalliera, gli occhi socchiusi, si abbandonava tutto alla piccola voluptuosa sensazione. / - Basta – ordinò a un certo punto”. Idem, p. 57.

3.1.8 Descrições simplificadas e exageradas

Para apresentar as personagens de forma simplificada e esboçar traços de sua boa conduta, a autora emprega na descrição das filhas de Antonietta “traços de pureza, honestidade e desinteresse”¹⁸⁸, características que, muitas vezes, seguem inalteradas até o final da narrativa. Por outro lado, o exagero é utilizado na descrição de Don Lucio. Pelo fato de ser o patriarca da família, abusa nas suas deliberações:

E buscava cada oportunidade para infundir o medo nas filhas, pálidas, magrinhas, vestidas de preto, longos, longos... Não as mandava nem mesmo às freiras, para que não lhe fugissem, como Alessio. Gostaria de custodiá-las. Ele gostaria de formá-las, ao seu modo, dóceis, simples, ignorantes, sem vontades, como devem ser as mulheres¹⁸⁹.

O desejo de Don Lucio é proteger as meninas e manter as coisas de acordo com seus valores. Este cuidado com as filhas representa o medo de perder mais um de seus herdeiros. Para o patriarca, a casa continua sendo o lugar mais adequado para se educar as mulheres, restringindo-as de qualquer contato exterior que afete seu comportamento, porque, segundo ele, “a felicidade se encontra nos hábitos”¹⁹⁰.

O receio de Don Lucio era ter filhas tão espertas e curiosas quanto Alessio. O menino, desde o princípio, compreendia a personalidade de Don Lucio, dizendo: “– Papai é uma mosca branca. Os homens são todos como ele”¹⁹¹. O jovem demonstra compreender o que se passa no âmbito familiar, distinguindo o bem do mal, porém não tem a mínima intenção de continuar fazendo parte deste cenário. Essa perspicácia de Alessio comprova sua sensibilidade e inconformismo diante de um mundo que oprime os mais fracos. Já Carmelina era uma menina doce e inquieta, “olhava Alessio com os olhos brilhantes de vivacidade e de impaciência, tão negros que pareciam os de um

¹⁸⁸ José Alcides Ribeiro. *Imprensa e ficção no século XIX*, op. cit., p. 45.

¹⁸⁹ “E cercava tutte le occasioni per incutere timore alle figlie, palide, magroline, vestite di nero, lunghe, lunghe... Non le mandava più neanche dalle monache, perché non gli sfuggissero, comme Alessio. Le voleva custodire. Le voleva formare lui, a suo modo, docili, semplici, ignorante, senza desideri, come debbono essere le donne”. Maria Messina. *La casa nel vicolo*, op. cit., p. 288.

¹⁹⁰ “La felicità si trova nell’abitudine!”. Idem, p. 67.

¹⁹¹ “– Papà era una mosca bianca. Gli uomini son tutti come lui”. Idem, p. 59.

ratinho”¹⁹². Sua única distração é ir à escola de freiras, uma vez que “com as freiras seria mais livre, pobre menina. É tão vivaz!”¹⁹³.

O nascimento da menina Agata incomoda Nicolina, o que acaba gerando desconforto entre as duas e aborrecimentos futuros para a garota:

Sobre o banquinho estavam os brinquedos da criança mais nova. – Por favor, Agatazinha, - fez Nicolina aproximando-se da sacada – pegue estas coisas e me dê o banquinho. – É meu – responde a menina. – E não te dou. – Mal-educada! – exclamou Alessio, entrando. – Não dê de jeito nenhum. Se não tem outra cadeira... – O que me importa? – replicou a criança apoiando-se com as duas mãos no banquinho, para defendê-lo. Depois gritou: - Você não deve me comandar! Esta é a casa de minha mãe! Não é sua! Nicolina hesitou¹⁹⁴.

Devido ao problema entre as irmãs, Antonietta transfere todo o seu rancor para Agata quando a amamenta. Os únicos momentos de satisfação vividos pela menina ocorrem na ausência do pai: “Agata pulava na saleta, empurrando a irmãzinha, feliz de o pai estar fora e que um período poderia fazer barulho livremente, sem a ameaça da terrível frustração”¹⁹⁵. Como se percebe, as crianças sempre estão brincando e tentando se divertir, contudo vivem com medo das retaliações de Don Lucio, ou seja, existe uma constante preocupação, um receio de despertar a fúria do pai.

Enfim, dentre as técnicas de construção ficcional emprestadas do folhetim do século XIX, a que mais salta aos olhos do leitor do romance de Messina é aquela em que, segundo Ribeiro, o herói e a heroína dos romances são descritos com traços exagerados e simplificados; traços de pureza, honestidade e desinteresse¹⁹⁶. Em

¹⁹² “Guardava Alessio, con occhi brillanti di vivacità e di impazienza, così neri che parevano quelli d’un topolino”. Idem, p. 142.

¹⁹³ “Dalle monache sarà più libera, povera bambina. È così vivace!”. Idem, p. 143.

¹⁹⁴ “Sullo sgabello c’erano dei balocchi della bambina più piccola. – Per piacere, Agatina, - fece Nicolina avvicinandosi al balcone – togli questa roba e dammi lo sgabello. – È mio – rispose la bambina. – E non te lo do. – Sgarbata! – esclamò Alessio, entrando. – Non glie lo devi mica regalare! Se non ci sono altre sedie... – Che m’importa? – Replicò la bambina appoggiandosi con le due mani allo sgabello, per difenderlo. Poi strillò: - Non mi deve comandare lei! Questa è la casa di mamma! Non è la casa sua! Nicolina vacillò”. Idem, p. 150-151.

¹⁹⁵ “Agata saltellava nella saleta, spingendo la sorellina, Felice che il padre fosse partito e che per un pezzo si potesse fare il chiasso liberamente, senza la minaccia del terribile frustino”. Idem, p. 158.

¹⁹⁶ José Alcides Ribeiro. *Imprensa e ficção no século XIX*, op. cit., p. 45.

Messina, tanto as personagens boas e de bom caráter quanto às más, são descritas com qualificativos que ajudam ao leitor a entender quem é bom e quem é mau na trama.

Outra estratégia folhetinesca presente no romance, embora menos consistente, se refere à presença de “heróis que atuam para conquistar uma mulher ou uma boa posição social”¹⁹⁷. Don Lucio casa com Antonietta para sanar uma dívida contraída junto ao pai da moça.

Não passa despercebida outra técnica folhetinesca em Messina: trata-se do chamado “didatismo narrativo”, que, segundo Ribeiro, consiste na retomada de relatos interrompidos com resumos do que havia acontecido até então, chamadas, anúncios do que vai acontecer etc¹⁹⁸. Embora saibamos que parte desse didatismo esteja relacionada com o fato de Messina não ter tido uma educação formal, tendo que se espelhar em alguns escritores para construir suas narrativas, é notório também o fato, como já havia acenado Antonio Gramsci, de que o romance folhetim francês, reeditado na Itália, constituía-se leitura favorita das mulheres e das classes menos favorecidas. Escritoras como Messina e Grazia Deledda foram leitoras assíduas de romances folhetins, reproduzindo em suas obras, muitas vezes, técnicas e temas daquela literatura cujo sucesso obtido na Itália incomodava Gramsci por diversas razões.

¹⁹⁷ Idem, *ibidem*.

¹⁹⁸ Idem, p. 46.

CONCLUSÃO

Em *La casa nel vicolo* Maria Messina elabora, no plano literário, imagens e metáforas específicas com vistas a uma representação dos papéis sociais vivenciados por suas personagens, na sua grande maioria personagens representadas por mulheres sicilianas submetidas às convenções sociais, marcadamente patriarcais, que vigoravam no contexto de produção do romance. Nesse percurso, destacam-se fatos vividos na ficção, mas vivenciados na vida real por mulheres como ela que, não tendo tido a oportunidade de frequentar a escola, tinham apenas na figura dos familiares, geralmente pais ou irmãos mais velhos, um professor que ajudava no exercício das primeiras letras. Em uma carta endereçada a Verga, e datada de 6 de novembro de 1909, Messina fazia as seguintes declarações:

Vivi sempre sozinha na minha pequena família: nunca fui à escola; meus mestres foram minha mãe, quando eu era pequena, e meu único e amado irmão até bem pouco tempo. A ele somente, que me dirigiu para este caminho, que, com juvenil entusiasmo de artista me indicou um ideal, que quis fazer de mim aquilo que ele não pôde, mas que deveria ser, a ele devo tudo¹⁹⁹.

Apesar das convenções burguesas e patriarcalistas impostas, tais barreiras não impediram que mulheres como Maria Messina, Grazia Deledda e Ada Negri levassem ao conhecimento do público suas produções, obtendo, inclusive, enorme sucesso entre o público feminino e louvores da crítica literária da época, geralmente liderada por homens que também exerciam a arte da escrita. À sua disposição, essas mulheres tinham modelos consagrados, como Verga, Pirandello, Fogazzaro, Tozzi etc. Elas não hesitaram em retomar seus mestres, imitar seus estilos, repetir os fundamentos literários vigentes no momento em que decidiram estreitar no cenário literário italiano dos Novecentos. Messina retomou o verismo, mas reelaborou alguns aspectos, passando a retratar o universo dos pobres da Sicília mais de perto, “da vicino” e não “dall’alto”,

¹⁹⁹ “Sono vissuta sempre sola nella mia piccola famiglia: non sono mai andata neanche a scuola, i miei maestri sono stati mia madre quand'ero piccola e il mio unico e amato fratello sino a pochi anni fa, a lui soltanto che m'ha avviata su questa via, che, con giovanile entusiasmo d'artista m'ha additato un ideale, che ha voluto far di me quel che lui non ha potuto e che pur doveva essere, a lui debbo tutto”. Maria Messina. “Lettera 1”. In Giovanni Garra Agosta. *Un idillio letterario inedito verghiano*, op. cit., p. 5-6.

como havia proposto o verismo nas suas alíneas dispersas nas várias cartas endereçadas a Luigi Capuana.

Essas mulheres começam a publicar seus romances “a puntate”, em capítulos, nas páginas das revistas literárias e de moda que começavam a se multiplicar naquele começo de século. Tais revistas visavam aumentar sua receita e, para isso, começavam a aceitar a colaboração de autores italianos desconhecidos, mas que tinham muito a oferecer ao novo público que começava a se formar com a reedição de folhetins franceses na Itália. A presença maciça desses folhetins na Itália incomodava alguns intelectuais. Mesmo algumas décadas depois das primeiras reedições de folhetins franceses por periódicos italianos, homens como Antonio Gramsci se mostravam descontentes com o enorme sucesso alcançado por essas histórias em “fatias”. O fato é que Gramsci reclamava da ausência de escritores que produzissem para o povo e que retratassem em suas obras os reais problemas da nova nação. A grande questão é que esses escritores existiam na Itália, mas eram ignorados pelas elites, uma vez que eram periféricos e tratavam de questões que, embora fossem também periféricas, acabavam por tocar em algumas feridas sociais que vinham sendo colocadas à margem pelos grandes nomes da literatura italiana: questões sociais envolvendo as classes menos favorecidas e, sobretudo, as mulheres do sul da Itália.

Além das técnicas e dos temas literários à disposição daquelas mulheres candidatas a escritoras, e que eram reelaborados por elas a partir das obras italianas mais eruditas, tais escritoras eram confessadamente leitoras assíduas dos romances folhetins franceses em voga na Itália. Daqui elas vão se apropriar de temas como paixões, adultério, injustiça; técnicas como suspense, narrativas com corte no meio e no final de cada capítulo, títulos atraentes etc. Na verdade, a escrita dessas mulheres resulta dessa conjunção de temas, técnicas e fórmulas emprestadas tanto da literatura mais canônica quanto da folhetinesca.

A partir daí, a obra de Messina e de tantas outras ganham personalidade própria, com estilos muito próximos, porém com certas nuances que ajudam a diferenciar um dos outros. Com base no modelo, mas sem se manter totalmente fiel aos princípios veristas, Messina reelabora um universo, e com cores muito particulares, cujos homens e mulheres têm suas vidas entregues ao acaso e a adversidades de toda ordem. São filhos e maridos que partem com a Grande Emigração deixando esposas e mães

desamparadas, à beira da loucura. São mulheres submetidas às ordens do marido e das convenções sociais vigentes, fortemente conservadoras e inflexíveis. Mulheres que não encontram forças para subverter a ordem e dar o primeiro passo rumo à emancipação, pelo menos no romance de estréia. Esposas enclausuradas em casas sufocantes, com janelas sempre fechadas para o mundo, mundo geralmente contemplado apenas pela estreita vista que os becos medievais da Sicília ofereciam. Becos que, metaforicamente, davam para um céu de chumbo com réstias de sol que, aqui e acolá, conseguiam transpor com dificuldade a densidade das nuvens cinza que cobriam as casas dos vilarejos.

Para uma representação desses espaços assim constituídos, dos cenários imutáveis da vida siciliana, das vidas controladas, submetidas e submersas em um mar de quase conformismo, não bastava como modelo uma literatura que deixava à margem aspectos dessa realidade. Talvez a maciça presença do folhetim francês na Itália tenha representado uma oportunidade para essas mulheres tomarem de empréstimo técnicas, imagens, cores e metáforas que ajudassem a esboçar mais verossimilmente parte dessa realidade vivida pelas mulheres da ficção, como Nicolina e Antonietta, e pelas existentes no mundo real, como Messina, Deledda e Negri.

Para encerrarmos, citamos um trecho de *Folhetim* de Marlyse Meyer, onde a estudiosa, sabiamente, coloca a “mulher do povo”, seja ela donzela, prostituta ou senhora do lar, numa mesma perspectiva e num mesmo patamar do ponto de vista do folhetim e das convenções sociais, embora à primeira vista, isso possa parecer paradoxal:

O folhetim da “desgraça pouca é bobagem”, apesar de seus excessos e omissões, não pode deixar de transmitir uma imagem dessa mulher do povo, na sua dupla realidade: a de seu cotidiano e de sua ideologia oficial dos filantropos, higienistas, reformadores sociais, teóricos, sindicatos etc. Ela é ao mesmo tempo depravada – “tem todos os vícios” – e “corajosa e abnegada”. Vítima perseguida pelo destino – e ser mulher já é “destino” –, não deixa, no entanto de ser uma heroína. Heroína pelo heroísmo escondido no cotidiano de uma vida feita de privações (palavra-chave e recorrente), correrias e trabalhadeira, e heroína “ideológica”. Mulher “do lar”, moralizada do homem e da família²⁰⁰.

²⁰⁰ Marlyse Meyer. *Folhetim*, op. cit., p. 270-271.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGOSTA, Giovanni Garra. *Un idillio letterario inedito verghiano: lettere inedite di Maria Messina a Giovanni Verga*. E-text: 1ª edizione elettronica del 4 agosto 2015. Disponível em: <http://www.liberliber.it/online/opere/libri/licenze/>.
- ARAÚJO, Ricardo Benzaquen. *Guerra e Paz: Casa-Grande e Senzala e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.
- BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. Trad. Antônio de Pádua Danesi. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e estética*. Trad. Aurora Bernardini et al. São Paulo: Hucitec, 1990.
- BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. Trad. Mario Laranjeira. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- BARTOLOTTA, Lucio. *Maria Messina (1887-1944)*. In: "Il Centro Storico", Mistretta, 2006. Disponível em: http://www.literary.it/dati/literary/bartolotta/maria_messina_18871944.html. Acesso em: 10 de novembro de 2014.
- BONFIGLIO, Anna Maria. "Maria Messina". In: *Figure femminili del Novecento a Palermo*. Palermo: Auser-Ulisse, 2000.
- _____. "Una realtà da scontare: Le anguste vicende della piccola borghesia nelle pagine di Maria Messina (1887-1944)". Milano, 2007. Disponível em: <http://www.italialibri.net/dossier/?MariaMessina-Narrativa&id=80>. Acesso em: 06 de novembro de 2014.
- BRIGHENTI, Marianna. "Il romanzo d'appendice in Italia". In: *Letteratura e cultura nei periodici veronesi di fine Ottocento*. S.S.D.1-fil-let/11. Disponível em: http://www.univr.it/documenti/AllegatiOA/allegatooa_8266.pdf. Acesso em: 28 de setembro de 2015.

- BUTOR, Michel. *Repertório*. “O romance e sua técnica”. Trad. Leyla Perrone Moisés. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- CÂNDIDO, Antonio. *De cortiço a cortiço*. 1973. Disponível em: http://www.casdvest.org.br/pcasd%2Fuploads%2Ftassio%2FAn%E1lises%2F20080624_de_cortico_a_cortico.pdf. Acesso em: 16 de outubro de 2015.
- CAPUANA, Luigi. “Letteratura femminile”. In: *Nuova Antologia di Scienze, Lettere ed Arti*, Roma, gennaio-febbraio, 1907, volume CXXVII, pp. 104-120.
- CHIOSTRI, Francesca. “La perdita della sessualità come conquista della donna pirandelliana”. In: *Carte Italiane*. Department of Italian, UCLA, UCLA. University of Texas, Austin, 1994.
- COSTA, Emília Viotti da. “*Patriarcalismo e patronagem*: mitos sobre a mulher no século XIX”. In: *Da monarquia à República: momentos decisivos*. 9. ed. São Paulo: Edunesp, 2010.
- DEBENEDETTI, Giacomo. *Il romanzo del Novecento: quaderni inediti*. 4. ed. Milano: Garzanti, 1983.
- DE LUCA, Tânia Regina. “História dos, nos e por meio dos periódicos”. In PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes Históricas*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010.
- GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere: Literatura. Folclore. Gramática*. Trad. Carlos Nelson Coutinho et al. Vol. 6. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- HUMPHREY, Robert. *O fluxo da consciência*. São Paulo: McGraw-Hill, 1976.
- MARQUES, Francisco Cláudio Alves. “Vozes em uníssono: o silêncio histórico das mulheres messinianas”. In: *Anais do XIV Seminário Nacional Mulher e Literatura / V Seminário Internacional Mulher e Literatura*. v.1. n.01, 2011. Disponível em: http://www.telunb.com.br/mulhereliteratura/anais/wp-content/uploads/2012/01/francisco_claudio.pdf. Acesso em: 28 de setembro de 2015.
- MARTINS, Nilce Sant’anna. *Introdução à estilística: a expressividade na língua portuguesa*, 3. ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.
- MESSINA, Maria. *Il guinzaglio*. Palermo: Sellerio, 1996

_____. *L'amore negato*. Palermo: Sellerio, 1993.

_____. *La casa nel vicolo*. Palermo: Sellerio, 2009.

_____. "La casa nel vicolo". In: *Nuova Antologia di Scienze, Lettere ed Arti*. Vol. CCIV nella raccolta CCLXXXVIII, Roma: Nuova Antologia, Gennaio-febbraio, 1920.

_____. *Pettini-fini*. Prefácio de Leonardo Sciascia. Palermo: Sellerio, 1996.

_____. *Piccoli gorgi*. Palermo: Sellerio, 1997.

_____. *Ragazze sciciliane*. Palermo: Sellerio, 1997.

MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

MUSCARIELLO, Mariella. "Una scrittura in transito". Maria Messina tra Verga e Pirandello. In AA. VV., *La civile letteratura*. Nápoles: Liguori, 2002. Disponível em: <http://udimonteverde.org/lab/files1/Palermo.pdf>. Acesso em: 04 de maio de 2015.

MUSCARIELLO, Mariella. "Vicoli, gorgi e case: reclusione e/o identità nella narrativa di Maria Messina". In Aa. Vv., *Les femmes écrivains en Italie (1870-1920): ordres et libertés*, Paris, Chroniques Italiennes-Université de la Sorbonne Nouvelle, 1994. Disponível em: <http://chroniquesitaliennes.univ-paris3.fr/PDF/3940/Muscariello.pdf>. Acesso em: 28 de setembro de 2015.

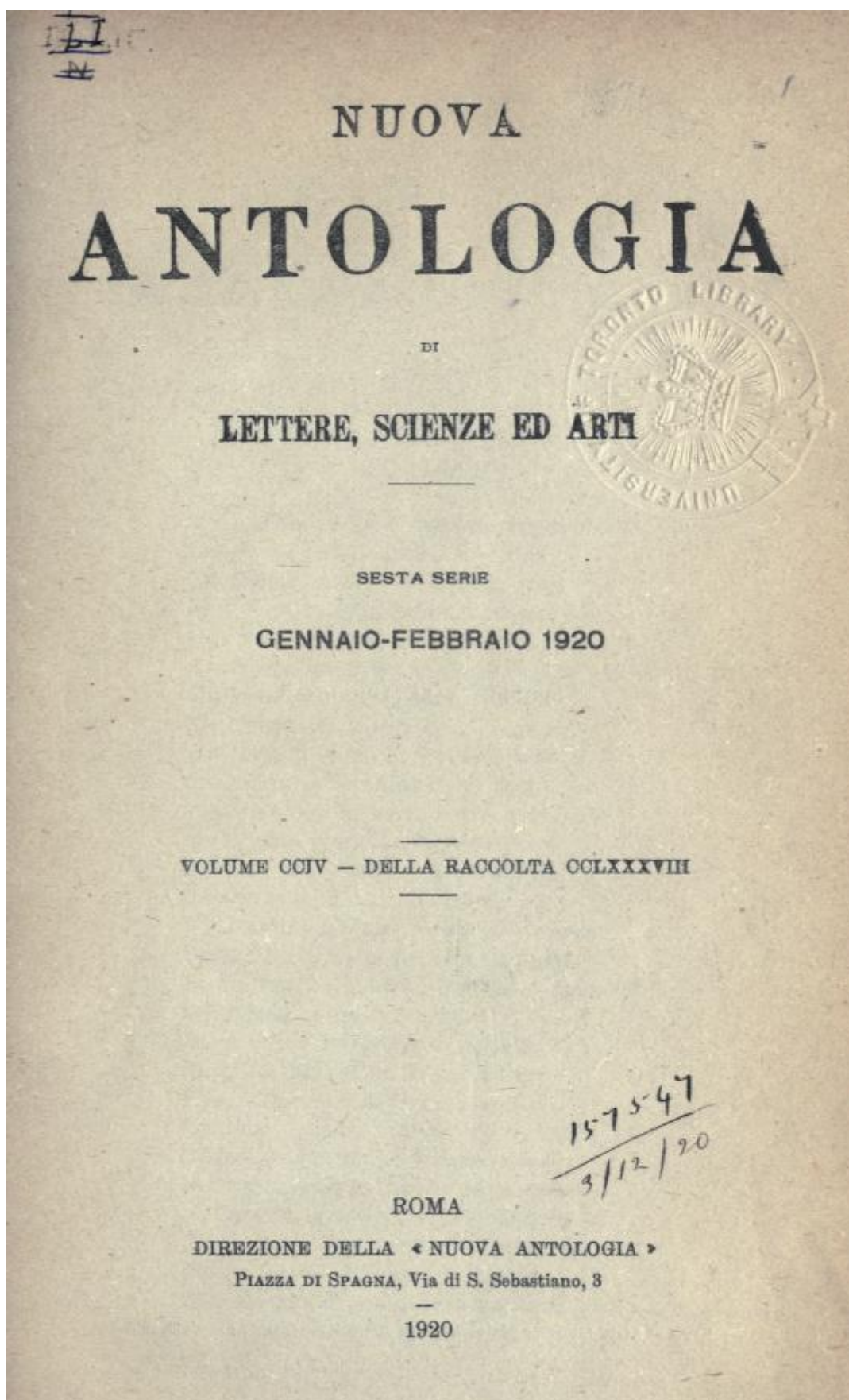
PAUSINI, Cristina. *Le "briciole" della letteratura: le novelle e i romanzi di Maria Messina*. Bologna: CLUEB, 2001.

PIRANDELLO, Luigi. "L'altro figlio". In: *Novelle per un anno*. (Collezione 'Omnibus'). Milano: Mondadori, 1937, pp. 855-873.

PREVIATO, Sonia. "La riscossa delle lavoratrici in Italia". In: *Dalle mondine ai call center marxismo e femminismo a confronto*. Disponível em: <http://www.marxismo.net/idm/idm5/idm5.htm>. Acesso em: 02 de novembro de 2015.

- PERROT, Michelle. “Os silêncios do corpo da mulher”. In: MATOS, Maria Izilda Santos de; SOIHET, Rachel (Org.). *O corpo feminino em debate*. São Paulo: Edunesp, 2003.
- RIBEIRO, José Alcides. *Imprensa e ficção no século XIX*. Edgar Allan Poe e a narrativa de Arthur Gordon Pym. São Paulo: Edunesp, 1996.
- SAMOYAULT, Tiphaine. *A intertextualidade*. Trad. Sandra Nitrini. São Paulo: Aderaldo e Rothschild, 2008.
- SAPEGNO, Maria Serena. “Sulla soglia: la narrativa di Maria Messina”. In: *Altrelettere*, 14/03/2012, DOI: 10.5903/al_uzh-3. Disponível em: www.altrelettere.uzh.ch/static/download.php?id...3. Acesso em: 22 de janeiro de 2015.
- TACCA, Oscar. *As vozes do romance*. Trad. Margarida Coutinho Gouveia. Coimbra: Livraria Almedina, 1983.
- VILLA, Deliso. *História esquecida*. Trad. Adriana Pucci. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória, 2005.
- WELLEK, René; WARREN, Austin. *Teoria da literatura e metodologia dos estudos literários: leitura e crítica*. Trad. Luís Carlos Borges. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- ZOLA, Emile. *O romance experimental e o naturalismo no teatro*. São Paulo: Perspectiva, 1982.
- _____. “La storia della rivista”. In: *Fondazione Spadolini: Nuova Antologia*. Disponível em: <http://www.nuovaantologia.it/htdocs/index.html>. Acesso em: 12 de novembro de 2014.
- _____. “Un’inchiesta sul femminismo”, In: *Nuova Antologia di Lettere, Scienze ed Arti*. vol. CLIV. Roma: Nuova Antologia, luglio-agosto 1911.

Anexo A → capa da revista *Nuova Antologia*



Anexo B – O romance *La casa nel vicolo* (1920)

LA CASA NEL VICOLO

ROMANZO

I.

Nicolina cuciva sul balcone, affrettandosi a dar gli ultimi punti nella smorta luce del crepuscolo. La vista che offriva l'alto balcone era chiusa, quasi soffocata, fra il vicoletto, che a quell'ora pareva fondo e cupo come un pozzo vuoto, e la gran distesa di tetti rossicci e borrhaccini su cui gravava un cielo basso e scolorato. Nicolina cuciva in fretta, senza alzare gli occhi: sentiva, come se la respirasse con l'aria, la monotonia del limitato paesaggio. Senza volerlo, indugiava a pensare alla casa di Sant'Agata; rivedeva il balconcino di ferro arrugginito, spalancato sui campi, davanti al cielo libero che pareva mescolare le sue nubi col mare, lontano lontano.

Era quella, per Nicolina, l'ora più riposata, benchè la più malinconica, della giornata. Tutte le faccende erano sbrigate. Nella casa, come nell'aria, come dentro l'anima, si faceva una sosta, un accorato silenzio. Allora pareva che i pensieri, i rimpianti, le speranze, si facessero innanzi circonfusi della stessa luce incerta che rischiarava il cielo. E nessuno interrompeva i vaghi, incompiuti soliloqui.

Antonietta era in camera, presso il lettino di Alessio che da sei giorni aveva la febbre. Il cognato, al solito, restava seduto presso la tavola, che Nicolina aveva sparecchiata. Nella stanza mezzo buia si scorgeva, simile a un piccolo punto rosso, il fuoco della lunga pipa. Dopo aver cenato, e si cenava mentre era ancora giorno per non andare a letto col cibo sullo stomaco, egli fumava per un'ora giusta (il pendolo oscillava nel mezzo della parete), tenendo gli occhi socchiusi, placidamente.

Annottava, e l'ultima luce era fuggita; Nicolina ripose il lavoro nel cestino, alzandosi un po' a malincuore. Doveva preparare il bicchiere d'acqua che il cognato sorseggiava lentamente, due ore dopo aver cenato. Antonietta, che aveva la testa al malatino, non se ne sarebbe occupata.

Strizzò poco meno di mezzo limone nell'acqua, badando che col succo non cadesse qualche seme; aggiunse tanto vino quanto bastava a tinger l'acqua; vi sciolse un cucchiaino scarso di zucchero; agitò, rimestò, lasciò riposare. Poi guardò il bicchiere contro il lume, per accertarsi che la bibita fosse perfettamente limpida, come sapeva prepararla Antonietta. E finalmente portò il bicchiere, su un piatto, cautamente.

Tornò a riaffacciarsi. Ma il cognato chiamò subito.

— Vuoi ammalarti anche tu? C'è umido, fuori.

Nicolina avrebbe voluto spiegare che l'aria le pareva insolitamente tiepida. Ma rientrò senza replicare.

— Chiudi.

Socchiuse il balcone, sospirando.

— Chiudi bene.

Chiuse anche gli scuri, senza fare rumore. Si ricordava di suo padre che non voleva si serrassero le finestre; diceva: « Il viandante stanco, che entra di notte in paese si solleva se vede un po' di luce nelle case... ».

Sedette presso la tavola e riprese a lavorare, cercando di non dar noia al cognato con la mano, nel tirar la gugliata. Carmelina, trascinati i balocchi presso la zia, cominciò a cullare una pupattolina fatta con due cenci e un fil di spago, canticchiando: « Dormi... Dormi... ». Ma si interruppe subito, e tacque, guardando il padre un po' spaurita.

Poi venne Antonietta, pallida e preoccupata, e sedette anche lei.

— Hai fatto bene — disse all'orecchio della sorella, — a pensare per la limonata.

— Tu non venivi...

— C'eri tu. Stavo tranquilla.

Sempre sotto voce aggiunse, accarezzando la bambina:

— È ora che vada a letto, non ti pare? Io debbo tornare di là.

— Finisco la cucitura e vado subito.

Tacquero. Di solito stavano sempre zitte mentre lavoravano e don Lúcio era in casa, per non dargli noia.

Antonietta, che mostrava una penosa inquietudine in tutta la persona, ruppe due volte il pesante silenzio con due sospiri profondi. Tutte e due le volte Nicolina levò gli occhi dal lavoro e la guardò con espressione angustata.

Don Lúcio assaporava la sua fumata con soddisfazione quasi voluttuosa. Tenendo gli occhi socchiusi, seguiva ogni piccolo movimento delle due sorelle. L'una e l'altra avevano nell'espressione, nella maniera di muoversi, di guardare, lo stesso impaccio, la stessa goffaggine che nascevano dal continuo misterioso timore di recargli fastidio. Egli provava una compiacenza sempre nuova ogni qual volta si avvedeva come fosse profonda la soggezione che ispirava alle due donne, specie a Nicolina che, sul principio, aveva mostrato di avere una vivacità quasi irruente e sgradevole.

Nicolina si alzò, e Carmelina la seguì dopo aver baciato in fretta la mano dura e fredda che il padre allungava ogni sera, senza smettere di fumare.

— Prendi le mie carte e gli occhiali.

Antonietta portò sulla tavola la cartella gonfia di registri, e la cassetta con le penne e il calamaio, che stavano disposte in bell'ordine su una piccola scansia presso il balcone. Don Lúcio guardava compiaciuto la moglie che andò e tornò due volte. Ammirando le molli movenze dei fianchi forti e pieni della sua donna, era contento di sè stesso, così come era contento ogni volta che si soffermava a contemplare i mobili costosi de' quali aveva abbellito la casa.

Nicolina, tornando, disse:

— Sono stata a vedere Alessio. Si lagna, nel sonno.

Antonietta guardò supplichevolmente il marito. Andò e tornò subito, in punta di piedi.

— Lucio! — chiamò timidamente, restando sull'uscio, con la voce piena di lacrime. — Credo che stia peggio!

Egli finse di adirarsi:

— Ci avete gusto a tormentarmi? — gridò. — Ad avvelenarmi pochi minuti di riposo, dopo una giornata di fatica?

Antonietta tornò in camera, umiliata e dolente. Non le credeva mai, quando gli comunicava le sue paure!

— La colpa è mia — confessò alla sorella, — mi manca il garbo, nel dire le cose...

— Vuoi che gli parli io?

— No, è inutile. Stasera è in collera. Vattene, Nicolina. Pare che si confabuli, qui tra noi. Non è giusto.

Ma quella sera, l'umore di don Lucio era disposto alla pace. Aveva mangiato di buon appetito, digeriva senza fatica, era soddisfatto. Solo gli dava un po' di noia, sentir piangere la moglie, di là...

Si alzò finalmente ed entrò in camera, mentre Nicolina, ch'era tornata al lavoro, impallidiva, spaurita.

La moglie, seduta accanto al lettino, in penombra, nell'abbandono doloroso di tutta la persona, pareva quasi bella. Don Lucio desiderò di abbracciarla. Già gli pareva di sentire tra le braccia secche il tiepido molle corpo della moglie che si abbandonasse docilmente alla sua stretta.

In quel momento essa non pensava affatto a esser docile. Tutta l'anima sua era presa dal figlio malato.

Don Lucio guardò il lettino con una specie di ripugnanza. Quel ragazzo, da quando era nato, non aveva procurato che fastidi a lui e preoccupazioni alle donne.

— Stupidetta! — esclamò con insolita mitezza nella voce. — Ti pare che tuo figlio stia per morire?

Antonietta trasalì, udendo la voce del marito. Ma, poi che lo vide sorridere, osò spiegare:

— Rigetta anche l'acqua... E poi... senti come scotta...

— Si vede che ti manca l'esperienza! — replicò don Lucio senza guardare il piccolo malato. — Se ci fosse qui tua madre ti direbbe che sei una stupida. I ragazzi sono come le giornate di primavera...

Antonietta si rinfrancò un poco. La sola presenza del marito, mentre la intimidiva fortemente, bastava a farle apparire piccole e infondate tutte le sue apprensioni.

Ma il conforto durò quanto la presenza di don Lucio. Rimasta di nuovo sola, nella camera in penombra, fu ripresa dalle paure. Il fanciullo pareva assopito; il fine visetto di lui, bianco come la cera, la spaventava. Lo fissava dolorosamente, come se avesse sperato di trasfondergli vitalità con lo sguardo.

— Alessio, anima mia... Alessiuccio... — chiamò, sommessa-mente, per vedergli riaprire gli occhi. Ma poi pensò che il riposo poteva fargli bene, e tornò a guardarlo in silenzio. Con tutta l'anima dentro lo sguardo fisso e spaventato, si scordava del marito, della figlia, dell'ora tarda. Se la casa fosse crollata intorno, avrebbe continuato a guardare il suo piccolo figlio malato senza muoversi. Nessuno si curava del piccolo che pareva assopito ma non riposava e

soffriva. Ecco che poteva spegnersi così, nel silenzio grande, mentre il marito continuava a riempire di cifre i fogli di carta con le belle righe rosse e blu... Che avrebbe fatto, che avrebbe detto, se lo avesse chiamato gridando: « Lucio! Alessiuccio è morto... »?

Gli voleva veramente bene, lui, ad Alessio? Certo, gli doveva voler bene, perchè era il primo figlio, il maschio... Certo... Ma bastava l'ombra del dubbio, che le passava a traverso la mente come il volo d'un pipistrello nella notte, per raddoppiare il suo amore di mamma.

In verità, da quando era nato, Alessio non aveva dato che trepidazioni... Gracile, diafano, tranquillo, pareva che camminasse sulla terra guardato dalla morte...

Chi aveva detto queste buie parole, che proprio ora, mentre era così malato, le tornavano nelle orecchie? Certo le avevano dette per il suo Alessiuccio... Essa gli aveva dato la vita più di una volta, con lo stesso dolore. Dio mio! Dio mio! gemette, saprò farlo diventare ben presto forte e allegro e rumoroso come gli altri ragazzi?

Il marito tornava, con una candela in mano.

— Non ti sei ancora coricata? — esclamò.

— Eccomi — rispose Antonietta. Subito pregò: — Non mandargli tutta la luce sugli occhi...

Si spogliò e si coricò, per obbedienza. Ma cercò di non addormentarsi. A mezzanotte scese di letto per fare bere Alessio; altre due volte per guardare il termometro.

— Mamma! — si lamentava il malato vedendola. — Non è ancora giorno?

Scendeva cautamente, camminava a piedi nudi, per non svegliare il marito. Don Lucio si svegliò lo stesso e la mattina disse:

— Finchè non si rimette — e accennò con la mano al lettino, — io dormirò di là. Non posso perdere così le notti.

Antonietta abbassò gli occhi, mortificata. Lui aveva ragione. Un uomo che deve far lavorare la testa a bisogno di riguardi e non può sacrificare il sonno come una femminetta.

Tuttavia non seppe trattenere le lacrime, quando don Lucio uscì dalla camera per andare a prendere il caffè. Sentì un gran freddo, quasi fosse rimasta per sempre sola e abbandonata nella camera mezzo buia dall'aria satura del tristo afrore della febbre.

Nicolina chiamava. Lasciò il lettino del malato per non far maggiormente seccare il marito facendosi attendere.

La fanciulla s'era alzata prestissimo e, preparato il caffè, aveva spazzato e rassettato la grande stanza che, forse perchè aveva il parato scuro e perchè dava nel vicolo, restava senza luce fino a tardi. Le robe del cognato, di già tutte spazzolate e piegate, erano pronte sul divano, e le scarpe, ben lucidate, erano posate sullo sgabello perchè lui non dovesse chinarsi nel prenderle. Dalla cucina giungeva una forte e piacevole fragranza di caffè fresco.

Antonietta ingollò il caffè e mentre la sorella passava in fretta con un candido asciugamani sulle braccia, le raccomandò:

— Torno da Alessio, Nicoli'... Provvedi tu alla collezione.

Nicolina non rispose. Sapendo che la sorella non poteva aver la testa alle faccende di casa, aveva di già provveduto, fin dalla sera innanzi. In cucina don Lucio si lavava, strofinandosi col sapone odo-

roso le braccia secche e vellose e le gote sbarbate, e poi sciacquandosi abbondantemente. Nicolina aspettò umilmente che finisse, per dargli l'asciugamani, vincendo la sgradevole impressione che le ispirava la vista di quelle braccia nude di uomo. Poi gli portò lo spazzolino dei denti. Infine si rammentò che Antonietta lo pettinava.

Don Lucio sedette davanti al balcone chiuso, con un asciugamani asciutto intorno al collo.

— Vediamo se sei brava.

Nicolina spruzzò l'acqua Migone nei pochi ciuffi di capelli, stropicciò lievemente con una spugnetta finchè la cute diventò rosea. Poi prese il pettine.

— Va bene così?

— Va bene.

— Vi faccio male?

— No. Continua.

Nicolina sapeva fare. Sempre aveva osservato e imparato ogni più piccolo movimento della sorella mentre pettinava il marito, due volte al giorno. Si studiava di pettinare anche lei adagio adagio, senza impazienze, animata dal timore di lasciare scontento il cognato che affidava il calvo roseo cranio alle sue mani inesperte.

— Va bene così?

— Va bene.

— Vi faccio male?

Don Lucio gustava il primo piacere della giornata. Il massaggio lento e uguale gli faceva bene; con le spalle comodamente appoggiate alla bassa spalliera, gli occhi socchiusi, si abbandonava tutto alla piccola voluttuosa sensazione.

— Basta — ordinò a un certo punto.

Nicolina ripose i pettini e la boccetta con l'acqua, e corse a lavarsi. Poi volò nelle stanze di sopra. Carmelina si era svegliata. La vestì, le ravviò i capelli. Rassestò le due stanze con tutta quella vivacità di movimenti che le era naturale e che riusciva tanto sgradita a don Lucio. Tornò giù e, preparando la colazione, ritrovò tutta la posatezza necessaria che aveva imparato ad avere nel servire il cognato.

Stese la tovaglia; imburro il pane bianco (si faceva a parte col fiore di Maiorca per lui solo) e versò il latte, non troppo caldo e non freddo. Mentre egli mangiava — un dottore gli aveva consigliato di masticare il boccone trenta volte lentamente, — Nicolina non tralasciava di servirlo. Andava e tornava dalla cucina (sul fuoco c'erano altre fette di pane in caldo), si trovava pronta a imburrire, ad aggiungere latte o zucchero, senza vincere la pungente paura di non accontentare il cognato. Intenta a servirlo, non si curava di sbrigare le molte faccende che l'aspettavano, o a preparare la colazione per sé e per Antonietta. Del resto loro donne si adattavano facilmente con un po' di pane e un pezzo di ricotta mangiato in piedi. Spiava in faccia il cognato, desiderosa di sentirsi approvare. Ma don Lucio era nero come mezzanotte. Andò in camera, a passi lenti, trascinando le pantofole.

Antonietta lo guardò tra le lacrime.

— Lucio! — esclamò dolcemente. — Che te ne pare?

Don Lucio sbirciò il malato che lo fissava con occhi ardenti e dilatati.

— È raffreddato — disse seccato. — Non vedi che gli lacrimano gli occhi? Fagli fare una buona sudata.

E si allontanò per vestirsi. Non poteva soffrire scene di malati che si lagnano, di donne che piangono... Che pretendevano da lui? Perchè lo tormentavano, inseguendolo con sguardi così contristati che parevano pieni di rimproveri? Non la teneva in pugno lui, la salute di quel ragazzo! Aveva fatto una buona collezione e glie la volevano guastare. Ecco tutto.

Ebbene, la vita di un ragazzo non poteva certo essere utile quanto la vita di un uomo adulto che « lavora e produce ». Quanto la sua, infine. Aveva il cuore malato, lui. Gli erano state vietate le emozioni. E loro si accanivano ad amareggiargli la vita con le piccole angustie, gli sciocchi timori, con che le donne s'infrascano la testa. Ebbene, se lui fosse morto, loro avrebbero finito di mangiare pane!

Ma questi pensieri erano incresciosi e inopportuni, quanto la vista del figlio malato.

Non bisognava pensare a « quel fatto ». Si palpò le gambe, le braccia, si guardò a lungo nello specchio, donde la sua immagine sembrò emergere come da un'acqua verdastra. Viveva, respirava, vedeva. Respirò profondamente. Specchiandosi, scoprì due nuovi capelli bianchi. Li strappò e li buttò via con ribrezzo. Non era più tanto giovane. Forse la dissoluzione del suo corpo cominciava di già, mentre un'altra creatura nata da lui doveva sopravvivergli. Ogni giorno che passava, ed era un passo che lui faceva verso la morte e che l'altro faceva verso l'avvenire. Andavano contro due mete opposte. Era così. La Natura è così.

Vestendosi per uscire, il suo sguardo si posò sul lettino, involontariamente. Subito voltò gli occhi.

Sì, l'altro sarebbe certamente guarito. Aveva tutta una vita davanti a sé, una vita fresca e nuova...

Antonietta guardava il marito, mortificata. Lo vedeva sempre più scorrucciato.

Aveva ragione. Lo trascurava da molti giorni e forse Nicolina non riusciva a contentarlo. Per farsi perdonare, gli spazzolò con cura la giacca, lo accompagnò fin sulla saletta dove Nicolina aspettava tenendo la spolverina chiara con le due braccia alzate. Don Lucio l'infilò senza parlare. Sulla porta si voltò, lungo lungo, e disse con tono aspro, senza rivolgersi ad alcuna delle due:

— Ricordati di farmi trovare il mio letto nel salottino.

Come furono sole, le due sorelle provarono una specie di sollievo, senza confessarlo. Parve che nella casa, nella vasta casa in poca luce, si respirasse più liberamente. Nicolina domandò:

— Come sta?

— Male, Nicolinedda mia. Ho paura. Ciò che mi fa più paura è il non sapere che abbia.

E siccome Nicolina domandava ancora con gli occhi, aggiunse:

— Non vuol credere che sia tanto malato. Gli uomini son tutti così... Gli pare che io esageri...

— Pure papà, buon'anima, ti ricordi... Quando Alfonso ebbe la meningite...

— Papà era una mosca bianca. Gli uomini son tutti come lui. Lo so io che ho più esperienza di te, Nicolinedda.

Nicolina sospirò profondamente. Certo, doveva essere proprio così.

Andò a vedere il nipotino. Ma davanti a quello sguardo grave e intelligente di fanciullo malato che domanda aiuto, si agitò tutta, presa da un senso di sgomento e di oppressione. Sentì anche lei che la solitudine più disperata le circondava in quella casa. Non conoscevano alcuno che si potesse chiamare per conforto o per consiglio. Alla loro porta non picchiava se non gente ignota, gente che domandava di don Lucio con tono umile, squadrandolo le donne ostilmente.

Lasciò la camera, per liberarsi dal senso di angoscia e di solitudine, e cominciò a sistemare un lettino di ferro nel piccolo salotto, mentre Carmelina le girellava attorno rallegrata dalla novità.

Bisognava che don Lucio non si sentisse come accampato; e perciò trascinò nel salottino — dopo aver levato il tappeto orientale e l'orologio di bronzo sotto la fragile campana di vetro — tutte le piccole comodità di cui il cognato amava circondarsi. Ecco la vaschetta di cristallo che conteneva il sapone profumato, la spugna, lo spazzolino. Ecco la graziosa sfera oblunga. E la misteriosa cassetta di ebano che teneva, sempre chiusa a chiave, sul cassettone. La cassetta color cuoio, coi pettini. La scatolina con la limetta d'acciaio e le forbicine ricurve. E finalmente l'astuccio con l'occorrente per farsi fare la barba in casa ogni tre giorni... Nicolina aveva una specie di culto per tutti i piccoli oggetti che andava collocando sui mobili del salotto. Cose che parevano inutili, o almeno superflue... Suo padre, buon'anima, era tanto semplice! E anche i fratelli delle sue amiche d'un tempo lontano... Tutti erano così diversi da lui!

Chiudendo le imposte per impedire che entrasse il sole nel salottino trasformato, pensò che lei, una povera ragazza fatta per la fatica, non avrebbe mai osato dormire in una camera così ricca e bella.

Certo certo... pensò convinta, lui è diverso da tutti gli altri. E si pentì di non aver saputo dimostrare a bastanza fiducia in lui, restando sola con Antonietta. Se non si allarmava era proprio segno che Alessio non doveva essere in pericolo. Sapeva quel che si faceva; era sicuro di sé e conosceva la vita come uno che legge dentro un libro aperto. Bisognava affidarsi a lui, con animo tranquillo.

E tornò a provare il vivo senso di gratitudine e di ammirazione che pareva colmasse la distanza che separava la sua povera anima dal cognato.

Avrebbe potuto sposare una ricca e istruita signorina della città e invece si era degnato di guardare la piccola Antonietta, la quale non gli aveva portato altra dote che il corredo, non altri gioielli che le sue virtù di donna di casa...

Ebbene, ripeté dentro di sé, indugiando come estatica in mezzo alla camera in penombra, Antonietta è stata fortunata.

Passate quelle piccole contrarietà, sua sorella avrebbe di nuovo goduto la gioia di appartenere a un uomo che sapeva guidarla, di avere una casa proprio sua, dei bambini proprio suoi...

Sì, essa era stata fortunata. Non le mancava quasi nulla, per essere felice.



La storia del matrimonio di Antonietta era molto semplice.

Don Lucio Carmine, da alcuni anni, era amministratore o meglio fattotum del barone Rossi. Ogni primavera andava a Sant'Agata, dove il barone possedeva terre e case, per riscuotere, ed era ospitato dal segretario comunale, don Pasquale Restivo.

La buon'anima di don Pasquale gli serbava una riconoscenza così profonda che per lui si sarebbe fatto tagliare le mani.

Si trattava di questo: il segretario si era messo in mente di darsi al commercio, per far la dote alle figlie, e aveva cominciato a fabbricare. Ma fece come uno che se ne va in alto mare, dentro una fragile barchetta...: presto consumò l'esiguo capitale.

Mentre era come si suol dire nelle peste, la moglie gli portò davanti il nome di don Lucio Carmine.

— Non è ricco, ma comanda il foglio da cento. Lo stesso fatto che è un uomo di fiducia del barone dà la certezza che non farà sapere i fatti nostri alla gente. Si dice che abbia prestato denari al farmacista quando si rovinò col gioco...

Forse l'ispirava un angelo, povera donna, forse uno spiritello maligno. Ma chi, mentre è stretto dalla necessità, distingue ciò che è bene da ciò che è male?

Don Pasquale andò a cercare don Lucio fino in città; firmò delle cambiali; garantì il suo nome mettendo innanzi la casetta e una piccola terra che gli dava grano per l'annata. Don Lucio tornò apposta a Sant'Agata, con un amico perito che stimò la casa e la terra; e sborsò il denaro.

Una provvidenza, in quel momento!

Il tempo passò rapidamente. Don Pasquale, che non era nato per fare l'appaltatore, continuò a rovinarsi dietro una fabbrica che pareva maledetta dal Signore. E una sera, mentre meno se l'aspettava, ricevette un biglietto da visita del signor «Lucio Maria Carmine, segretario del barone Rossi ecc. ecc. Presidente del Circolo dei Commercialisti ecc. ecc. Socio della Lega per l'Infanzia abbandonata ecc. ecc. ».

Era in paese e faceva «osservare» che le cambiali scadevano.

Don Pasquale corse come un disperato all'alberguccio dove alloggiava don Lucio. Questi l'accolse con l'abituale freddezza.

— Vedremo... — si limitava a rispondere senza alzare gli occhi (allora non portava gli occhiali), da certe sue cartacce sparpagliate sul letto. — Vedremo... Ma io mi trovo allo scoperto. Io ho fatto dei sacrifici per lei.

— Ha ragione! — gemeva il segretario. — Ha tutte le ragioni. Ma pensi alla condizione di un povero padre di famiglia! Lei è giovane e non sa che significhi! Ne va del buon nome dei Restivo. Che vergogna! E dove me la metterò la faccia, se ci levano la casa? Non si è fatto a tempo. Ma ora si pagherà. Lei ha ragione. Ma non perderà niente. Ha da fare con un galantuomo. Io, finora, gli interessi li ho pagati...

— E chi le parla di interessi? O che mi prende per uno che faccia quel bel mestiere? — interruppe don Lucio alzando la voce e il mento. — Bel profitto a far del bene alla gente!

— Non volevo offenderla! — spiegò il segretario sospirando penosamente. — Non le faccio proposte contro la giustizia!

— Vedremo... — ripeté don Lucio che, così lungo lungo e accigliato com'era, con un ciuffo di capelli mezzo grigi su una tempia, mostrava più anni di quanti ne avesse realmente. — Io il cuore non l'ho cattivo. Non faccio male a una mosca, io, e la mia coscienza è netta come quella di un bambino di latte. Ma capirà! Ho aspettato fin troppo e ora mi trovo allo scoperto...

Si compiaceva a sentirsi pregare e scongiurare da un uomo già vecchio, che in paese era rispettato da ognuno, e ora stava in piedi davanti a lui, a capo scoperto, con le tremule mani tese avanti come a parare un pericolo.

— Vedremo... — Non diceva altro, fingendo di continuare a cercar fra le carte, con aria infastidita. Finalmente aggiunse:

— Le farò avere una risposta.

Il segretario se n'andò col cuore morto.

Ogni sera, tornando a casa, domandava:

— È venuto? Ha scritto?

— Non è venuto. Non ha scritto... — rispondeva la moglie. — Ma non ti allarmare. Tra amici e parenti...

— Sì! Amici e parenti! — esclamava il segretario sconsolato. — Mettere i fatti miei «coram populo!». Non lo sai che il povero e il malato è scacciato dal parentado!

— Resterebbe mastro don Biasi...

— Mastro don Biasi?! Cacciarmi tra le grinfie d'uno strozzino! Quello sì che si mangia tutto!

Così per una settimana intera intera. Una settimana che pareva quella della passione. Anche i ragazzi pensavano alle cambiali, e le nominavano sotto voce, quando il padre non c'era.

Finalmente don Lucio Carmine si fece vivo: rinnovava le cambiali, a lunga scadenza, e prendeva per sé la fabbrica avviata — quella fabbrica che aveva ingoiato tutti i capitali, come la bocca di un pozzo. Bisognava contentarsi. Quel che era fatto era fatto. Ora non si trattava che di pagare, senza pensare mai più a speculazioni sbagliate.

Don Pasquale Restivo tornò dalla morte alla vita. Ciò che lo consolava maggiormente era che, in mezzo a tanto rovinio, la terra non si fosse toccata.

— Ma c'è la minaccia... — fece la moglie. — La terra è lì, a garantire. E se...

Il segretario si aggrottò. Ma si rianimò subito. Sciocchezze. Il debito, a costo di mangiare pane asciutto, si sarebbe pagato.

— Un' altr'anno — concluse —, lo inviteremo a pranzo. È un galantuomo.

Parlava di lui con rispetto, quasi fosse stato il deputato del paese.

— Un galantuomo! Un altro, al suo posto, mi avrebbe rovinato. Certo... con le dita schiacciate ci resto un pochino... Ma non importa. La terra e la casa sono nostre. E non me le lascio scappare.

I figli, una nidiata, lo stavano a sentire a bocca aperta. Loro avevano quasi paura di quell'uomo lungo e accigliato che poteva fare il sole e il maltempo, come il Padreterno.

Allora Caterina, la più grande, poteva avere vent'anni. Antonietta, Nicolina e i fratelli venivano tutti dopo di lei.

L'anno appresso don Lucio fu invitato a pranzo, per tutti i giorni che si fermava a Sant'Agata.

E questa dell'invito a pranzo, diventò un'abitudine. Come si sapeva l'arrivo di don Lucio Carmine, donn'Amalià e le figlie si davano da fare quasi fosse Pasqua. Facevano grandi pulizie per tutta la casa, lavando persino i vetri delle finestre, persino le maniglie di rame delle porte, e mettevano fuori dalla « corriola » la tovaglia di lino con la cifra rossa e bianca, per ricevere degnamente l'ospite che giungeva dalla città. La sua venuta, per via del pranzo più abbondante del solito e per tante piccole novità, rallegrò sempre i figli del segretario.

Solo chi restava vinta da un indefinibile senso di paura, era Antonietta. Quel giovanotto che pareva invecchiare anzi tempo, che a tavola masticava così adagio ch'era una angustia tenergli dietro se si aveva fame, che parlava poco e non rideva mai, le ispirava una soggezione tanto forte che le toglieva il respiro, proprio come se l'aria venisse improvvisamente a mancare nella piccola stanza da pranzo piena di luce. Col tempo la paura diventò quasi piacevole, quasi attraente. Senza sapere perchè aspettò le visite di don Lucio con una certa impazienza. Forse le aspettava come l'unica novità che venisse a interrompere l'uniformità della sua vita casalinga.

Egli veniva regolarmente ogni primavera, in compagnia dell'amico perito che aveva stimato la roba dei Restivo; non veniva solo per conto del barone, ma anche per badare a interessi proprii suoi e veder la fabbrica che progrediva a vista d'occhio e che lui, una volta finita, aveva intenzione di rivendere.

Lavorando nell'orticello, dietro la muriccia che d'estate odorava di sole, Antonietta pensava a don Lucio e cercava di figurarsi la casa dove abitava solo solo... Ma subito rideva di sè stessa, dentro di sè, perchè le pareva una cosa stupida svariare la mente dietro una persona che forse non pensava neppure di averla veduta. Il chiuso e taciturno ospite di ogni anno, non l'aveva mai guardata in faccia, nè le aveva mai rivolto la parola direttamente. Non era, per lui, che una delle figlie del suo debitore... Forse era già fidanzato con una ricca e superba signorina della città.

La piccola Antonietta si ingannava. Don Lucio, nelle sue brevi lontane visite, l'aveva studiata e osservata. Da tre anni accettava gli inviti a pranzo per non guastarsi lo stomaco coi mangiari intrugliati della locanda, e per conoscere a fondo la seconda figlia del segretario. Nicolina era troppo giovane. Caterina mostrava un carattere chiuso e superbo; e i suoi modi un poco bruschi e la maniera di guardare, facevan temere che fosse troppo sicura di sè e aspettasse il momento di spadroneggiare.

Antonietta gli piaceva. Non era bella, ma neppure brutta. Aveva un paio d'occhi castani pieni di mitezza. La veste scura modellava un corpo di già sviluppato e ben fatto. Le mani ruvide e grandi, i polsi forti, sapevano le umili necessarie fatiche della casa. Gli piaceva. Gli sembrava la vera immagine della donna. Lui, che si rammentava in confuso delle sue sorelle, non poteva soffrire le ragazze della città che civettano e che frequentano le scuole maschili. Da molto tempo pensava di prender moglie. Ora aveva anche trovato una ragazza come ci voleva per lui. Ma doveva abituarsi all'idea di dover

vivere con Antonietta e, sopra tutto, accertarsi che il carattere di lei fosse veramente docile mansueto, fatto per essere plasmato come l'argilla fresca.

Un'altra cosa era necessaria: aspettare che don Pasquale Restivo avesse finito di pagarlo (in poco tempo gli interessi avevano superato il capitale); perchè gli affari e il sentimento non camminano bene assieme.

Quando gli parve l'ora si decise. E per non affaticarsi con un viaggio straordinario aspettò di andare a Sant'Agata per conto del barone. Del resto non era affatto impaziente di portare Antonietta nella vasta casa che abitava solo, e dove di tanto in tanto conduceva una sua umile devota amante.

Era il quinto anno che il segretario l'ospitava, con immutata cordialità.

Egli parlò di Antonietta con gravità, scotendo ogni tanto, meccanicamente, per il suo innato amore della pulizia e dell'ordine, il miglio che i canarini dalla gabbia gli spruzzavano sulle ginocchia. Il segretario restò incantato della delicata onestà di quel giovane che aveva frequentato la sua casa — con un sentimento ben delineato —, senza turbare la pace di Antonietta o approfittarsi della sua condizione di creditore...

Antonietta fu chiamata lì per lì. Era nell'orto; sgranava un cesto di baccelli e cantava accompagnata da Nicolina. Le voci fresche e gaie delle due sorelle giungevano nella stanza da pranzo.

Sulla scala la madre le mormorò, prendendole una mano:

— Figlia mia, don Lucio Carmine è venuto a domandarti in isposa.

Antonietta si sbiancò. Volle fuggire smartita. La madre la trascinò dolcemente nella stanza da pranzo. Don Lucio voltava le spalle all'uscio, e oscurava, con la lunga persona, tutta la vetrata; il segretario gli additava certi orti, lontano, che in antico erano appartenuti alla famiglia Restivo. Si voltarono. Antonietta restava in mezzo all'uscio, con la faccia più bianca della cera; si guardava attorno, come se cercasse aiuto nello smarrimento che la soffocava.

— Mi sembri una piccola stupida... — fece la madre sorridendo.

— Che penserà di te il signore don Lucio?

Tutti erano imbarazzati. Allora don Lucio disse:

— Voglio che la risposta di donna Antonietta sia ben ponderata.

E uscì. Anche questo era un atto da galantuomo.

Ma Antonietta si turbò ancora più profondamente, come se l'avessero abbandonata su una strada deserta. Se l'ospite l'avesse a pena guardata negli occhi, se le avesse detto una parola buona, il suo cuore si sarebbe aperto alla gioia e all'amore come un fiore che sboccia toccato dal sole.

Che era mai quella pena grande che l'opprimeva così? Cominciò a piangere sommessamente, col grembiule sulla faccia. Il canarino continuava a saltellare nella gabbia e qualche seme di miglio restava intricato fra i lucidi neri capelli.

— È giusto che sfoghi — disse il segretario. — Le ragazze fanno tutte così. Ti ricordi, Amalia?...

E donn'Amalia e don Pasquale crollarono la testa, sorridendosi dolcemente, come due fanciulloni, ricordandosi dei giorni lontani,

pieni della felicità di esser giovani e di volersi bene. Bei giorni! Anche donn'Amalia piangeva, allora, e gli altri sorridevano. E poi s'erano fatto il ritratto (quello che pendeva, ingiallito, nel salottino); lei seduta, lui in piedi, con una mano posata sulla spalliera della poltrona, rigidi impettiti per venir somiglianti, mentre il cuore picchiava come un tamburo... Bei giorni! Tutto era svanito piano piano, come il sole d'estate che, nel tramontare, s'indugia in mezzo al mare.

E la dolce storia passata, credevano di riviverla nei figli.

Nicolina che saliva, trovò Antonietta con gli occhi rossi. Si sbiancò anche lei, perchè amava molto la sua Antonietta.

— Non è nulla — spiegò la madre, con la voce che le tremava un poco. — Don Lucio Carmine è venuto a domandarla in isposa.

Anche Nicolina non domandò se Antonietta accettava. Si mise a ridere, rallegrata, e ripeté con cantilena, come se raccontasse la vecchia favola, a un bambino...

— È venuto Barbablù! Mi date la più gentile delle vostre sorelle?

— Ma taci! — esclamò Caterina, che non aveva aperto bocca. — Scherzi sempre fuori di proposito. Ebbene, che c'è da ridere, adesso? Aiutami ad apparecchiare.

Caterina provava gran dolore che sua sorella sposasse. Non era a bastanza bella e piacevole la vita, mentre restavano tutti uniti, tutti assieme, come i chicchi d'uno stesso grappolo?

Ora una di loro doveva andarsene via dalla casa tranquilla, per seguire un uomo straniero. Avrebbe voluto domandare alla sorella: — Ti piace? Lo sposerai?...

Ma non parlò. Non doveva mettersi, con la sua parola, tra lei e la sorte.

Forse per la medesima ragione, ognuno evitò di parlare della « cosa nuova ».

E quella mattinata trascorse come le altre, in mezzo alle faccende accresciute per il pranzo all'ospite.

E la sera, a pranzo, don Lucio Carmine offrì ad Antonietta, senza domandarle la risposta ponderata, un anello che parve straordinariamente ricco e bello. E dopo la sua partenza, le cose tornarono come prima.

Grandi novità furono il corredo della promessa sposa; le visite delle amiche che venivano a rallegrarsi e a curiosare. Tutte invidiarono la fanciulla; moltissime si presero il velenoso piacere di mormorare che quello era un matrimonio voluto, chè il segretario affidava la figlia a un forestiero, senza informarsi chi fosse, in patto di gratitudine, per l'affare di certe cambiali...

Per un pezzo non si parlò d'altro, poi non se ne parlò più, come succede di tutte le cose nuove che fanno impressione.

Antonietta non vinse la soggezione che le ispirava il fidanzato. Egli venne altre due o tre volte, durante l'annata, per « familiarizzarsi » e dar consigli a proposito del corredo, badando che non si facessero spese inutili, spese pazze. Antonietta non si « familiarizzò » mai. Si persuase sempre più di essere una povera semplice creatura che non avrebbe mai pigliato confidenza con quell'uomo saggio e taciturno e non si sarebbe mai resa amabile. Perchè scegliere proprio me? — si domandava sgomentata. E le pareva di trascinare un peso insopportabile.

La vigilia delle nozze osò domandare al fidanzato un grosso favore, « una grazia » disse lei.

Voleva condurre Nicolina, per non esser sola, nella casa nuova, almeno nei primi giorni.

— E ancora una bambina, si può dire. Non darà fastidio.

Certo, che fastidio doveva dare? Don Lucio s'era abituato a veder Nicolina a fianco di Antonietta, gaio immancabile testimone dei loro brevi colloqui di fidanzati, e acconsentì subito.

Così Nicolina rassettò le proprie robe nella cassetta (una di quelle piccole casse tinte verdi che giungono da Palermo piene di dolci); ebbe la sua sacca da viaggio e la spolverina. Era felice di andare in una città e mostrava la sua felicità così vivacemente che pareva fosse lei la sposa.

— La sposa senza anello e senza sposo... — diceva ridendo alle amiche.

Quando scese le scale, preceduta dal facchino con la cassetta verde sulle spalle, fremeva, impaziente, come un uccello di primo volo. Lasciava la casa, la madre, senza l'ombra del rimpianto. La sua esuberante giovinezza era assetata di veder cose nuove. E poi, sapeva che sarebbe tornata presto.

Era deciso che doveva restare con la sorella non più di un mese o di un mese e mezzo. Ma Antonietta volle rimandare la partenza, e il marito la contentò.

Antonietta non poteva assuefarsi all'idea di restar sola, lasciando partire la giovane sorella. In presenza del marito essa non osava avere desideri, o speranze. Era una povera cosa senza volontà. Se il marito avesse avuto il capriccio di ordinarle: — Buttati dalla finestra! — lei si sarebbe buttata a capofitto, peggio d'una cieca. Le diceva: — Ho da fare —, e lei camminava in punta di piedi, parlava a segni con Nicolina, o lasciava a dirittura le stanze dalle quali poteva giungere al marito qualche rumore che lo disturbasse. La chiamava e accorreva subito. E se egli voleva, gli si abbandonava sul petto con dedizione assoluta e passiva.

Non era felice. C'era, nel suo cuore, un freddo che le vietava la gioia. Se qualche momento restava sola nelle stanze di sotto, grandi e silenziose, si sentiva inquieta sperduta e correva a cercar Nicolina. Pensava con terrore al giorno che Nicolina avrebbe dovuto lasciarla per sempre.

Sedevano tutte e due sul balcone che dava nel vicolo e lavoravano, chiacchierando come due buone amiche. Parlavano poco del presente, evitando di nominare don Lucio, e molto del passato. Dell'uniforme passato che ora si presentava alla memoria con bellezze non mai vedute, non mai sentite « prima ». Ne parlavano come di un bene perduto per sempre. Pure non si lamentavano mai. La tristezza che aduggiava i loro giovani cuori non aveva una causa determinata. La si respirava nell'aria. Ne era impregnata tutta la casa, la casa vasta e isolata dove ogni rumore risonava gravemente, saliva su dal vicolo fondo e scuro, dove talvolta si vedeva una povera sciagurata, la Rossa, accoccolata sullo scalino corroso della propria casupola. Il primo piano, con due grandi balconi di ferro sempre chiusi, pareva disabitato. Qualche volta si affacciava una donna pallida, vestita

di nero; usciva fuori per annaffiare un geranio stento e ingiallito. Era una vedova ancora giovane, che viveva col padre paralitico.

Don Lucio aveva sentenziato:

— Case come questa, in città se ne trovano poche. Si chiude la porta e non si ha più niente da fare coi vicini.

Ebbero una confusa penosa impressione della città intraveduta a pena. La città (piena di strade affollate nelle quali ci si stringe a don Lucio per non sperdersi, di gente che non si conoscerà forse mai, che non farà mai un sorriso festoso...), la città rimase lontana, ignota, quasi paurosa.

Si parlava sempre della partenza di Nicolina che andava perdendo il bel colore della salute. Ma Antonietta non sapeva staccarsene.

Quando giunse il telegramma che annunciava la morte improvvisa del segretario, la partenza di Nicolina diventò affatto fuori di luogo. Don Lucio permise che si andasse a visitare la madre. E al ritorno Nicolina seguì la sorella maritata, come cosa convenuta; e questa volta pianse amaramente perchè sapeva di andare nella tetra casa del vicolo, non più per contentare la sposa ma per accettare la generosa ospitalità del cognato.

La casetta di Sant'Agata, rossa davanti due agili pioppi, chiuse le sue finestre. La vedova restrinse l'abitazione in due stanze; e mise fuori, sul portoncino, un cartello dove era scritto: « Si loca un piccolo appartamento con cucina ». L'idea del « si loca » fu di don Lucio, abituato in città. Ma fu inutile, s'intende, perchè tutti sapevano che la casa si dava a pigione. Alcuni mobili furono portati in soffitta, altri furono lasciati qua e là nelle stanze vuotate. La famiglia si sbandò, si divise. Uno zio di San Fratello prese con sé Alfonso. Il nonno paterno si occupò di Antonio...

Caterina disse:

— La partenza di Antonietta ci ha portato sfortuna. E così quando cade la prima pietra... Presto tutto il muro si sfascia e crolla.

Don Lucio assicurò che avrebbe pensato lui per l'avvenire dell'orfana, di Nicolina, e non si sarebbe dimenticato della vedova. In paese lo ammirarono, lo compatirono. Volere o no aveva fatto un cattivo matrimonio! Ecco che gli cascava sulle braccia una famiglia intera! Allor che uscì dalla casa, per partire, le due donne avanti, vestite di nero, che si voltavano a guardare singhiozzando il portoncino col « si loca », lui dietro, secco inferraiolato, molte persone si avvicinarono per stringergli la mano.

Le due sorelle, ritrovandosi nella casa del vicolo come dopo un sogno pauroso, si attaccarono più fortemente l'una all'altra. La riconoscenza per don Lucio fu senza limiti. Pensando alla famigliola povera e sparpagliata, comprendevano che significasse avere una casa ampia e comoda e la credenza piena e, sopra tutto, potersi affidare a un uomo che provvede al presente e all'avvenire. Egli non era soltanto il marito di Antonietta, ma una specie di benefattore. Nel profondo avvillimento in cui le gettò la recente disgrazia, vollero ricompensarlo in qualche modo.

Nicolina pregò che si licenziasse la serva, una vecchia che sbrigava le faccende grosse e faceva il bucato. Si vergognava a esser di peso al cognato. E si come in quel tempo Antonietta era incinta per la prima volta, e aveva bisogno di certi riguardi, si addossò tutto il peso della casa.

Con la nascita di Alessio — un bambino minuto, malaticcio, che pareva impastato del dolore di quei mesi di lutto e della malinconia che spirava dalla casa —, Nicolina non ebbe più riposo.

— Nicolina, l'acqua calda!

— Nicolina, a momenti torna Lucio e la cena non è pronta! — chiamava Antonietta.

E don Lucio ordinava:

— Antonietta, di' a Nicolina che mi prepari la pipa. Di' a Nicolina che mi porti le scarpe pulite.

E Nicolina, pronta, pareva farsi in due, in quattro, per sbrigare tutto, per contentare tutti. Era magrissima, ma forte. Pareva fatta di acciaio fine. Tante volte, Antonietta, se allattava il bambino o lo sfasciava, pregava:

— Corri a vedere se Lucio ha bisogno di me!

Da prima don Lucio si infastidiva di aver continuamente la cognata tra i piedi, e borbottava contro il marmocchio che gli rubava le cure della moglie. I giovani occhi sfavillanti, le movenze vivaci di lei, non gli ispiravano fiducia.

Poi, a poco a poco, si abituò, chè la fanciulla si trasformava in sua presenza e nel servirlo diventava grave e silenziosa come Antonietta.

Col tempo, facendosi i conti, don Lucio si compiacque di aver fatto il generoso: Nicolina valeva più d'una serva, chè alla serva si doveva passare un salario e Nicolina costava solo un po' di mangiare e qualche veste...

Per fortuna, vesti e scarpe ce ne volevano pochissime, tanto per lei quanto per Antonietta. Erano uscite tre o quattro volte a pena. Con la morte del padre si tapparono dentro per necessità. Il lutto, che si porta per anni e anni, è una cosa economica... Poi le cure del bambino di latte... Infine Antonietta ricominciò a soffrire, come quando doveva nascere Alessio...

Del resto, è questa la vita di tutte le spose.

Perciò non si parlava mai di pigliare un boccone d'aria, fuori. E don Lucio, da parte sua, si guardava bene dal far balenare un desiderio simile. Troppe noie... Troppe noie... Ci sarebbe voluta la serva per portare il bambino che non camminava ancora, una mantiglia nera per Antonietta che non poteva andare in mostra in quello stato... Spese pazze, spese inutili! E inoltre si sarebbero dovute alterare le comode abitudini. Addio fumata del dopo pranzo, addio limonea da sorseggiare senza fretta... Niente, niente, meglio che la vita scorra come un orologio e le donne siano assestate. Del resto — assicurava a sè stesso per levarsi ogni scrupolo, — le monache di clausura stanno benissimo e vivono a lungo. Le donne non sciupano energia.

Era dopo avere ruminato queste cose sonnecchiando dopo aver fatto la sua fumata, a fin di cena, che tante volte concludeva con un piccolo stiramento delle braccia.

— Sì! La felicità si trova nell'abitudine!

E guardava le due sorelle che cucivano assortite al lume della lampada (usava la lampada a olio, don Lucio, perchè il petrolio e il gas irritano gli occhi), per sentirsi approvare.

Loro approvavano, con un cenno del capo, perchè le cose dette

da lui non potevano essere se non giuste e vere. Ma non avevano sentito l'osservazione.

Tacendo tutta la serata avevano pensato intensamente alla cassetta rossa col « si loca », alla piccola famiglia sparpagliata qua e là.

* *

Alessio peggiorava. Don Lucio sentiva in confuso di essere responsabile della vita del fanciullo malato.

— Ci vorrebbe un medico... — diceva Antonietta timidamente.

— Certo, un medico... — appoggiava Nicolina sotto voce.

Il solo pensiero che un uomo estraneo dovesse penetrare nella propria casa, impadronendosi della fiducia e della riconoscenza della moglie, gli dava un profondo malessere.

Ma il fanciullo peggiorava. E don Lucio, non potendo più tollerare le lagrimucce delle donne che parevano quasi taciarlo di poco interessamento, una sera andò lui stesso in persona, nella più vicina farmacia, a chiamare un medico qualunque.

Mentre la madre e la zia, col naso e gli occhi rossi, aspettavano trepidanti, seguendo ogni gesto del medico che osservava il malato in silenzio, anche lui aspettava, con l'aria un po' fiera di chi si è sacrificato per compiere il proprio dovere. Pareva dire: — Ho fatto quanto stava in me di fare. — E in verità la sua coscienza era in pace. Alessio poteva anche morire ora mai, se questo era il suo destino, e le due donne non avrebbero mai più il diritto di fargliene carico.

Si trattava di tifo. Per ben cinquanta giorni Antonietta non lasciò la camera. Sorbiva qualche uovo, una tazza di brodo, per tenersi in piedi. Non si interessava di nulla, di nessuno. Tutto il suo mondo era il piccolo Alessio, i mille bisogni del malato, i lunghi abbattimenti, le fugaci migliorie.

Don Lucio, che aveva gran paura del contagio, continuò a dormire solo e a mangiare solo.

Il peso della casa lo sopportava tutto Nicolina. Da che si alzava — e si alzava mentre era ancora scuro —, fino a notte tarda, non si concedeva un minuto di riposo. Lei a sbrigare le faccende grosse e minute, a stirare, a cucinare, a provvedere a tutto. La sua preoccupazione era di non far pesare troppo sul cognato le conseguenze di quella benedetta malattia. All'ora dei pasti rimaneva in piedi, anche se le gambe le tremavano dalla stanchezza, pronta a cambiargli il piatto (per portargli la vivanda ben calda come piaceva a lui che la voleva veder fumare, riscaldava il piatto al riverbero della fiamma), a mescer da bere, a sbucciare la frutta. Sbucciare la frutta era il compito più delicato. Antonietta non era mai riuscita a pelare così bene un'arancia, dopo averla sbucciata, liberandola con un temperino da ogni piccola peluria, da ogni filamento, senza bucarla! Le pere, le mele, accuratamente mondate, tagliate a pezzetti; un pezzetto di già infilato nella forchettina d'argento...

Mettersi a tavola col cognato, mentre Antonietta non c'era, le pareva una sconvenienza. Però ingollava dopo un boccone, assieme a Carmelina che aspettava in cucina, come un gattino, sperando che la zia riportasse indietro qualche rimasuglio dei delicati manicaretti

preparati a parte per il capo di casa. Dopo avere sparecchiato, riempiva la pipa. Preparava la limonata. Metteva a letto la nipotina (che da quando era malato Alessio dormiva nelle stanze superiori, in un lettino accanto al suo). Poi aspettava, rannicchiata in un cantuccio, con le palpebre pesanti, che bruciavano dal sonno. E il tempo passava più adagio; e le ore parevano più lente; il ticchettio sommesso del pendolo, il sordo 'mpe 'mpe delle labbra di don Lucio che succhiava placidamente la pipa, incrinavano il profondo silenzio. In confuso pensava, insonnolita, che il ticchettio lento lento segnava i passi del tempo che va e va senza posa e senza ritorno.

Aspettava che il cognato, posata la pipa, domandasse le carte posate sulla scansia, e dicesse senza guardarla:

— Puoi andare, se hai sonno.

Allora andava in camera a salutare Antonietta. La scorgeva, nella discreta luce verdolina della lampada, a vegliare il malato; pallida, spettinata, dolente.

— Vado. Hai bisogno di me?

Paziente e umile sbrigava qualche faccenda in camera, aiutava la sorella a rifarsi il letto, adagio adagio per non disturbare il piccolo malato, e finalmente saliva la scaletta di legno, finalmente libera. Si svestiva in fretta, spegneva; si lasciava cadere sul letto, pesantemente.

Alcune sere stentava ad addormentarsi. Sentiva un formicolio per tutto il corpo, una gran voglia di piangere, e poi chiudere gli occhi per non svegliarsi più. Era, certo, l'avvilimento della stanchezza.

★ ★

Come Alessio guarì, a Nicolina parve di essersi liberata da un incubo. Si sorprese a canticchiare, qualche volta, mentre era affatto sola, come fosse tornata ai tempi spensierati di Sant'Agata.

Il salottino fu sgomberato e rassettato. Le finestre di nuovo spalancate. Alessio uscì due o tre volte con Carmelina, che si era molto sciupata, accompagnati dal padre. Ma sì come don Lucio non era disposto a uscire nelle ore calde, e l'aria fresca della sera non giovava al convalescente, non si parlò più di passeggiate. Del resto i ragazzi sarebbero presto usciti ogni giorno, col riaprirsi delle scuole.

Ogni cosa tornò come prima. Pure Nicolina continuò a servire lei il cognato. Se Antonietta accorreva, chiamata dal marito, questi diceva:

— Se hai da fare, manda tua sorella.

E Antonietta mandava Nicolina.

— A momenti sei più brava di me! — esclamava allegramente. Volentieri si scaricava di gran parte delle fastidiose cure che doveva avere di don Lucio. Nicolina, beata lei!, era nell'età che si pigliano le cose alla lettera.

Rideva, Antonietta, osservando con che gravità, con che trepidazione, si accostava al cognato per riempirgli la pipa; con che meticolosità gli sbucciava la frutta, gli preparava la limonea della sera!

— Nicolina — aveva detto don Lucio, in tono di buon umore — è più brava di te!

— E non mi meraviglio! — aveva esclamato Antonietta sorridendo. — Se avesse i pensieri che ho io!

— Ma prima...

— Prima era un'altra cosa, s'intende...

— ... Non si vuol persuadere che una madre di famiglia non può sempre occuparsi del marito come fosse un bambino di latte! — si giustificava Antonietta.

Cominciava a pettinarlo con una certa calma, ma dopo dieci minuti si rammaricava di perder tempo e la sua mano diventava nervosa, impaziente, ineguale.

Ma le agili mani di Nicolina diventavano meccaniche. Passava e ripassava il pettine tra i radi capelli spruzzati d'acqua Migone, sul roseo cranio quasi nudo, adagio adagio, a lungo, mentre don Lucio, con la pipa tra le labbra, si abbandonava alla voluttuosa sensazione del massaggio, chiudendo gli occhi, come un gatto accarezzato, se il pettine scorreva proprio sulla nuca. Qualche volta dimenticava persino che qualcuna, dietro a lui, si poteva stancare. Tanto la mano di Nicolina era leggera e uguale.

★ ★

Beneficava anche la famiglia della moglie, don Lucio. Amministrava la piccola terra. Quando Antonio era venuto in città, a sostenere gli esami di licenza nelle scuole tecniche, lo aveva ospitato. E tre volte aveva mandato del denaro alla vedova, in regalo.

— Scrivi a tua madre — diceva in quell'occasione ad Antonietta mostrandole la lettera sigillata —, che io faccio quel che è umanamente possibile, per lei e per voi.

E aggiungeva:

— Scrivile che mi faccia sapere con precisione in qual modo impiegherà il mio denaro. Il buon senso non è il suo forte.

E Antonietta, prima di scrivere, restava un pezzo agitata non sapendo come esprimere il volere del marito senza offendere la mamma. Poi compilava la lettera con l'aiuto di Nicolina. Chi non lo conosceva poteva mal giudicarlo, credere che fosse tirato... E invece...

Il regalo, accompagnato dalle affettuose parole di Antonietta che mal mitigavano l'asprezza dell'ordine di don Lucio, acquistava doppio valore.

— È giusto — ripeteva la vedova, cercando di persuadere i figli che borbottavano. — Non posso pretendere che mi tratti come la buon'anima... Io sono un'estranea, per lui. È già troppo quel che fa... Purchè Antonietta sia sempre così felice, che importa di me?

E rendeva conto del denaro:

« Carissimo genero. Delle cinquanta lire che mi avete mandato con la vostra pregiatissima assicurata, ho pagato venti lire di debito al calzolaio. Ho dato inoltre venticinque lire in acconto alla tessitrice, che giusto avevo armato il telaio per la tela delle lenzuola. Con le altre cinque lire ho comperato un po' di spigato per fare grembiuli a me e a Caterina che se ne aveva bisogno ».

Don Lucio, inforcati gli occhiali, leggeva e rileggeva più volte quella povera lettera listata di nero, mentre Antonietta aspettava trepidante, come una bambina che sa di meritare un castigo.

— Ecco le donne — diceva finalmente don Lucio. — Perchè fare delle scarpe sul debito? Perchè armare un telaio quando non si hanno i mezzi? In quattro e quattr'otto ha liquidato fino all'ultimo centesimo. Prevedevo queste cose. Sapevo che mandare il mio denaro a Sant'Agata, o buttarlo dalla finestra, era l'identica cosa.

Antonietta non fiatava. Don Lucio piegava lentamente la lettera e andava a chiuderla nel cassetto della scrivania, tutto soddisfatto di essere stato obbedito anche dalla suocera e di aver dato un'equa valuta al proprio regalo.

★
★

L'amministrazione degli stabili del barone Rossi che don Lucio teneva assieme al notaio Marulli (due fattori si occupavano delle terre), gli portava via molto tempo. Il barone, straricco, possedeva magnifici palazzi anche in città.

Don Lucio esigeva le pigioni, contrattava, assumeva obblighi di fare riparazioni... Ed era così economo, e si irritava così visibilmente quando una casa restava sfittata o quando lo si mandava a chiamare per mostrargli qualche grave guasto, che pareva ci perdesse del suo. Case e palazzi che a tempo del barone vecchio restavano chiusi e abbandonati, fruttavano tutti. Per le sue continue prove di interessamento e di attività, don Lucio meritò a poco a poco la completa fiducia del barone Rossi. Ogni primavera faceva un viaggetto per esigere o per rinnovare locazioni nei paesi, e si mostrava inesorabile con quelli che non si trovavano « in regola ». Volentieri, pur di presentare i conti al barone senza lacune e senza manchevolezze, improntava lui il denaro ai morosi solvibili. Così, senza avvedersene, si trovò ad avere presto messo in commercio i propri capitali. Col tempo, la cosa si seppe. Come si seppe? E anche in città cominciarono a ricorrere a lui, nascostamente. Mogli di poveri impiegati, signore ritirate, venivano a cercarlo in casa, o l'aspettavano sul portone a pena sapevano che lui non voleva ricever debitori, liete di aver da fare con un « signore » che non avrebbe messo in piazza le loro miserie e non si sarebbe approfittato d'un soldo. Gli offrivano dei gioielli in pegno, che lui nascondeva nella misteriosa cassetta d'ebano.

Parlando con la moglie, non accennava mai alle sue piccole speculazioni, benchè gli sarebbe piaciuto mostrarle quanto gli costasse l'agiatezza di cui la circondava. Era persuaso, persuasissimo, di esercitare un commercio lecito (dopo tutto si riduceva a cavar d'impiccio certi disgraziati che altrimenti sarebbero finiti tra le grinfie d'uno strozzino...). Ma temeva che Antonietta e Nicolina potessero non comprendere che il lavoro che faceva per conto proprio fosse quasi tanto onesto quanto quello che adempiva per conto del barone. La sera si faceva portare sulla tavola la cartella — che le donne non pensavano neppure di aprire —, e passava qualche ora attorno a tre o quattro registri: qua segnava le « entrate » e là le « uscite », qua scriveva fitto fitto e uguale dentro una colonna blu intitolata « pro memoria », là riempiva di cifre una colonna rossa che portava la data del giorno... Tutto in bell'ordine nelle carte; come in tutte le cose sue.

Tutte le cose, oh, sì! Aveva una mensolina da posarvi la pipa il tabacco i cerini; una cassetta dove custodire le scarpe nuove (ne aveva di tutte le forme: stivali, stivaloni, tronchetti...), e una dove riporre le scarpe vecchie; e non gli mancava una scatola tonda per i colletti, una oblunga per le cravatte... nè una scansia per le carte, un armadietto per le chiavi... Le cassette più grandi erano allineate in uno stanzino. Nicolina, spolverando le stanze, ogni mattina dedicava un buon quarto d'ora alla spolveratura dello « stanzino di Lucio », dove le cose erano così bene ordinate che a cercare un oggetto di notte, senza lume, si sarebbe trovato con certezza nella tale cassetta, nel tale punto.

Così, come teneva in ordine i conti e gli oggetti d'uso, don Lucio teneva sistemate le proprie abitudini. La vita era divisa anch'essa — come lo stanzino e come i registri —, in tante parti, ognuna delle quali conteneva un'occupazione, un'abitudine, un bisogno. Per lui non c'erano lati oscuri o incerti dell'avvenire. Tutto era metodicamente stabilito, tutto preveduto.

Qualche volta, fumando nella lunga pipa (le pipe corte nuocciono alla salute), era assalito dal torbido ricordo della sua fanciullezza povera, senza affetti familiari, rattristata dalla solitudine e dall'indifferenza in cui lo lasciava un vecchio parente...

Sì, aveva molto sofferto, e sapeva di aver diritto al benessere che si era saputo procurare!

Ma un'ombra passava tra le belle e facili previsioni; ed era l'ombra cupa della morte — della morte che poteva agguantarla da un momento all'altro, inchiodandolo per sempre su quella stessa poltrona sulla quale stava placidamente sdraiato.

Impallidiva, lasciando spegnersi la pipa fra le labbra, preso dal terrore di non potersi godere la facile vita sapientemente creata, la facile comoda vita sognata nelle ore amarissime della desolata miseria, allorchè, intirizzito affamato inasprito, gli passavano vicino i ricchi uomini col cappotto di pelliccia e i grossi guanti di felpa...

Era malato. Sentiva battere il cuore a scatti ineguali, sotto la palma aperta sul petto.

Le privazioni, le incertezze, le fatiche del passato, avevan sciupato quel fragile organo che nessun medico può risanare...

Ora anche le apprensioni e i ricordi gli facevano male, eccitandolo. Però chiamava la moglie o la cognata, o si contentava dei ragazzi, per sentire la propria voce, parlando loro di qualche cosa insignificante.

(Continua).

MARIA MESSINA.

LA CASA NEL VICOLO

ROMANZO

Ora che Alessio aveva ripreso gli studi e anche Carmelina tornava a scuola dalle monache, restava molto tempo libero nel dopo pranzo.

Nicolina prese il cestino col lavoro (soffici camiciole, tenui delicate camicine lunghe un palmo...), e sedette fuori sul balcone.

Antonietta era in faccende: metteva in ordine l'armadio della biancheria e riponeva le robe d'estate, quelle troppo leggere. Era di nuovo incinta. Ogni volta rassettava la casa, da capo a fondo, con le proprie mani, e andava a confessarsi nella chiesa vicina, come se avesse dovuto partire per un lungo viaggio.

— E non è come s'io partissi? — diceva dolcemente. — Debbo staccarmi dalle cose, da voialtri. Chi mi assicura che io stessa, con le mie mani, riaprirò queste casse, toccherò di nuovo queste robe? Voi direste allora: — Antonietta era una cattiva disordinata massaia...

Nicolina cuciva un po' svogliatamente. Le ultime rondini passavano a stormi nel cielo e parevan salutare stridendo i luoghi che dovevano abbandonare. I tetti splendevano nel riflesso affocato del sole. Un torraio lo stava immobile sul cornicione come un grande uccello di bronzo. C'era nell'aria un tepore quasi primaverile, un vasto ronzio fatto di mille voci rotte e lontane, di mille rumori confusi. Era l'estate che smoriva dolcemente, ogni giorno un poco. Dal vicolo saliva il lagno della Rossa, ch'era stata battuta e scacciata dall'amante. S'era buttata lunga distesa dietro l'uscio chiuso, e un piccolo bambino dai piedi nudi e la camicina corta fino al ventre, stava a guardarla da lontano. Anche Nicolina la guardò un momento, più sorpresa che impietosa. Era sudicia, laida, scarmigliata. Perchè continuava a soffrire, e non fuggiva, e non si liberava della catena che la teneva legata a quell'uscio chiuso? Nicolina arrossì, pensando che dietro l'uscio doveva esservi l'amante, l'uomo che l'aveva battuta e che più tardi l'avrebbe lasciata rientrare, come sempre. L'amante... Ripeté fra sè e sè, con le labbra, la parola piena di seduzioni.

Ma era quello l'amore?

Corrugò la fronte e tornò a guardare la Rossa senza volerlo.

Ebbene, anche l'immagine dell'amore può fare disgusto certe volte.

Pensò a Caterina che non si voleva maritare. Ora capiva perchè. Molte, come Caterina, hanno ripugnanza dell'amore pur senza sentire che cosa esso sia. E così...

Riprese a lavorare. La vedova s'era affacciata per stendere una coperta giallognola, scolorita, indugiando fuori a strappare qualche foglia secca dal geranio che fioriva senza sole. Le due bande dei capelli, neri come il corpetto a lutto, davano riflessi di marmo al suo volto. Rientrò, lasciando la coperta distesa. Anche quel colore giallo, sul balconcino nero, faceva tristezza.

Il crepuscolo invernigliò il cielo e i tetti e il vicolo. Poi la vivida luce svanì tutta, improvvisamente, nell'aria violacea.

Nicolina rientrò. Nella vasta casa c'era un gran silenzio. I ragazzi avevano acceso il lume e facevano i compiti.

— I tre re-gni del-la na-tu-ra... — leggeva Carmelina facendo scorrere il dito sulla pagina.

— Per piacere! — l'interrompeva Alessio. — Non mi fai capire! Leggi fra te e te.

Nessuno aveva bisogno di lei. Pure andò in camera. Forse Antonietta la voleva. L'abitudine di servire gli altri non le lasciava godere un'ora di completo riposo.

Marito e moglie erano seduti contro i vetri del balcone chiuso. Don Lucio fumava e teneva un braccio attorno alla vita di Antonietta. Egli era insolitamente lieto, questa volta, della gravidanza di sua moglie. Gli pareva un segno di rinascenza giovinezza.

Parlavano a voce bassa. Nicolina rimase sulla soglia non osando entrare e dolendosi di dover tornare indietro. Il suo fine e pallido viso si colorì fugacemente. Si domandò, con ansietà quasi rabbiosa quasi dolorosa, che mai si dicessero piano, in mezzo a tanta pace...

Tornò sul terrazzo imbiancato dalla luna, con la gola stretta da una gran voglia di piangere.

Nessuno aveva bisogno di lei.

Essa era venuta per contemplare la felicità di sua sorella. Sì, Antonietta era felice...

Rivedeva, in visione, la sorella sposa, nei primi tempi. Tempi già lontani, che riviveva intensamente in un attimo. Ricordava molte cose, fugaci inafferrabili come frammenti di sogni, certi sguardi scambiati fra i due sposi, un tono di voce languido e smarrito, certe maniere di sorridere, e trasaliva tutta come se « essi » le fossero dinanzi come « allora ». Rivedeva Antonietta che usciva dalla propria camera, con aria di abbandono un po' stanco... Ciò non le aveva destato alcuna impressione « allora »; era come uno che legga senza comprendere, e poi rilegga e ogni parola diventa viva e piena di significato. Ecco che Antonietta tornava a muoversi lentamente per le stanze, e don Lucio le ordinava di usarsi riguardi:

— Lascia fare a Nicolina. Non ti strapazzare.

Sì, toccava a lei la parte faticosa, come all'umile serva pagata. E la sua vita sarebbe trascorsa così, sempre? Sempre?

Ma a poco a poco svaniva l'amarezza nel suo cuore. Si guardò a lungo le rosse e ruvide mani. Chi sa se avrebbe mai cucito delle fini spoglie per un bambino suo? Arrossì forte, come se qualcuno le fosse stato davanti e avesse potuto intendere gli incompiuti pensieri che fluttuavano nella sua mente come le tenui nubi chiare che velavano a momenti la luna, nel cielo. Poi non pensò più nulla. Si smarri tutta in un tumulto di sensazioni piene di turbamento e di gioia. Le pareva di dormire e di svegliarsi, di svegliarsi e di dormire.

Dal cielo pioveva una calma luce di stelle e la casa nel vicolo non pareva più tanto triste. Una tenerezza quasi angosciata, un bisogno di esser voluta bene, di voler bene a qualcuno, soffocava il suo cuore.

— Nicolina! Nicolina!... — chiamava Antonietta. — Alessio, dov'è tua zia?

Si alzò. Don Lucio era seduto presso la tavola. Carmelina infilava delle perline e Alessio leggeva.

Aveva dimenticato la limonata. La preparò, la portò sul piatto azzurro. Posandola accanto al calamaio, guardò furtivamente il cognato, piena di curiosità. Come poteva render felice sua sorella?...

Sperò che levasse gli occhi dai registri; voleva cogliere nel suo sguardo un'espressione di dolcezza. Non poteva essere sempre così rigido, così freddo e severo, allorchè era solo con Antonietta!

Ma don Lucio non alzò la testa. Ordinò, quasi bruscamente:

— Riempi la pipa.

Già, la pipa... Dimenticava tutto, Nicolina! Ubbidì subito, mezzo mortificata.

Ebbene, perchè doveva guardarla? Che cosa rappresentava, lei, nella vita di suo cognato? Una povera ragazza che si tiene per carità, null'altro. Pure essa, venuta ancora piccola nella casa, non era un po' come Alessio, come Carmelina? Gli sarebbe stata così grata d'una buona parola! Anche nel Vangelo è scritto che l'uomo non si sfama di solo pane.

Tornò ad affacciarsi per vuotare il bocciolo della pipa. La serata era calma e luminosa. Pensò a certe tranquille passeggiate fatte a quell'ora a Sant'Agata a braccetto di un'amica, chiacchierando. Di che aveva chiacchierato con tanto piacere? Di tutto... Di niente... Rivide la piccola casa piena di gaiezza e di amore. Adesso era sola.

Sì, era sola. Antonietta pareva staccarsi da lei, ogni giorno più. Viveva in un altro mondo. Era passato il tempo beato, quando, tutte e due fanciulle, ridevano e piangevano e ridevano con uguale facilità per ogni piccolo avvenimento triste o lieto.

Don Lucio domandava:

— Che leggi, con tanta attenzione?

— Ecco, papà.

Don Lucio guardava il libro che il fanciullo gli porgeva, aperto, con visibile rincrescimento. Lo sfogliava e lo chiudeva seccamente.

— Non mi piace che t'ingombri il cervello di romanzacci.

— Non è un romanzaccio, papà — rispondeva Alessio timidamente. — È del Foscolo. Iacopo Ortis di Foscolo.

— È sempre un romanzo. Ti proibisco di leggerlo. Chi te l'ha dato?

— Il Rossi.

— Riportaglielo domani. È troppo presto per te.

— Ma lui, che ha pure l'età mia...

— Pensa per te. Ti proibisco e basta. Vergogna! Un bambino che va ancora nelle scuole elementari!

Alessio si alzò, con gli occhi lustri di lacrime. Nicolina gli sussurrò:

— Non ti affliggere. Papà ha ragione.

— No... — fece Alessio con un cenno della testa, allontanandosi.

Nicolina portò la pipa al cognato. Era di nuovo immerso fra le

carte, accigliato ma tranquillo. Come Alessio poteva ribellarglisi dentro il cuore? Egli era un uomo che non si sbagliava mai, che conosceva il bene e il male. Bisognava affidarsi a lui come al marinaio che guida la barca in alto mare. E così bello aver fiducia in qualcuno... E il suo cuore tornò a gonfiarsi della sconfinata ammirazione per il cognato.

— Ecco la pipa... — disse con dolce umiltà. E tornò ad aspettare ch'egli levasse la testa, per cogliere nel suo sguardo una espressione di benevolenza. Sedette accanto alla sorella, un po' afflitta, un po' umiliata. Sentiva un gran bisogno di parlare, di muoversi, di sentir parlare.

E la sua vita sarebbe trascorsa sempre così? Sempre? simile a una di quelle serate eterne pesanti silenziose? Ci sono ore nella giovinezza in cui l'anima è così debole che non sa sopportare la solitudine. E la solitudine pare una creatura visibile; una creatura d'incubo che ci preme il cuore con le due mani aperte.

— Guarda, che cuffietta, Lucio!... — diceva Antonietta.

— Brava — rispondeva don Lucio sorridendo.

La cuffietta l'aveva cucita Nicolina, di tutto punto. Così tutto il suo lavoro restava senza merito e senza compenso, come fatto nella sabbia... Per la prima volta provò una malevola punta di gelosia, un pungente rancore per la sorella.

— Sì, sì... — ripeteva il suo cuore col sordo tumultuoso battito, mentre il silenzio tornava gravemente nella stanza — ...sì, tu sei invidiosa di tua sorella...

★★

— C'è una visita in salotto! — annunciò Alessio correndo in cucina, dove Nicolina stava schiumando il brodo.

— Una visita? Sarà qualcuno venuto a cercar di papà.

— No, no. È proprio una visita. È stata chiamata anche la mamma.

— Ma che dici!

— Ecco, va via.

— E allora corri a vedere chi è.

— Mi vergogno, zia Nicoli'. È un signore cogli occhiali d'oro, questo è certo. Ma sento papà... Non dirgli niente, zia Nicoli'...

— Vado io — propose Carmelina. — Mi nascondo e guardo.

— È inutile — replicò Alessio. — Se n'è andato. Sento papà...

Don Lucio veniva nella stanza da pranzo. Cambiò idea, sulla soglia, e si diresse in camera. Vedeva che Antonietta aveva una gran voglia di parlargli e temeva che lo facesse in presenza di Nicolina. Antonietta lo seguì, con occhi brillanti di gioia e d'impazienza, ma vedendolo abbuiato si perdette d'animo.

— Si è fatto un bell'uomo... — esclamò finalmente.

— Sì?! Con quella faccia da minchione! — replicò don Lucio, seccato.

— È intelligente... Tu gli avrai messo soggezione... Ti parlava di Nicolina quando mi hai fatto segno d'andarmene...

Il marito la squadrò. Disse, dopo un silenzio:

— Sì, di tua sorella. Ma io gli ho risposto come si meritava. Si guarderà bene dal rimettere piede in casa mia.

Antonietta si fece pallida. Balbettò:

— Che hai fatto, Lucio! È un galantuomo. Ci conosce... La buon'anima di papà ne faceva gran conto... Ha una buona posizione... Infine... — esclamò con dolore, a bassa voce — ...avrebbe fatto la sua fortuna, povera figlia...

— Ti piace? — interruppe don Lucio ironicamente. — Vuoi dargli tua sorella? Ho fatto male? Ti domando perdono in ginocchio. E corro a chiamarlo. Corro... Non sapevo che volessi sbarazzarti di tua sorella buttandola tra le braccia del primo venuto... Bel profitto... — riprese duramente, dopo un nuovo e più pesante silenzio. — Bel profitto logorarmi la vita per il vostro benessere! Per sentirmi rimproverare! Per raccogliere la vostra ingratitudine!

— Sì, tu mi dà torto! — affermò, poi che Antonietta faceva dei cenni con la testa, piangendo. — Tu ti permetti di giudicarmi secondo le tue corte vedute. Io so quel che faccio. Tua sorella non è più una povera provinciale, un'orfana senza dote e senza avvenire! Essa avrà un buon partito, degno della cognata di don Lucio Carmine.

La sua voce si rabbonì. Antonietta fece per lasciare la camera, pentita, umiliata. Ma egli la chiamò:

— Non ti venga in mente — le disse, — di parlare di questo fatto a tua sorella! Le ragazze fanno presto a lavorar di fantasia!

Per quel giorno non uscì di casa, neppure nel pomeriggio, e a una donna che venne a cercarlo fece dire che non c'era. Temeva che Antonietta potesse raccontare la cosa alla sorella, e la teneva d'occhio.

Ma Antonietta non ardì disubbidirlo subito. Verso sera andò a buttarsi sul letto, assalita dalle doglie. Don Lucio respirò, si sentì sollevare. Mandò Alessio di corsa con un biglietto per donna Filomena Zùppola e circondò di premure la moglie. Era quasi contento che lei soffrisse così forte, dimenticando la piccola novità della maternità. Ordinò a Nicolina di ritirarsi coi ragazzi nelle stanze superiori.

— Non è affar tuo. Andate a letto tutti e tre.

Nicolina ubbidì senza replicare. Altre due volte si era spaventata, ma non così fortemente. « La cosa » era successa di giorno, e lei ignorava ancora la gravità del pericolo a cui era esposta sua sorella.

— Dormi — ripeté rincalzando il fanciullo che l'interrogava con gli occhi. — Non è nulla. Passerà tutto.

Carmelina si addormentava di già.

Non si coricò. Era inquieta, eccitata; si aspettava di esser chiamata da un momento all'altro. S'affacciava sulla scala e tendeva l'orecchio. La porticina in fondo era chiusa. C'era un gran silenzio. Un momento si sentì un lagno accorato. Chi si lagnava così? Non poteva essere Antonietta... Forse la voce veniva di fuori, dal vicolo... Tornava a sedere presso il letto di Carmelina e si alzava subito, torcendosi le mani per non gridare. Il tempo era lento, eterno, implacabile. Dio, Dio mio, mormorava senza muover le labbra, fate che questo tormento finisca.

Tendeva di nuovo l'orecchio. Non si sentiva più nulla. Il silenzio gravava sulla casa, ma un silenzio nuovo, come quello che fa un uomo, nella notte, che veglia e pensa.

Riudiva le meste parole:

— Ebbene, non è come s'io mi avviassi per un viaggio?

Domandava perdono a Dio della punta di gelosia che aveva av-

velenato il suo cuore, poche sere innanzi. No, la sua povera sorella non era felice. Se la figurava nei momenti più brutti; o su quel letto di dolore, o accanto ad Alessio malato, o sotto lo sguardo severo del marito. Non aveva fatto che soffrire e lei non l'aveva compresa. Nell'eccitazione da cui era pervasa, l'invidia, i malevoli sentimenti provati, le sembravano mostruosi imperdonabili.

Sua sorella era sola, sola nella nottata eterna, sola col suo tormento. Dio mio! gemette forte, com'è brutta la vita!

La notte passò così. La sua anima vibrava come un arco teso. L'alba imbiancò, in una cornice di luce chiara, la finestra. La lampada si spense crepitando.

Ascoltò di nuovo. Udì la voce robusta di donna Filomena, poi quella di don Lucio. Che dicevano?

Senti sbattere una porta.

Avrebbe dovuto assisterla lei, non lasciarla sola...

Che rimorso se Antonietta...

Sì, dev'essere finito tutto... — si disse con terrore. Scese risolutamente. A piedi della scaletta incontrò il cognato. Si sentiva, con la porta aperta, un flebile pianto di bambino. Un pianto che pareva un belato, che non aveva niente di umano.

— Dove vai, Nicolina? — fece don Lucio.

— Sì — aggiunse —, grazie a Dio è finita. È un'altra bambina. Venivo a dirtelo. Torna nella tua camera. Ti chiamerò. Tieni con te i ragazzi. Ma non tremare così. Ti ammalerei.

Quel tono di voce sommosso, quasi malinconico, la calmò.

Egli era sinceramente commosso. La tragica semplicità di *ciò che era avvenuto*, gli aveva lasciato un'impressione di sgomento. In quell'attimo, così pieno di mistero e d'angoscia, la sua anima pareva liberarsi dall'egoismo e aprirsi a un sentimento di simpatia — tanto penoso quanto fugace — verso coloro che soffrivano.

— Sì, Nicolina mia, la morte e la vita entrano insieme nella casa dove si aprono due occhi nuovi!

Dolcemente la spinse verso la scaletta, sfiorandole appena la vita col braccio.

Nicolina risalì lentamente.

— Dio mio! — gemette di nuovo — com'è brutta la vita!

Perché si nasce? Chi aveva desiderato quella creatura che piangeva?

La veglia, l'eccitazione, l'attesa affannosa e poi la voce velata d'insolita tenerezza del cognato, tutto un insieme di sensazioni e di commozioni provate, le toglievano le forze. Si accasciò a piedi del lettino e pianse. Svenne. Riavendosi vide Alessio che teneva in mano un bicchiere d'acqua. Era bianco e spaventato. Forse non aveva dormito neppure lui.

— Zia Nicoli' — esclamò un po' rinfrancato poi che riusciva a far bere l'acqua alla zia —, è chiamato, chiamato... Ma nessuno mi à risposto. Credo che anche papà si sia coricato.

Carmelina dormiva ancora.

— Aspettami, Alessio — fece Nicolina.

Scese in punta di piedi. Nell'attaccapanni non c'era più lo scialle nero di donna Filomena.

Spinse cautamente l'uscio della camera. Don Lucio dormiva, russando sonoramente, nel lettino. Nel letto grande Antonietta, senza una goccia di sangue nelle vene, pareva assopita. Aprì gli occhi, udendo il lievissimo rumore. Nicolina le si inginocchiò vicino.

— Povera sorella mia — mormorò Antonietta —. Pensavo che non ti avrei più riveduta, e avevo il gran dolore di non averti raccomandato le mie creature... Ma tu non le avresti abbandonate... Dimmelo, Nicolina! Che fanno in questo momento?

— Carmelina dorme. Alessio è alzato. Vuoi vederlo?

— No, il povero Lucio riposa. Più tardi. Più tardi.

Tacque sfinite.

Nell'altra metà del letto, in un viluppo di biancheria fine, coperta da un velo, dormiva anche *l'altra*, coi piccoli pugni chiusi. Nicolina si alzò per guardarla, a un invito della sorella. Ma il suo sguardo si posò sulla nuova venuta, senza simpatia. Per quella creatura nuova, Antonietta era stata — un attimo eterno — tra le grinfie della morte... Perchè era sbocciata, nella casa malinconica?

Ma contemplando i piccoli rosei pugni serrati, ebbe pietà anche dell'intrusa.

— Fosse almeno un maschietto — si disse. — La sua sorte sarebbe più facile. Le donne sono nate per servire e per soffrire. Non per altro.

Che mai teneva nei piccoli pugni chiusi? Forse la felicità... Ognuno di noi, nascendo, stringe i pugni per non lasciarsi sfuggire un bene che non ritroverà mai più...

I pensieri le turbinavano nella mente, senza regola. Le doleva la testa e il cuore. Si allontanò, in punta di piedi, e andò in cucina a preparare il caffè.

Alessio la seguì. Nell'incerta luce dell'alba il suo visetto spaurito, aureolato dai morbidi chiari capelli, pareva quello d'una bambina.

★ ★

La nostra vita non è che abitudine, come diceva don Lucio. Da più di due mesi Antonietta giaceva in fondo al letto, quasi senza speranza di guarire, e tutta la casa ripigliava il suo sistema, impercettibilmente trasformato qua e là, come se la padrona fosse stata sempre malata. Alessio andava a scuola dai Domenicani, due volte al giorno. Carmelina andava dalle monache. Nicolina accudiva alla casa, accorta e sollecita come sempre, e badava anche alla piccola Agata.

Avevano finito di desinare. La stanza era calda, luminosa, impregnata del grave odore dei cibi. Carmelina guardava Alessio, con occhi brillanti di vivacità e di impazienza, così neri che parevano quelli d'un topolino. E Alessio osservava la tovaglia per non ridere.

— Si va? — domandavano gli occhietti neri e birichini.

— Aspetta... Non è l'ora... — rispondevano gli occhi castani pieni di mansuetudine.

Finalmente don Lucio respinse il piattino e fece un cenno ai ragazzi. Potevano andare. Carmelina scivolò cautamente dall'alta seggiola, corse via inseguita dal fratello soffocando le fresche risate.

Nicolina sparecchiò. Preparò il caffè. Portò il brodo alla malata. Sapeva quel che c'era da fare e lo faceva con precisione, senza spazientirsi, camminando in punta di piedi per l'abitudine ora mai invecchiata di non dar molestia al cognato.

Antonietta la ringraziò con lo sguardo, nel renderle la tazza vuota.

— Dove sono i bambini? — domandò. — Che fanno?

— Sono di sopra. Giocano. Alessio deve tornare a scuola. Anche Carmelina... Lui vuole che rimanga dalle monache fino all'ora di cena. Non esce e gli dà noia sentirla...

— E tu lasciala andare. Dalle monache sarà più libera, povera bambina. È così vivace!

Ecco infatti che uscivano. Giocavano ancora e si spingevano l'un l'altro sull'uscio, entrando per salutare la madre.

— Ci benedica!

— Ci benedica!

— Santa, figlia mia. Santo, figlio mio. Non fate tutto questo chiasso! E attenti alle carrozze nella strada! Tenetevi per la mano...

Corsero via ridendo. Si sentì sbattere la porta.

— Non hanno prudenza! — osservò la madre sorridendo.

Nicolina non rispose. Da qualche giorno provava una specie di inquietudine al pensiero di restare affatto sola col cognato, l'intero pomeriggio. Avrebbe voluto tenere con sé almeno Carmelina... Ma non aveva osato contrariare don Lucio esprimendogli il suo desiderio. E poi, come dirgli?

Tornò nella stanza da pranzo, per sbrigare qualche faccenda. Poi andò in cucina e cominciò a stirare. C'era un gran caldo e si sbottonò il colletto. Le parve che Antonietta avesse chiamato e andò di nuovo in camera. Non aveva chiamato e stava per assopirsi.

— Che fai, Nicolina? — domandò aprendo gli occhi.

— Stiro. Mi pareva di aver sentito la tua voce.

— No, Nicolina. Non ho bisogno di nulla. Puoi stare tranquilla.

Accostò la finestra e si allontanò dalla camera in penombra. Si rimise a stirare. La grossa fatica le pesava, a quell'ora, dopo aver mangiato, e guardò con una sorta di avvillimento il gran cesto di biancheria preparato. Meglio esser malata, quasi quasi... poter sonnecchiare in una stanza fresca...

Don Lucio entrava lentamente, fumando. Nicolina arrossì, turbata e sorpresa. Lui non metteva mai piede in cucina, altro che la mattina per lavarsi.

— Avete chiamato? — domandò.

— No.

Si piantò davanti la finestra, con le gambe larghe, e la sua figura si frastagliò nello sfondo luminoso come un enorme compasso. Portava uno dei suoi abiti estivi, a piccoli dadi bianchi e nocciola, che lo faceva parere più lungo.

Si sentiva distinto il ronzio d'una grossa mosca che si sbatteva contro i vetri aperti cercando invano l'uscita, e il metodico succhiare delle labbra incollate al cannello della pipa.

— Senti caldo?

— Un poco.

— Non dovresti mai stirare a quest'ora. Ti affatichi troppo.

Nicolina arrossì più forte, commossa dell'insolita osservazione. Chi aveva pietà di lei?... E a questo pensiero ebbe una violenta voglia di piangere.

— C'è una signora — disse don Lucio avvicinandosi alla tavola — che fuma.

— Fuma? — esclamò Nicolina cercando di interessarsi alla notizia, per compiacenza.

— Sì. La cognata del notaio Marullo. Fuma come un uomo.

E il silenzio si rifece profondo, ma vigile. Don Lucio ora pareva assorto a contemplare la spoglia che Nicolina stirava.

— A te non dà noia il fumo?

— No. Ora mai sono abituata.

— Perchè non l'hai mai avuto sulla faccia.

— Che idea!

— Ecco. Così. — Piegandosi un poco, don Lucio le soffiò sul viso una boccata di fumo. Nicolina si scostò, nauseata. Don Lucio rideva.

— Vedi che non lo puoi soffrire?

Nicolina non rispose. Il fumo, l'aria graveolente della cucina, e più di tutto l'inquietudine che tornava a provare pensando di essere affatto sola, le procurarono un acuto malessere.

Ebbene, bisognava lasciar di stirare, andare in camera con una scusa e restarvi finchè fossero tornati i ragazzi. Doveva chiedere che Carmelina, da domani in poi, rimanesse a darle compagnia... Ma non si moveva; i nervi e i muscoli diventati flosci non ubbidivano alla sua volontà.

Don Lucio le cinse la vita, sfiorandola a pena, come quando l'aveva incontrata in fondo alla scala, nell'alba.

Nicolina si scostò, posando il ferro, e fece per uscire, finalmente, facendo uno sforzo per camminare. Don Lucio la seguì sull'uscio, senza fretta. Quasi la ghermì. Nicolina volle divincolarsi, fuggire; volle gridare, ma la voce le si spense nella gola. Ora don Lucio se la teneva stretta sul petto, con un braccio solo. Non rideva più. Quasi accigliato, come quando dava un ordine, disse:

— Antonietta non ti chiamerà...

Tenendola sempre stretta, uscì dalla stanza da pranzo. Col braccio nervigno quasi la sosteneva. Entrando nel salottino, ripeté meccanicamente:

— Antonietta non ti chiamerà...

★ ★

S'era rifugiata nella propria cameretta; e ora, accasciata sulla sponda del letto, guardandosi i ginocchi aguzzi scossi da un tremito che non riusciva a frenare, si meravigliava di aver trovato la forza di fare le scale. Aveva perduta la conoscenza del tempo. Forse la vita fuggiva come la luce. Fuori della tonda finestra si vedevano i tetti inermigliati dal tramonto di fiamma. E i tetti tremolavano e fuggivano, il letto, le seggiole, ogni oggetto girava e spariva, si faceva un gran buio e poi tutto tornava con uno schianto e tornava la rossa luce.

Antonietta, i nipoti, erano lontani. Pensava a Sant'Agata, alla madre. Povera mamma! perchè hai lasciato andar via la figlia più piccola?

Le pareva, a momenti, di essere sospesa nel vuoto e di precipitare con la luce senza potersi aggrappare. Sentì la voce della Rossa, la voce roca ben nota nel vicolo. Veniva da lontano, quella voce. Tutto era lontano.

Che fare domani? doman l'altro?

Ebbe orrore, ribrezzo della vita. Il tempo passa uguale, indifferente alle nostre miserie, ai nostri dolori. L'orologio grande della parete continua a mormorare le ore, senza tregua. Tutto sarà immutato, anche se dentro l'anima si è scatenato l'inferno.

— Dio! — pregò angosciata. — Fate ch'io possa non rivedere più il mio simile e la luce del giorno. Fate ch'io possa morire...

Ecco un passo affrettato nella scaletta che cigola un poco, al lieve peso. È Alessio.

— Zia Nicoli! Perchè allo scuro? Papà ti manda a dire che prepari da cena.

Trasali. Alessio l'abbracciava, trascinandola festosamente. Lo respinse con dolcezza.

— Vengo — disse. — Vengo.

— Che t'ho fatto, zia Nicoli'?

— Niente. Ma lasciami in pace. Adesso vengo.

Le sue labbra non avrebbero più osato posarsi sulla pura fronte degli innocenti bambini. Il bacio aveva perduto per sempre ogni soavità.

Discese legando macchinalmente i nastri del grembiule scuro.

La stanza immersa nella quieta luce del lume pareva piena di pace familiare. Alessio e Carmelina ritagliavano delle figure da un vecchio libro. Don Lucio, occupato a scrivere in un registro, non alzò gli occhi udendo il passo di lei.

Andò in cucina. Poi aprì il cassetto della tavola e prese la tovaglia.

— Possibile! — pensava angosciata. — Possibile che tutto sia come « prima »?

E disse a Carmelina, per abitudine:

— Aiutami ad apparecchiare...

Ma subito trasali, udendo la sua stessa voce, che risuonò tranquilla e pacata, come prima, nella stanza piena di silenzio e di quiete.

II.

Avendo finito i lavori di scuola, Alessio metteva libri e quaderni a piramide sul piccolo tavolino che stava a piedi del letto di Nicolina. Canterellava.

— « Io ti seguiva com'iride di pace...

S'interruppe di botto.

— Zia Nicoli'! Sei mai andata a teatro? — domandò chiudendo il cassetto.

— Mai.

Riprese a canticchiare, ma tornò a interrompersi.

— Sai, zia Nicoli', un compagno mi ha invitato a sentire la « Manon ». In palco. Una vera fortuna...

Nicolina posò il lavoro e guardò fuori della finestra tonda, sospirando.

— Allora — disse, — bisogna domandare il permesso...

— E perfettamente inutile — esclamò Alessio.

— Chi sa... A coglierlo in un momento buono...

— E inutile — ripeté il fanciullo con amarezza. — E se pure lo concedesse! Dopo che tira tira, dopo che trepidazioni potrei dire al mio compagno: vengo con te! E poi... Tu e la mamma che vegliate per me, lui che aspetta seccato... No, no... Perchè infine tu credi veramente che il piacere consista nell'ingollarsi un divertimento? Niente affatto. Consiste nel gustarlo con animo sereno, spensieratamente... Perciò — aggiunse dopo una pausa, con tono più calmo, — perciò ho risposto al mio compagno che non andrò neppure questa volta.

— E forse è meglio così — fece Nicolina rasserenata.

— Non è meglio — replicò Alessio di nuovo eccitato. — Almeno per me non è meglio. Io non posso fare la vita che fai te, che fa la mamma o Carmelina... Siete tutte donne. Un lavoruccio tra le mani, o sentir la messa la domenica, basta a svagarvi. Io penso a tante cose... desidero tante cose... Certe volte mi gira la testa, così forte mi entusiasmo... No, è inutile. Tu non mi capirai mai!

— Non bisogna lagnarsi... specialmente del padre che ci ha dato la vita!

— Che c'entra! Io non mi lagno. Chi ha parlato di lui, adesso? Gli manco forse di rispetto? Che c'entra, lui? È forse colpa mia se non mi contento? Ma tu non puoi capirmi. Tu e la mamma vi siete adattate, ora, come la lumaca che ha la forma del suo guscio...

— Ma Alessio! — esclamò Nicolina con tono di rimprovero. — Tu sei ancora un bambino e perchè hai imparato un po' di « latino-rum » ti credi di poter giudicare quelli più grandi di te! Pensa a crescere, senza troppe fantasticaggini.

Le pareva che, riprenderlo, fosse un dovere da parte sua.

— Sicuro! — fece Alessio sforzandosi a sorridere perchè si sentiva salire le lacrime agli occhi. — Sicuro, crescere per fare anch'io, un bel giorno, l'amministratore di un signore qualunque.

— E non è forse una professione onorata?

— Chi dice che non sia onorata? Anzi! « Di quella pira — l'orrendo foco... ».

— E poi — l'interruppe Nicolina, — non è vero che farai l'amministratore. Che ne sai, tu, delle intenzioni di tuo padre?

— Le so. Le conosco. È per questo che mi dispero. Ingegnere! « Alessio Gaspare Carmine, perito ingegnere ». Come suona bene! Oppure: « Carmine Alessio, ingegnere ». Oh, io penso ad altro. Se sapessi quel che soffro quando penso che « dovrò » seguire quel maledetto corso...

— Ma calmati, adesso. Perchè ti agiti così? Il tempo della Università è così lontano! Siamo forse noi i padroni del tempo?...

E Nicolina chinò il capo, non osando più rimproverare il nipotino.

Certo, i maschietti non somigliano alle femminette! Cominciano presto a batter le ali! Quel povero ragazzo era proprio come un uccello che vuol provare il volo dentro una gabbia di ferro. Chi sa che pensieri passavano per la sua testolina! Ma chi poteva seguirlo nelle sue fantasticaggini? I suoi occhi timidi e dolci come quelli d'un piccolo camoscio guardavano già così lontano dove le donne non osano guardare.

Alessio era andato a vestirsi nella cameretta che era attaccata a quella della zia. Canterellava sottovoce e pareva rasserenato.

Molte cose aveva taciuto. Molte cose che non ardiva domandare ad alcuno e che gli avvelenavano le pure sorgenti della vita. Nessuno era sincero, in casa. Bello sarebbe stato poter dire a zia Nicolina, a cuore aperto:

— Zia, tu non devi restare qui. Cerca un rifugio, sia pure in un convento, ma non continuare a far male alla mamma e a te stessa, a tenere acceso il dissidio come una vampa che non si riesce a spegnere...

Che avrebbe risposto zia Nicolina? Egli le voleva assai bene, malgrado tutto.

Zia Nicolina l'aveva cullato tra le braccia, come la madre; l'aveva tenuto sulle ginocchia, come la madre; l'aveva calmato asciugandogli le lacrime con la mano ruvida e leggera, allorché il padre, per qualche mancanza, l'aveva battuto...

Quante volte zia Nicolina, prendendolo tra le braccia e volando su su per la scaletta, s'era rifugiata nella piccola stanza che pareva la cabina d'un vapore! e insieme, zitti zitti e vicini, erano restati a guardare fuori della finestra tonda, a traverso un velo di lacrime, il rosseggiare dei tetti e la mutevole fuga della nuvolaglia grigia e rosa nel cielo! Che ore dolci e tristi! I loro cuori si erano compresi e i pensieri si erano incontrati nel silenzio pieno di amarezza di conforto di timore.

Sì, egli amava quella sua povera zia gracile e magra, dagli oblungi occhi scuri che, anche nella collera, serbavano sempre una espressione di sgomento. Aveva pietà di lei. Aveva pietà della madre. Una pietà sconfinata e dolorosa che turbava la sua fresca anima di adolescente.

Era ancora un bambino quando aveva compreso che « qualche cosa », molto grave e molto brutta, rattristava come un'ombra la casa che pareva piena di pace. Aveva capito che un insanabile sordo rancore divideva tra di loro le due sorelle. Una parola colta a volo, un litigio aspro a cui aveva assistito fingendo di dormire, un'occhiata una carezza che non aveva mai più dimenticato e che gli avevano fatto orrore, avevano spiegato anche il perché della discordia. E malgrado tutto egli aveva continuato ad amare sua zia. Qualche volta si era allontanato da lei. Era rimasto nella stessa camera (lei lavorava, lui fingeva di studiare, cogli occhi fissi sulla stessa pagina) senza rivolgerle una parola, tormentato da un ricordo, da un dubbio. Ma anche in quei momenti non aveva cessato di aver pietà di lei.

— « Di quella pira... » Sai, zia Nicoli, oggi è venuto un professore nuovo. Mi ha detto: « Toh! Alessio Carmine! Sei il figlio di don Lucio? C'era con voi una zia, Nicolina Restiva... ». « C'è sempre » ho risposto io. « C'è sempre? » ha esclamato lui, meravigliato. « Non si è maritata? ». È il professore Casufulli. È del tuo paese. Ti conosceva?

— Sì, mi conosceva... Perché ridi?

— Così... Se vedessi com'è buffo! Ha una pancia!

— Con chi vive?

— Oh! bella! Con la sua famiglia. Chi è che non abbia una famiglia sua quando è vecchio? Ha anche un bambino, biondo biondo che pare una pannocchia.

Nicolina corrugò la fronte. È vero, ciascuno ha la sua famiglia. Ma gli uomini sono tutti egoisti. Pensare che suo padre, buon'anima... Ebbene, era bastato non vederla più per cambiare sentimenti... Perché non si era mai fatto vivo, non aveva domandato una volta di lei? Di che le faceva colpa sua sorella?

Essa non aveva fatto male ad alcuno. Abbandonata dalle persone che parevano le più buone, era invecchiata in quella casa come una serva fidata. A chi altri aveva fatto male, se non a sè stessa? Chi aveva ingannato, se non sè stessa? Era come uno che addenti una frutta guasta che gli fa amara la bocca.

Alessio prendeva i suoi libri.

— Io vado. Salve zia Nicolina, puella sedula...

— Vengo anch'io. Perché dici salve?

— È il saluto dei latini. Si dice anche ave.

— Non si scherza con le parole dei santi! È peccato! — ammonì Nicolina. — E tu sei troppo irrispettoso.

Scesero insieme la scala, quasi di corsa.

— Che mi fai fare! — ripeteva Nicolina ridendo e lasciandosi trascinare. — Come se avessi gli anni tuoi!

Antonietta era nella stanza in fondo alla casa, con le bambine.

— Mi benedica, mamma! — salutò Alessio, mentre Nicolina saliva sul terrazzo a stendere della biancheria. — Vado a scuola.

— Santo e benedetto, figlio mio. Hai portato l'ombrello?

— Non vede che sole?

— Vedo certe nuvole, laggiù... La scuola è lontana.

— Lontana, poi!

Il fanciullo indugiava. Sempre, prima di uscire, aveva una gran voglia di lasciare una parola buona alla sua mamma; ma non sapeva che dirle. Come avrebbe voluto che tutti fossero in pace tra di loro!

— Vada sul terrazzo! — esclamò. — Faccia prendere un po' di aria all'Agatina che non esce mai! È una giornata così bella!

Uscì, sbattendosi dietro l'uscio, per fare rumore, per scuotere un po' la casa troppo silenziosa. Per le scale cantò a piena voce, saltando gli scalini a quattro a quattro. E poi gli parve di slanciarsi, fuori del vicolo, nella strada piena di sole e di movimento.

*
**

— Ecco papà! — avvertì Agata.

Antonietta si alzò e andò in cucina per aiutare.

Mentre don Lucio era in casa, le due donne si studiavano di non mostrare troppo apertamente l'odio che le divideva e nel quale erano costrette a vivere insieme, come due paia di forbici chiuse dentro una stessa guaina.

Antonietta, guarendo, aveva fatto delle violente scenate. Ma don Lucio aveva saputo troncargli ogni motivo di recriminazioni con due ragioni indiscutibili: primo che il torto stava tutto dalla parte di Antonietta la quale aveva spesso trascurato i propri doveri non sorvegliando a bastanza la sorella minore (che con le sue tenere smanerie avrebbe cavato gli occhi a un eremita!) e occupandosi più dei figli che del marito; secondo, che lui, don Lucio, col cuore così ma-

lato, sempre minacciato dalla morte, aveva bisogno di calma e di tranquillità assolute. I litigi tra le due sorelle, le scene della moglie, avrebbero trasformato l'esistenza in un inferno! Inoltre, le angustie della famigliola di Sant'Agata, il doversi raccomandare ora per una cosa ora per un'altra, avevano contribuito a chiudere la bocca di Antonietta, in presenza del marito. Antonio doveva venire in città per laurearsi, Alfonso per sostenere gli esami di licenza liceale, la terra era stata ipotecata... E don Lucio era lì, pronto ad ospitare i cognati, a dare preziosi consigli alla suocera, persino ad improntare somme non lievi, senza garanzia... Non aveva diritto a esser compensato almeno con un po' di pace in famiglia?

Carmelina aveva apparecchiato, lentamente per guadagnare tempo, e Nicolina s'era affacciata due volte sull'uscio a dare un'occhiata al posto del cognato. Non vi mancava nulla: c'era la sua saliera, il porta-stuzzicadenti, l'astuccio col Tot, il piattino col salame da una parte e i panini di segale dall'altra.

— Siete pronte?

— Prontissime. A momenti si porta in tavola.

Cominciava a dar filo da torcere, Alessio! Nicolina propose:

— Indugio ancora?

— Sì, è meglio — rispose Antonietta senza guardarla.

Carmelina andava a guardar dalla grata che dava sulla scala. Tornava desolata.

— Non vien!

Si udì la voce di don Lucio, che da un pezzo faceva tintinnare il coltello contro il piatto, impazientemente.

— Insomma, si mangia o non si mangia? Chi si aspetta? Che novità è questa?

Portarono subito. Mentre Antonietta spezzava il pane per le bambine, don Lucio domandò accennando con un movimento del capo al posto vuoto.

— Dov'è andato?

— A scuola...

— A scuola! — ripeté don Lucio ironicamente alzando gli occhi a guardare il bell'orologio della parete.

Mandarono già in fretta e furia la minestra, senza gustarla. Mentre don Lucio mangiucchiava ancora lentamente, con gli occhi socchiusi, le due sorelle corsero in cucina con la scusa di fare l'arrost. Carmelina si agitava sulla seggiola, smaniosa di alzarsi per avvistare il fratello, tendendo l'orecchio ad ogni rumore della scala. Eccolo, viene... No, è la porta della vedova che s'apre, è un passo pesante nel pianerottolo, è qualcuno che picchia al secondo piano...

— La finisci? Non imparerai mai a stare composta? — ammonì don Lucio toccando il frustino che teneva infilato nella spalliera. Carmelina si rannicchiò tutta, come fosse già stata battuta.

Suonano. È proprio lui!

Sì, è Alessio, colorito accaldato; è stato sulla spiaggia coi compagni. Porta in tasca dei sassolini colorati che paion confetti, per le sorelline, e ne mostra qualcuno all'Agata. È ancora tutto sudato, eccitato; pare che abbia del sole negli occhi splendenti.

— Taci, Alessio. Piano. Papà è in collera — mormora la zia.

La voce del padre che domanda duramente: — Dove sei stato? —

il silenzio della sala da pranzo che pare fredda, le facce angustiate delle donne, tutto lo rattrista improvvisamente.

Sedette, mogio mogio, e cominciò a mangiare avidamente. Lo scosse la voce del padre che tornava a domandargli tenendo infilato nella forchetta un pezzo d'arrosto biondo e fragrante.

— Dove sei stato pre-ci-sa-mente?

— Siamo tornati per la via lunga, dalla parte della Palazzata.

— Non sai che alle cinque in punto devi essere qui?

Le bambine avevano finito da un pezzo. Erano impazienti di alzarsi, per vedere i sassolini che Alessio teneva in tasca assieme a qualche filo d'alga odorosa e qualche patella ancora umida. Sbirchiavano il padre, aspettando il segnale del permesso, felici ch'egli non avesse rimproverato Alessio così duramente come si aspettavano. Agata scivolò per la prima dall'alta seggiola, cautamente, e sulla porta chiamò i fratelli agitando le manine. Carmelina si fece animo e domandò:

— Possiamo andare, papà?

— Andate. Ricordatevi che alle otto, quando vi chiamerò, i compiti debbono esser fatti.

Le bimbe respirarono. Via per la scala di legno che cigolava forte dal piacere di essere amata dai ragazzi, come diceva Alessio; via nelle stanze di sopra, sfogo e rifugio dei primi piccoli dolori, dei rumorosi giochi, delle libere risate...

— Corri, Agatina... Questo è il nostro castello! Alessio?! Che hai? Alessio le seguiva lentamente, senza gioia.

★
★ ★

Antonietta, avendo vuotato le materassine piccole, si preparava a batter la lana. Nicolina entrò per aiutarla, come se fosse stata chiamata. Tacendo legò un fazzoletto intorno al capo e cominciò a battere con una delle verghe. Pareva che si fossero accordate prima, sufficientemente, sul compito di ciascuna. Finito di battere si rialzarono nello stesso tempo, scossero la polvere e i fili rimasti attaccati ai grembiuli neri, e cominciarono a riempire il guscio bianco e rosso che giaceva in un canto, affloscito, come un panno macchiato. Si affrettavano pensando di sbrigarsi prima del ritorno di don Lucio che voleva trovar sempre la casa in ordine e le donne pulite. Antonietta, disteso il guscio su due asserelle, lo riempiva con la lana che Nicolina le portava a bracciate. Era già stanca. Un po' pingue e pesante ansimava per la fatica fatta. Nicolina andava e tornava con la lana sulle braccia senza riprender fiato. Riserbava a sè stessa le faccende più faticose e risparmiava la sorella, quasi senza volerlo, seguendo l'abitudine di tanti anni. Spazzò il laniccio rimasto e vuotò una seconda materassina. Poi infilò un ago e, sempre tacendo, come d'intesa, cominciò a ricucire la lunga fenditura dalla parte opposta a quella cominciata a chiudere dalla sorella.

— Prendi lo sgabello — disse Antonietta alzando gli occhi e vedendo la sorella penosamente curvata. — È sul balcone. Come vedi, io mi sono seduta.

Sullo sgabello c'erano dei balocchi della bambina più piccola.

— Per piacere, Agatina, — fece Nicolina avvicinandosi al balcone — togli questa roba e dammi lo sgabello.

— È mio — rispose la bambina. — E non te lo do.

— Sgarbata! — esclamò Alessio, entrando. — Non glie lo devi mica regalare! Se non ci sono altre sedie...

— Che m'importa? — replicò la bambina appoggiandosi con le due mani allo sgabello, per difenderlo. Poi strillò: — Non mi deve comandare lei! Questa è la casa di mamma! Non è la casa sua!

Nicolina vacillò. Antonietta si alzò, impallidendo, e afferrata la bambina per un braccio la trascinò fuori, nell'altra stanza.

— L'ha detto mamma! L'ha detto mamma! — strepitava Agatina, divincolandosi.

— Alessio! — comandò Antonietta — Conducila sopra, con te.

Tornò a posto. Ma le mani le tremavano visibilmente, nel riprendere il cucito interrotto. Nicolina era ancora davanti al balcone, come l'avevano lasciata, con le braccia abbandonate lungo i fianchi.

— Ecco — disse rientrando — quel che hai ottenuto facendo arrivare i tuoi sfoghi alle orecchie dei tuoi figli. Ripetono le tue parole. Io sono un'estranea, una nemica, nella tua casa. Specie le bambine, specie quella più piccola... È cresciuta in mezzo ai nostri litigi, come in una culla di rovi.

Si nascose il viso tra le mani, tacendo.

Antonietta cuciva.

Nel profondo silenzio che riempì la stanza, passarono amare parole non dette.

I cuori delle due donne battevano violentemente, come quelli di due bimbi che aspettino il rombo del tuono dopo il lampo.

— È la verità — disse finalmente Antonietta. — E forse mia, la colpa? Tu dai scandalo alle mie creature con la tua presenza.

— Taci! Taci! Alessio può sentire. Oh, almeno lui, che m'ha voluto bene, da piccolo!...

— E sopra. Con Agata. L'ho sentito salire. E poi... Credi forse che non capisca? I ragazzi hanno gli occhi bene aperti, oggi giorno...

— Taci... — ripeté Nicolina tendendo l'orecchio. No, Alessio non poteva sentirle...

Ma il fanciullo aveva lasciata la bambina occupata a ritagliare un giornale, ed era tornato, in punta di piedi. Ascoltava, con la gola serrata da un nodo di pianto.

— Non c'è... — ripeté Antonietta.

Era in piedi anche lei. Eccitate dalla fatica si fissavano, sfidandosi. Rade volte accadeva che si trovassero affatto sole, faccia a faccia; allora un futile motivo, una parola imprudentemente sfuggita, un gesto, bastavano a fare svampare l'odio che covava nei petti, troppo a lungo represso. Si parlavano con voce sorda, stringendo i pugni, istintivamente.

Due macchie vermiglie, come due pennellate, tingevano il viso olivigno di Nicolina sugli aguzzi pomelli.

— Sì. La colpa è tua — accusò Nicolina. — Tua. Non d'altri. Tu mi hai rovinata. E ora mi vorresti scacciare? Non me ne andrò. No. Te l'ho detto. Da questa casa non uscirò viva. Ho sciupata qui la mia giovinezza fresca e spensierata come un velo che si butta su

una siepe di spini. Tu, mi hai rovinata. Tu mi hai messa in bocca al lupo. Intorpidita dall'egoismo mi lasciavi sola, giornate intere, per servirlo. Ti faceva comodo, allora, ch'io facessi la serva a te ed ai tuoi figli? Ti faceva comodo? E non pensavi ch'io ero una povera creatura fatta di carne, come te? Perchè gli dovevi voler bene tu sola? Non potevo sentire *allora*, ora no! ora non più! ora non più!, quel che sentivi tu? Anche più fortemente di te? Non ci pensavi? E se ci pensavi, non eri più snaturata della più snaturata femmina?

— Io avevo fiducia in te — mormorò Antonietta. — Tu eri la mia sorella piccola. Eri Nicolinedda... Non ci pensavo. Non ci pensavo — ripeté dolorosamente, con un grido, stringendosi la fronte tra le mani. — Come potevo temere che il mio sangue dovesse tradirmi? Io non sapevo di scaldare un serpentello nel mio petto. Io ti dovevo guardare. Avrei veduto che la tua faccia non era quella d'una creatura buona. Guardati! Guardati nello specchio, sciagurata! Tu hai la faccia del peccato! la faccia ossuta e senza colore di chi tradisce il proprio sangue...

— Tua è, la colpa!

— Mia! Ma se tu fossi andata via subito, *allora*...

— Tua!

— ...e i bambini erano ancora piccoli...

— No. Non potevo andarmene. Non potevo uscire da questa casa maledetta dal Signore. Io sarei andata via come un corpo senz'anima. Andarmene! Come un cencio logoro che non serve più! Come un limone spremuto che si butta in mezzo alla strada! Mia madre mi aveva affidata a te. Dovevo tornare avvilita, quando non avrei saputo fingere, di già vecchia senza aver vissuto la mia parte di vita. Essa mi avrebbe guardata con i suoi poveri occhi stanchi di piangere per piangere altre lacrime più cocenti. E i fratelli? Come mi avrebbero accolta? E Caterina? Caterina non conosce il male e non ha pietà di quelli che cadono.

— Vattene adesso. Vattene! Non è mai tardi!... Non sapranno niente, se tu tacerai. Dipende da te. Lasciami in pace, almeno ora! — ripeté Antonietta, angosciata. — Abbi pietà, non di me ma delle mie creature. Io sarei fuggita, sparita, mille volte, al tuo posto. Tu vuoi bene alle bambine e pure non hai scrupolo a dare scandalo alle loro anime innocenti...

— Non comprenderebbero, se tu, sciagurata, non ti facessi sentire... Tu hai persino sfogato dicendo male di me a Carmelina. No! — riprese. — Non me ne vado. Tu vuoi restare tranquilla nella tua casa, fra i tuoi figli? No! Trascinerai la catena con me. Io ho raccolto i resti del tuo benessere come Lazzaro alla tavola del ricco Epulone. Mi scacci per restare in pace? E che diritti hai tu alla tua pace? Non è già troppo ch'io — io che *allora* l'adoravo senza saperlo, — io che lo servivo con più devozione di te...

S'interruppe, guardandosi intorno smarrita. Si sentiva girare la chiave nella toppa. Dovevano essere le quattro e mezza.

Alessio scomparve. Le due sorelle tentarono, con le mani gelate e tremanti, di riprendere il lavoro. La casa tornò a immergersi nel silenzio come l'acqua di un lago che si ricomponga adagio adagio.

Don Lucio si mostrò in mezzo all'uscio, lungo lungo vestito di verde.

— Siete ancora qui? — brontolò, scontento.

Antonietta andò in cucina. Nicolina portò le pantofole davanti la poltrona del cognato; poi si decise ad entrare anch'essa in cucina.

Alessio s'era rifugiato nella stanzetta di già in penombra. Con la testa fra le mani piangeva sconsolatamente. Il suo piccolo cuore era gonfio di pietà verso la madre, di pietà verso la zia. Due volte si era fatto animo per entrare e metter pace fra le due sorelle, con qualche buona parola. Ma non aveva osato. La sua presenza avrebbe recato nuovo e maggior dolore all'una e all'altra.

Non poteva intromettersi. Era ancora un fanciullo, lui, un povero fanciullo che non deve capire, che non deve giudicare « quelli che sono più grandi ». Provava uno sgomento, un avvillimento, profondi; pareva che il mondo si fosse scolorato all'improvviso e ogni speranza, ogni cosa bella, fosse svanita in una sconfinata tristezza.

Le rade scene a cui assisteva non visto, non le dimenticava mai più. Anche nelle ore più luminose, sempre scorreva nella sua anima adolescente una sottile tenace vena di malinconia.

C'era, sì, c'era *qualche cosa* che faceva brutta la vita! come una macchia che non si riesce a cancellare.

— Alessio! Vieni a tavola!

Si scosse, sbalordito. Si lavò il viso per fare sparire le tracce delle lacrime.

Sedette al proprio posto e mangiò in silenzio, senza voglia. Aveva gli occhi rossi, e i fini capelli, ancora bagnati, appiccicati sulle tempie diafane. Ma don Lucio, assorto a masticare lentamente per digerire bene, non badò a suo figlio. Anche le due sorelle, ancora un po' eccitate, non badarono ad Alessio.

★★

In casa si preparavano le salsicce, sotto la guida di don Lucio che se ne intendeva.

Aveva la macchinetta per tritare la carne, e custodiva un pezzetto di sughero attraversato da una ventina o più di spilli per punzecchiare i rocchi pari pari. Quando veniva il tempo delle salsicce, ogni dicembre, non c'era bisogno di cercare spilli o spilloni disadatti che bucano e sciupano tutto, come si fa in tante case.

Avera dosato e pesato lui, con le proprie mani, il sale il pepe il finocchietto; e ora che la pasta era pronta e le donne insaccavano, badava a pungere convenientemente col suo pezzo di sughero. Anche le bambine si divertivano ad aiutare, rallegrate dalla novità. Pareva già festa. E sempre così quando il Natale si avvicina e la credenza si ricolma di provviste.

Solo Alessio mancava. Era il suo ultimo giorno di scuola e ritardava, al solito.

Se l'avesse visto zia Nicolina! Perdeva tempo, quasi senza avvedersene, per il piacere di perdere tempo. Si divertiva a lasciarsi portare avanti dalla folla, nella strada in movimento, come un filo di paglia abbandonato alla correntia del fiume. Qui si fermava per guardare una quantità di giocattoli che non lo potevano interessare; lì s'incantava a guardare due uomini che incollavano un manifesto grande quanto un lenzuolo; più lontano si cacciava in mezzo a una

calca per sapere che fosse successo. Infine rimase un pezzo assorto a contemplare una mostra di libri vecchi. Voleva comprare «Le vite degli uomini illustri», ma non aveva i quindici soldi che ne domandava il venditore.

— Un'altra volta... — disse un po' confuso, allontanandosi.

Giunto presso casa affrettò il passo. Alla cantonata gli si fece innanzi una donna vestita di nero, dalla faccia scarna e rugosa, ardente come la faccia d'una zingara. Volle scansarla. Ma la donna lo fermò.

— Non abbia paura d'una povera sventurata. Lei è il figlio di don Lucio Carmine?

— Sì.

— Dell'uomo di fiducia del barone Rossi?

— Del segretario, volete dire?

— È lo stesso. Senta. Lui, il suo papà non mi vuole ascoltare. L'ho pregato come si prega un santo sull'altare e mi ha scacciata via. Stia a sentirmi lei, per l'amore che deve portare alla sua mamma. Tre mesi fa gli consegnai, nella sala a pianterreno della Casa de' Venti (dove lui sbriga gli affari), la collanina della mia povera figlia, in pegno. È una collanina assai antica e bella... Lui si voleva garantire... Mi promise che mi avrebbe lasciato riscattare il gioiello, quando avessi avuto i denari, senza limite di tempo. Gli ho portati i denari — due onze in tutto! si figuri! — e mi ha risposto che l'obbligo suo durava due mesi e la collana non l'ha più! Ah! che schianto, signorino! Glie lo dica lei. Ha la faccia d'un Sant'Antonio, lei, e il suo cuore non può essere cattivo...

— Ma io non capisco. Papà non può avervi prestato dei denari?

— Magari non me ne avesse mai prestati! Magari mi fossi rivolta a uno strozzino! Almeno non sarei stata avvolta nell'inganno!

— Non vi credo.

— Che la Madonna mi privi della vista degli occhi se io mentisco! Che io non riveda il Santo Natale se il fatto non è vero.

— Non può essere — esclamò Alessio, e di nuovo volle allontanarsi.

Ma la donna gli afferrò una mano e gli parlò a lungo, fissandolo con occhi ardenti di preghiera di dolore di odio.

— Dirò la cosa a papà — concluse Alessio, un po' spaventato dallo sguardo di zingara della sconosciuta. — Non credo che vi abbia prestato denari. Assolutamente non credo. Ma io glie ne parlerò. Sì, anche a costo di farmi battere gli dirò quel che mi avete raccontato. Se è vero — mormorò tra le lacrime, — voi riavrete la vostra collana. Ma come debbo dirgli per farvi riconoscere?

— Oh! lui lo sa! Gli dica Maria del vicolo dei Tre Re. La collanina non la può confondere. È antica. In mezzo c'è una crocetta d'oro lavorata con le pietre rosse, così rosse che paiono gocce di sangue. Lui lo sa. Altro se lo sa!

Alessio fece le scale di corsa. Fu rimproverato.

— Dove sei stato pre-ci-sa-mente?

Non badò ai rimproveri. Più tardi non rammentò che cosa avesse risposto per giustificarsi. Era stordito. Nella mente gli turbinavano le parole della donna. Pensava: — Come gli dirò? Come gli dirò?...

E incontrando lo sguardo assonnato e tranquillo, abbassava gli occhi trasalendo.

« Non può essere vero! — ripeteva fra sè e sè. — Non può essere. Io non avrò il coraggio di aprire la bocca ».

Lottò dentro di sè tutta la serata, come un uomo. Andò a letto senza aver parlato.

— Buona notte. Mi benedica... Mi benedica...

L'indomani respirò quando il padre uscì per i propri affari. Poi fu impaziente che tornasse. Fu di nuovo sera e lui non aveva aperto bocca. Nicolina accese la lampada. Antonietta portò la cartella coi registri sulla tavola... La casa era piena di pace.

« Solo io, solo io — pensava Alessio — ho il fuoco dentro l'anima ».

Era necessario parlare, sfogare quella pena cocente. Forse era meglio domandar consiglio alla madre.

Lui non mi perdonerà mai di aver creduto alle accuse di una donna di strada...

Ma bastava dire le cose come stavano, mostrando di non aver creduto.

— Papà! — esclamò risolutamente. Ma la voce gli si spezzò in un singhiozzo.

— Aspetta un momento — fece don Lucio posando la pipa ed alzandosi.

— Va a prendere il regalo! — mormorò Carmelina arrossendo dalla gioia. — Me l'ha promesso ieri.

Don Lucio tornava con un piccolo cartoccio. Lo svolse adagio adagio, tenendo sospesa la curiosità delle donne.

— Com'è bella! — esclamò Antonietta.

— Com'è bella! — ripeté Nicolina.

Alessio si alzò a guardare, si fece bianco come la cera.

— No! No! — gridò, agitato da un tremito convulso. — Non glie la dia, papà! Glie ne supplico!

Don Lucio teneva fra le mani, sospesa, una fine collana d'oro antico, una crocetta d'oro con le pietre rosse.

— Tu ti senti male! — disse Nicolina, obbligandolo a sedersi. Ma Alessio si rialzò in piedi, con uno sforzo.

— No. Non glie la dia!

Tremava tutto, esasperato dall'agitazione contenuta per ventiquattro ore.

— Infine?! — esclamò don Lucio battendo un pugno sulla tavola, minacciosamente. — Si può sapere che ài?

— Non lo spaventare — pregò Antonietta. — Deve essere malato. Vedi com'è stravolto?

— Se è malato si curi. Se è pazzo vada a chiudersi in un manicomio.

— Non sono malato. Non sono pazzo — esclamò Alessio. E con voce rotta raccontò la scena del giorno innanzi, senza dimenticare una parola, perchè ogni parola gli era restata impressa nella mente.

Don Lucio l'ascoltò senza interromperlo, senza alterare un muscolo della faccia. Era necessario lasciargli dire tutto, non insospettirlo...

Ma quel ragazzo che tutto scopriva, tutto indagava, era un piccolo temibile giudice.

Facendo uno sforzo su sè stesso accarezzò il figlio e spiegò a

lui e alle donne che la collana l'aveva comprata, nella bottega d'un antiquario, pagandola assai cara.

— Maria del vicolo dei Tre Re...

— Sì, Maria del vicolo. La conosco. Un tempo serviva in casa del notaio. Per questo la conosco. Me l'ha vista comprare. Vuole speculare sopra un ricatto. È una poco di buono, una ladra. A avuto da fare con la giustizia. La città è piena di questa gente. Si è rivolta a te, che sei un ragazzo e non capisci nulla... Lo so io che devo badare a una trentina e più di pianterreni appigionati a figuri come Maria del vicolo dei Tre Re... Me ne passano fra le mani! Io te l'ho sempre raccomandato: non bisogna fermarsi a parlare con la gente che non si conosce!

Parlava tra i denti per frenare la collera. Alessio restava accasciato. Le orecchie gli ronzavano. Infine non comprese più nulla. Lo portarono a letto, come un bambino. Fu colto dalla febbre.

— Febbre nervosa — affermò don Lucio che l'indomani salì a vederlo. — Imparerà a saper vivere.

Per due giorni, finché durò il delirio, restò accanto al letto del malato. Aspettava che gli sfuggisse qualche parola taciuta.

Alessio non sapeva altro che quello stupido fattarello della collana. E don Lucio si rasserenò; ma non riuscì a vincere la sorda diffidenza che gli ispirava suo figlio, l'unico che sfuggisse alla sua vigilante sorveglianza.

Il gioiello sparì nella cassetta di mogano. E Carmelina pianse per il regalo perduto. E sparì anche la cartella della scansia presso il balcone; la sera don Lucio si alzava per andare a prenderla da un cassetto chiuso a chiave.

Alessio, dopo le feste non liete del Santo Natale, tornò a scuola, indebolito dalle febbri, e non incontrò più seccatori.

Era mortificato di aver creduto; pure il dubbio, piccolo insistente, continuò a tormentarlo per qualche tempo.

Temeva, specie verso il crepuscolo, d'incontrare la donna vestita di nero, dalla faccia di zingara; doveva esser lì, incollata al muro, ad aspettarlo, con gli occhi nerissimi e ardenti pieni di odio e di preghiera.

Ma suo padre non aveva mentito. Lo rivedeva come quella sera, tranquillo, persuasivo, un po' offeso un po' indulgente... Non aveva mentito.

Ma dove era sparita la collana? Perché non darla più a Carmelina, se era stata comprata?

Il solo ricordo della crocetta d'oro antico, lavorata con le pietre rosse, così rosse che parevano gocce di sangue, gli incuteva orrore.

★ ★

Don Lucio partiva, per la sua solita visita annuale, per verificare e regolare gli affari del barone; in ultimo doveva andare anche a Catania a far visita alle sue sorelle maritate che lo facevano ripartire carico di provviste e di regali. Da quando si era assicurato che le sue sorelle non gli avrebbero dato noie, se ne ricordava ogni anno con una certa amorevolezza.

— Eh! Eh! — diceva, persuaso di essere sinceramente commosso.
— Eh! Il sangue non è acqua!

E così dicendo si sforzava di fare entrare nelle valige e nelle sportelle tutte le conserve, tutta la frutta e il pan di Spagna che le sorelle mandavano alle nipotine che non conoscevano ancora. In quei momenti, anche loro dimenticavano l'abbandono in cui le aveva lasciate l'unico fratello, nel tempo ch'erano rimaste orfane e senza avvenire...

Tutto era pronto per la partenza. Le bambine, che non erano state mandate dalle monache per salutare il padre, si divertivano a rincorrersi nella piccola corte dove Alessio aveva trasportato le valige, due grandi valige di cuoio nero coperte dalle fodere di tela juta su cui spiccavano le iniziali « L. M. C. » adornate di ramoscelli rossi e gialli.

Le donne, piangendo come ogni anno, trattenevano ancora un poco don Lucio, davanti l'uscio, per affidargli i saluti da portare a *quelli* di Sant'Agata. Nicolina, afferrata una mano del cognato, la copriva di baci nel ripetere un nome caro, un nome che faceva male al cuore ogni volta che lo pronunciava forte.

— La mamma... Dite così, alla mamma...

Antonietta non si offende che la sorella salutasse il partente con l'appassionata tenerezza con cui lo salutava lei stessa. Era un momento di fugace e profonda sincerità, in cui l'una leggeva dentro l'anima dell'altra.

Non piangevano per lui, oh! no! Intensamente pensavano ai luoghi che lui avrebbe riveduti e che non ristoravano i loro occhi da tanti anni. E alla nostalgia del passato, che gonfiava i loro petti, si mescolava un filo di paura dei giorni da venire. La paura di restar sole, l'una di faccia all'altra, come due colpevoli chiuse nella stessa cella — senza scampo.

Don Lucio assente, i ragazzi a scuola, finiva ogni ragione di tacere. I litigi scoppiavano più violenti, più frequenti. Qualche giornata trascorreva in calma se Nicolina restava chiusa nella propria cameretta, in *piccionaia*, e Antonietta nella stanza in fondo alla casa. Allora si vedevano nell'ora dei pasti; accadeva che non si vedessero neppure in quelle ore perchè, mancando il capo di casa, non si pensava a cucinare tutti i giorni, ma si prendeva un boccone in piedi, tra una faccenda e l'altra. Giorni di quiete dolorosa, di silenzi sneranti, o giorni d'inferno, erano quelli che le aspettavano...

Si sentiva l'impaziente schioccar della frusta, fuori.

— Lasciatemi andare — disse don Lucio, e cominciò a scendere le scale, accompagnato. Le donne sapevano che giunto al penultimo pianerottolo, don Lucio si sarebbe voltato e però a un certo punto si fermarono. Egli si fermò al penultimo pianerottolo e si voltò mostrando la fronte breve corrugata, sotto il berrettino a dadi.

— Che giorno è oggi?

— Sabato — rispose Antonietta.

— Ne abbiamo quindici — aggiunse Nicolina.

Don Lucio guardò il taccuino, dov'era segnato tutto l'itinerario del viaggio, e annunciò:

— Sarò qui il trenta del mese venturo col treno delle sei e venti.
E riprese a scendere.

Egli, che divideva il tempo con precisione matematica, non credeva agli avvenimenti impreveduti che affliggono tanti uomini. Se aveva detto il trenta sarebbe tornato il trenta, col treno delle sei e venti, giungendo a casa, in legno, alle sette. Voleva trovare il brodo e l'arrosto, la biancheria pulita preparata a piedi del letto, l'acqua calda per lavarsi.

Baciò le bambine e, dopo avere ripetute alcune raccomandazioni con voce monotona, baciò Alessio. Abbracciò la moglie e poi, senza esitare, strinse gravemente la mano della cognata, baciandola fraternamente sulla fronte. Allora Nicolina proruppe in nuove lacrime, e il suo esempio fu seguito, come un'eco, da Antonietta e dalle bambine.

Ecco che restavano veramente sole.

— Addio! Addio!

— Ci benedica papà...

La scala risonò di singhiozzi.

Ebbene, dopo tutto, era l'unica persona che le amasse davvero...

— E colpa sua? — si domandava Antonietta risalendo. — E colpa sua se il destino à voluto che *lei* si attaccasse alla sua vita come un debole filo che intrica i rami d'un albero? E *lei* non à forse espiato?

I loro cuori erano riboccanti dello stesso sentimento di pietà. L'una avanti, l'altra dietro — nella scala —, ebbero lo stesso impulso; parlarsi senza ambagi, con umanità, poi che erano state tutte e due ingannate dalla vita, e si dovevano perdonare...

Ma richiudendo la porta, che girando sui cardini cigolò sordamente, le colse lo stesso gelo; l'insanabile rancore le armò di nuovo.

Agata saltellava nella saletta, spingendo la sorellina, felice che il padre fosse partito e che per un pezzo si potesse fare il chiasso liberamente, senza la minaccia del terribile frustino.

Nicolina fu morsa dall'ira, quasi che la irrefrenabile allegria fosse provocata dalle sue lacrime non giustificabili.

— Senza cuore! — gridò, scotendo Agata brutalmente. — Papà non è ancora giunto alla stazione e tu ridi di già!

Corse a rifugiarsi nella propria camera per poter piangere le sue lacrime — a cui non aveva diritto in quel momento —, senza esser giudicata e derisa.

Agata, la più piccola, quella che aveva succhiato il rancore contro di lei col latte della madre, la derideva... Sì, la derideva...

(Continua).

MARIA MESSINA.

LA CASA NEL VICOLO

ROMANZO

— Dunque? — ripeté Alessio, insistente.

— Non so... Papà non c'è... Pare che si voglia profittare della sua assenza...

— Per fare una innocente passeggiata? — concluse Alessio. — Via, mamma, non esageri così! Si decida almeno per le bambine che non vedono mai un po' di sole! Quando papà c'è, manca il tempo. Quando non c'è...

Antonietta non rispose. Le sorrideva l'idea di chiuder la porta e uscire con i suoi figli, spensieratamente. Ma vedeva la difficoltà di mettersi d'accordo con la sorella che l'avrebbe mal giudicata, che forse l'avrebbe accusata di leggerezza quando don Lucio fosse tornato.

— Ebbene — disse finalmente, e parve che un velo abbuiasse il suo viso pallido e floscio. — Conduci con te tua zia. Non vorrei che tuo padre trovasse la porta chiusa, tornando.

— Papà non tornerà oggi — esclamò Alessio correndo a chiamare la zia.

Nicolina si lasciò trascinare, sorridendo, in camera.

— Lasciami, Alessio! Dove mi conduci?

Era contenta che il nipote la costringesse ad entrare nella camera della sorella.

Anche Antonietta che udiva lo scherzoso contrasto, era lieta che il figlio si mettesse fra di loro, come un angelo di pace.

Pure Nicolina, mettendo piede sulla soglia, si pentì di essere entrata, mentre Antonietta si irrigidiva senza volerlo.

— Alessio mi à trascinata fin qui — spiegò, confusa. — Dice che si deve uscire.

— Se credi di contentarlo. — fece Antonietta senza levare gli occhi... — La giornata è buona e le bambine non vanno a scuola...

— Che dovrei mettere? — domandò Nicolina dopo qualche minuto di silenzio. — La veste da estate?

— Sì! — rispose Alessio vivacemente. — Son tutti vestiti di chiaro, ora mai.

Le due sorelle impiegarono molto tempo a vestirsi perchè non erano abituate ad uscire e non trovavano subito tutti i piccoli accessori necessari. Ci fu un momento di disordine.

— Agata! fatti dare il calzatoio!

— Domanda alla mamma dove sono i guanti!

— Carmelina! Corri a prendere la sottana, deve essere nell'armadio della zia.

E poi, cinture che non arrivano, bottoni che saltano quasi volessero fare un dispetto, e maniche gualcite che vorrebbero essere stirate...

— Le vesti leggere e i cappelli da inverno! — mormorò Nicolina, scontenta, guardandosi nello specchio.

Cercarono ancora qualche cosa dimenticata, lamentandosi di aver perduto troppo tempo, di essersi decise a uscire troppo tardi.

Finalmente furono pronte. Finalmente si staccarono dalla casa.

Per un tacito accordo Antonietta restò indietro con le bambine; Nicolina passò avanti col nipote ch'era tutto fiero di aver condotto fuori la famiglia, come un uomo grande, e si voltava ogni tre passi a sorridere alla madre con l'aria di dirle: — Vado con la zia per non lasciarla sola, ma verrei tanto volentieri anche con te!

Il suo piccolo cuore era sempre riboccante dell'accorata inesauribile voglia di vedere d'accordo la mamma e la zia.

— Pensava: — Quando sarò grande e avrò la moglie e i figli, li condurrò a spasso ogni giorno e spenderò, per farli godere, tutti i soldi che guadagnerò!

Qualcuno si voltò a guardare la piccola comitiva. Due giovanotti sorrisero, e l'uno disse:

— Sono scappate dal figurino della bisnonna...

In verità le due signore non vecchie, dai goffi abiti a svolazzi e falpalà, le cappotte di velluto a cuffia, stonavano nello sfondo vario e animato della strada.

Perchè era proprio l'ora del passeggio... Pur troppo...

Alessio si vergognò. Cercò, senza riuscirvi, di allontanarsi dalle strade belle, troppo frequentate, e non parlò più. Sentiva che le *sue donne* erano vestite male e se passava a fianco d'una signora elegante, abbassava gli occhi arrossendo.

— Perchè? — si domandava con amarezza. — Perchè noi dobbiamo essere quasi rei? Perchè la nostra vita deve essere così grigia e povera, come un'ombreggiatura, mentre il mondo è bello, luminoso, e gli *altri* sono tutti felici?

E andava umiliato e smarrito, a testa bassa, pentito di aver condotto fuori la famiglia. La Palazzata gli pareva più grande e più splendida, la via più vasta, più affollata del solito, e gli pareva che il Nettuno dall'alto lo guardasse con compatimento.

Giunti sulla spiaggia libera, in un punto quasi deserto, si rinfancò. Il mare sconfinato e misterioso, calmava sempre il suo piccolo cuore.

Più lontano, dove la gente continuava a passeggiare, il mare era differente.

— Mi farò marinaio — disse forte, chiudendo un suo rapido pensiero.

— Iddio ce ne scampi! — esclamò Nicolina sedendosi su di un sasso. — Una vita piena di pericoli!

— Io sarei veramente disperata — aggiunse Antonietta, — se ti sapessi in mezzo al mare.

— Tanto! — fece Alessio.

Voleva dire: — Tantol io *dovrò* essere ingegnere!

E di nuovo lo scontento gli serrò il petto. Ma subito il piacere che gli dava la vista del mare brillò nei suoi grandi occhi di fanciulla.

Tacquero tutti e tre, assorti in una calma piena di tenerezza. Le bimbe si divertivano sulla sabbia, a raccattar sassolini, conchiglie, cacciando piccoli gridi di gioia nello scoprire tutte le cose bizzarre che il mare getta e riprende con vasto mormorio.

— Guardate — disse Alessio. — C'è un brigantino, laggiù.

E gli occhi delle due sorelle si posarono sul punto chiaro e lontano che Alessio aveva chiamato brigantino. Il pensiero pareva sospeso, nell'aria luminosa, come pulviscolo d'oro. Tutte le piccole miserie che sembravano grandi, l'aspro rancore di cui era satura l'aria della casa nel vicolo e che esse portavano chiuso nei cuori, parevano dileguarsi e sparire nella serena lontananza del cielo aperto. Tutto era piccolo e lontano, come il brigantino che passava sul mare.

Il crepuscolo li colse, immobili e smemorati, nello stesso posto. Videro il sole affocato immergersi nel mare, in mezzo a una violenta luce purpurea che smoriva piano piano. Gli strilli delle bambine — ebbre d'aria e di libertà — si rincorrevano ancora sul greto. L'ora si colmava di malinconica dolcezza.

— Mi farò poeta... — disse Alessio. Nicolina rise.

— Tu cambieresti mestiere cento volte cento. Meno male che alcuno ti guida!

Alessio corrugò la fronte, ferito dal tono di quella voce troppo nota, che lo riconduceva nella realtà delle cose mentre più credeva di essersene distaccato.

Fecero la via del ritorno, tutti in fila, poi che la strada non era frequentata.

— Che bella passeggiata ci hai fatto fare! — disse Antonietta.

— Dovremmo ripeterla, anche quando sarà tornato Lucio. Saremmo tutti più buoni. Stasera provo un benessere, una pace, come se avessi fatto un bagno caldo.

Risero allegramente, anche le bambine, al paragone di Nicolina.

Presso casa le due donne provarono una specie di apprensione. Affrettarono il passo quasi che avessero dovuto trovare don Lucio impazientito e seccato. Salirono le scale di corsa. Si svestirono in fretta quasi che don Lucio avesse dovuto rimproverarle di essere uscite senza avergli preparata la pipa e la limonea.

Era l'abitudine grigia e metodica di tanti anni — dalla quale non si sarebbero mai liberate.

★ ★

Corse verso la spiaggia, andò sulla scogliera amica, cautamente. Gli piaceva andare sull'estremo scoglio e sentirsi spruzzare nel viso e nelle mani qualche ondata di spuma. Rimase un pezzo accoccolato, immobile, col mento fra le mani, seguendo le candide ondate che correivano, una sull'altra, in fretta, di furia, spezzandosi contro la riva bruna.

Era crucciato e non sapeva di che. Forse di nulla. Forse di

tutto. Viveva una delle sue ore desolate, in cui l'anima trasaliva ad ogni piccola fugace impressione, come una corda di violino che vibra e geme se un dito la sfiora. Presso la scuola un girovago suonava l'organetto; era fuggito via per non sentire, con una impetuosa voglia di piangere.

Si calmava a poco a poco, davanti al mare buono e senza limiti.

C'era sì, c'era qualche cosa che faceva brutta la vita.

Un sentimento di dolore e di vergogna gli attanagliava l'anima. Fugaci immagini ripassavano davanti gli occhi intorbidati dalle lacrime. Ecco zia Nicolina, attaccata alla casa come il fitto lichene che s'attacca allo scoglio e non lo lascia respirare. Ecco Maria del vicolo che lo perseguita col suo sguardo cupo di collera.

Ah! potere sfogare quel turbamento che si alimenta di nulla, che sciupa l'anima, come la ruggine che intacca un metallo nuovissimo!

Forse si ingannava. Forse giudicava a torto perchè era inesperto. Non sapeva distinguere ciò che è buono da ciò che è cattivo e credeva colpevoli le azioni più naturali, come un bimbo, chiuso in una stanza allo scuro, ha paura degli oggetti famigliari.

Come invidiava, talvolta, al suo compagno prediletto, quel padre che accoglieva indulgente ogni piccola confidenza, che dolcemente s'interessava dei libri, degli amici, delle scappatelle, di tutte le cose belle e brutte che formavano la esistenza del figlio! Quante volte aveva sentito, irresistibile, il bisogno di parlargli!

— Signor barone! — le prime parole gli venivano pronte sulle labbra. — Sono un povero ragazzo che non capisce niente...

Un ragazzo che soffre e à paura, perchè sente serpeggiare nel sangue, come un male nuovo, i primi istinti dell'adolescenza. Un ragazzo ancora, che la sera ha bisogno del bacio della mamma, e più ha bisogno che il padre lo conduca verso la maschia vita, adagio adagio...

— Signor barone...

Il pensiero correva alla zia, alla collana... E se le cose che avrebbe detto avessero nociuto a qualcuno? Bisognava tacere, poi che non sapeva distinguere ciò che è buono da ciò che è cattivo.

Ma soffriva veramente per i dissidi familiari, per il dubbio che il padre avesse prestato del denaro a usura? No, no. Lo scontento era dentro di sè, come un sapore amaro.

Aveva letto: «Noi portiamo il paradiso o l'inferno dentro il nostro cuore». È ingiusto che chi non à mai fatto male ad alcuno debba portare l'inferno dentro il cuore.

Ora che andava al ginnasio non si confessava più. Si sarebbe vergognato a mostrarsi in chiesa. Ora studiava «l'evoluzione della specie», imparava che l'uomo deriva dalla scimmia e che il cielo non è altro che aria. Anche codeste verità, spiegate dalla cattedra, dall'autorevole professore Friland sconvolgevano il suo spirito. Qualche anno innanzi, il professore Zermani spiegava diversamente le stesse cose, col medesimo tono che non ammette dubbi. Ebbene — si domandava Alessio — chi conosce la verità?

Certo, — si rispondeva — il professore Friland che parla a fanciulli più maturi... Certo... Ma anche il professore Zermani era un uomo adulto e intelligente. Aveva consumato la giovinezza sui libri per imparare degli errori? Soltanto degli errori?

Ma perchè, poi, dovevano essere degli errori?

Serrava gli occhi. Sul cielo splendente non passava una nuvola. E oltre quella splendida azzurra serenità non c'era nulla?

Guardò il mare, e pensò con un brivido alla smisurata profondità degli abissi.

No, ripeté forte, non può essere che al di là del cielo non vi sia nulla!

— Dice a me, signorino?

Un vecchietto magrissimo, in maniche di camicia, era nell'acqua fino a mezza gamba.

— No, no... — esclamò Alessio arrossendo, mentre tutte le sue fantasticaggini fuggivano via come un volo di api nel sole. — Che cosa cercate?

Il vecchietto cacciò una mano nella tasca dei calzoni e mostrò un riccio, una manata di patelle. Senza parlare le offrì.

— Vuole che le apra?

— Grazie! Ma io non porto niente... Non è che due soldi. Accettateli.

Il vecchino prese la moneta sorridendo, e con un piccolo coltello aprì il riccio. Sempre sorridendo ne aprì un altro, offrendo i vividi spicchi rossi nel mezzo guscio nero con gesto lento e calmo.

— Ci sarete domani? Io vengo, ogni giorno, dopo la scuola.

— Sì, ci sarò — rispose il vecchio, ripigliando a cercare fra gli scogli.

— Siete pescatore?

— No. Sono contadino. Ma non posso lavorare perchè è piovuto troppo. Vengo qui. Il mare fa bene alla salute e regala sempre qualche cosa.

— Mio figlio è in America — aggiunse. — Non gli piaceva più stare con me.

— Perciò siete solo con vostra moglie?

— Sono solo. La moglie non l'ò più. Avevo dieci figli, tra maschi e femmine. Ora chi è morto, chi si è maritato, chi è all'America, e son rimasto come un ramo senza foglie. Si fa la volontà di Dio!

E il vecchio sorrise dolcemente, rassegnatamente, allargando le braccia.

Forse sorrideva ai cari morti.

— Vi saluto, buon uomo — fece Alessio saltando in piedi.

— Bacio le mani, signorino. Perdoni se le dico una cosa. Poco fa l'ò veduto afflitto come un passerò con le ali tagliate. Ebbene, quando si è giovani si deve stare allegri.

— E se essere giovani non serve a niente?

— Come può dire queste cose se non à i capelli bianchi? La giovinezza è sempre buona. Bacio le mani, signorino.

Doveva essere tardi. A casa fu sgridato. Ma Alessio non si curò della cattiva accoglienza che gli si fece. Aveva nelle orecchie la voce cadenzata del vecchio contadino, e nel cuore una quieta voglia di essere buono.

Ecco che le sciagure erano passate sul capo del vecchio contadino e non per questo il suo sorriso aveva perduto l'infantile dolcezza e i suoi occhi l'espressione rassegnata della Fede.

Pareva che egli conoscesse le umili profonde verità della vita.

— Tornerò da lui — pensò Alessio —, ed egli sarà il mio amico.

*
* *

— Zia!! — chiamò Alessio entrando nella stanza da pranzo con un pacco di libri e di rassegne illustrate, che aprì quasi in fretta.

Nicolina si avvicinò alla tavola, asciugandosi le mani nel grembiale di cucina.

— Che mi fai fare, Alessio! A momenti è l'ora di cena!

Ma così esclamando si chinò a guardare le magnifiche illustrazioni, con festosa curiosità.

— Guarda che viale!

— E questo?

— Oh! com'è bello quest'angelo! Gli manca la parola! Aspetta Alessio, lasciamelo guardare ben bene. Melozzo... Si chiamava Melozzo?... Che nome strano!

— Melozzo è il nome del pittore.

— Beato chi possiede tutte queste belle cose!

— Non è vero, zia? Il mio compagno Rossi ha uno scaffale così grande, pieno di libri e di rassegne.

— Fattene prestare, a poco per volta. Ora che viene l'inverno con le serate lunghe ci svagheremo.

— Ti ho portato anche un bellissimo libro di Turghenieff. Si chiama: « Pane altrui ». Ti ricordi di Turghenieff? È l'autore di « Acque di primavera » che ti piacque tanto. Ma non mostrare a papà i libri che mi procuro per te!

— Non temere.

— Mamma! Perché non vieni anche tu a vedere?

— Vengo, Alessiuccio! — rispose Antonietta che passava portando della roba nell'ultima stanza. Ma non si affrettava. Non avrebbe goduto, restando a fianco della sorella.

Nicolina dimenticava persino le faccende. Accanto al nipotino ricuperava la letizia dell'adolescenza così presto fuggita. Via via che Alessio cresceva, Nicolina si illudeva di vivere una seconda volta. Senza saperlo egli le mostrava un mondo nuovo, fin allora ignorato.

I libri che le portava, le cose belle che le mostrava, i discorsi che le faceva, contenevano vivide rivelazioni di una vita spirituale assai più nobile ed elevata della « vita di tutti i giorni » che essa trascinava meschinamente, come chiusa dentro un bigio alone di nebbia. La vicinanza della gentile e pura fanciullezza di Alessio, ristorava la sua anima chiusa e inaridita. Egli era pieno di entusiasmo e di sentimento; bastava poco per farlo godere e pochissimo per farlo soffrire, come un uccello che gorgheggia di felicità se un raggio di sole indora i ferri della gabbia, e tace, immalinconito, a pena l'aria s'annerà.

— E questa scena, Alessio?

— Rappresenta l'interno di un harem. Usanze dei turchi che non hanno una moglie sola.

Don Lucio comparì in mezzo all'uscio, lungo lungo col pastrano ancora abbottonato, un po' stizzito perché nessuno l'aveva sentito entrare. Restò un momento a guardare zia e nipote che voltavano le spalle all'uscio. Nicolina, guardata così, era ancora giovanissima. La nuca delicata pareva incipriata; i capelli bruni, che si mescolavano a quelli chiari e fini di Alessio, avevano lucidi riflessi, come piume di storno. La visione di quella fresca giovinezza, per un momento

felice perchè spensierata, aggravò la sua stizza. Egli era già vecchio. Forse per questo, da un pezzo, non si interessava più della cognata.

Restava piantato in mezzo all'uscio, con la fronte bassa corrugata. Lui non si era mai entusiasmato così a guardare delle figure insignificanti. Invidiò la loro gaiezza astiosamente. Si divertivano perchè erano spensierati, ecco tutto. Non sapevano quanto costi aprirsi una strada ben comoda, nella vita, e coglievano i frutti delle sue fatiche senza occuparsi più di lui... Erano come i cavalli da tiro che mangiano con la testa nel sacco...

Credette di sentir battere troppo violentemente il cuore, e si allarmò.

— Togli via questa roba! — comandò avvicinandosi alla tavola. — Ti ho detto mille volte di non ingombrarmi la casa di cartacce. Del resto — aggiunse —, non fai che dare noia al baronetto Rossi. Uno di questi giorni il barone mi farà qualche osservazione per causa tua!

Pareva che don Lucio riempisse tutta la stanza con la sua lunga persona.

— Non vi avevo sentito — si scusò Nicolina. — Anche Antonietta non vi ha sentito... credo... È di là.

— Fate pure il vostro comodo! Ora mai il padrone di casa non conta più del gatto. Entra, esce, va, torna, e nessuno se ne avvede. I signorini si debbono divertire...

Alessio riunì a fascio libri e rassegne e uscì, a capo chino.

Nicolina mise a posto cappello bastone pastrano di don Lucio. Gli portò le pantofole.

— Voléte altro?

— Niente altro — rispose con voce rabbonita don Lucio. Passandole un braccio intorno alla vita si piegò un poco e le disse piano, coll'alito che sapeva di pipa sulla faccia:

— Tu dai troppa confidenza a tuo nipote.

E siccome Nicolina lo guardò un po' sorpresa, spiegò:

— È un'età pericolosa, quella. E tu sei giovane ancora.

E lo sguardo, torbido di desiderio cattivo, fu più eloquente delle brevi parole.

Nicolina si sentì salire una vampata di sangue al viso. Liberandosi dalla stretta del braccio nervigno, quasi fuggì. Non mai le carezze del cognato — del padre di Alessio — le avevano dato un senso di ribrezzo così profondo. Fuggì via, fece di corsa la scaletta, s'accasciò sull'ultimo scalino, con la faccia tra le mani.

— Dio! Dio! — mormorò. — È veramente così pieno di male, il mondo?

Sì, il male è da per tutto e non ce ne avvediamo e non ce ne possiamo guardare. Il male è un mostruoso polipo tentacolare...

— Zia Nicolina! — esclamò Alessio. — Ti ha sgridata per causa mia?

— No, no. Tu non c'entri — esclamò Nicolina vivacemente, asciugandosi gli occhi. Guardò il nipote e sorrise con amarezza. Il gracile viso aveva un'espressione di pietà così dolce e femminile, così soave, così triste, come l'angelo di Melozzo che avevano guardato assieme in un'ora di alto e fugace godimento.

No. No. Lui, lui solo, poteva scorgere il male da per tutto, perchè il male era nel suo spirito.

Strinse fra le mani la testa del fanciullo e lo baciò sulla fronte,

teneramente, come se fosse un pochino mamma anche lei, si anche lei che uno dei viscidì tentacoli del male aveva per sempre afferrata.

Le orecchie le ronzavano. Qualcuno ripeteva (era Antonietta? era la voce dell'anima sua?), qualcuno ripeteva: — Tu non dovevi rimanere qui...

Il rimprovero — muto e giusto — le si era maturato dentro, inconsapevolmente...

Ebbene, bisognava avere il coraggio di riparare.

*
**

Alessio non ascoltava le ultime istruzioni di mastro Ciàula che gli affidava una delle più fragili biciclette per cinquanta centesimi ogni mezz'ora.

L'inforcò e via. Via per le strade trafficate e finalmente all'aperto, lungo il mare, senza ripigliare fiato. Via sfrenatamente lungo la riva tranquilla passando borghi e casali. Via senza pensare al ritorno, felice di correre così, senza mèta, senza scopo, mentre il vento gli sbatteva sulla faccia l'afrore della salsedine.

Dall'orizzonte si staccavano nubi piene di rosea luce. Uno stormo di candidi gabbiani volava sul mare.

A quell'ora la casa nel vicolo restava ancora in ombra; le donne, le sorelle nemiche, erano già intente alle solite occupazioni domestiche, col pensiero fisso nello stesso rancore, come una mania.

Il sole, il forte sole vivificatore, giungeva tardi nei balconi della monotona triste opprimente casa che guardava il vicolo...

Fuori si respirava con gioiosa libertà, a pieni polmoni; anche la mente sembrava aprirsi a più larghi e più audaci pensieri... E un giorno sarebbe fuggito così, fuggito per sempre, senza voltarsi, abbandonando ogni cosa, rinnovandosi tutto, come una pianta che si rinnova a primavera.

Piegato sulla macchina aveva l'illusione di volare. Fuso in un pezzo solo con la macchina, ali e non pedali egli possedeva! Era forse, improvvisamente, diventato un gabbiano? o una di quelle favolose creature della mitologia — uomini alati?

La bicicletta fece uno scossone. Qualche cosa si contorse, si spezzò. Alessio si sentì gettare di fianco violentemente.

Una donna accorse. Egli cercava di rialzarsi, vergognandosi di esser caduto e temendo di avere sciupato la macchina non sua. Alcuni pescatori che rassettavano reti sulla sabbia, un operaio che passava, si avvicinarono.

— Non s'è accorto del fosso...

— Aveva pigliato una corsa, una corsa!

— Io gli volevo gridare!

Alessio non poteva camminare. Gli doleva una gamba. Sedette avvilito.

— È fatta, signorino — disse l'operaio esaminando la bicicletta.

— Il guasto è serio. Ci vuole il pezzo nuovo. Ma guardate! San Giorgio benedetto! — esclamò, osservando meglio. — Era saldato proprio qui, vede? Proprio su questo punto! E correva così! Non lo sapeva?

— È una bicicletta a nolo — confessò Alessio, guardando.

Si vedeva una vecchia saldatura nel punto spezzato. Ciò lo rianimò un poco. Mastro Ciàula non poteva pretendere che lo si ripagasse.

Riprese a piedi la via, mogio mogio perchè la gamba continuava a dolergli. Esausto si ripresentò a mastro Ciàula che per prima cosa disse:

— Due ore e non mezz'ora. Son due lire.

Osservando il guasto si fece una faccia scura come mezzanotte. Alle giustificazioni di Alessio rispose gridando e buttando per terra la berretta.

— Frodato! Frodato! — ripeteva sghignazzando. — Chi t'ha frodato? Il malanno che ti colga? La macchina era perfetta. No? E perchè non l'hai guardata prima? Mastro Ciàula non inganna nessuno. È un galantuomo. Domanda a chi vuoi. Se la macchina la montava uno di giudizio sarebbe intatta, a quest'ora...

Poi si calmò e rimettendosi la berretta in capo disse con tono sicuro:

— L'aggiustatura costa cinquanta lire. Ci vuole tutto il pezzo nuovo. E due lire di noleggio fanno cinquantadue. Me le porti domani stesso. Aspetto anche fino a posdomani. Dillo a papà. Non sei il figlio di don Lucio Carmine? Lui soldi da pagare ne ha. Altro se ne ha! Un figlio come te ci voleva come il pane per don Lucio Carmine!

Alessio si sentiva agghiacciare il sangue. Riprese la via accasciato, con la testa affondata in mezzo alle spalle.

Guardata dall'esterno la casa, più grande più scura del solito, gli fece quasi paura.

Nicolina venne ad aprirgli.

— Di dove torni così tardi? Non sei stato a scuola? Che ti sei fatto? Tutto infangato! Tutto impolverato!

— Niente. Taci. Sono caduto. È tornato papà?

— Non ancora.

S'affrettò a salire la scaletta. Salendo udì la voce di Nicolina che diceva forte:

— Nessuno. È tornato Alessio.

Gli parve che Nicolina avesse una voce nuova, o almeno diversa dal solito. Diceva una cosa semplice e giusta, alla quale non aveva mai pensato. Nessuno... Egli era «nessuno»... Senza sapere perchè, la sua pena si accrebbe.

★
★★

Aspettò che il padre si mettesse a fumare la pipa, dopo la sostanziosa colazione, chè allora non si moveva anche se crollasse la casa.

Confidò alla madre l'impiccio in cui si trovava.

— Bisogna saperglielo dire — concluse. — Lei saprà fare meglio. A me non mi ascolterebbe. È necessario che prima di pagare, tenti lui di far valere le mie ragioni. È un ricatto. Mastro Ciàula si profitta perchè sono un ragazzo. Papà può mettere le cose a posto.

Antonietta si allarmò. Cinquanta lire! Cinquanta lire!

— Del resto — aggiunse Alessio, e un'ombra gli passò sul volto — non casca il mondo, capisce? Alla fin fine si tratta di dimostrare a quell'uomo che non sono un orfano e che mio padre, all'occorrenza, si interessa di me facendo valere le mie ragioni. Perchè la ragione sta dalla mia.

Antonietta restò un attimo perplessa. Finalmente, per amore di suo figlio, si fece animo.

— Aspetta — mormorò.

Entrò nella stanza da pranzo, indugiò un momento. Richiuse l'uscio. Si avvicinò alla tavola.

— Lucio! — disse finalmente. — Ti debbo parlare.

Don Lucio alzò gli occhi, corrugandosi. Certo si trattava della vecchia, di Sant'Agata... Cominciava a esserne stufo.

— Alessio — principiò Antonietta — ieri è andato in bicicletta. A nolo, s'intende. Per muoversi un poco. È caduto. Si è fatto male. La bicicletta si è guastata un poco. Anzi molto. Si è guastata — ripetè senza nascondere il proprio imbarazzo, non sapendo come continuare. — Si è rotto un pezzo importante della macchina, non so come si chiama.

Alessio ascoltava avvilito. Era forse necessario tutto quel preambolo? Così malamente avrebbe saputo parlare anche lui! Ma una moglie non è un figlio e qualche parola più netta, più brusca, se la può permettere! Avrebbe dovuto spiegare la cosa in poche frasi. Era così evidente che la ragione stava dalla sua! Il denaro veniva in secondo luogo.

Il tono di voce sommesso, quasi lamentoso, di sua madre, gli lacerava l'anima.

Oh! — si domandò esasperato. — Perchè siamo tutti senza coraggio, in questa casa?

— L'avevano ingannato, povero figlio. Ora ha riportato la bicicletta e ci vogliono cinquanta lire — disse finalmente, d'un fiato, Antonietta.

— E io che c'entro in questi pasticci? — fece don Lucio con la sua flemma che certe volte era più crudele d'una staffilata.

— Dio mio! — mormorò Antonietta torcendosi le mani gelate sotto il grembiule nero. — È chiaro che si raccomanda a te. A chi altri deve ricorrere quel povero figlio?

— A me?! Comincia presto a sprecare, il signorino. Cinquanta lire! Cinquanta lire — ripetè calmo calmo, posando la pipa sul vassoino di rame, — non si vanno a scavare nell'orto. Io non ho quattrini per pagare i suoi capricci. Io lavoro. Cento volte gli ho proibito di prendere biciclette a nolo.

— E allora? Che gli rispondo a quella creatura che aspetta come un'anima del purgatorio?

Nicolina, in cucina, ascoltava col respiro sospeso. Era stata lì lì per entrare, per aiutare Antonietta. Ma era rimasta immobile nel timore di far peggio.

— Digli — rispose don Lucio, guardando finalmente in faccia la moglie che tremava come avesse la terzana, — digli che impari a ubbidire. E tu non mi stare più davanti come una disperata. Tuo figlio non fa che darmi bocconi amari.

Antonietta uscì dalla stanza. Nicolina, presso i fornelli, piangeva silenziosamente.

La madre disse al figlio, piano chè non sentisse don Lucio:

— Senti. Non le ha sul momento. Ma non ti affliggere. Vedrai per le quattro io e... tua zia, troveremo il denaro. Non è poi una gran somma.

— Ho sentito — fece Alessio con un sorriso che strinse il cuore alla madre, tanto era desolato. — Non è giusto che cominciate ad angustiarvi « anche » per causa mia. Mi confiderò con Ferdinando, sai, il mio compagno ricco. Glie lo renderemo a poco per volta. Papà non ne saprà nulla. Sul Rossi posso contare. È come un fratello.

— Sì, faremo così — esclamò Antonietta rinfrancata. — È una pensata veramente buona, Alessio. Ma dove vai a quest'ora? Avevi detto che oggi è vacanza.

— Ho guardato l'orario. Ho un'ora di matematica. Dopo andrò da Ferdinando Rossi... Senta — aggiunse abbracciandola e nascondendosi il viso sulla spalla materna. — Mi perdoni se le ho dato questo soprassalto. E abbia coraggio. Abbia coraggio, mamma. La vita è una cosa triste. Anche, la prego, perdoni alla zia. Ha sofferto la sua parte... E ora basta — e volle sorridere per non dare soverchia gravità alle parole che gli nascevano spontanee dal profondo dell'anima. Era la prima volta che osava accennare a « quel fatto ». La madre trasalì.

— Tu piangi? — esclamò scostandosi per guardarlo in faccia.

— Sono un po' strano, stamattina — fece Alessio sorridendo di nuovo, col mento che gli tremava un poco. — Mi benedica, mamma.

— Santo e benedetto, figlio mio.

Alessio schiuse l'uscio adagio adagio. Don Lucio si faceva pettinare; con la testa arrovesciata sulla spalliera pareva sonnecchiasse. Nicolina lo pettinava lentamente. Aveva gli occhi rossi.

Sempre, sempre così uguali e pesanti scorrevan le ore nella casa del vicolo.

Alessio salutò con un cenno della mano Nicolina e sparì di corsa nelle scale umide e scure.

* *

Don Lucio, di già a tavola, fece tintinnare la posata contro la bottiglia, in segno d'impazienza. Allora Antonietta afferrò con le due mani la zuppiera, da un pezzo pronta, e Nicolina riscalducchiò la scodella del cognato perchè la minestra non perdesse il suo calore.

Alessio avrebbe dato molto filo da torcere! E dire che era ancora un ragazzo! Dopo l'incidente della mattina era uscito e chi s'è visto s'è visto. Dov'era andato? Dove si tratteneva a quell'ora?

— E se il suo amico si rifiuta di aiutarlo? — pensò Antonietta avviandosi con la zuppiera.

— Da quanto tempo è uscito? — domandò dopo un silenzio don Lucio mentre Antonietta scodellava e le bambine si facevano la croce frettolosamente.

Nessuno rispose. Come don Lucio ripeté la sua oziosa domanda, Antonietta mormorò:

— Da stamattina. Tu lo sai.

Don Lucio cominciò a mangiare. Il silenzio gravò come una nebbia nella stanza. Le bambine raccoglievano le ultime cucchiariate di minestra, cercando di non fare rumore. Il desinare pareva durasse da un secolo. Anche Antonietta era impaziente di finire, di alzarsi, di andare alla finestra per aspettare Alessio.

Solo don Lucio non perdeva la sua calma. Con le spalle bene appoggiate contro la spalliera della poltrona di cuoio, gli occhi socchiusi masticava adagio adagio, assaporando il cibo.

Finalmente le bambine si poterono alzare. Antonietta sparecchiò. Nicolina portò sulla tavola la macchinetta e tutto l'occorrente, chè don Lucio voleva vederlo preparare, il caffè, e sentirne tutto l'aroma. Nicolina si mostrava tranquilla nel compiere il suo dovere con la consueta precisione. Ecco che macinava, buttava un cucchiaino di caffè nel bricco fumante, copriva, rimestava a pena si levava il bollore, tornava a coprire e finalmente spegneva la fiamma senza che una goccia d'acqua si fosse versata o un po' della nera schiuma del caffè avesse imbrattato il bricco pulito, lucente, che pareva d'argento.

Ma anche lei, come Antonietta, era tormentata dalla apprensione.

No, non era mai successo che Alessio tardasse tanto a tornare!

Don Lucio centellinava il suo caffè voluttuosamente. Sazio, ben soddisfatto, non desiderava nulla, in quel momento, e in cuor suo aveva del tutto dimenticato l'assenza del figlio e non si avvedeva dell'ansietà che faceva impallidire i due volti.

Picchiavano. Un picchio discreto, quasi timido. Era Alessio, senza dubbio. Sarebbe entrato, al solito, un po' eccitato, un po' trepidante...

Carmelina corse ad aprire.

— Papà. C'è uno, di là, che la vuole.

— A quest'ora! — sbuffò don Lucio. — Digli... No. Torna qui — si corresse subito, posando la chicchera, contrariato, rammentandosi di un debitore che gli voleva parlare.

Le donne ascoltarono. Udirono un bisbiglio confuso, interrotto, poi chiudersi la porta e aprirsi l'uscio della camera. Don Lucio chiamò:

— Antonietta!

Accorsero tutte e due.

— Debbo uscire.

L'aiutarono a infilarsi il cappotto. Poi gli vollero accomodare la cravatta. Ma don Lucio aveva fretta.

— Non serve... Non serve... — disse. La sua voce era alterata come non mai. Turbato, cercava qualche cosa senza voler dire che gli bisognasse, e le mani gli tremavano. Antonietta si fece animo e tornò, non veduta, nella saletta.

Era successo qualche cosa che riguardava anche lei. Lo sentiva.

L'uomo stava ancora in mezzo alla porta chiusa, a testa bassa, col berretto fra le mani — un berretto gallonato.

Antonietta «sentì» che era un servo del barone Rossi. Gli disse piano, in fretta:

— Per l'amore di Dio, ditemi che è successo, se è una cosa... — voleva dire «se è una cosa che riguarda me stessa», ma le mancava il respiro per l'ansietà, perchè pensava ad Alessio, soltanto ad Alessio.

Il servo credette, a vederla così sconvolta, che sapesse. Rispose:

— Non si spaventi. Non è cosa grave.

Antonietta lo fissò, con gli occhi grandi, dilatati.

— Chi non è grave? Parlate chiaro. Mio figlio non è rientrato, da stamattina. Abbiate pietà d'una mamma. Parlate. Dov'è?

Il servo la guardò a sua volta perplesso, non sapendo come regolarsi, perchè gli ordini che gli avevano dato erano precisi. Ma ebbe

compassione di quella povera signora che aspettava una sua parola, tutta sconvolta, e mentre don Lucio veniva dalla camera, imbacuccato nella sciarpa di lana per non risentirsi del freddo della notte, mormorò:

— Sono di casa Rossi, come vede. Si faccia coraggio, signora...

Antonietta senti un dolore acutissimo, lancinante, come se le avessero strappato lo stomaco.

— Lucio! Lucio! — gridò correndo dietro al marito.

Il marito si voltò bruscamente e le fece segno di tacere e di chiudersi dentro casa.

— Torno subito — rispose forte. E continuò a scendere le scale.

Antonietta rimase sul pianerottolo, come pietrificata.

— Chi è? Che è successo? — ripeté Nicolina.

— È il servo del barone Rossi. La Madonna ci ha castigate.

E s'accasciò sul pianerottolo come un fagotto di cenci. Nicolina si cacciò le mani tra i capelli.

— Alessio! Alessiuccio! — mormorò perdutoamente. Vedeva girare e ballare gli scalini, come fosse sul vapore, le orecchie le fischiavano.

Restarono un momento in silenzio, l'una e l'altra. Le bambine cominciarono a piangere spaventate nel veder la madre per terra, fuori dell'uscio.

Nicolina trasalì, udendole. Le rimproverò:

— Tacete. Che significa questo pianto di malaugurio? Tacete. Noi non sappiamo nulla.

— Forse non ha il coraggio di rientrare, a quest'ora... — aggiunse con voce più bassa, aggrappandosi a una speranza.

Si chinò su Antonietta.

— Alzati — pregò dolcemente.

— No! — esclamò la sorella senza guardarla. — Lasciami aspettare in pace.

Tacquero di nuovo, restando fuori dell'uscio come due povere. E i minuti, che passavano nel silenzio gravato di mistero e di paura, furono eterni.

Nicolina disse finalmente, e pareva che parlasse in sonno:

— È il servo del barone. Antonietta, io so dov'è Palazzo Rossi...

Allora Antonietta si alzò faticosamente dando una mano alla sorella perchè l'aiutasse.

— La Madonna ci ha castigate — ripeté.

Il suo sguardo era simile a quello d'un uomo debole e ferito che deve accettare il soccorso dell'odiato nemico.

*
**

La folla si stringeva, fitta come una siepe, davanti al portone chiuso del palazzo. Nella piazza passava ancora gente nuova: alcuni si fermavano a domandare; altri tiravano dritto affrettando il passo per non esser chiamati a testimoniare nel caso che fosse avvenuto qualche fattaccio.

Una donna piangeva e tratto tratto ripeteva:

— A quell'età! A quell'età! Signore, tieni le tue mani sul capo de' miei figli!

Un signore vecchio, dagli occhiali d'oro e dalla lunga barba candida, si fermò anche lui a domandare.

— Era un ragazzo felice — spiegò un ometto piccolo e secco (il notaio Marullo). — Figlio unico, adorato dai parenti... Non gli mancava niente...

— Eh! Eh! — tossicchiò il vecchio signore. — Chi può entrare nella loro mente, egregio notaio! Si può tormentare un fanciullo senza volerlo e senza saperlo. C'è un'età in cui le piccole miserie della vita appaiono terribili. Si hanno gli occhi del bove... Se ce ne occupassimo un pochino di più...

Il vecchio si allontanò subito. Un operaio volle dire la sua:

— Parla fiorito quel signore. Ma io, senza sapere leggere e scrivere, ne so qualche cosa della vita. Capisco che la colpa è solo dei tempi. Prima queste cose non succedevano. I ragazzi non cercavano l'erba che non è nata. Volevano il pane, il sonno, e temevano solo il padre... Oggi che son vecchi prima di nascere...

Un susurro corse nella folla. Un uomo lungo e magro, incapottato, attraversava la piazza seguito da un servo.

— È il padre! — si bisbigliò.

— Quello?

— Sì, quello.

— Ho riconosciuto il servo che è andato a chiamarlo.

— Fammi un po' di largo. Non lo vedi!

— È il padre...

— È il padre... — bisbigliò ancora la folla stringendosi più fitta dietro il portone che si aprì, per lasciare passare don Lucio, e subito si richiuse pesantemente.

Correva sulla folla, come un brivido, la morbosa curiosità di assistere alla scena che avveniva lassù, nella stanza illuminata.

Il portone fu riaperto e richiuso. Usciva il servo con un biglietto. Lo fermarono. C'era ancora qualcuno che non aveva sentito tutti i particolari.

— Non so niente io — ripeté il servo commosso, non sapendo vincere il bisogno che aveva di sfogare e di raccontare. — Il mio povero padroncino è nel letto, per la scossa avuta. C'è il dottore. Lo stesso dottore che fu chiamato per « l'altro ». Corro per una medicina. Ho fretta. Lasciatemi andare. Come fu? E che vi posso dire? Io non so nulla. Il mio padroncino dice che il suo compagno volle provare l'arma, per ischerzo, dopo colazione. Ha detto così alla Giustizia. È la verità. Era rimasto a colazione con noi perchè aveva deciso: — Io a casa non ci torno. — Il barone gli promise che avrebbe parlato lui, al padre. — Vedrai che passerà! — Lui non voleva. Prima era eccitato. Non si sapeva che volesse fare. Voleva scappare. Parlava di nascondersi in un vapore. Lo sentii anch'io, che farneticava. Per questo il baronetto se lo volle tenere vicino. Gli voleva bene come fosse stato un pari suo. Pareva che ci fosse riuscito, a calmarlo. Meglio l'avesse lasciato andare libero! A quest'ora, chi sa? Dunque volle provare l'arma. Disse: — Beato te che ci hai persino la rivoltella a portata di mano! — Il mio padroncino si mise a ridere. Poi cominciarono a leggere un libro. Mentre leggevano, il padroncino dovette andare nello studio del suo papà, del barone grande. Lasciò solo quell'altro. Qualche volta lo lasciava solo perchè, dice, era così educato che non s'arrischiava neanche a guardare nella libreria. Dunque

va... Non passa un minuto e si sente un colpo... un altro... Si vede che gli dovette passare per la testa una brutta idea, tutt'a un tratto. Son tempeste. Il nostro pensiero è come il fondo del mare. Se il mio padroncino non l'avesse lasciato solo, con quel revolver a portata di mano... Chi sa! Passato il momento... Dalla stanza si passa direttamente nel giardino. Lui andò in giardino. Cose, vi dico, cose! E a vederlo ora, Signore! Non pare che sia morto di mala morte!... Lasciatemi andare, per carità, chè aspettano la medicina...

Si allontanò, parlando ancora fra sè e sè, gesticolando. La gente cominciò a sguagliarsi, chè non c'era più niente da vedere e da sentire.

Nella piazza, mezzo deserta, passarono due donne, chiuse negli scialli neri. Picchiarono, entrarono.

Anche i pochi rimasti si dispersero. Lo spettacolo era finito. Palazzo Rossi, maestoso e cupo, restò isolato, tutto chiuso. Una sola finestra restava aperta, piena delle rosse tremolanti luci delle torce accese.

*
* *

Durante i tre giorni delle visite, le bambine furono lasciate anche la notte dalle monache. Don Lucio — con la barba lunga, il berrettino cacciato fino alle orecchie, con tutto l'aspetto di un uomo in lutto, — si commoveva di sè stesso dandosi una sbirciata nello specchio, e si andava a frullare qualche uovo in cucina, nei momenti di libertà, perchè gli pareva che i battiti del polso fossero un po' fiochi.

Per tre giorni fu una processione di gente. Don Lucio aveva molti amici e conoscenti: soci dei circoli e delle leghe di cui faceva parte, gente che dipendeva dal barone; e, più che altro, debitori.

Chi veniva per dovere, chi per la speranza di ingraziarsi con lui, chi per curiosità, chi per il gusto di poter finalmente mettere piede nella casa di uno che, senza esser misantropo, non aveva mai voluto aprire la sua porta ad alcuno.

Tante visite rasserenavano don Lucio e lo liberavano a poco a poco dall'assillante timore che la morte violenta di Alessio potesse adombrare la buona fama che s'era fatta in città. Proprio in quei giorni il barone gli aveva promesso di affidare a lui, a lui solo, tutta l'amministrazione dei beni e l'assessore Laurà gli aveva fatto balenare la speranza di un incarico di fiducia al Municipio... Tutti lo stimavano, lo apprezzavano, lo adulavano... Ma i nemici, che aspettavano, nell'ombra, per colpirlo alla schiena, non si sarebbero giovati del tragico avvenimento per attirare l'attenzione sulla sua vita privata, per discreditarlo presso il barone, e presso tutti coloro che gli avevano fiducia?

Questi pensieri erano tormentosi.

Ma i suoi timori si dileguavano adagio adagio. Il fanciullo non aveva lasciato un segno che spiegasse la spaventosa risoluzione — che forse gli era venuta all'improvviso come un attacco di follia. Non aveva scritto una parola. I suoi quaderni, i suoi libri, lasciati in ordine sul tavolino a piedi del letto di Nicolina, non contenevano alcun ricordo. Se n'era andato così, senza lasciare traccia di sè...

I visitatori entravano senza salutare nel salottino in penombra, sedevano in silenzio, come è l'uso.

— Un colpo... Un forte colpo... Animo povero amico...

Sottovoce tessevano le sue lodi, ripetendo che un uomo come lui, dedicato alla famiglia come lui, non meritava una sventura così tremenda. Don Lucio, sprofondato in una poltrona, col mento sul petto, pareva non ascoltare, come è l'uso.

C'era anche un articolo sullo « Scilla e Cariddi ». Qualcuno lo passava a don Lucio, misteriosamente.

— Quando sarà più calmo. È lavoro di un professore di liceo. È scritto con molto acume.

A voce bassa riassumevano il contenuto dell'articolo in cui si parlava della decadenza dei tempi, e delle squilibranti letture seguite dai giovani. Don Lucio prendeva il giornale senza aprire bocca e lo posava sul tavolino che s'era messo a lato e su cui erano radunate le condoglianze: i biglietti dei conoscenti, un telegramma delle sue sorelle maritate, di Catania, una lettera da Sant'Agata, e poi, più in vista, un biglietto scritto di pugno del barone e una busta, col timbro del Municipio, dell'assessore Laurà. Era bene che i nemici, se ve ne erano tra i visitatori, vedessero che don Lucio Carmine era sempre, anche nella sventura, un uomo di qualche importanza...

Ascoltava con interesse i vari commenti, i racconti, le brevi parole, che gli davano un'idea dell'impressione destata in città. Il tristo avvenimento era considerato da tutti allo stesso modo. Pareva si fossero dati la voce.

Alessio era giudicato con indulgenza, come un ragazzo guastato dalle cattive letture. Il giudizio generale e il magnifico articolo psicologico dello « Scilla e Cariddi » erano avvalorati dal fatto che si era trovato aperto sul tavolino, a cui erano seduti i due compagni, un libro intitolato: « La vita è una sciocchezza ».

Le donne, rifugiate nella stanza da pranzo, non ricevevano visite. Esse non conoscevano nessuno. Qualche vicina del vicolo e la vedova del primo piano salirono per compassione delle due povere signore « sole come anime in pena ».

Una delle tre sere venne anche la moglie d'un impiegato che s'era fatto prestare una forte somma da don Lucio. L'impiegato aveva pensato di condurre la moglie, sperando che l'omaggio gli facesse perdonare un acconto non dato...

Era una signora mal vestita, che portava una logora mantiglia di seta arrossata dal tempo. Finché durò la sua visita — aspettava che il marito, dal salottino, venisse a chiamarla, — tacque sempre, tenendo le mani conserte e gli occhi a terra: povere mani che s'indovinavano, deformate e nodose, dentro i grossi guanti di cotone; occhi stanchi, dalle palpebre un po' arrossate. La sua presenza portò una specie di conforto nella stanza piena d'ombra. Non parlava. Ma pareva dicesse piano, con la sua umile e rassegnata attitudine di signora povera:

— È la nostra vita. Che farci? È così. Lavorare, allevare i nostri figli con dolore. Noi diamo alle nostre creature il latte, e qualche lacrima che sfugge dalle nostre ciglia. E quella lacrima, succhiata col latte, che avvelena per sempre la loro vita...

E le donne, assorti, crollando un po' la testa, pareva approvassero le parole non dette.

Un momento prima di andarsene, la moglie dell'impiegato povero disse, quasi che ripigliasse un discorso interrotto:

— ...aveva quindici anni, mia figlia, quando scappò di casa. Ora abbiamo fatto la pace. Ma suo marito la batte e lei lavora per mantenerlo. Tante notti sentiamo picchiare. Si apre. E lei che viene a cercare rifugio in casa nostra. Per questo non basta la pensione di mio marito... Ebbene, non sarebbe stato meglio piangerla una volta sola, anzi che vederle trascinare il peso della sua brutta sorte?...

Tacque asciugandosi gli occhi. Voleva dire che, certe volte, la morte è più saggia della vita.

Le due sorelle la guardarono un momento. Il silenzio tornò a colmare la stanza.

Antonietta non aveva pianto una volta. I suoi occhi erano rimasti asciutti, anche entrando nella casa estranea dove c'era Alessio. Ora gli occhi le bruciavano come se le lacrime che non aveva versate, fossero tutte raggrumate fra le ciglia.

Nicolina era stanca, snervata. Due volte aveva perduto i sensi. Ora sbadigliava, con la testa pesante. Le giungeva il monotono susurrio del salottino. Il tempo passava lentissimamente. Soffriva, come se aspettasse una liberazione che non veniva mai, e guardava di tanto in tanto la sorella, implorando.

Ma Antonietta restava immobile, rannicchiata nell'ombra. La sua faccia, che usciva dallo scialle nero, come da una cupa cornice ovale, aveva riflessi giallognoli. Guardava davanti a sè, senza batter palpebra. Nicolina aveva paura di quella faccia senza espressione. Nell'oscurità, fra le molli pieghe dello scialle nero, quel volto pareva mostrarsi, senza corpo, come l'apparizione di un fantasma. Accendeva il lume per vedersi dinanzi la sorella, e non più quel volto sospeso.

Antonietta si alzava. Non voleva la luce. Si raggomitava nel cantuccio più lontano, e riprendeva la sua immobilità.

E Nicolina vedeva sorgere di nuovo, dall'ombra, quel volto simile al volto d'una morta che emerge dall'acqua d'una livida palude.

Si nascondeva gli occhi con le mani, esasperata. Con gli occhi chiusi rivedeva il nipote morto, sul lettino del compagno ricco, fra due grandi torce accese e fumicose. Piangeva allora di terrore, adagio adagio, come una bambina che non trova scampo, inseguita dalla propria ombra.

Dio! Dio mio! Sarà sempre così? Così? Sempre?

E gemeva e singhiozzava forte per rompere il silenzio della stanza, sperando che anche Antonietta si sfogasse a piangere.

Ma Antonietta restava impassibile.

Nicolina preparò l'acqua col limone. Portò la cartella sul tavolino. Si guardò intorno per vedere se ogni cosa fosse a posto, se non fosse mancato nulla al cognato, quando tornava. Ora lui, dopo cena, andava a far due passi. Forse parevan lunghe anche a lui le serate.

Si fermò davanti l'uscio chiuso della camera:

— Buona sera, Antonietta. Vado a letto — le gridò. Aspettò un momento la risposta, a traverso l'uscio. Salì la scaletta di legno, sollevata dalla certezza che per quella sera non si sarebbe dovuta incontrare col cognato. Essa era sempre la Nicolina umile e obbediente. Ma essa ora lo sfuggiva.

— Lasciatemi — osava pregare con la voce arrochita, allor che egli le afferrava i due polsi, attirandosela sul petto. — Lasciatemi...

Egli la lasciava andare e corrugando la fronte la guardava uscire dalla stanza, gracile, sottile, con le spalle un po' piene e il petto incavato, i fianchi appena accennati sotto l'ampia gonna di cotonina nera. Anche lui, in un attimo, rivedeva Alessio sul lettino estraneo, calmo come se si fosse addormentato senza volerlo, nella casa estranea. Si levava gli occhiali e, sprofondato nella poltrona di cuoio, cominciava a fumare per non vedere. Ma non sempre riusciva a cancellare la penosa visione. Usciva. Cercava d'incontrare qualche amico che lo invitasse a entrare in un caffè, a teatro, o che almeno lo costringesse a fare un pezzo di strada assieme discorrendo.

Aveva pur diritto di vivere in pace. Non aveva fatto male ad alcuno. Il destino delle cose non era in mano sua. Certo, se fosse stato in suo potere, egli avrebbe fatto felice suo figlio.

Ma di che cosa aveva sofferto, quel ragazzo? L'aveva forse tormentato lui? Era forse stato un padre tiranno, lui, un padre disamorato?

La sua propria fanciullezza, sì, era stata dura ed aspra! Era cresciuto col nonno, un vecchio forte e bizzoso, che l'aveva picchiato senza pietà, e poi l'aveva scacciato di casa... Ebbene egli aveva trovato in sè stesso i mezzi e la forza di aprirsi una via. Anche le sorelle, povere ma rassegnate e prudenti, avevano trovato la loro via.

L'altro — suo figlio —, era un debole.

Un rifiuto (e don Lucio trasaliva al ricordo come se qualcuno dentro la sua stessa anima lo accusasse), un rifiuto fatto recisamente, a fin di bene, era bastato a sconvolgergli il cervello — a fargli pesare la vita.

Era un debole. Presto sarebbe stato un vinto. Non era sua colpa, no, se non aveva saputo trasmettergli intera la energica volontà di vivere.

Riflettendo così, cercando di suggestionarsi, recuperava il dominio di sè stesso.

Allora, se il ribrezzo delle sue speculazioni lo coglieva — pensando all'incidente della collana d'oro —, diventava più aspro verso i suoi debitori e non si curava di far misteri in casa.

— Sì — diceva a Nicolina che guardava spaventata i bei gioielli della cassetta d'ebano. — Sì, io impiego così il mio denaro. Le ragazze saranno ricche, domani. Lo faccio per loro. Ma non fare la stupida anche tu! Credi che io sia uomo da rovinare la gente? Ho una faccia da strozzino, io? È un commercio come un altro...

* *

No. Non poteva tollerare che il ricordo di Alessio, l'impressione di *quella* sera di Natale, sopra tutto il falso sentimento di decoro fin allora alimentato, dovessero paralizzare la sua volontà.

E cercava tutte le occasioni per incutere timore alle figlie, pallide, magroline, vestite di nero, lunghe lunghe... Non le mandava più neanche dalle monache, perchè non gli sfuggissero, come Alessio. Le voleva custodire. Le voleva formare lui, a suo modo, docili, semplici, ignoranti, senza desideri, come debbono essere le donne.

Qualche sera, mentre le bambine andavano a letto e Nicolina girava ancora per casa, egli la chiamava. La abbracciava, baciandola sulla nuca con violenza, quasi con collera, per stabilire, ancora una volta, ch'era lui il padrone. Essa ripeteva, sbiancata e riluttante:

— Lasciatemi...

E trovava la forza di difendersi, per sfuggirgli. Non le badava. Si divertiva a vincere lui, a mostrarsi il più forte. La conduceva, tenendola stretta, nel salottino — dove ora dormiva solo —, con un sorriso cattivo sotto i baffi a spazzola.

Sentiva tremare Nicolina tra le sue braccia nervigne. Ma non voleva badarle.

Quelle notti, mentre il cognato dormiva russando, Nicolina vegliava. Seduta a piedi del lettino intatto, davanti al tavolino su cui custodiva in ordine i libri di Alessio, vegliava pregando. E pregava, e domandava perdono anche per suo cognato.

La vita era mutata per tutti irrimediabilmente, mentre pareva la stessa. Anche don Lucio se ne rendeva conto. La cognata continuava a servirlo con la stessa precisione, ma il viso pallido e dolente aveva l'espressione rassegnata di chi adempie un obbligo increscioso. Antonietta non lasciava la propria camera se non chiamata. Essa guardava ostinatamente don Lucio, come se volesse parlargli e non osasse. La sua presenza, muta e dolorosa, irritava forte don Lucio, che finì col consigliare che non la si chiamasse più, all'ora dei pasti.

— ... Si vede che preferisce di restare sola... — concluse per giustificare il suo consiglio dato con tono così brusco che pareva un comando.

Le bambine apparecchiavano una piccola tavola in camera e le portavano i pasti. Antonietta, che s'era fatto un bizzarro altarino accanto al letto, ringraziò il Signore, nelle sue preghiere, lieta che il marito la lasciasse finalmente in pace nel suo piccolo rifugio. Non si curava di nulla, non si interessava di nulla. Solo le figlie richiama-
vano ancora la sua attenzione.

— Vi vuol bene, zia Nicolina? — domandava loro. — Siete contente? Signore vi ringrazio. Io, vedete, non posso fare niente per voi. La Madonna sarà la vostra mammina e vi proteggerà. Così le avessi raccomandato Alessiuccio! Perchè, vedete, noi non possiamo prevedere il bene o impedire il male...

Mangiava pochissimo. Non si svestiva più per coricarsi, ma sonnecchiava davanti all'altarino per qualche ora. Il suo sguardo diventava fisso come il suo pensiero. Si istupidiva.

Col tempo don Lucio si impensierì delle condizioni di Antonietta. Era necessario che si mutasse sistema, per qualche tempo. Egli era disposto a sacrificarsi, abbandonando tutte le sue abitudini, buttando via del denaro, purchè finalmente la vita potesse ricominciare *come prima*, rinnovata, liberata dalla nebbia che gravava su tutti. Il denaro serve per il benessere della nostra esistenza! Egli non era un avaro che accumula per il gusto di possedere monete su monete. Non aveva mai guardato a spese per circondarsi di comodi e per rendersi piacevoli i giorni.

Decise di parlare a Nicolina, perchè essa gli pareva più ragionevole della sorella e perchè non gli piaceva di parlare della *cosa* alla moglie, direttamente. Da *quella sera* in cui si erano trovati faccia a faccia in una camera di palazzo Rossi, non si erano più trattenuti assieme.

— Siedi lì — fece gravemente. E cominciò ad accendere la pipa con lentezza, mentre la cognata aspettava, tenendo le mani in grembo, con la sua attitudine umile e accasciata.

— Ho pensato una cosa molto giusta — disse finalmente dopo aver mandato fuori delle boccate di fumo. — Ti sei sciupata. Ti farebbe benone cambiare aria.

E siccome Nicolina sembrava non comprendere e non compiacersi dell'interessamento, aggiunse:

— Tu non vai a Sant'Agata da sei anni. Tua madre è vecchia. Io ti dò il permesso e i mezzi.

Nicolina alzò gli occhi fino a lui.

— No — rispose. — Io non me ne vado.

Don Lucio credette d'intendere i rapidi pensieri della cognata e spiegò con insolita pacatezza nella voce:

— Non tu sola. Anche Antonietta. Anche le bambine. Vi svagherete tutte.

Nicolina abbassò il capo. Gli occhi le si riempirono di cocenti lacrime, al timore di doversene andare (era questo il pensiero del cognato?...), di doversene andare, forse per sempre. Essa non amava la casa — oh! no! — ma i dolorosi aspri ricordi che la popolavano, che facevano parte del suo passato, della sua stessa vita.

Doversene andare, ora che non c'era più nulla da riparare...

— Meglio uccidermi, come lui... — pensò. Ma pensò anche ad Antonietta, e un amaro conforto la rianimò:

— Antonietta non vorrà — concluse, alzandosi poi che non aveva altro da aggiungere.

Don Lucio la guardò sorpreso. Fumò la pipa e poi si diresse nella camera della moglie, risolutamente.

Era necessario.

Antonietta lavorava la calza, dietro la finestra. Udendo entrare il marito posò il lavoro e aspettò tranquilla. Don Lucio sedette e disse alla moglie quel che aveva detto alla cognata, con le stesse parole.

— Perchè vuoi scacciarmi? — domandò Antonietta dolcemente.

Don Lucio finse di adirarsi. Gridò che lui pensava al bene degli altri e non raccoglieva che ingratitudine. Sapeva che avrebbe ottenuto assai di più con le brusche che con le buone.

— Non capisci che questa vita è insopportabile? Io l'ò ben fatto capire a Nicolina. Ma anche lei è ostinata a restare.

Antonietta sospirò, sollevata. Anche sua sorella, la sua nemica, le dava ragione. Ecco che si trovavano d'accordo, ancora una volta, senza parlarsi. Il legame che le univa, per la vita e per la morte, era sempre più tenace del livore che le divideva anche nel pianto...

Ora don Lucio si adirava, senza fingere. Andava su e giù per la camera e sfogava forte ciò che aveva invano cercato di sopire, per paura d'ammalarsi.

— No — ripeteva con voce roca — ... il vostro atteggiamento di

accusatrici non mi spaventa. È colpa mia? Rispondi! Liberami da questo peso. Mi accusate davvero? Io non è colpa. Io è fatto il mio dovere. Io non è fatto nulla, proprio nulla per farlo soffrire, ma egli era un debole...

La sua ira smorì lentamente, nelle ultime parole che risunarono come singhiozzi nella camera.

Antonietta lo ascoltava, senza spaventarsi. Egli non poteva più farle del male...

Poi disse, e la sua voce era quieta:

— Ebbene, di che ti angustii? La colpa non è stata tua e non è stata mia. Neanche mia. Se io avessi capito ch'egli soffriva, di tutto... Perchè ora lo capisco. Ricordo tante cose, che mi tornano chiare alla memoria, come altrettante spiegazioni. Egli si doleva del dissidio che era nella nostra casa. Tutti un poco gli abbiamo avvelenato la vita, come si avvelena una fresca sorgente. Se io avessi capito, me ne sarei andata con lui. Il mondo è grande. Avrei trovato un rifugio per noi due, per fargli scordare il male che aveva intraveduto. Ma non l'ho mai capito. Ora è troppo tardi, per andarmene. Ora che lui non c'è più. Senza volerlo l'abbiamo ucciso noi, e pure ognuno di noi crede di non avere colpa... Non ti adirare, Lucio. Vedi, ognuno di noi porta il peso della propria sorte sulle spalle. Egli era troppo debole, per camminare sino alla fine col suo peso. Sì! — ripeté, come se parlasse in sogno —, tutti l'abbiamo ucciso un poco, senza volerlo. Non ti adirare. È così. Una volta, a casa, avevo un cardellino. Era assai domestico. Saltellava per le stanze, e si posava sulla mia spalla. Un giorno aprii una porta, perchè mi chiamavano. L'uccellino restò schiacciato. La colpa non era di chi mi chiamava, nè di me che aprivo. Potevamo sempre rammentarci che si aveva in casa il minuscolo uccello? È così. Noi abbiamo dimenticato, tutti, che c'era una creatura che capiva e soffriva. Non ti adirare, Lucio. È inutile.

Ma don Lucio non si adirava più. Era turbato da quel tono di voce troppo calmo. Essa ragionava quietamente come se discorresse d'una cosa affatto estranea. Così aveva udito parlare un pazzo, una volta. Nel volto pallido e floscio, gli occhi ardevano dilatati, senza espressione.

Disse con dolcezza, come se parlasse a una bambina malata:

— Vogliamo fare una cosa? Vogliamo mandare Nicolina a Sant'Agata, per un po' di tempo?

La moglie lo guardò, turbata a sua volta.

— No — pregò. — Alessio non vuole. Anche stanotte mi à detto: « Mamma, non scacciare tua sorella ».

— Allora... Ma ascolta! Sii ragionevole! — esclamò don Lucio con tono di comando. — Nicolina partirà con le ragazze. Io... noi... andremo in qualche altro posto. A Catania, dalle mie sorelle. O a Patti, nelle terre del barone. Ti svagherai. Non bado a spese... E la vita — aggiunse quasi timidamente, abbassando la voce — ... ricomincerà per tutti.

— Non scacciarmi, Lucio! — pregò Antonietta. — Sei ben cattivo se vuoi impedirmi anche di piangerlo. Io non ti dò noia, chiusa qui.

Tacque. E tutta la sua persona prese l'attitudine accasciata di Nicolina.

In quel momento le due sorelle si somigliavano. Anche, pensavano le stesse cose... Pure non si sarebbero mai avvicinate l'una all'altra, mai non si sarebbero scambiata una parola di conforto.

Don Lucio pensò a quando erano a Sant'Agata, giovanette, e si tenevano per mano, vestite dello stesso colore, e lo guardavano con la medesima espressione mansueta e serena di adorazione.

Il molto parlare aveva stancato e sconvolto Antonietta. Levò lo sguardo smarrito.

— Vattene! — disse. — Quando ci siete voi altri, lui non entra... È così bello!... Viene, si ferma accanto a me e mi parla. Vattene, te ne prego...

Sorrise. Quel sorriso ebete sul volto smarrito, spaventò don Lucio che uscì in fretta dalla camera, quasi fuggendo.

Sull'andito si sentì mancare il respiro. Il pavimento gli ballava sotto i piedi. Si appoggiò alla parete.

C'era qualche cosa che sfuggiva al suo volere.

C'era qualcuno (non la moglie, non altri...), qualcuno senza voce, e senza gesti, che lo contrariava, per la prima volta.

Ma lui, lui solo, doveva essere il più forte... Entrò nella stanza da pranzo. Sedette al suo solito posto, tenendo le due mani sul petto per sentire i battiti del cuore.

Andare incontro alle emozioni, fare delle discussioni, dopo aver mangiato? Troppo spesso dimenticava di esser malato.

Strinse le labbra, atterrito dall'acuta trafitta al cuore che non lo lasciava più.

Bisognava prender la vita come veniva. Svagarsi, uscire più spesso, esser socievoli. È molto igienico scambiare quattro parole, chiacchierare di cose che non interessano, con un conoscente, dopo aver desinato.

Si era fatto socio anche della Humanitas (lega di protezione per le giovanette), gli avevano dato il delicato incarico al Municipio (quello promesso dall'assessore Laurà)... Aveva molte occupazioni fuori di casa. Non poteva istupidirsi come una femminuccia.

Si alzò e andò a vestirsi per uscire. Nella saletta Nicolina l'aiutò a infilarsi lo spolverino e gli spazzolò il bavero. Ma le premure di cui lo circondava la cognata — esile, pallida, vestita di nero — non gli procurarono alcuna soddisfazione.

Scese le scale adagio adagio, profondamente turbato per la trafitta che tornava. Ecco che poteva morire, da un'ora all'altra; uscire di casa per non rientrarvi più.

No, bisognava ricominciare la vita, come prima.

Si avviò lentamente. Per un minuto la sua ombra smisurata si disegnò, oscillante, nel vicolo mal rischiarato.

★ ★

E la vita ricominciò di nuovo, con le sue giornate uguali. La casa nel vicolo, regolata come un orologio, sembrò piena di pace, come prima. Ognuno riprese le vecchie abitudini che si seguono meccanicamente, come i gesti della mano che lavora. Ciascuno visse, per sé, con una grande solitudine dentro l'anima; estraneo, indiffe-

rente a quelli che respiravano la stessa aria e tagliavano lo stesso pane, come gente che vive nello stesso albergo senza conoscersi.

Ecco che la sera violacea scende nel vicolo pieno d'ombre, smorzando la luminosità che splende ancora qua e là, sulla sconfinata distesa dei tetti, fino all'orizzonte lontano tutto vermiglio e arancione.

Antonietta è nella propria camera. Essa non comprende quasi più ciò che le si dice. E in casa si sono già rassegnati al nuovo ma tollerabile castigo. Nella luce crepuscolare, dietro la finestra chiusa, essa continua a lavorare, parlando con le immagini sante, nelle quali vede care e buone persone che non l'hanno tradita.

Nicolina è nella propria cameretta, di sopra. A quest'ora non anno bisogno di lei. Lavora e pensa. Il suo pensiero è amaro, come un nodo di lacrime che non si riesce a piangere. Siccome la serata è caldissima ha lasciato la finestra aperta. La tonda e piccola finestra, a cui tante volte s'era affacciata con Alessio. Ancora, nella stanza solitaria, sembra risuonare la fresca voce:

— Guarda, zia! La camera, a quest'ora, è la cabina d'una nave che deve lasciare il porto.

La casa tutta, la vecchia nave che marcisce nel porto, piena di viaggiatori che non anno mai veduto l'ampio orizzonte, è presto avviluppata nell'ombra della notte. Nessuna stanza ha il lume acceso. Don Lucio è fuori. Quando tornerà si vedrà, nella stanza da pranzo, don Lucio seduto davanti la tavola su cui piove la tonda raggiera della lampada sospesa che dondola un poco se un passo attraversa la stanza. Egli chiamerà:

— Agata! Di' a zia Nicolina che mi riempra la pipa.

Le due fanciulle indugiano sul terrazzo, dove un tempo sedeva zia Nicolina. Come andare a letto, quando l'aria è così tepida e non si ha sonno?

Si tengono per mano e non si dicono nulla. Ciò che pensano, e gonfia i loro piccoli cuori, che battono nelle calme sere d'estate come foglioline accarezzate dal vento, è troppo vago e dolce e non sanno esprimerlo. Agata esclama:

— Quante stelle nel cielo! Vogliamo contarle?

E si provano a contarle. E poi tacciono. Giunge un effluvio di fiori. Sarà qualche giardino, non lontano. Un rumore... Forse viene dalla via più larga, di là dal vicolo.

— Non ti pare — dice Agata —, di sentir l'odore del mare?

— Tacì! — esclama Carmelina che pensa sempre ad Alessio, quando si nomina il mare. Ascoltano. Un passo, una voce, nel vicolo. Un rigoglio impetuoso fiorisce nei giovani petti. Esse crescono come certi bizzarri delicatissimi fiori che nascono fra le crepe dei vecchi muri e che la pioggia sciuperà presto. Don Lucio tossicchia. Le due fanciulle trasaliscono, ma poi ridono di aver trasalito. E poi tacciono, aspettando di nuovo, trepide e commosse, mentre le ore passano, tacite e gravi, per il cielo stellato.

MARIA MESSINA.

FINE.

Anexo C – Os colaboradores da revista *Nuova Antologia*

INDICE DEL VOLUME CCIV

(SERIE VI — 1920)

Fascicolo 1147 — 1° Gennaio 1920

La donna di Magdala - Poemetto — G. A. CESAREO	3
La riforma della giustizia penale in Italia — ENRICO FERRI	17
Terra nostra — GIACOMO BONI	36
La casa nel vicolo - I. - Romanzo — MARIA MESSINA	53
Il poeta Giulio Uberti e il suo romanzo d'amore — RAFFAELLO BARBIERA	73
Giacinta Pezzana — CESARE LEVI	83
La nostra azienda dei tabacchi (<i>con tre grafici</i>) — FILIPPO MEDA, deputato	88
I Congressi di Monaco e le industrie termali italiane — G. S. VINAJ	93
Notizia scientifica — Roberto Michels: « Economia e felicità » — ACHILLE LORIA	96
La rappresentanza proporzionale nella Svizzera — dalla <i>Gazette de Lausanne</i>	99
Tra libri e riviste — G. P. Vieusseux e l'unità italiana - La corrispondenza di Emilio Ollivier - La più giovane romanziera del mondo - La riapertura dell'Università di Wilna - Arrigo Boito poeta e musicista - Frate Fuoco - Arte negra e artisti bolscevichi - Le poesie di Lermontoff - Un'aeronave invisibile - Le elezioni e le nascite in Francia - In libreria — NEMI	103
Libri e recenti pubblicazioni	112

Fascicolo 1148 — 16 Gennaio 1920.

Da « I canti del Palatino » - Versi — GIULIO ORSINI	113
Energia solare — GIACOMO BONI	120
La casa nel vicolo - II - Romanzo — MARIA MESSINA	136
Democrazia del passato e democrazia dell'avvenire — GIOVANNI OBERZINER	159
Il canto dell'amore dei « duo cognati » — RANIERI PAULUCCI DI CALBOLI, R. Ambasciatore	180
Angelo Brofferio nel Parlamento Subalpino - Dall'egemonia piemontese alla rivoluzione unitaria (1852-1859) — LUCIA PAGANO	190
Sinfonie in versi — ANNA BENEDETTI	202
Di alcuni recenti opere di economia politica e di scienza delle finanze — AUGUSTO GRAZIANI	207
Tra libri e riviste — Biblia Pauperum - La Lombardia al tempo di Bonaparte e le feste della Repubblica - L'anglomania e sue varie manifestazioni in Francia - Per il centenario di Leonardo - Città nuove - Bolscevismo in pratica - I Framassoni e Balsamo - Le museruole per donne - « Ariani di tutto il mondo, unitevi! » — NEMI	217
Libri e recenti pubblicazioni	224

Fascicolo 1149 — 1° Febbraio 1920.

La riforma dello Stato - Evoluzione o Costituente? — DEMOFILO	225
Il primo presidente italiano della Confederazione Svizzera: Giuseppe Motta — FILIPPO MEDA, deputato	233
La notte di S. Giuliano - Mistero in due parti - Parte I — ROMUALDO PANTINI	244
La casa nel vicolo - Romanzo - (<i>Fine</i>) — MARIA MESSINA	271
Visioni della guerra italiana nell'opera di Paul Adam — EUGENIO BARBARICH, generale	224
Un precursore italiano di Wilson - L'abate Piattoli ed il progetto russo di pace europea del 1804 — GIULIO MELEGARI, ex ambasciatore	302
La pazzia di una imperatrice — ANTONIO RIZZUTI	315
Le direttive e i propositi del partito socialista italiano — FRANCESCO CIO-COTTI, deputato	321
Notizie letterarie — « La Novella e un Novelliere » - ADOLFO ALBERTAZZI — Manfredo Vannucci: « La volontà della specie » (commedia) - GUIDO MENASCI	326
Notizie e recenti pubblicazioni	331

Fascicolo 1150 — 16 Febbraio 1920.

La tradizione e l'avvenire della lingua d'Italia — ISIDORO DEL LUNGO, senatore	337
Maupassant — BENEDETTO CROCE, senatore	350
Contro corrente - Romanzo - I. — MARIA FERRARIS	357
La notte di S. Giuliano - Mistero in due parti - Parte II — ROMUALDO PANTINI	369
Un poeta giapponese, d'espressione inglese: Yone Noguchi — FEDERICO OLIVERO	399
I partiti politici nelle diverse regioni d'Italia (<i>con 3 illustrazioni</i>) — PAOLO BIGNAMI, deputato	406
Al poeta Valente - Versi — GUSTAVO VENDITTI	425
A proposito di scioperi degli addetti ai pubblici servizi — F. D'ALESSIO, deputato	428
Notizia letteraria — « L'offerta ». Rime di guerra e d'amore, di Gu- stavo Brigante-Colonna — VITTORIO CIAN	428
Tra libri e riviste — La pseudo-pedagogia nelle Università - Raggi X e opere d'arte - Rousseau nel diario di un contemporaneo - Onoranze a Emile Verhaeren - La traversata del Sahara in aeroplano - La mi- naccia bolscevica in Australia - Il culto del sole in Lituania - In libreria — NEMI	438
Libri e recenti pubblicazioni	448